

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Taiane Anhanha Lima

**CLUBES NEGROS DE FUTEBOL EM SANTA MARIA NO PÓS-
ABOLIÇÃO (1916-1932)**

Santa Maria, RS
2023

Taiane Anhanha Lima

**CLUBES NEGROS DE FUTEBOL EM SANTA MARIA NO PÓS-ABOLIÇÃO (1916-
1932)**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em História**.

Orientador: Prof. Dr. João Manuel Casquinha Malaia Santos

Santa Maria, RS
2023

LIMA, TAIANE ANHANHA
CLUBES NEGROS DE FUTEBOL EM SANTA MARIA NO PÓS
ABOLIÇÃO (1916-1932) / TAIANE ANHANHA LIMA.- 2023.
197 p.; 30 cm

Orientador: João Manuel Casquinha Malaia Santos
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Mária, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em História, RS, 2023

1. Clubes negros de futebol 2. Santa Maria 3. Pós
Abolição 4. Imprensa Negra I. Manuel Casquinha Malaia
Santos, João II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFPA. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável: Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, TAIANE ANHANHA LIMA, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Taiane Anhanha Lima

CLUBES NEGROS DE FUTEBOL EM SANTA MARIA NO PÓS-ABOLIÇÃO (1916-1932)

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em História**.

Aprovado em 23 de março de 2023:

João Manuel Casquinha Malaia Santos, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Luís Augusto Ebling Farinatti, Dr. (UFSM)

Diana Mendes Machado da Silva, Dr.^a (UNIFESP)

Santa Maria, RS
2023

AGRADECIMENTOS

Começar o mestrado cheia de expectativas, ter apenas uma semana de aula e estourar uma pandemia mundial que obrigou ao isolamento social, definitivamente, não estava nos planos iniciais dessa empreitada. Mas foi isso que aconteceu e foram dias, semanas e anos difíceis. Não foi fácil para ninguém. É realmente complicado realizar pesquisa com governantes incentivando discursos anticiência, atrasos na compra das vacinas, mais de 600 mil mortes no Brasil... e a vida acontecendo, tudo tendo que acontecer, inclusive, a pesquisa.

Essas pequenas e breves palavras não fazem jus ao que a minha família significa e representa na minha vida. Minha mãe, Dona Mara, o meu suporte em todos os momentos possíveis, não sei o que eu seria se ela não acreditasse tanto em mim desde o começo, me incentivando e dizendo que eu ia conseguir. Tudo o que faço e sou tem um pouquinho dela também, inclusive o amor pelo futebol e pelo Internacional (que continua sendo um amor sofrível, por vezes). Ao meu pai, Seu Tonho, que mesmo não entendendo o que eu tanto escrevo e leio, sempre me incentivou e foi apoio em todos os sentidos. Tenho orgulho de ser filha da empregada doméstica e do trabalhador rural que tanto fizeram e fazem pelo meu crescimento.

Meus irmãos, Bruno, Lisa, Dara e Lico pelas memórias construídas, carinho e parceria. Minha sobrinha, Aylla, na atual fase mais pré-adolescente possível e que eu amo demais. Todos meus parentes, avó, tios, tias, primos e primas. Obrigada de verdade por acreditarem em mim!

O caminho da pesquisa pode ser bem solitário por alguns momentos, mas eu sou sortuda demais por estar rodeada de amigos e amigas leais e legais, que sorriram comigo, choraram, conversaram, acolheram e sempre me incentivaram dizendo que tudo ia dar certo. Muito provavelmente eu esqueça de nomear algumas pessoas por aqui, mas saibam, de verdade, que essa pesquisa é feita por muitas mãos. Eu nunca andei só e como diz Emicida “quem tem um amigo tem tudo”.

- Me aproximei de amigadas da infância e adolescência que demonstraram que o tempo deixa marcas profundas e eternas. Luiza Freitas e Luiza Morin, obrigada por cada distração, conversa sincera, jogos e desabafos.
- Aquelas que, no momento, não se encontram mais tão próximas fisicamente como foram durante cinco anos de graduação em História, mas que no modo *online* ainda fazem parte da minha vida: Luiza Rubin, Gabriela S, Raquel e Camila.
- Fernando, Fran, Alícia e Gui, amigadas fantásticas que tive a grande sorte de encontrar e poder compartilhar momentos e risadas (além de documentos e descobertas). Vocês

são pesquisadores incríveis, me inspiro em vocês, obrigada por me ajudarem nessa caminhada.

- Gabi, a amizade parceria, de risadas, conversas (muitas), choros e apoio. Obrigada por “me contar da tua janela e me dizer que o mundo não ia acabar”. Esse laço de irmandade continua firme e forte, ultrapassando tempo, distância e uma pandemia. Nem teria como colocar em palavras como foram importantes teus incentivos, chamadas *online* para estudar e tempo de qualidade. Obrigada mesmo por tudo, tudo! Do outro lado da tela ou nas conversas presenciais, espero que estejamos sempre “nos espiando viver”.
- Psicóloga Monielly, obrigada por fazer teu trabalho tão bem e com maestria. Reconhecer que eu precisava de uma ajuda profissional para entender meu emocional foi importante, e eu tive o melhor acompanhamento de todos.

Em um distante, mas não tanto assim, ano de 2016, resolvi entrar em um grupo que estava começando suas reuniões de leitura e debates. No início da graduação, tímida e inexperiente, logo conheci um pessoal que estudava uma temática interessante e que eu achava que poderia gostar. Com toda certeza a Taiane de 2016 não sabia o que Grupo de Estudos sobre pós-Abolição (GEPA) significaria alguns anos depois. Muitas amizades, leituras, aprendizados, tretas, mas sobretudo, união e esforço para entender sobre como a pesquisa, ensino e extensão fazem diferença para ouvirmos as vozes de uma história negra, em escravidão ou em liberdade no Sul do Brasil. Cada um, de formas diferentes, é importante para mim: Gabi, Fran, Fernando, Alícia, Guilherme, Aline, Nara, Rotilli, Helen, Farret, Thales, Aislan, Bernardo, Vitor e Naomy. Obrigada pela parceria!

Em fevereiro de 2022, participei de um processo de bolsa para ser jovem pesquisadora temporária do Museu do Futebol, São Paulo. Confesso que achei que minhas chances não seriam muito grandes, mas tentei (com incentivo da galera citada acima) e passei em primeiro lugar. Foram oito meses cheios de aprendizado, trabalho e, sobretudo, muito afeto e carinho, me senti muito bem recebida e foi uma oportunidade única conhecer o acervo do Centro de Referência do Futebol Brasileiro. Agradeço em especial a Fiorela Bugatti e ao Marcel Tonini, por todo cuidado e apoio, vocês foram essenciais nessa experiência que eu levarei para vida!

Também em 2022, tive a oportunidade de participar de dois eventos internacionais das duas áreas de pesquisa que me alinho, futebol e pós-Abolição. Apresentei meus trabalhos, conheci pesquisadores, troquei muito conhecimento e andei pela primeira vez de avião. Por isso, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História, pelo auxílio financeiro e prontidão para tirar dúvidas. Agradeço a todas professoras e professores do programa, que mesmo na dificuldade do trabalho remoto, fizeram o seu melhor.

Fui bolsista CAPES nesse meio tempo, bolsa de financiamento fundamental para seguir esse trabalho, pela qual sou muito grata.

Prof^a. Dra. Fernanda Oliveira, Prof^a. Dra. Diana Mendes e Prof. Dr. Luís Augusto Farinatti, obrigada por terem lido essa pesquisa em fase de qualificação. As contribuições foram valiosas para o desenvolvimento da dissertação.

Ao professor Prof. Dr. João Manuel Casquinha Malaia Santos, que me orienta desde a graduação e eu agradeço pelo incentivo e entusiasmo com a minha pesquisa. Valeu por ler, sugerir, se empolgar e sempre estar presente para ajudar.

Ao Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, que preserva documentações valiosas, usadas para esse trabalho. Espaço também onde sempre fui atendida de forma excepcional, com dedicação e gentileza. Agradeço principalmente aos queridos amigos e colegas, Cyro e Saionara.

A Universidade Federal de Santa Maria foi literalmente minha casa durante a graduação. Nesses anos de mestrado, por conta da pandemia, fiquei meio distante, mas sempre serei grata a esse espaço que me formou enquanto profissional e pessoa. Vida longa à universidade pública!

Por fim, por mais clichê que pareça preciso agradecer a Deus. Ao Deus que eu acredito e que muitos religiosos quase me fizeram deixar de acreditar. Sei que a tranquilidade e paz que tive em alguns momentos, só poderiam ter vindo de Ti.

“Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, se libertam na vida de cada um de nós, que consegue viver, que consegue se realizar. A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos”.

Conceição Evaristo - Becos da Memória

RESUMO

CLUBES NEGROS DE FUTEBOL EM SANTA MARIA NO PÓS-ABOLIÇÃO (1916-1932)

AUTORA: Taiane Anhanha Lima

ORIENTADOR: João Manuel Casquinha Malaia Santos

No presente trabalho, através da investigação de dois times negros de futebol que existiram em Santa Maria-RS, o Club Foot Ball 7 de Setembro e o Sport Club Rio Branco, o primeiro fundado em 1916 e o segundo sendo mencionado nas fontes em 1920, procuramos entender o contexto do pós-Abolição a partir de um ponto de vista de clubes negros de futebol. Pensando nesse esporte como um meio de integração social, sociabilidade negra, mas também de protesto contra o racismo, encontramos diversas referências desses clubes negros criados em cidades do Rio Grande do Sul. De igual modo, percebemos o quanto eram comuns as relações e viagens em jogos intermunicipais entre esses times. Pesquisas importantes sobre o pós-Abolição e escravidão em Santa Maria foram produzidas nos últimos anos, são estudos de trajetórias de sujeitos sociais e coletivos, com ênfase às organizações negras, que possibilitam entender as diversas formas de resistência negra no período, mas associações de futebol negras se encontram somente em breves citações ou não foram o foco de análise dos autores. Frente ao contexto nacional de segregação racial em alguns clubes ou ligas de futebol de elite, no começo do século XX, procuramos perceber se a cidade se encaixava ou não nessa situação. Investigar o fenômeno de criação desses clubes de futebol negros, para além de compreender mais o pós-Abolição e as relações étnico-raciais na cidade e no Estado, se mostra relevante por estarmos ouvindo as vozes do passado, que por muito tempo ficaram ocultadas por uma historiografia tradicional, que não visibilizava a agência dessas pessoas negras.

Palavras-chave: Clubes negros de futebol. Santa Maria. Pós-Abolição. Imprensa Negra.

ABSTRACT

BLACK SOCCER CLUBS IN SANTA MARIA IN THE POST-ABOLITION (1916-1932)

AUTHOR: Taiane Anhanha Lima
ADVISOR: João Manuel Casquinha Malaia Santos

In this paper, through the investigation of two black soccer teams that existed in Santa Maria-RS, the Club Foot Ball 7 de Setembro and Sport Club Rio Branco, the first founded in 1916 and the second being mentioned in the sources in 1920, we seek to understand the post-Abolition context from the point of view of black soccer clubs. Thinking of this sport as a means of social integration, black sociability, but also of protest against racism, we found several references of these black clubs created in cities of Rio Grande do Sul. In the same way, we noticed how common relationships and trips to inter-city games between these teams were. Important research on the post-abolition period and slavery in Santa Maria has been produced in recent years, studies on the trajectories of social and collective subjects, with emphasis on black organizations, which make it possible to understand the various forms of black resistance in the period, but black soccer associations are only found in brief citations or were not the focus of the authors' analysis. Facing the national context of racial segregation in some elite soccer clubs or leagues in the early twentieth century, we tried to understand whether the city fit into this situation or not. Investigating the phenomenon of the creation of these black soccer clubs, besides better understanding the post-Abolition and the ethno-racial relations in the city and in the state, proves relevant because we are listening to the voices of the past, which for a long time were hidden by a traditional historiography, which did not make the agency of these black people visible.

Keywords: Black soccer clubs. Santa Maria. Post-Abolition. Black Press.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- Gráfico da população de Santa Maria (1872-1920)	42
FIGURA 2 - Torcida se encaminha até um jogo de futebol em 1918	48
FIGURA 3 - Publicidade de instrumentos para o esporte	51
FIGURA 4 - Charge representando briga generalizada em um jogo de futebol em Santa Maria	54
FIGURA 5 - Mulheres na arquibancada de um jogo de futebol no ano de 1947	57
FIGURA 6 - Cine-Theatro Coliseu Santamariense	63
FIGURA 7- Crianças jogando futebol na rua em Porto Alegre, 1918	67
FIGURA 8 - Localização dos lugares onde os impressos diziam haver jogos de futebol, no mapa de 1902, a partir de Brunhauser (2021, p. 6).	73
FIGURA 9 - Gravura de Oreco em um jornal	79
FIGURA 10 - Elenco do Riograndense em 1919	86
FIGURA 11 - Elenco do Riograndense em 1929	87
FIGURA 12 - Primeiro elenco do Inter SM em 1928	88
FIGURA 13 - Equipe do Riograndense em 1978.....	89
FIGURA 14 - Equipe do Inter SM em 1971	89
FIGURA 15 - Localização da casa de pessoas envolvidas na rede negra e organizações negras próximas, no mapa de 1902, a partir de Grigio (2016, p. 207) e Oliveira (2017, p.309).	108
FIGURA 16 - Organizações Negras de Santa Maria.....	112
FIGURA 17 - Seção de esportes 1; FIGURA 18 - Seção de esportes 2.....	120
FIGURA 19 - Mapa da localização dos clubes negros de futebol do Rio Grande do Sul.....	126
FIGURA 20 - Cecilia Martins Marques e seu esposo, Francisco de Assis Elias Marques	143
FIGURA 21 - Diretoria Sport Club Rio Branco (1920-1921).....	151
FIGURA 22 - Escalação do jogo: Sport Club Rio Branco X Cruzeiro do Sul.....	151
FIGURA 23 - Inauguração e primeira diretoria do Club Foot-Ball 7 de Setembro	161
FIGURA 24 - Equipe do Sport Club Sete de Setembro (década de 1930).....	163

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Jornais de Santa Maria, temporalidade pesquisada e acervo	41
QUADRO 2 - Clubes negros de futebol no Rio Grande do Sul (1907 - 1935).....	124
QUADRO 3 - Relações/Ligações de clubes de futebol negros	127
QUADRO 4 - Trânsito de José Pereira e José do Nascimento em organizações negras de Santa Maria.....	148
QUADRO 5 - Partidas noticiadas com resultados do Sport Club Rio Branco (1920 - 1926)....	155

LISTA DE SIGLAS

AHMSM	Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria
VFRGS	Viação Férrea do Rio Grande do Sul
HDBN	Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional
ACAB	Acervo da Cultura Afro-Brasileira
CMEC	Casa de Memória Edmundo Cardoso
LSMF	Liga Santamariense de Foot-ball
LSMD	Liga Santamariense de Desportos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	SANTA MARIA E O ESPAÇO DO FUTEBOL NO INÍCIO DO SÉCULO XX	38
2.1	A “VIDA SPORTIVA” RETRATADA NA IMPRENSA SANTAMARIENSE	44
2.2	“UM GRUPO DE MENORES TRANSFORMA UMA ZONA DA CIDADE EM CAMPO DE FUTEBOL”: MODERNIDADE E RACISMO.....	61
2.2.1	Moralização do futebol em ambientes públicos	62
2.2.2	O caso Oreco	76
2.2.3	Onde estavam os jogadores negros na criação dos principais clubes de Santa Maria?	80
3	FORMAÇÃO DE SOCIABILIDADES NEGRAS NO RIO GRANDE DO SUL: UM PANORAMA	93
3.1	REDE NEGRA EM SANTA MARIA?.....	104
3.2	IMPRENSA NEGRA: DA RESISTÊNCIA ESCRITA A UMA FONTE HISTÓRICA IMPORTANTE PARA SE ENTENDER OS CLUBES NEGROS DE FUTEBOL	113
3.3	LIGADOS PELOS TRILHOS DOS TRENS: CLUBES NEGROS DE FUTEBOL NO RIO GRANDE DO SUL E SUAS RELAÇÕES.....	121
4	TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS, HISTÓRIAS COLETIVAS: AS VOZES NEGRAS DENTRO DO CLUB FOOT BALL 7 DE SETEMBRO E SPORT CLUB RIO BRANCO	134
4.1	DOIS JOSÉS, OS CHEFES DE UMA MISSÃO E O SPORT CLUB RIO BRANCO.	147
4.2	DE QUAL 7 DE SETEMBRO ESTAMOS FALANDO?.....	161
4.3	QUEM ERAM AS PESSOAS QUE FAZIAM PARTE DOS CLUBES NEGROS DE FUTEBOL DE SANTA MARIA?	168
5	CONCLUSÃO	182
	REFERÊNCIAS	186

1 INTRODUÇÃO

“Houve annos em que o desporto bretão nesta cidade brilhou extraordinariamente. Isso foi entre 1918 e 1922”¹. Assim, o impresso *Correio da Serra* na sua coluna “Correio Sportivo” inicia uma matéria sobre o andamento e funcionamento do futebol na cidade, demonstrando uma certa preocupação com sua possível decadência e com a atual liga, *Liga Santamariense de Football*, que não estava tão engajada e responsável pelo bem do esporte em Santa Maria. O autor anônimo da nota, menciona 11 clubes de futebol da cidade que nos anos citados haviam protagonizado o cenário do futebol santamariense: “Rio Grandense, Brasil, Tamandaré, União, Gremio, Uruguay, 14 de Julho, Ruy França, **7 de Setembro, Rio Branco**, Cruzeiro do Sul e outros”².

Nomes comuns e diversos, alguns representam datas, outros nomes de políticos, homenageiam o Estado ou país. Entre esses clubes há uns maiores que compõem a liga principal, já citada, outros que estão sempre nas páginas dos jornais e alguns que são mencionados poucas vezes. Também há dois clubes criados por indivíduos negros da cidade de Santa Maria: *Rio Branco (Sport Club Rio Branco)* e *7 de Setembro (Club Foot-Ball 7 de Setembro)*. E como sabemos disso? Nas notas de jornais em que são publicadas a inauguração ou troca de diretoria desses times, os nomes que as compõe, são os mesmos que estão envolvidos em diversas organizações associativas constituídas por negras e negros no pós-Abolição, ou seja, pessoas já reconhecidas da rede negra santamariense. As questões são: O que explica o fenômeno de criação de dois clubes de futebol compostos por negros (em sua maioria) na cidade de Santa Maria? Quem foram as pessoas que participaram da organização desses clubes e quais eram seus papéis? Por que a criação de dois times em que a maioria era negra e não apenas a formação de um único? São esses alguns dos questionamentos que procurarei responder nas próximas páginas, visando desvelar, em partes, as questões raciais e o futebol na cidade.

Creio ser importante citar alguns caminhos que me trouxeram até essa pesquisa. Em primeiro lugar, durante a minha trajetória de cinco anos na graduação em História na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) tive a oportunidade de participar de dois grupos de estudos, o GEPA (Grupo de Estudos sobre o pós-Abolição) e o Stadium (Grupo de Estudos de História do Esporte e das Práticas Lúdicas). Esses dois espaços de estudo e debate fizeram com que eu observasse a possibilidade de abordar as duas temáticas de interesse juntas, o

¹ *Correio da Serra*, 31 de agosto de 1929. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno XII. AHMSM.

² *Correio da Serra*, 31 de agosto de 1929. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno XII. AHMSM.

futebol e o pós-Abolição. Futebol por ser um esporte que acompanho desde criança, que aprendi a amar e porque entendo ser uma prática cultural que representa e expõe muitas questões da nossa sociedade. E o pós-Abolição, por ser a temática de pesquisa que me conquistou desde o início do curso de História, quando eu mal sabia o que era esse campo e o que ele tinha a me oferecer para entender sobre trajetórias, individuais e coletivas, de pessoas negras depois da escravidão.

Com esses dois temas eu também acabei produzindo meu trabalho de conclusão de curso, em que pesquisei sobre a representação de mulheres torcedoras de futebol, negras e brancas, em jornais cariocas e paulistas no começo do século XX. Assim, pude discutir questões sobre as mulheres no espaço das arquibancadas, os papéis sociais destinados a elas na época analisada e também sobre o pós-Abolição, porque percebi que as mulheres negras, enquanto torcedoras, não estavam sendo representadas em jornais hegemônicos, mas ao olhar para a imprensa negra paulista acabei tendo um vislumbre das suas representações (LIMA, 2019).

Pesquisar sobre uma temática que alia dois interesses pessoais também pode ser um desafio grande e uma responsabilidade. No decorrer do curso, mas também de outras vivências em movimentos sociais e culturais, espaços de formação com militantes do movimento negro de Santa Maria e região, tive uma percepção mais acurada sobre a realidade do racismo e da invisibilidade negra, das histórias de várias pessoas que foram apagadas e ocultadas. Sabemos que os negros e negras não sumiram da História depois da abolição da escravidão e não foram, simplesmente, substituídos por imigrantes europeus em seus trabalhos, mas diversas abordagens ainda aceitam essas visões simplistas e relegam ao esquecimento a vivência e resistência de negros e negras em escravidão e, sobretudo, fora do cativeiro, em liberdade.

Nessa liberdade, eles eram proibidos de frequentar diversos espaços, inclusive em Santa Maria, lócus de parte dessa pesquisa. Porém, eles construíram seus próprios lugares de resistência e redes de sociabilidade, lutando e resistindo contra o racismo e a desigualdade social.

Em março de 2020, semestre em que ingressei no mestrado, a pandemia da Covid-19 ainda era um enigma. As aulas foram suspensas por apenas 15 dias, até que as taxas de contaminação e mortes foram aumentando e a gravidade entendida. Foi um momento atípico e um período complicado de extremo cuidado e, principalmente, isolamento social. As aulas, atividades e reuniões que antes eram presenciais, passaram a ser online, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) adotou o Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE) e assim

continuou até abril de 2022. Obviamente, esse fator condicionante acabou afetando as dinâmicas de trabalho, os arquivos por exemplo, Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria e a Casa de Memória Edmundo Cardoso, foram locais que pude visitar somente quando eles retornaram seus serviços, após a implementação das vacinas contra a doença. Com a oportunidade de prorrogação deste trabalho, consegui realizar a pesquisa com mais tranquilidade, ir até os arquivos e realizar as leituras. Também, durante oito meses no ano de 2022, fui bolsista jovem pesquisadora do Museu do Futebol/São Paulo, período de extremo aprendizado e importância para a minha carreira acadêmica e que só foi possível, por estar matriculada no curso.

Por todo esse contexto apontado - pandemia, oportunidade de bolsa no Museu do Futebol, também momento político e questões pessoais - sei que sozinha não conseguiria, então tive muito diálogo e troca com outros trabalhos, pesquisadores e pesquisadora. Esses que me servem de inspiração, sobretudo, considerando que os sujeitos que participavam dos clubes de futebol que serão pesquisados, também comungavam de espaços diversos da sociabilidade negra da cidade, conectando-se ao mesmo tempo a outras organizações e espaços que já foram temas de outros estudos.

Mesmo assim, fiquei bastante preocupada com as fontes do trabalho, achando as fontes disponíveis sobre os clubes em si, seriam insuficientes para construir a pesquisa. Elas são escassas, mas perseguindo os poucos resquícios, juntando os “cacos” que a documentação carrega e costurando as ideias, podemos perceber dois projetos de times de futebol que podem não ter alcançado a relevância que desejavam ou podem ter sido projetos simples, mas que são importantes para entendermos realidades no pós-Abolição. Enfim, há várias possibilidades para pensarmos na construção e desenvolvimento desses dois clubes negros de futebol.

Ênio Grigio (2018, p.23) diz que: “diante da falta de fontes específicas, é necessário e inevitável o uso de documentos indiretos que também podem revelar a normalidade de uma realidade”. Pensando em trabalhos como a própria tese de Ênio Grigio (2016, 2018) sobre a Irmandade do Rosário de Santa Maria e também a dissertação de Bruna Letícia de Oliveira dos Santos (2020) sobre a experiência de uma mulher negra escravizada na comarca de Rio Pardo, que mesmo com a utilização de poucas fontes conseguem desvelar uma realidade importante sobre a escravidão e o pós-Abolição, acabei percebendo, então, que um número reduzido de fontes escritas e materiais não impossibilita ou inviabiliza a pesquisa e descoberta dessas histórias e trajetórias.

Durante esses anos de estudo, através de discussões, debates e leituras vindas principalmente dos dois grupos já citados, soube sobre a existência de pelo menos dois clubes

de futebol formados por negros na cidade de Santa Maria, que ainda não haviam sido pesquisados a fundo, apenas brevemente citados em algumas fontes esparsas, e também não estavam inseridos na história do município, como outros clubes de futebol.

A historiografia de Santa Maria apresenta obras que por muito tempo ficaram sobre a perspectiva de memorialistas, presos a uma proposta que visava construir uma história “oficial” para a cidade e que, de uma forma simplista e cronológica, acabara dando base para outros estudos semelhantes, entre esses podemos destacar: a História do Município de Santa Maria, de João Belém (1933) e a Cronologia Histórica de Santa Maria, de Romeu Beltrão (1958). Diante dos parâmetros colocados por tais obras, não é novidade que questões ligadas à história da escravidão e liberdade na cidade ficassem de fora dessas análises, como bem destaca Franciele Oliveira (2016, p. 24): “são cronologias pontuadas com fatos e dados narrados de maneira enaltecida dos ideais de progresso, altruísmo e cientificismo, identificados pelos autores nas realizações de determinados grupos sociais, dos quais negros e negras não fazem parte”. Grigio (2018, p. 124-143) já levanta e aprofunda esse debate importante sobre o papel, tarefa e diferença desses memorialistas para com os historiadores e como podemos utilizar seus relatos e memórias enquanto fontes históricas.

Hoje, pode-se afirmar que as produções historiográficas sobre Santa Maria têm avançado, significativamente, nos últimos anos “apresentando a cidade em diversas facetas e demonstrando seu caráter multiétnico” (GRIGIO, 2018, p. 25). Na própria fundação da cidade, no acampamento formado por militares e civis da Comissão Demarcadora que eram responsáveis por organizar os limites dos territórios entre Portugal e Espanha, no final do século XVIII, Grigio (2018, p. 87) comenta que a cidade “nasceu sob o signo da escravidão”. Isso porque esse acampamento, que mais tarde deu origem ao povoado, foi montado em terras pertencentes ao padre Ambrósio José de Freitas. Esse, um senhor de escravizados que antes mesmo da criação da cidade já os tinha trabalhando em seu território. Em Santa Maria, nesse momento, os negros trabalhavam exercendo diversos afazeres, no centro, nos arredores ou nas estâncias, alguns livres, outros escravizados ou libertos.

Dentre as mudanças significativas das narrativas sobre a história negra em Santa Maria, há vários estudos de trajetórias e de organizações negras que possibilitam entender as diversas formas de resistência, individuais e coletivas no período. Podemos destacar os trabalhos de Ênio Grigio (2016, 2018), Franciele Oliveira (2016, 2017), Giane Vargas Escobar (2010, 2017), Felipe Farret Brunhauser (2017), Alícia Quinhones Medeiros (2021), Gabriela Rotilli (2021) e Luiz Fernando dos Santos da Silva Rodrigues (2021). No entanto, as associações de futebol negras se encontram somente em breves citações ou não foram o principal foco de análise dos

autores. Assim, apesar dessas importantes pesquisas sobre tais realidades na cidade, não existem estudos específicos sobre os times de futebol compostos por maioria negra em Santa Maria.

No texto de apresentação do Álbum Ilustrado da cidade de Santa Maria, produzido em meados nos anos 1930, um material com imagens das principais organizações, associações, clubes e lugares da cidade, o proprietário da Casa Aurora, a editora do álbum, S. Breitman, expõe brevemente qual seria o objetivo do material: “reflectir nelle o que representa actualmente a cidade S. Maria, coração do Est. do R. G. do Sul”. Querendo fazer a cidade conhecida, o proprietário reconhece que “é possível a existência de lacunas a preencher”. Considerando que o GEPA lançou no ano de 2020 um livro onde catalogou a existência de surpreendentes 30 organizações negras, dos mais diversos tipos, na cidade de Santa Maria entre os séculos XIX e XX³, podemos perceber que as lacunas faltantes no material foram muitas, já que deixou de olhar para grande parte da população negra e suas sociabilidades.

Beatriz Nascimento, uma grande historiadora, pensadora e pesquisadora negra já dizia que: “É tempo de falarmos de nós mesmos não como ‘contribuintes’ nem como vítimas de uma formação histórico social, mas como participantes desta formação” (NASCIMENTO, 1974, p. 68). Enquanto memorialistas que dizem “escrever a história da cidade” esquecem, muitas vezes propositalmente, de olhar para as organizações negras, foram as pessoas que as construíram que contribuíram fortemente para o desenvolvimento da cidade, no trabalho, na cultura, na educação, etc.

Muitos/as estudantes chegam as universidades ou ao curso de História, especificamente, com a ideia de que os negros só serviram e existiram enquanto escravizados e não-cidadãos. É muito comum aprendermos na escola básica sobre a violência do sistema escravista e nem um pouco sobre resistência (as diversas formas dela) ou a existência de negros e negras que eram livres no período. A própria Beatriz Nascimento (1989) teve essa experiência há anos atrás. Ela diz que quando chegou na universidade o seu choque foi com a recorrência do estudo sobre os escravizados, como se fosse esse o único momento de participação dos negros no país, somente como mão de obra escravizada (RATTS, 2006, p. 41). Essa ideia também foi bem recorrente durante algum tempo na historiografia brasileira, até que alguns estudos sobre escravidão passaram a apresentar outra realidade em que os escravizados resistiam, negociavam e, enfim,

³ GRIGIO, Ênio, BRUNHAUSER, Felipe Farret, OLIVEIRA, Franciele Rocha de, RODRIGUES, Luiz Fernando dos Santos da Silva, LIMA, Taiane Anhanha. Organizações Negras de Santa Maria: primeiras associações negras dos séculos XIX e XX. Santa Maria, 2020.

eram sujeitos históricos nesse sistema. Já na década de 1980 o pós-Abolição surgiu enquanto um campo de estudos que abalou e continua abalando as estruturas de diversas temáticas.

O pós-Abolição, é muito importante ao nosso estudo quando é compreendido para além de um contexto delimitado no tempo, mas uma realidade que se comporta enquanto um problema histórico, haja vista as formulações de Hebe Mattos e Ana Lugão Rios (2004), inspiradas no livro “Além da Escravidão: investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação”, de Thomas Holt, Frederick Cooper e Rebecca Scott, lançado nos anos 2000, mas com tradução para português em 2005. Elas problematizaram as liberdades e os sentidos para os sujeitos que procuraram vivenciá-las, fazendo-se necessário, portanto, ir além de debates que trazem a liberdade como algo simples ou natural, como um bem dado, mas demonstrando as diversas formas de resistências e agências daqueles sujeitos, que construíram suas lutas pela liberdade de formas plurais e repletas de significados próprios.

Dentro disso, o pós-Abolição, pensado como problema histórico, conformou um campo de estudos vasto, que procura também compreender como pessoas negras, em suas estratégias individuais, coletivas, familiares, organizativas, comunitárias, entre outras, fizeram valer suas visões e projetos dentro do que compreendiam enquanto liberdade, esta que, após conquistada (alforrias e Lei Áurea), deveria ser assegurada (pós-Abolição e cidadania). Assim, esse aspecto se destaca como um dos principais diferenciais dos estudos do pós-Abolição segundo as autoras “os projetos dos libertos, sua ‘visão’ do que seria a liberdade (...)” (MATTOS; RIOS, 2004, p.173).

A conjuntura do país no momento em que os clubes de futebol estudados são criados perpassa mudanças de teor social, político e econômico. Além de tratar-se do período posterior à abolição da escravatura, tem-se uma República ainda em seu início, que ditava quem era ou não cidadão brasileiro e as ideologias raciais e de branqueamento também estavam em voga.

Como dito anteriormente, algumas temáticas foram abaladas pelas reflexões, problemas e desafios que o pós-Abolição propõe. Em alguns exemplos: não podemos mais falar sobre mulheres na história sem fazer um recorte racial, as próprias análises de gênero, ganharam novas perspectivas com o olhar interseccional (DAVIS, 2016; SANTOS, GABRIELA, 2021); Os estudos sobre ensino e educação étnico raciais, depois da lei 10.639⁴ tiveram um considerável aumento, mas também as pesquisas que se preocuparam em olhar para como a população negra, antes e depois da escravidão, teve acesso aos estudos e educação básica, são essenciais para pensarmos sobre a história da educação por outro viés que não só o branco

⁴ Que instituiu a obrigatoriedade, nos currículos oficiais das redes de ensino, da temática sobre “História e Cultura Afro-brasileira”.

(SILVA, NOEMI, 2020; MEDEIROS, 2021). Por muito tempo as famílias negras eram vistas somente em escravidão e como se fossem desestruturadas nesse contexto, sem desejos, sonhos ou projetos. Inclusive, pensando que essas famílias não teriam como formular suas próprias árvores genealógicas através de várias gerações. Porém, estudos sobre famílias negras mostram que isso é possível com cruzamentos de fontes, perseguindo as famílias tanto em cativeiro, quanto em liberdade, até dias atuais, demonstrando o quanto o pós-Abolição deu um novo olhar para essa temática (WEIMER, 2013; OLIVEIRA, FRANCIELE, 2014, 2017); até mesmo na história pública, quando as pesquisas históricas sobre o pós-Abolição retornam para as comunidades envolvidas no processo, como com os quilombolas (ABREU; MATTOS; GRINBERG, 2019). Essas são algumas das temáticas que ganharam novos rumos com as contribuições do pós-Abolição e percebemos que essas mudanças vêm acontecendo em várias delas. Mas e nos esportes, no futebol em específico, como o pós-Abolição vem sendo tratado?

João Manuel Malaia Santos (2020, p. 148) afirma que “análises do pós-Abolição no Brasil estão entre os campos de estudos que mais crescem na nossa historiografia” dando exemplos que a trajetória de jogadores negros nas décadas 1910 e 1920 seriam importantes de serem mais analisadas por “uma perspectiva que buscasse compreender como viveu a população negra nos primeiros anos após a abolição do regime de escravidão em 1888”.

Algumas pesquisas nos Estados Unidos e na Inglaterra já avançaram nos debates sobre a interconexão entre raça, esporte e pós-Abolição possuindo obras importantes sobre a temática (WIGGINS, 2006; LONG, SPRACKLEN, 2011; NAURIGHT, WIGGINS, 2017; CARRINGTON, MCDONALD, 2001). Aqui no Brasil, além da falta de estudos sobre essa inter-relação de uma forma mais complexa, as áreas permanecem muito voltadas para seus próprios nichos.

Santos e Giglio (2020) apresentam um breve debate historiográfico sobre a história do esporte como campo de pesquisa em discussões internacionais⁵. Citam Paul Ward que visualiza os trabalhos focados no esporte como separado de outros fenômenos da cultura popular e de massas. Já Matthew L. McDowell discorda dessa afirmação, pois acha que essa barreira acadêmica foi rompida e que já existe um diálogo com a história dita “*mainstream*”. Enfim, os dois “concordam com o fato de existir uma necessidade constante dos trabalhos de história do

⁵ Quando comentamos sobre História do Esporte parece que estamos falando somente sobre futebol, por ser uma das práticas mais populares é compreensível ter um maior número de estudos, mas há um amplo leque de possibilidades para se trabalhar com o tema, tanto nas diversas modalidades quanto nas práticas corporais. Melo e Fortes (2010) publicaram um artigo que fazia um balanceamento sobre um panorama das pesquisas da História do esporte e refletiram sobre essas possibilidades, lacunas e diversas questões que envolvem a área e apesar de terem passado mais de dez anos e muitos mudanças terem ocorrido, ainda são reflexões válidas.

esporte dialogarem mais com a área mais ampla da História” (SANTOS, J; GIGLIO, 2020, p. 143).

Santos e Giglio (2020) também avaliam como esse cenário pode ser transposto para o Brasil e concluem que ele está se consolidando, ou seja, há um esforço dos e das pesquisadoras do esporte para se inserir nesses contextos maiores, superando distanciamentos e se tornando temática comum e cada vez mais conhecida. Simpósios temáticos, revistas e dossiês específicos sobre esportes e práticas lúdicas em eventos regionais, nacionais e internacionais, estão cada vez mais comuns, agregando valor ao campo e possibilitando esse diálogo⁶. Porém, também é válido apresentar trabalhos sobre o tema em outros simpósios, submeter artigos em variados dossiês de outras áreas da História para conseguirmos fazer essa conexão e colocar o esporte (seja ele qual for) em um determinado contexto⁷.

Douglas Booth (2005), pesquisador da História do esporte, destaca um capítulo inteiro do seu livro “The Field: Truth and Fiction in Sport History” apenas para tratar sobre a importância do contexto na história do esporte, demonstrando a relevância de levantar tal debate, analisar a natureza do contexto na história do esporte e os problemas que isso levanta para o campo. Ele explica que contextualizar a prática do esporte é muito importante para explicar questões mais profundas e destacar o significado social e as implicações do mesmo:

Context achieved prominence in sport history under the rubrics of total history and social history, although surprisingly few practitioners either articulated the process or publicly sang its praises (...) calls for historians to show greater reflexivity has encouraged more practitioners to reflect on the context of their own work and to locate their views and experiences (that is, their personal context) in the broader context (BOOTH, 2005, p. 193)⁸.

O esporte pode ser “o espelho de todas as coisas, iluminar os sistemas políticos, sociais, jurídicos, econômicos e processos” (BOOTH, 2005, p. 178, tradução nossa). Mas para ser esse espelho precisa também entender questões mais amplas. Ele acredita que os melhores

⁶ Santos (2020) em um capítulo introdutório sobre a pesquisa do futebol e História, citou alguns exemplos para conhecermos esse campo: a revista brasileira mais importante desse campo de pesquisa, a Record: Revista de História do Esporte; Ludopédio, um portal acadêmico que concentra inúmeros artigos de pesquisadores sobre futebol; o encontro nacional da Associação Nacional de História (Anpuh) que desde 2003 possui um simpósio temático sobre história do esporte e publica anais com artigos. Entre outros exemplos que demonstram um franco crescimento nos estudos sobre esportes no país.

⁷ Particularmente, procuro fazer essas conexões quando tenho oportunidade. Recentemente, final de 2022, apresentei sobre parte dessa pesquisa no 3º Seminário Internacional Histórias do Pós-Abolição no Mundo Atlântico, ocorrido da Universidade Federal Fluminense, em Niterói.

⁸ “O contexto adquiriu proeminência na história do esporte sob a rubrica da história total e da história social, embora surpreendentemente poucos dos seus praticantes tenham articulado o processo ou publicamente louvado suas virtudes (...) apelos para que os historiadores demonstrem maior reflexividade e encorajaram mais praticantes a refletir sobre o contexto de seus próprios trabalhos e a localizar suas perspectivas e experiências (isso é, seu contexto pessoal) no contexto mais amplo” (BOOTH, 2005, p.193, tradução nossa).

historiadores do esporte “analisam com sucesso um tópico específico e, em seguida, lançam luz sobre questões muito mais amplas” (BOOTH, 2005, p. 179, tradução nossa).

É isso que almejo, ao menos em parte, contribuir com este trabalho e somar com os estudos do pós-Abolição e futebol, não buscando intercalar as duas temáticas de forma separadas, mas sobrepondo-se uma à outra e conseguindo formular um diálogo que seja válido para os dois campos, por exemplo: pensar os clubes negros de futebol e as trajetórias das pessoas que construíram esses clubes, inseridas no contexto do pós-Abolição. Ao mesmo tempo, observar suas redes de sociabilidade e organizações, suas formas de contato com outros clubes negros da região, e também, a participação ativa de mulheres negras nesses clubes como torcedoras e organizadoras, entre outras questões que merecem uma análise profunda, mas que, infelizmente, não terei tempo nesse trabalho⁹.

Essa foi uma falta sentida quando comecei a fazer um levantamento de trabalhos e pesquisas que tratavam sobre as duas temáticas, ou seja, muitos trabalhavam a história do futebol, dos clubes negros e até mesmo de trajetórias muito separadas do campo do pós-Abolição, sendo que, na nossa percepção, os dois devem “jogar juntos” para apresentar um contexto mais completo. Um exemplo, é um trabalho muito importante e inovador da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, em que Cristian Mackedanz (2016) pesquisa sobre os negros e as ligas de futebol na cidade entre os anos de 1901 e 1930. Porém, o trabalho acaba tendo uma falta de conexão entre o pós-Abolição e os estudos sobre futebol, focando mais nas informações cronológicas e fotográficas dos clubes e pouco no contexto e nas trajetórias que são tão importantes nesses estudos.

Nos últimos anos, o futebol vem sendo objeto de reflexão de diversas pesquisas¹⁰ que, “com seus avanços e lacunas, contribuiu e continua contribuindo para que seja possível refletir criticamente sobre o futebol praticado, assistido e recordado no Brasil” (SANTOS; DRUMOND, 2013, p.31). Porém, os estudos mais significativos da temática centraram-se por algum tempo, em grande número, nas cidades de Rio Janeiro e de São Paulo (foram nesses locais que surgiram os primeiros grupos de pesquisa sobre o esporte). Precisamos pensar na construção desses clubes de futebol fora das grandes capitais também, o futebol não é só feito nesses lugares e muito menos, apenas por grandes clubes. Ainda mais que a história de clubes

⁹ Um dos exemplos é que nas décadas de 70 e 80 em Santa Maria, vinculadas ao Clube Treze de Maio, um dos clubes sociais negros da cidade, existiu um clube negro de futebol composto inteiramente por mulheres negras, nunca antes pesquisado. São memórias vivas de trajetórias sobre esportes, futebol, gênero e raça, que estão em aberto para pesquisa dentro do pós-Abolição.

¹⁰ Uma interessante revisão historiográfica sobre tais produções encontra-se em: Sérgio Settani Giglio e Enrico Spaggiari (2010).

mais conhecidos já tem suas pesquisas em números consideráveis, enquanto outros que ficam no interior ou tem suas fontes mais esparsas e com acesso dificultado podem ficar relegados ao esquecimento. Sendo assim, é importante também refletirmos sobre a espacialidade dessas pesquisas que focam em clubes de futebol. Felizmente, esse quadro vem mudando e estão aumentando o número de pesquisas em outras localidades do Brasil olhando para times menores, de várzea e outros tipos de futebol¹¹.

Reconhecemos a importância de compreender essas realidades e experiências em outros locais do Brasil, a fim de ir além de generalizações, bem como identificarmos as especificidades deste complexo cenário juntamente com o pós-Abolição no Brasil e as diversidades das experiências negras. E é nesse contexto que temos a criação de dois clubes de futebol no interior do Rio Grande do Sul na cidade de Santa Maria, por isso, esperamos contribuir para através de um viés local, podermos observar um fenômeno amplo, como dito anteriormente.

Nessa temática que, de forma geral, pesquisa sobre clubes negros de futebol, não poderíamos deixar de citar uma obra clássica, de certa forma polêmica e inovadora quanto ao futebol e jogadores negros. “O negro no futebol brasileiro¹²”, lançado em 1947, foi escrito pelo jornalista e escritor Mario Filho Rodrigues e é considerado um marco sobre a temática da participação e inserção de negros no futebol brasileiro. Nesta obra, entre outras ideias, o autor apresenta sua visão de como o preconceito racial se manifestava no futebol e como, em tese, esse preconceito teria sido “ultrapassado” no Rio de Janeiro com a inserção de jogadores negros que acabaram ascendendo socialmente, levando o Brasil rumo a democracia racial:

O povo descobrindo, de repente, que o futebol devia ser de todas as cores, futebol sem classes, tudo misturado, bem brasileiro. O chute de Friedenreich abriu o caminho para a democratização do futebol brasileiro. Democratização que viria lentamente, mas que não pararia mais, a despeito de tudo (RODRIGUES, 2003, p. 69).

As ideias de Gilberto Freyre, autor de “Casa Grande & Senzala” (1933), têm grande influência na obra de Rodrigues (1947). Portanto, insere-se em um projeto ideológico de

¹¹ Victor Andrade de Melo e Rafael Fortes (2010) já haviam apontado no balanço historiográfico sobre História do Esporte que se deveriam diversificar as investigações para clubes menores e também outras localidades. Por exemplo, sobre futebol no interior do Rio Grande do Sul, no recente livro “À sombra das chuteiras meridionais (2021)”, uma das partes “Nem só de grenal viverá o gaúcho” apresenta três artigos que discutem sobre o futebol em clubes menores, poucos conhecidos e também fora da capital Porto Alegre, como na região carbonífera de Arroio dos Ratos e Erechim.

¹² A partir deste momento utilizaremos a sigla “NFB” para nos referirmos ao livro “O negro no futebol brasileiro”.

identidade nacional que visava construir uma unidade, baseada na miscigenação e na harmonia racial.

No NFB, Mario Filho pensa uma “brasilidade futebolística”, tendo a ideia que depois que chegou no Brasil o esporte ganhou uma nova roupagem, traços próprios e característicos de uma influência “mestiça” e negra que se aprimorou e fez do nosso futebol diferenciado e particular. Como quando cita Leônidas da Silva, conhecido como “Diamante Negro”, grande jogador do futebol brasileiro nas décadas de 30 e 40¹³: “Talvez porque o que Leônidas fazia fosse mais brasileiro, estivesse na massa do sangue dos nossos brancos, mulatos e pretos. Como o samba. Toca-se um samba, seja onde for, só se vê gente gingando o corpo” (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 216). Esse discurso foi pautado pelo Mario Filho e também outros intelectuais conhecidos da época, como José Lins do Rego¹⁴.

Urge apresentar trabalhos, para diferentes realidades espaciais, que ultrapassem essa lógica da democracia racial, da brasilidade futebolística e que não se ancorem apenas na pesquisa da obra de Mario Filho Rodrigues (1947) sem ao menos problematizá-la. Entre essas obras destacamos: João Malaia Santos (2010) que utiliza NFB como uma fonte de pesquisa, mas problematiza e complementa as informações com fontes documentais dos clubes aos quais teve acesso, principalmente Vasco da Gama; Bruno Otávio de Lacerda Abrahão (2010), que procura um cruzamento com outras fontes para desenvolver seu trabalho sobre o “racismo à brasileira” no futebol; Christian Ferreira Mackedanz (2016) que, além da ampliação do debate com as fontes, aponta exemplos de como o racismo ainda é presente e problematiza a democracia racial no futebol; José Antônio dos Santos (2018) que, por exemplo, utiliza os jornais da imprensa negra como fontes primárias para descobrir mais informações sobre os clubes negros de futebol no Rio Grande do Sul; Ricardo Pinto dos Santos (2020) realiza uma história comparada do futebol, aliado com o racismo, entre Salvador e Porto Alegre, do começo da República até 1912. Todos esses, possuindo um rigor metodológico e teórico na construção de suas pesquisas.

Fernanda Haag (2013) faz um importante esforço de entender o processo de elaboração de NFB, explicando o contexto em que ele foi escrito e com quem a conhecida obra de Mario Filho tenta dialogar. Ela apresenta, brevemente, a trajetória de vida do Mario Filho, importante

¹³ Para saber mais sobre Leônidas da Silva: SILVA, Diana Mendes Machado da. **Futebol e Cultura Visual: a construção da figura do craque.** Marcos Carneiro de Mendonça e Leônidas da Silva (1910-1942). Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

¹⁴ Esse discurso, inclusive, já havia sido iniciado por Trampowsky em 1922 no "verbete" do Dicionário Histórico, Ethnographico e Geographico do Brasil produzido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Ele afirma que no futebol se "avultam a nervosidade latina e a combatividade indígena" (Trampowsky, p.413, 1922).

para entendermos sua rede de sociabilidade e contatos no campo literário. Essas relações intelectuais que o aproxima de Gilberto Freyre, escritor do prefácio do NFB de 1947 e que acaba dando uma certa legitimidade à obra, pois todas as resenhas do período citam esse prefácio como um grande elogio¹⁵.

E, de fato, é Gilberto Freyre como um grande expoente da ideia de construção da identidade brasileira a partir das misturas das três raças, brancos, negros e índios, que coloca a obra em um patamar elevado de pesquisa, fazendo elogios a construção das narrativas, busca de fontes e de como o amigo e pesquisador havia sido original em seu livro. Mas ele vai além, pois diz que algumas práticas, antes “irracionais”, como a capoeira, samba e malandragem foram salvas pelo desenvolvimento do futebol e incorporadas a esse estilo brasileiro e único de jogar. Na sua visão, a capoeira antes era briga de pessoas que moravam nos morros contra policiais, o samba era uma expressão primitiva e a malandragem um mal da sociedade. Importante lembrar que essas práticas condenadas por Freyre são próprias das pessoas negras roubadas do seu continente para trabalhar em regime de escravidão no Brasil e de seus descendentes, obviamente, não eram e não são irracionais, elas possuem sentido absoluto para além do futebol.

Gilberto Freyre não foca no futebol na maioria de suas análises, porém além do prefácio para Mario Filho, ele escreve um pequeno artigo chamado “Football mulato” (1938) e coloca uma contraposição de um estilo de brasilidade futebolística entre “apolíneo” que seria algo mais formal, racional, ponderado e outro “dionisíaco” algo individualista e impulsivo. No caso, o primeiro representaria os europeus e o último o estilo de jogo brasileiro¹⁶. Tiago Maranhão (2006) analisa alguns artigos de Gilberto Freyre que versam sobre o futebol e percebe um certo “discurso do silêncio”, ou seja, algo que pode não estar explicitamente escrito, mas nem precisa estar para entender o que autor quis dizer:

Por exemplo: quando se diz que os jogadores de futebol do Brasil (leia-se o povo brasileiro) têm um estilo de jogar «inconfundivelmente, distintamente nosso» e que o estilo europeu é «calculado, ordenado, matemático, apolineamente britânico», não se pensa no brasileiro como um povo disciplinado, de ordem. Ou ainda, quando se diz que «eles [africanos ou afrodescendentes] são os que tendem a reduzir tudo a dança – trabalho ou jogo» (Freyre, 2001, pp. 182-184), não se pode considerá-los «sérios», «racionais» (MARANHÃO, 2006, p. 247).

¹⁵ Rachel de Queiroz, Jorge de Lima, Olívio Montenegro, Nelson Werneck Sodré e Maria Isaura Pereira de Queiroz são alguns desses resenhistas.

¹⁶ Para essas denominações, ele apela a mitologia grega, comparando Apolo (apolíneo) jovem, imberbe, racional, lógico, deus construtor com Dionísio (dionisíaco) representado como caótico, irresponsável, impulsivo e emocional.

Ele não chega a dizer explicitamente, com todas as letras, que o povo brasileiro é indisciplinado, desordeiro, bagunçado e derivados, mas quando ele adjectiva os europeus de forma oposta é isso que quer defender. A habilidade do raciocínio, da frieza e ponderação era algo que não se encaixava com o “futebol mulato”, pois ele era característico do europeu, como se uma coisa anulasse a outra¹⁷.

Essas ideias de Gilberto Freyre sobre o futebol não ficaram reclusas ao passado. Há uma descrição seletiva, principalmente nas mídias, que colocam tanto o Brasil, quanto os jogadores brasileiros como indisciplinados, polêmicos fora do campo, rebeldes, e que representavam como era o país, ou seja, o futebol seria um espelho do seu povo¹⁸. Um exemplo disso, é o técnico holandês, Louis van Gaal, conhecido por ter entrado em diversas desavenças com jogadores brasileiros ao longo da carreira. Além de não gostar de trabalhar com eles, considerava-os “indisciplinados¹⁹”.

As consequências que essas ideias têm até hoje, além da criação dessas generalizações e estereótipos, é que também acabam reduzindo os jogadores negros brasileiros a apenas a “dança com a bola nos pés”, como se servissem apenas para entreter e colocassem a emoção na frente do seu intelecto.

Essa discussão sobre discursos que falam sobre uma superioridade física, dando a ideia da falta de uma intelectual e ainda utilizando a ciência para explicar, já é bem mais avançada em debates internacionais. Scott Fleming (2001) apresenta algumas dessas ideias científicas, não só no futebol, mas de alguns mitos que usam a “raça” para relacioná-la a desempenhos esportivos melhores de negros em esportes como o basquete e, em outros nem tanto, como na natação, pois negros teriam “ossos mais pesados”:

The ‘law of compensation’ which assumes an inverse relationship between intelligence and physicality (and makes some particularly vile connections to the ‘man/beast’ distinction) was being supported in what was being perceived as the apparent physical superiority and intellectual inferiority of the black ‘race’ (FLEMING, Scott, 2001, p. 110)²⁰.

¹⁷ Diano Massarani (2018) diz que não se tem como encaixar o futebol do Pelé, por exemplo, como absolutamente apolíneo ou absolutamente dionisíaco, já que ele teria os dois estilos de jogo.

¹⁸ No episódio 36 do podcast “Passes e Impasses” chamado de “Gilberto Freyre e futebol” Thiago Maranhão e Diano Albarnaz Massarani dialogam sobre essa e várias questões, citando inclusive, vários jogadores de outros países europeus que também tem essas mesmas características e não são problematizados ou generalizados por causa de seus países. #36Gilberto Freyre e futebol. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/4rksbb6Dxan3XkSahFIH2h?si=Lep6P2wJRq-zsxjr7mkX6g&dl_branch=1. Acesso em: 12 ago. 2021.

¹⁹ LAURENTIIS; BIANCHINI. Raro 'brazuca' de quem Van Gaal gostou revela por que o treinador detesta brasileiros. **ESPN**, 18 jan. 2017. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/663113_raro-brazuca-de-quem-van-gaal-gostou-revela-por-que-o-treinador-detesta-brasileiros. Acesso em: 12 ago. 2021.

²⁰ “A ‘lei da compensação’, que presume uma relação inversa entre inteligência e fisicalidade (e faz algumas conexões particularmente perversas à distinção “homem/fera”), era sustentada pelo que estava sendo percebido

Precisamos colocar mais em diálogo os trabalhos de Gilberto Freyre e outros intelectuais do início do século XX com o futebol, eles podem não ter entrado em campo para jogar a bola, mas mesmo assim foram alguns dos responsáveis por pensar o esporte na época. Suas discussões, muitas vezes reducionistas da população negra, acarretaram estereótipos e preconceitos existentes até hoje no futebol²¹.

Voltando à discussão sobre Mario Filho e, principalmente ao NFB, o livro possuiu diversas críticas. Em sua maioria, positivas na época de lançamento e após, com um olhar mais crítico, como será demonstrado a seguir em algumas resenhas.

Sem ter o objetivo de discutir profundamente sobre o assunto, uma das principais discordâncias sobre a obra e sua temática foi alvo de réplicas e tréplicas na academia. Nessa “disputa” de um lado do campo estava Antonio Jorge Soares, e do outro, os “novos narradores”, representados por Cesar Gordon Júnior e Ronaldo Helal. Nesse longo debate de ideias e discordâncias em diversos pontos, um deles é a questão de tratar o livro como um estilo de romance que não possui muito valor historiográfico: “Mário Filho não escreveu história em sentido clássico, mas se utilizou da memória dos amigos, de fatos e de sua criatividade de prosador para escrever crônicas romanceadas do futebol” (SOARES, 1999, p.121). Já os “novos narradores” discordam de Soares devido a “sua posição radical em negar qualquer possibilidade de utilização histórica do texto” argumentando sobre a importância da história oral e que não poderia se dar ao luxo de circunscrever o livro nos limites da ficção literária, ao custo de perder de vista um precioso documento sobre o futebol brasileiro (HELAL, GORDON JR. 1999, p. 149-150)²².

E mesmo apesar de Mario Filho ter dito na nota da 1ª edição do NFB que “nenhum historiador teria tido mais cuidado do que eu em selecionar os dados, em comprovar-lhe a veracidade por averiguações exaustivas” (RODRIGUES FILHO, 2003, p.23) concordo com Fernanda Haag (2003) quando ela afirma que:

como a aparente superioridade física e inferioridade intelectual da ‘raça negra’” (FLEMING, 2001, p.110, tradução nossa).

²¹ Santos e Drumond (2013), em um artigo já citado, descrevem como o repórter Tino Marcos, nas vésperas da estreia da seleção brasileira de futebol no campeonato Sul-americano de 2011, apresenta uma matéria em que, em um primeiro momento, se pergunta de “onde viria jeito tão brasileiro de se mexer diante de uma bola?” e depois afirma que vem da mistura mestiça.

²² Entre esses diversos pontos de discordâncias também estão a acusação de que os “novos narradores” não cruzam as fontes históricas e utilizam o livro de Mario Filho de maneira acrítica (SOARES, 1999, p.129). Gordon e Helal, afirmam, porém, que Soares diminui a questão racial do livro para focar no “amadorismo X profissionalismo” (HELAL, GORDON JR. 1999, p. 151).

É preciso problematizar esse ponto, atualmente a discussão acadêmica acerca do caráter ou gênero de *O negro no futebol brasileiro* é intensa, mas acreditamos que a obra está muito mais próxima de um romance sociológico do que de uma pesquisa de caráter historiográfico. A maioria dos casos de Filho são anedóticos, o que de forma alguma impossibilita seu uso como fonte, apenas há a necessidade de cruzá-lo com outras fontes e fazer a crítica constantemente (HAAG, 2003, p.9).

Assim como reconheço que os memorialistas de Santa Maria não são historiadores e não possuem um rigor metodológico ou histórico em suas obras, também não considero que essas memórias, e o livro de Mario Filho, devem ser completamente desconsiderados como fonte. Ele foi, e ainda é, muito importante para entendermos sobre a trajetória de diversos jogadores negros e sobre o futebol no Rio de Janeiro.

Na visão de Mario Filho, o futebol que começou sendo um espaço elitista e exclusivamente branco, acabou tomando novos rumos com essa inserção de jogadores negros até que depois de um tempo alcançou, enfim, a democracia racial. Tanto que, no final de seu livro em 1947 ele decreta o fim do racismo no futebol dizendo que: “Porque em football não havia mais nem o mais leve vislumbre de racismo. Todos os clubes com os seus mulatos e os seus pretos” (RODRIGUES FILHO, 1947). Já na sua nota da edição de 1964, Filho revê um pouco de suas ideias e suprime tal trecho, mas afirmando que “O Negro no Futebol Brasileiro suportava a prova sem ter que mudar uma linha”. Realmente, sua tese principal não mudou, mas ele acabou inserindo dois capítulos “A provação do preto” e “A vez do preto” nessa edição, reforçando que depois da perda da Copa de 1950 houve um aumento do racismo no futebol, mas que finalmente, nas Copas de 1958 e de 1962 o valor da mestiçagem brasileira foi provado com Pelé e Garrincha (HAAG, 2013).

Esse aumento do racismo teria ocorrido por conta do que aconteceu com o goleiro Moacir Barbosa Nascimento, jogador negro colocado como único responsável pela derrota do Brasil no Maracanã em 1950, na final da Copa do Mundo. Alexandre Maciel (2020) afirma que esse momento do conhecido “Maracanaço” ficou marcado até hoje não só na memória de diversos brasileiros, mas também na forma que os goleiros e defensores negros, posições com necessidade de confiança e segurança, foram estigmatizados e julgados até os dias atuais sobre suas funções²³. Além disso, também existe uma limitada escalação de goleiros negros na seleção

²³ Edilson, ex-jogador, no Fox Sports, ao vivo, fez o seguinte comentário sobre uma falha de um goleiro negro: “Goleiro negão sempre toma um gol”. Disponível em: [https://ge.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/acusado-de-declaracao-racista-sobre-jailson-diz-e-em-tom-de-piada.ghtml](https://ge.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/acusado-de-declaracao-racista-sobre-jailson-edilson-diz-e-em-tom-de-piada.ghtml). Acesso em: 13 agost. 2021.

brasileira. De Barbosa até a mais recente Copa do Mundo só tivemos dois goleiros negros titulares representando a Seleção brasileira em Mundiais: Manga, em 1966 e Dida, 2006²⁴.

Sobre a obra de Mario Filho ainda há uma discussão importante que gostaríamos de pontuar. Ele, um homem branco com seus vários contatos e inserido em um meio social que o privilegiava, teve suas várias oportunidades para escrever, publicar e receber os louros de sua pesquisa em vida. Hoje, ele é o nome de um dos mais conhecidos estádios do Brasil, o Estádio Jornalista Mário Filho, mais conhecido como Maracanã, localizado no Rio de Janeiro.

Ainda no início do mestrado, tive contato com uma pesquisa que apresentava outro jornalista esportivo, só que negro, militante e até então desconhecido por mim. Ele foi um dos fundadores da frente negra brasileira e atuante no movimento negro nesse período, também membro fundador e colaborador de Jornais da Imprensa Negra de São Paulo, como: *O Combatente*, *A voz da raça* e o *Clarim d'Alvorada*. Ele também teve a oportunidade de lançar dois livros: *Nossos Campeões* (1931) e *O Homem negro no esporte bandeirante* (escrito em 1932 e publicada em 1934). Porém, não teve seu nome imortalizado na história, não virou nome de estádio e nem teve seus livros prefaciados por intelectuais. Seu nome é Salathiel Campos. Mas o que fez esse homem para estar inserido nesse mesmo contexto de Mario Filho?

Ele, nada mais, nada menos, publicou entre os dias 3 de outubro e 28 de novembro de 1934 no *Correio Paulistano*, um dos maiores jornais de São Paulo, artigos sobre a inserção e participação do negro no esporte na cidade. Mais do que isso, Salathiel defendia publicamente os jogadores negros da época, pedia a convação dos mesmos na Seleção Paulista de futebol, se indignava e contestava o preconceito racial nos esportes. Como quando dizia: “A despeito de serem olhados com mais sympathias, os homens negros, ainda há, nos nossos meios esportivos, um certo preconceito racial”²⁵ ou “era preciso que, demonstrando seus méritos pessoas, apparecessem no nosso futebol official elementos negros vindos da grande massa”²⁶.

Ele chegou a ser chefe da redação de esportes no *Correio Paulistano*, mas trabalhava em mais de um jornal simultaneamente, dividindo seus expedientes. Com relação ao futebol, Salathiel acreditava que o negro tinha uma resistência física acima do normal e possuía qualidades inatas ao esporte. O que se assemelha muito com as ideias de Mario Filho que em sua narrativa também tinha esse quê épico de heroizar o homem negro e suas habilidades com

²⁴ Diversas pesquisas já trataram sobre a temática do goleiro Moacyr Barbosa e o Maracanaço. No ano de 2021, nos 100 anos do goleiro, o Museu do Futebol propôs uma exposição temporária que homenageou e escolheu o próprio Barbosa como protagonista para refletir sobre o racismo e as injustiças que aconteceram com ele. A exposição recebeu o nome de “Tempo de Reação”. Para ver e saber mais: <https://museudofutebol.org.br/exposicoes/tempo-de-reacao-100-anos-goleiro-barbosa/>. Acesso em: 26 jun. 2021.

²⁵ *Correio Paulistano*, 8 de novembro de 1934. São Paulo, Anno LXXXI, p. 7. HDBN.

²⁶ *Correio Paulistano*, 6 de outubro de 1934. São Paulo, Anno LXXXI, p. 11. HDBN.

a bola. Bruno Souza (2018, p. 80) sintetiza que a pesquisa do livro é “acadêmica, um panfleto de militância política e uma narrativa épica”, sendo que as principais ideias da série de artigos que ele escreve são sobre as seguintes ideias: “os negros, desde que bem selecionados, instruídos moralmente e treinados técnica e fisicamente, têm valor imenso para o esporte paulista, que o racismo evita que seja aproveitado” (SOUZA, 2018, p. 79).

Por qual motivo então, não conhecemos a história de Salathiel? A invisibilidade negra é uma temática que iremos tratar logo mais neste trabalho, porém sabemos o quanto as epistemologias negras são apagadas da História. Ele era um homem negro, de origem humilde e militante. A valorização do conhecimento de pessoas parecidas com ele muitas vezes nem é dado em vida e sequer na morte. Mesmo assim, ele tinha voz em um dos maiores jornais de São Paulo e acabou rompendo certas barreiras para deixar seus registros, hoje, de certa forma tardiamente, recuperados e pesquisados. Utilizamos aqui o pensamento de Lélia Gonzalez (1988, p. 71) que reflete sobre como o racismo se constituiu “como a ‘ciência’ da superioridade euro cristã (branca e patriarcal), na medida em que se estruturava o modelo ariano de explicação”. Explicação epistemológica eurocêntrica essa, que acaba por invisibilizar e apagar outros tipos de pensamentos e de pensadores como se só o do branco fosse válido.

Infelizmente, Salathiel faleceu precocemente em 1945. Um pugilista português estava indignado, pois uma coluna do jornal em que Salathiel trabalhava havia o criticado e ele foi tirar satisfações no local, desferindo dois golpes fortes na cabeça do jornalista. Salathiel ficou com sequelas sérias após esse acontecimento e tempos depois, faleceu. Detalhe importante: não foi ele quem escreveu a coluna pela qual foi golpeado e morto (SOUZA, 2018).

A importância de resgatar esses nomes, dar rosto e ouvir as fontes que versam sobre eles, é imprescindível para que assim possamos reconhecer o valor de quem lá atrás já estava falando sobre algo que depois se tornou “inovador” na voz e escrita de homens brancos que tiveram mais facilidade e visibilidade para publicar seus trabalhos. Assim como diz Bruno Souza (2018) ainda não temos um trabalho que faça uma comparação entre as duas obras, de Salathiel e Mario Filho, para perceber semelhanças e continuidades, comparando essa inserção dos negros nos dois Estados, Rio de Janeiro e São Paulo, mas podemos em uma breve análise perceber que muitas das ideias são parecidas e conversam em alguns sentidos. Porém, Souza (2018) também afirma que não foi encontrada nenhuma citação de suas obras por seus contemporâneos que também pesquisavam sobre o esporte e sobre a inserção dos negros. Por exemplo, Thomaz Mazzoni em São Paulo, que inclusive foi seu chefe em um dos jornais e certamente o conhecia, e o próprio Mario Filho.

Com relação aos clubes de futebol e a inserção de negros nesse meio, no Brasil foram encontradas poucas ou nenhuma proibição explícita de caráter jurídico mencionada nos trabalhos que tratam sobre a temática. O próprio Salathiel cita o exemplo do clube “Minas Geraes” que havia retirado anteriormente a exigência de “não ser de côr”²⁷ e no Rio de Janeiro, o Sport Club Americano deixava explícita sua barreira racial quando impedia que os membros associados fossem “de côr escura” (SANTOS, 2010). Mas como dito, esses eram casos pontuais e aparentemente raros.

Para a espacialidade do Rio de Janeiro, por exemplo, João Malaia Santos (2010) analisou o clube de futebol Vasco da Gama, em que seus dirigentes iniciaram um processo inovador que foi a introdução sistemática de jogadores negros, pobres e analfabetos em seus elencos, por meio de pagamentos e processo de profissionalização. Isso era algo que a principal liga da cidade, a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT) tentava afastar de todos os modos.

A forma dessas exclusões acontecerem eram por meio de regras em que os jogadores inscritos precisavam ser sócios do clube, atleta amador, exercer profissão honesta, alfabetizado, ter seus direitos civis e políticos. Enfim, esses fatores por si só não precisavam de uma proibição explícita, pois já excluía a participação de muitos jogadores, principalmente os negros, que vinham de uma liberdade em que não houve um projeto de inclusão de ex-escravizados na sociedade brasileira.

Em São Paulo, Bruno Abrahão (2010) através dos escritos de Mazzoni afirma que também não havia nenhum artigo nos regulamentos da APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos) que proibissem jogadores negros de participarem dos times. Mas, a revista “*Evolução – a Revista dos Homens Pretos de São Paulo*”, publicada em 1933, já denunciava o fato de outra forma, afirmando que: “Antigamente, difícil se tornava o ingresso do negro em clubes que já não diremos aristocratas, mas de certa posição social mesmo quando foi da fundação da APEA, os seus estatutos não permitiam a entrada de negros!”²⁸. O pesquisador Bruno Abrahão resolveu ir até a Federação Paulista de Futebol para ter contato com a documentação das ligas, mas segundo um funcionário, todos os documentos, anteriores a 1940, haviam sido incinerados em dois incêndios.

José Antônio dos Santos (2018) percebe a mesma característica para o que acontece em Porto Alegre/RS, mas referente a clubes de futebol compostos por negros, ou seja, a principal liga da cidade (Liga Porto-alegrense), ao perceber o interesse de clubes mais humildes de se

²⁷ *Correio Paulistano*, 6 de outubro de 1934. São Paulo, Anno LXXXI, p. 11. HDBN.

²⁸ *Evolução - Revista dos Homens Pretos do Brasil*, 13 de maio de 1933. São Paulo, Anno XXXIII.

filiarem em seus quadros acabaram por impor regras (aumento do valor de inscrições, exigências sobre o campo e mobilidade) para barrar suas entradas. Christian Ferreira Mackedanz (2016) também afirma que para a cidade de Pelotas/RS não houve uma proibição legal, porém, a partir do silenciamento e da não existência de clubes negros de futebol na principal liga da cidade, a Liga Pelotense de Foot-Ball, ocorre aí um processo de exclusão. Nos dois últimos casos citados, Porto Alegre e Pelotas, foram criadas ligas de futebol específicas para times negros e de origem mais humilde.

Antônio Jorge Soares (1999), o mesmo que criticava os “novos narradores” de não fazerem uma leitura crítica do NFB, acaba por se perguntar “onde está o racismo?” apenas porque nos documentos da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA)²⁹ do Rio de Janeiro não estão explícitas as questões raciais de exclusão. Ele afirma que a única questão do momento era a briga entre amadorismo e profissionalismo, não tendo uma ligação disso com a cor dos jogadores. Já Mario Rodrigues Filho (2003, p. 20) considerava a história oral muito mais proveitosa para pesquisa do que os documentos oficiais que acabavam não revelando tudo. E realmente, segundo Santos e Drumond (2013):

As atas e a correspondência dos clubes não atestam sobre os negros. As leis da entidade não faziam nem uma pequena menção às questões de raça, do negro propriamente dito. Estas se limitariam a levantar barreiras sociais, proibindo que trabalhadores braçais, empregados subalternos, contínuos, garçons, barbeiros, praças de pré etc., jogassem futebol em clubes filiados (SANTOS; DRUMOND, 2013, p. 24).

Quais são os significados dessas práticas em que não há um procedimento legal, mas uma proibição que fica implícita e muitas vezes é denunciada pela população negra? No Brasil, ao contrário de outros países como os Estados Unidos da América e África do Sul, não tivemos leis ou jurisdição de segregação institucionalizadas, mas sim o que podemos chamar de racismo disfarçado onde: “prevalecem as ‘teorias’ da miscigenação, da assimilação e da democracia racial” (GONZALEZ, 1988, p. 72-74) e que fez, historicamente, se criar a ideia de um país sem racismo, pois as práticas ficam “escondidas”. Então, por mais que esses clubes ou ligas não tivessem explicitamente dito em seus documentos formais, como as atas, que pessoas negras eram proibidas de frequentar ou se associar, sabemos que elas não seriam necessárias quando refletimos sobre o contexto de discriminação e segregação “silenciosa” que eram mais fortes ainda nos contextos citados acima.

²⁹ Liga de futebol que surgiu após uma ruptura de diversos clubes grandes cariocas com a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), principal do Rio de Janeiro. Essa cisão aconteceu justamente pela entrada e destaque de “clubes menores” dentro da mesma, esses com jogadores negros e pardos (SANTOS, 2010).

A ideia da democracia racial tem ecos até os dias de hoje, mas o racismo não foi ultrapassado, nem em 1958, 1962 (como diz Mario Filho) e, muito menos, atualmente. O futebol ainda é sim um dos principais esportes onde jovens negros e negras buscam a esperança de ascender socialmente e alguns conseguem, mas isso não quer dizer que o racismo não os persiga e que eles não sofram ataques das mais diversas formas, dentro e fora de campo.

Não interessa se esses homens negros são considerados heróis ou destaques dos times, tenham feito o gol da vitória ou a defesa que fez o clube ganhar um campeonato, qualquer mínimo erro ou deslize é passível de ataques racistas, isso na década de 30, em 1950 e atualmente. Por isso, infelizmente, ainda não podemos falar em uma suposta harmonia racial no futebol quando o relatório mais recente do Observatório da Discriminação Racial no Futebol³⁰, de 2021, destacou um aumento considerável do número de casos discriminatórios entre todos os tipos de preconceito, comparado com anos anteriores, e além disso, um número recorde de incidentes raciais, isso envolvendo as arquibancadas, os gramados e programas esportivos de rádio e televisão.

Com as análises e reflexões acima perguntamos: como Ronaldo Helal e João Paulo Vieira Teixeira (2011) acabam por (além de concordar com as teses de Soares (1999) sobre a falta de provas em ter racismo na AMEA) afirmar que “os universos dos esportes e das artes sempre foram tradicionalmente zonas mais brandas em relação às questões raciais” (2011, p. 86)? Não há uma forma de acreditar nessa afirmação com os índices altos de racismo e discriminação que apontam o Observatório da Discriminação Racial, com todos os casos de racismo que observamos no esporte e quando sabemos da maneira que Barbosa foi afetado pelo seu erro até o fim da sua vida. Enfim, que “zona mais branda” é essa?

Os clubes negros de futebol que serão investigados são lugares onde seus realizadores encontraram espaços para promover seus momentos de cultura, lazer e esporte, entre outras festividades e o desenvolvimento de práticas, conformando identidades, promovendo solidariedades e projetos comuns. Então, investigando o impacto de uma prática cultural, como o futebol, em uma realidade de exclusão, percebe-se também suas formas de resistência, além do fato de identificarmos diversas trajetórias de indivíduos negros e suas famílias, ligados a tais clubes de futebol e a toda uma rede complexa do associativismo negro (Irmandades religiosas,

³⁰ O Observatório da Discriminação Racial no Futebol é um projeto que monitora e divulga casos de racismo no futebol, além disso promovem campanhas e boas práticas de combate ao racismo no esporte. Desde 2014, são anualmente publicados “Relatórios Anuais da Discriminação” que compilam e analisam todos os casos de preconceito e discriminação ocorridos no esporte brasileiro, correspondentes ao período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de cada ano. Para acessar os relatórios: <https://observatorioracialfutebol.com.br/observatorio/relatorios-anuais-da-discriminacao/>. Acesso em: 12 jul. 2022.

clubes sociais negros, blocos carnavalescos, imprensa negra, etc.). Sujeitos que também pertenciam ao mundo do trabalho, vivendo entre a escravidão e a liberdade, alguns dos quais tiveram suas vidas marcadas pela migração no interior do Rio Grande do Sul, fixando-se em Santa Maria da Boca do Monte, onde constituíram tais projetos (OLIVEIRA, 2017, p.220).

Essa pesquisa focada na cidade de Santa Maria no contexto do pós-Abolição, pretende investigar dois clubes negros de futebol que existiram na cidade, o Club Foot-Ball 7 de Setembro e o Sport Club Rio Branco, o primeiro fundado em 1916 e o segundo mencionado nas fontes pela primeira vez, em 1920.

Investigar o fenômeno de criação desses clubes de futebol negros, para além de compreender mais sobre o pós-Abolição e as relações étnico-raciais na cidade, se mostra relevante por estarmos ouvindo as vozes do passado, que por muito tempo ficaram ocultadas por uma historiografia dita tradicional, que não reconhecia a agência dessas pessoas negras. Assim, procura-se demonstrar que esses ex-escravizados e seus descendentes eram sujeitos construtores de suas próprias histórias com suas diversas formas de resistência frente a uma sociedade racista e excludente. Além disso, a contribuição da pesquisa aqui proposta procura entender a formação desses espaços e seus agentes de forma cada vez mais complexa, heterogênea e diversa, ainda que ligados a projetos comuns.

Delimitaremos o ano de 1932 para o encerramento do contexto da pesquisa. Essa escolha foi feita porque é o último ano em que encontramos nas páginas do *O Succo*, periódico da imprensa negra de maior relevância e duração de Santa Maria, notas sobre as organizações de futebol mencionadas, além de informações sobre seus membros, que circulavam pelos espaços de sociabilidade abarcados pelo jornal. Da mesma forma, salientamos que as informações sobre as datas de término de ambos os clubes de futebol estudados não foram localizadas, de forma que a delimitação escolhida não exclui essa observação, porém leva em conta o período de menção a estes clubes de futebol nas páginas da imprensa negra.

É comum nos estudos sobre pós-Abolição a utilização de fontes diversas e cruzamento das mesmas, conferindo assim, uma complexidade maior às pesquisas. E, apesar de assumir a importância do cruzamento dessas fontes na compreensão das vivências negras no período, detenho-me, em algumas delas, sobretudo, às quais se pretende dar um tratamento qualitativo, para compreendermos as trajetórias destes espaços e seus realizadores. As fontes da pesquisa para este trabalho são, principalmente, os jornais da imprensa negra (Santa Maria e demais cidades do Rio Grande do Sul), da imprensa hegemônica de Santa Maria e os registros paroquiais e cartoriais onde encontramos indícios para o acompanhamento de algumas trajetórias dos membros ligados a tais instituições, suas famílias e demais participantes.

Para a pesquisa utilizaremos o método onomástico, pretendendo usar os nomes como importantes “guias” para nossas buscas. Das referências sobre tal prática metodológica, destacamos: Ginzburg (1989) e Levi (2000). Reduzindo a escala em uma perspectiva micro-histórica, além de entender o futebol como expressão dessas pessoas negras no pós-Abolição, procuramos perceber como o caso dos clubes negros de futebol em Santa Maria se encaixam em uma perspectiva estadual e nacional.

Quanto aos jornais da imprensa negra, *O Succo*, é uma das fontes principais de nossa pesquisa, ele é sistematizado como integrante da imprensa negra meridional por José Antônio dos Santos (2011). Também é uma importante fonte para entendermos as estratégias sociais da comunidade negra de Santa Maria no pós-Abolição. Dentro deste processo, outros periódicos da imprensa negra gaúcha têm sido revelados. Ao todo, temos acesso a cinco exemplares do jornal *O Succo* de Santa Maria, o que nos permite visualizar de forma mais efetiva e consistente seus conteúdos e entender seus textos, notícias e crônicas, que eram dirigidos à população negra e feitos por eles, já que muitas vezes não estão inclusos nas “fontes oficiais” ou “jornais hegemônicos” da cidade.

O Museu da Comunicação Hipólito José da Costa possui um projeto, assinado por Renata Andreoni, que reúne alguns jornais da imprensa negra do Rio Grande do Sul³¹. Neste site, diversas edições dos jornais estão disponíveis digitalizadas, onde consultamos detalhadamente as páginas de todos os jornais disponíveis (a ferramenta de pesquisa por palavras-chave não é muito efetiva). Dessa forma, cada nova descoberta advinda da pesquisa dos jornais negros sobre clubes de futebol foi registrada em um banco de dados simples, com as principais informações, nome dos envolvidos, nome do impreso, datas e mais questões consideradas relevantes.

Os jornais hegemônicos de Santa Maria também foram importantes para se entender o contexto do futebol na cidade. A provocação de analisá-los surgiu na banca de qualificação e através do estudo das notas e textos constantes nas edições, pode-se perceber invisibilidade, estigmatização e moralização dos indivíduos negros da cidade.

Utilizamos também, as fontes civis cartoriais, como processos de habilitação para casamento, localizadas no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul – APERS, mas também acessadas através do site Family Search e compartilhadas, gentilmente, a mim pela historiadora e colega Franciele Rocha de Oliveira que possui muitas dessas informações já catalogadas. Elas nos ajudam a perceber os vínculos familiares das pessoas que construíram e

³¹ Disponível em: <http://afro.culturadigital.br/imprensa-negra-no-rio-grande-do-sul/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

planejaram esses clubes de futebol negros. Neles, obtemos informações sobre os cônjuges (seus nomes, idades, profissões, naturalidades, filiações), data do casamento, local, entre outros. Com essas informações podemos observar as constituições das famílias, os contatos existentes e enfim, como já citado, usar os nomes como guias para as buscas. Além disso, pensei as trajetórias (GINZBURG, 2017; LEVI, 2000) e realizei uma aproximação com os estudos prosopográficos (STONE, 2011), no último capítulo.

Uma das pretensões iniciais da pesquisa, era de também se utilizar da História Oral, como fonte e metodologia. O quadro de entrevistados incluía alguns familiares ligados às pessoas que participaram da realização dos clubes de futebol negros estudados, jogadores, gestores, torcedores e torcedoras. Por conta da pandemia da Covid-19 essa tarefa havia ficado para um momento que tivéssemos mais segurança. Porém, em um contato preliminar com os e as entrevistadas todas informaram que não possuíam nenhuma informação sobre os membros familiares atuando nos clubes de futebol em si³². Enfim, o caminho da pesquisa também passa por reformulações e dificuldades, ideias iniciais que não se concretizam e direções que se abrem.

Antes de apresentar a estrutura da dissertação, dois recados importantes ao leitor. Primeiro: Este texto irá continuar sendo escrito na primeira pessoa do singular, isso obviamente não significa que não houve diálogo com outros e outras pesquisadoras ou que a escrita foi realizada totalmente sozinha. Muito pelo contrário, as contribuições e trocas de documentos, fontes e leituras foram essenciais e primordiais. Inclusive, em alguns momentos irei misturar o (eu-nós), quando entender que aquela ideia em específico, é coletiva. Segundo: Resolvi manter a grafia dos documentos na sua escrita original, ou seja, conforme a ortografia aplicada no instante em que foram produzidos. Principalmente com relação às notas dos jornais, há uma diferença principalmente de pontuação ou escrita.

Essa dissertação está dividida, além da introdução e conclusão, em três capítulos: No primeiro, "Santa Maria e o espaço do futebol no início do século XX", objetivamos perceber como estava constituído o futebol no Rio Grande do Sul e em Santa Maria, essa última, que tinha no começo do século XX diversos times já formados. Entre esses, dois clubes proeminentes e duradouros, Esporte Clube Internacional (conhecido como Inter de Santa Maria) e Riograndense Futebol Clube. Por fotografias, percebemos que no seu início esses clubes eram

³² No dia 30 de maio de 2022, foi realizada uma entrevista em conjunto com as colegas, Franciele Rocha de Oliveira e Alícia Quinhones Medeiros, com o Jayme Maia Pereira. Ele é filho de José Pereira, um dos líderes do Sport Club Rio Branco e sobrinho de Pedro da Silva Maia, integrante do Club Foot-Ball 7 de Setembro. Porém, o mesmo não tinha lembranças ou informações sobre a atuação de seu pai, ou do tio nos clubes.

formados, em sua maioria, por jogadores brancos, e com o passar do tempo, pelas décadas de 1960 e 1970 jogadores negros passam a ter uma presença expressiva. O objetivo é também investigar mais a fundo possíveis conflitos raciais existentes, através da moralização do futebol jogado na rua, caso de impedimento de um jogador, Oreco, em um time da cidade e medidas de exclusão da principal liga da cidade.

O segundo capítulo, chamado "Formação de sociabilidades negras no Rio Grande do Sul: um panorama" focou em apresentar o contexto sobre a cidade de Santa Maria no pós-Abolição e a formação da rede negra de sociabilidade na cidade e no Rio Grande do Sul. Além disso, pretendeu contextualizar historicamente o período da criação desses clubes, sua maioria no começo do século XX, em que a conjuntura do país perpassa por mudanças de teor social, político e econômico. Sendo mais específica, a ideia é apresentar sobre a sociabilidade negra no Rio Grande do Sul e Santa Maria (explicando o que são essas sociabilidades e os significados das mesmas) e focar na invisibilidade negra na região. Também, apresentamos por quais motivos a Imprensa Negra é um meio de pesquisa importante para se conhecer os clubes de futebol negro, sistematizando assim, todos os clubes negros de futebol encontrados em pesquisas no Rio Grande do sul e algumas das ligações/relações que envolviam viagens e confraternizações.

O último e terceiro capítulo "Trajetórias individuais, histórias coletivas: as vozes negras de dentro do Club Foot Ball 7 de Setembro e Sport Club Rio Branco", foi dedicado aos clubes negros estudados, Club Foot-Ball 7 de Setembro e Sport Club Rio Branco, entendidos como objetos dessa pesquisa, desvelando suas histórias com as fontes que tivemos acesso. A partir deles, discuto sobre seus nomes, jogos e possíveis projetos através de documentações como recortes de jornais e fotografias. Alguns dos jogadores e participantes listados dos clubes pesquisados já são bem conhecidos na rede negra santa-mariense. Então, através de seus nomes, procuro fazer uma busca dessas trajetórias, objetivando destacar alguns e algumas deles/as para os leitores poderem perceber e conhecer essas pessoas negras que não faziam parte de grandes clubes de futebol, nem recebiam fortunas numerosas para jogar, mas mesmo assim, tiveram destaque e a ideia de criar um clube entre os seus, seja no campo, nos quadros diretivos ou nas arquibancadas.

2 SANTA MARIA E O ESPAÇO DO FUTEBOL NO INÍCIO DO SÉCULO XX

A cidade de Santa Maria teve a presença de jornais gráficos de uma forma muito forte e interessante. Apesar de ser considerada tardia a sua chegada na cidade, comparada a outras da região, depois de 1883 os impressos começaram a tomar formas e números, trazendo notícias locais que tanto faziam falta a população que ficava refém de jornais vindos de outras cidades, principalmente da capital Porto Alegre. Esses impressos serão uma das principais fontes das páginas a seguir, porém antes de apresentá-los, creio ser interessante explicar um contexto maior da cidade de Santa Maria.

Alguns trabalhos já apontaram um panorama sobre o período de intensas mudanças, como o fim do século XIX e início do XX, com considerações sobre suas questões de caráter social, populacional e demográfico. Por exemplo, a pesquisa de Letícia Guterres (2013) atenta para o contexto que antecede a abolição da escravidão na cidade, observando a composição de laços familiares envolvendo escravizados. Já Daniela Vallandro de Carvalho (2005), nos mostra uma realidade de diversidade, tanto cultural, quanto de grupos étnicos entre os grupos populares, principalmente analisando processos criminosos entre 1885 e 1915. Como último exemplo de trabalhos que podem nos ajudar a pensar esse contexto santamariense citamos Gabriela Rotilli dos Santos (2021) que pesquisa os perfis sociais e as experiências das mulheres pobres no ambiente urbano da cidade de Santa Maria, porém no início de sua dissertação a autora apresenta um panorama da cidade em diálogo com outros memorialistas, viajantes e historiadores.

Nossa intenção não é nos estendermos sobre aspectos gerais da cidade de Santa Maria anterior a esses anos. Porém, julgamos importante contextualizar para entender como se deu o crescimento da cidade, principalmente para podermos visualizarmos o contexto vivido por negros e negras, que começaram a formação dessa rede de sociabilidade, anteriores ao período pesquisados.

Daniela Carvalho (2005) comenta sobre o caldeirão étnico que a cidade adquiriria após a década de 1880, pois nela circulavam indígenas, imigrantes alemães e africanos, todos esses de diferentes origens e regiões muitas vezes distantes, mas que pela posição geográfica da cidade e em busca de melhores condições de vida e trabalho vieram em Santa Maria uma oportunidade para moradia. Em praticamente todas as cidades nos anos finais do século XIX e início do XX aconteceram diversas mudanças e alterações, principalmente com a urbanização e chegada de imigrantes. Essa cidade, que fica no centro do Estado do Rio Grande do Sul, não fugiu a essa lógica e apresentou diversas alterações também. Segundo Carvalho (2005) em 1887

o fluxo imigratório de italianos começou a chegar, se instalar e crescer no Núcleo Colonial de Silveira Martins, localizado perto de Santa Maria da Boca do Monte. Outro fator importante para o crescimento da cidade foram os primeiros traçados da linha férrea, entre 1880 e 1885. Essa posição estratégica, foi fundamental para que Santa Maria se tornasse um dos principais entroncamentos férreos do Rio Grande do Sul, chegando ao século XX como um importante centro ferroviário. Santa Maria tratava-se, portanto, de uma região que por si só era caracterizada por sua atração populacional, que só aumentou devido aos processos já citados.

Assim, o cenário da cidade vai se transformando com a criação de armazéns, tipografias, padarias, fábricas e outros tipos de comércio. Silvana Grunewaldt (2010) apresenta uma visão panorâmica desse cenário de modificações que ocorreram e acabaram por alterar a imagem da cidade. Nela estavam acontecendo abertura das vias, alargamento das ruas, construção de prédios, pontes e calçamentos. Neste contexto, incluem-se obras de modernização e instalação da eletricidade, primeiros telefones, transportes e o embelezamento da cidade também acontecia, com o cuidado com as praças, limpeza, etc.

Também nesse contexto, há os princípios modernizantes e também de higiene, assim como estava acontecendo em outras cidades. No final do século XIX, foi criada a primeira guarda municipal (1893) e o primeiro código de posturas (1898) que foram sucedidos por outros, em 1912 e 1913, respectivamente. Esses demonstraram nitidamente a ideia de estabelecer algumas regras e normas para a população em crescimento com o objetivo de ter sobre ela controle social. Esses códigos versavam sobre diversas regras estéticas da cidade, abordavam as construções que estavam sendo feitas, mas também eram direcionadas ao comportamento social.

Eram tentativas de vigiar, ordenar e fiscalizar o cotidiano da população de origem mais pobre, tanto em seus espaços de lazer e trabalhos, quanto em suas residências, buscando uma punição à “vadiagem”, preocupando-se com uma suposta higienização nos mais diversos espaços, sejam eles públicos ou privados. Nesse capítulo, observaremos com mais detalhes como essas questões afetaram o futebol.

Voltando aos jornais, no começo do século XX, no Rio Grande do Sul eles começaram a se aperfeiçoar tecnicamente, com uma feição mais moderna, alguns com fotografia e formas diferenciadas de manchetes, para chamar atenção (SILVA et al, 1986). O livro “Jornais gráficos RS 1827-1900: o jornal em Santa Maria 1883-1992” de Nely Ribeiro (1992) apresenta os impressos de outras principais cidades do Rio Grande do Sul no século XIX, sintetizando suas características principais e ano de fundação. Depois, a autora foca em catalogar os jornais de Santa Maria e, segundo ela, o primeiro jornal da cidade teria sido o *Gazeta do Norte*, um mini-

jornal informativo, criado em 1883. Assim, ela nos apresenta uma síntese generalista dos jornais da cidade, entre os anos de 1883 a 1992, com informações em formato catalográfico, indicando o nome, diretores, redatores, sendo que a linha política e aspectos gráficos (como número de páginas, espessura, etc) ela consegue identificar somente em alguns.

Nessa listagem dos impressos, *O Succo*, jornal negro de Santa Maria citado na introdução, é também mencionado. Porém, em nenhum momento é apresentado como um jornal formado por pessoas negras e nem seu conteúdo ou objetivos. Na verdade, Nely Ribeiro (1992) apenas informa que localizou em uma edição do *Diário do Interior* de 1928 uma nota sobre *O Succo* estar comemorando seus sete anos, também diz que teve contato com uma edição de 1934 com o nome dos redatores e gerência e, finaliza, mencionando João Belém, memorialista da cidade, que cita em um dos seus livros que o jornal teve uma existência “efêmera.” A autora sequer problematiza a questão de que se o jornal estava completando sete anos de existência, essa maior do que tiveram outros periódicos da cidade, ou seja, não parecia ter nada de “efêmero”.

Quando a pesquisa nos jornais hegemônicos³³ de Santa Maria teve seu início, confesso que a intenção era de encontrar pelo menos algumas citações sobre os clubes negros de futebol pesquisados, algumas informações sobre a formação dos times, dias de jogos, diretorias, etc. Assim, poderia perceber se a imprensa da cidade diferia do resto do Rio Grande do Sul em que o único meio de saber sobre a existência dos clubes negros é observando a imprensa negra ou, pelo contrário, se eles davam visibilidade aos mesmos em suas páginas.

Mas não havia como afirmar que esses impressos invisibilizam, ou não, a população negra nos esportes se eles não fossem analisados e lidos individualmente, por mais trabalho que isso desse. Já que não poderia buscar na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional por palavras-chave, pois os periódicos não se encontram disponíveis digitalizados, o que facilitaria muito a pesquisa, teria que seguir o velho caminho tradicional, ler jornal a jornal, página por página e notícia a notícia, em busca do tema de interesse. E assim, manhãs e tardes de vários dias de pesquisa foram destinadas a buscar vestígios sobre esse futebol negro, principalmente onde se encontram guardadas a maioria dessas fontes, o Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria. Porém, a Casa de Memória Edmundo Cardoso também foi um espaço importante onde encontramos edições desses jornais.

³³ Entendo o conceito de “hegemonia” a partir da ideia do filósofo italiano Antonio Gramsci, em que ela se caracteriza como uma forma de poder, que implica na construção de uma determinada moral e de uma concepção de mundo. Para ele, “a hegemonia pressupõe a conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras” (MORAES, 2010, p. 54).

A pesquisa se desenvolveu, especialmente, por meio da seleção e análise de periódicos que circularam na cidade de Santa Maria entre os anos de 1916 e 1936 com o objetivo principal de encontrar possíveis citações dos clubes negros, como informado anteriormente, mas acabamos nos deparando com outras informações que acabaram nos apresentando mais um pouco do retrato do futebol na cidade, temática a qual também nos deteremos.

QUADRO 1 - Jornais de Santa Maria, temporalidade pesquisada e acervo

Título	Temporalidade	Acervo
<i>A Razão</i>	1934 até 1936	Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria;
<i>O Castilhist</i>	1925 a 1927	Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria;
<i>Sul Brasil</i>	1927 a 1929	Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria; Casa de Memória Edmundo Cardoso;
<i>Jornal de Debates</i>	1922	Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria;
<i>Gaspar Martins</i>	1906 / 1910 / 1917 a 1926	Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria;
<i>Correio da Serra</i>	1917/1920 a 1930	Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria; Casa de Memória Edmundo Cardoso;
<i>Diário do Interior</i>	1911 a 1923 / 1927 a 1929 / 1930 a 1939	Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria; Casa de Memória Edmundo Cardoso;

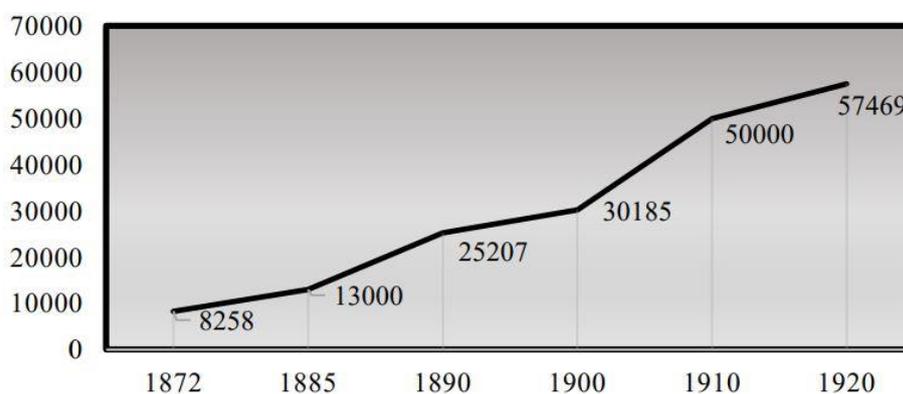
Sinalizo aqui que alguns dos títulos não se encontram com todas as edições completas nos acervos, ou seja, entre essas temporalidades acima há algumas faltas. E também, quando necessário, matérias publicadas em anos posteriores, em jornais ou revistas, também foram coletadas e analisadas com a intenção de melhor compreender os contextos, mas sempre que citadas o referido período será informado.

Outra característica importante de se pontuar sobre esses impressos é que, de forma geral, eles vão além de notícias e ideologias político-partidárias tão comuns no período. São dedicados também a informações gerais e cotidianas. Alguns deles tinham o futebol da cidade

como um conteúdo importante e costumeiro, porém nenhum deles era voltado exclusivamente aos esportes como temática central.

No ano de 1920, a cidade de Santa Maria tinha cerca 57.000 habitantes, segundo o levantamento populacional realizado por Daiane Silveira Rossi (2019), com base nos recenseamentos do IBGE de 1872, 1890, 1900 e 1920. Além de dados populacionais para os anos de 1885 e 1910 encontrados em Romeu Beltrão (2013). Visualizamos, nitidamente, o crescimento da cidade entre esses anos, dialogando com as questões já citadas e levantadas por Daniela Carvalho (2005), como a chegada da ferrovia e núcleos de imigração.

FIGURA 1- Gráfico da população de Santa Maria (1872-1920)



Fonte: ROSSI (2019, p. 76).

Com relação ao público leitor do ano de 1920, da população total, a quantidade de pessoas, entre homens e mulheres, que sabiam ler e escrever eram de 24.518, segundo os dados estatísticos do censo³⁴. Muito provavelmente as pessoas negras e pobres tinham contato com esses jornais, alguns poucos para lerem e outros tantos para fazerem a entrega na casa de menos da metade da população de Santa Maria que poderia ler aquelas páginas e ter proximidade com os debates e ideias que estavam em voga no período. Debates e ideias essas que estavam nos jornais hegemônicos e formavam opiniões, difundindo um modelo de sociedade que grupos dominantes gostariam de vivenciar e, assim, por meio de construção de narrativas, formavam um público leitor com anseios semelhantes. Apesar de espacialidades diferentes, a historiadora Heloísa Cruz (2013), ao pesquisar sobre as relações da imprensa na cidade de São Paulo no começo do século XX, salienta que:

³⁴ Fundo de Economia e Estatística. De Província de Rio Grande a Estado do Rio Grande do Sul – Censos 1803-1950, p. 127; 129.

(...) Fazer imprensa era construir espaços e difundir significados para novas formas de sociabilidade. Fazer imprensa era também formular e difundir projetos. Em grande parte do período pesquisado, o processo de experimentação vivenciado pelos grupos produtores nesses círculos restritos parece identificar-se com o processo de formação de leitores. (CRUZ, 2013, p. 91).

Trabalhar com a história por meio da imprensa é uma tarefa que exige certo cuidado. Inclusive, por muito tempo esse tipo de fonte residiu em um limbo pelo simples preconceito de serem considerados documentos que não pareciam confiáveis por conta da falta de neutralidade ou do uso ingênuo que se fazia dos mesmos (LUCA, T., 2005). Sem sombra de dúvidas, é importante historicizar os impressos, como explica a citação acima. O fazer imprensa tem significado e objetivos para determinados contextos, além disso, forma e formou leitores e leitoras que se identificam com determinado material.

Como trabalhamos com o que foi escrito e se tornou notícia, podemos perguntar: “Por qual motivo isso foi digno de nota?” Algumas notícias são matérias das capas de jornais ou viram grandes manchetes, algumas estão apenas em letras miúdas nas páginas internas e outras tantas sequer aparecem. Temos que estar atentos, pois os impressos fazem suas escolhas das notícias, e elas foram feitas por algum motivo, questões essas que carecem de interpretações e análises de seu conteúdo.

Por isso, os recortes feitos nesse capítulo não são únicos e isolados, pois não podem ser dissociados e tirados de contexto do impresso de onde vieram. Faremos a tentativa de interpretar e entender aquelas vozes e o público para qual se destinava. Buscar as informações página por página em vários meses no arquivo foi importante para analisar esses impressos e percebê-los mais do que meros depósitos de acontecimentos e diversas notícias.

Dois textos básicos, mas de suma importância, foram utilizados para analisarmos metodologicamente o conteúdo desses jornais: “História dos, nos e por meio dos periódicos” de Tania Regina de Luca (2005) e “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa” de Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto (2007). Esses trabalhos, além de criticarem as pesquisas que apenas recortam notícias esparsas dos jornais sem sequer entendê-los ou contextualizá-los, também funcionam como um manual de guia para aprender como analisar os jornais de forma crítica e contextualizada.

Importante lembrar que todos os jornais pesquisados e que consideramos “hegemônicos” estão citados no livro de Nely Ribeiro (1992), uns possuem mais informações sobre a materialidade dos impressos e objetivos, outros menos. No entanto, buscaremos sempre apontar suas características, principalmente ideológicas e público ao qual aquele material escrito buscava atingir. Sendo assim, tomando esses cuidados, não seremos tão minuciosos nas

informações de cada jornal, pois consideramos que esse estudo tem um caráter exploratório visando apresentar a diversidade de temas encontrados no esporte, apontando alguns caminhos, situações gerais, revelando questões e, na medida do possível, conclusões.

Ressaltamos que na maioria das matérias referentes ao futebol, não haviam assinaturas dos nomes dos autores dos textos e notas para que pudéssemos identificar quem era o sujeito. São usados apenas apelidos ou pseudônimos. Trata-se de práticas consideradas comuns quando o gênero era de caráter opinativo.

Nesse capítulo, a imprensa hegemônica de Santa Maria do começo do século XX, já citada anteriormente, será a fonte principal. Primeiramente, tem-se a intenção de entender como era constituído a vida esportiva santamariense em diversos aspectos. Além disso, busca-se compreender como era a representação do futebol, das torcidas, dos clubes, das ligas e tratar de evidenciar a invisibilidade da população negra de modo geral nessas páginas. Depois, o segundo subcapítulo propõe-se a discutir sobre a tentativa de moralização do futebol praticado na rua por jovens no decorrer década de 1920, refletindo sobre a espacialidade, exclusão e o racismo no futebol na cidade de Santa Maria no pós-Abolição.

2.1 A “VIDA SPORTIVA” RETRATADA NA IMPRENSA SANTAMARIENSE

“De uma maneira digna de registro está se desenvolvendo em Santa Maria o mil sport denominado Foott Ball. Nas vespers de cada domingo é elle o preferido assumpto de quasi todas as rodas sociaes (...)”³⁵

Essa frase se encontra no periódico santamariense *Correio da Serra* do ano de 1920 e nos apresenta duas questões importantes sobre o futebol em Santa Maria: ele estava se desenvolvendo na cidade nesse período, apesar de ter sido “introduzido” alguns anos antes, e também mostra que ele era comentado pela sociedade. As páginas dos jornais analisados reafirmam esses fatos, pois elas estão repletas de informações sobre esse esporte que, entre os anos de 1916 e 1936, estava se nivelando aos “mais adiantados centros desportivos do Rio Grande”³⁶.

O impresso *Correio da Serra*, acompanhará grande parte dessa pesquisa, pois é nele que encontramos diversas informações sobre o futebol santamariense. Ele é criado em 1917 por Arnaldo Melo e esposa, tendo características noticiosas e comerciais, mas sobretudo, políticas,

³⁵ *Correio da Serra*, 31 de outubro de 1920. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno III. AHMSM.

³⁶ *A Razão*, 15 de março de 1935. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II. AHMSM.

se envolvendo em diversas polêmicas locais, utilizando-se de uma linguagem violenta (RIBEIRO, N., 1992, p. 116). Infelizmente, não encontramos tantas informações sobre o jornal em si, nem mesmo por qual motivo específico ele destinou tanta atenção, negativa ou positiva, ao esporte. Porém, teve um período de duração de 13 anos, diversas edições e suas páginas eram repletas de colunas, informações gerais e participação de leitores.

Voltando desse pequeno intervalo necessário de explicação sobre o jornal, pode-se afirmar que os caminhos para a difusão do futebol são complexos e sinuosos. Não é intenção dizer quando exatamente ou quem foram os pioneiros que “trouxeram” o futebol para Santa Maria, o objetivo apenas é termos a noção de como esse esporte popular se espalhou pela cidade e aproximadamente em qual período.

Mascarenhas (2014) diz que no Rio Grande do Sul os colégios religiosos contribuíram para a difusão do futebol e na cidade de Santa Maria sugere a hipótese de que os maristas teriam sido decisivos nessa introdução. Corroborando essa ideia, por meio de fontes chamadas “Echos”³⁷, Renata Gracioli Aita (2011) que trabalha com a Educação Física no Colégio Marista Santa Maria entre 1905 e 2005, demonstra por meio desses materiais que no ano de 1906 o esporte já era praticado na escola, sendo uma das primeiras vezes que se encontram esse indício em fontes. Sendo assim, podemos pensar o ano de 1906 como um prelúdio do esporte em terras santamarienses. Mas é em 1912 que a autora percebe registros nas fontes de um crescimento do esporte no Colégio Marista, pois começaram a ser criados vários clubes ginásianos de futebol.

E esse ano de 1912 é um marco importante no futebol santamariense também porque assinala o nascimento de um dos clubes esportivos mais referenciados na história da cidade: o Riograndense Foot-Ball Club. Doze anos após sua criação é definido pelo *Correio da Serra*, como a liderança do futebol na cidade e “uma agremiação que honra os nossos meritos sportivos pelo valor incontestavel dos elementos que nelle actua”³⁸.

Realmente, essa liderança é observada e nítida, pois ele é o clube mais citado nos periódicos, com informações completas sobre seu funcionamento, escalação de jogadores, seus dirigentes, jogos e elogios. Criado por ferroviários que trabalhavam na Viação Férrea do Rio Grande do Sul, o clube foi conquistando seu espaço dentro e fora da cidade ao longo do tempo, sendo que anos após sua fundação já tinha sido vice campeão do campeonato gaúcho (1921).

No ano de 2012, em comemoração ao seu centenário, foi feito um livro chamado “Riograndense Futebol Clube: no coração gaúcho, 100 anos do rubro-esmeraldino” cujo

³⁷ “Echos” são os livros de registro do ano letivo da Escola Marista Santa Maria, estes compreendem os anos de 1905 a 1943.

³⁸ *Correio da Serra*, 11 de abril de 1924. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno VII. AHMSM.

objetivo foi rememorar a história do clube. Nesse trabalho coletivo, diversos pesquisadores e pesquisadoras tiveram a oportunidade de analisar os acervos do clube, utilizando as fontes orais, imagens, atas e outros documentos oficiais que ajudam a entender sobre a história do clube. Atualmente, mais de cem anos após sua criação, o Riograndense passa por uma fase difícil em que procura reestruturar sua equipe profissional, mas ele ainda se encontra vivo na memória da cidade.

Há uma variedade de clubes de futebol no período, Richard Nozário Prestes (2019) em sua pesquisa relaciona uma lista com todos os seus nomes. Nos jornais eram comuns, em colunas e notas, informações sobre a criação de novos clubes na cidade com a nominata das diretorias ou nome de jogadores, percebe-se esse aumento principalmente a partir da década de 1920. Porém, apesar de serem anunciados “seus nascimentos”, nas edições seguintes dos mesmos jornais não se encontram mais informações sobre esses mesmos clubes. Notamos que esses times achavam importante registrar-se em jornais hegemônicos da cidade os seus inícios, apesar de não terem, talvez por condições financeiras, como noticiar diariamente seus jogos.

As páginas que se atentam para o futebol, geralmente em sessões separadas, são direcionadas a poucos clubes da cidade, tendo o já citado Riograndense um destaque maior, e também aqueles que participavam de campeonatos da *Liga Santamariense de Foot-ball*, essa que mais tarde iremos explorar. Alguns periódicos, por exemplo, ocupavam uma página inteira somente detalhando minuciosamente as descrições dos jogos, escalações e informações das partidas desses clubes mais conhecidos. Como aconteceu quando o jornal *A Razão* descreveu, quase que minuto a minuto, uma partida disputada pelo próprio Riograndense³⁹.

Mas não era somente o futebol que ocupava as sessões de esportes, lembremos que o turfe (corridas de cavalos em circuitos fechados, geralmente em clubes ou associações, com apostas legalizadas) era uma prática comum e que possuía um grande público desde a metade do século XIX no país. Santa Maria não diferia nesse aspecto e as páginas dos jornais apresentam informações sobre as corridas, horários e treinamentos nos prados, sendo a Sociedade Protectora do Turf Santamariense (SPTS) uma das organizações que estruturava o esporte na cidade⁴⁰. Além do turfe, há notícias recorrentes sobre box, tênis, basketball, bolão e voleibol, demonstrando que a cidade era envolvida em variados esportes.

³⁹ *A Razão*, 30 de julho de 1935. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II. AHMSM. Segundo Nely Ribeiro (1992) o jornal *A Razão* foi criado em 1934 e foi um dos periódicos com mais tempo de existência na cidade, com distribuição em vários municípios do Estado. Passou pela responsabilidade de diversos diretores e gerência, mas sempre em um caráter comercial e noticioso, onde se encontram algumas informações sobre futebol.

⁴⁰ *Diário do Interior*, 27 de outubro de 1918. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno VII. AHMSM.

Mas nem tudo foram flores, goleadas e vitórias nesse período. As páginas dos jornais registram também que em alguns momentos ocorreram decaídas no futebol santamariense, sejam por críticas a *Liga Santamariense de Foot-ball* que não estava fazendo juz ao seu trabalho ou pelo desânimo dos próprios clubes. A liga referida tinha por objetivo organizar os jogos profissionais na cidade, foi criada em meados de 1913, encerrada anos depois e retornou em 1920. Porém, ela também possuía seus mecanismos de exclusão (PRESTES, 2019), fato que abordaremos posteriormente.

Apesar de evidências que anteriormente apontavam a existência de somente essa liga de futebol na cidade de Santa Maria, encontramos uma nota no jornal *Correio da Serra* sobre a existência de outra coexistindo com a LSMF. Com um nome semelhante à primeira, a *Liga Santamariense de Desportos* (LSMD), foi criada por motivos que não ficam muito nítidos nos registros. Aparentemente foi por discordâncias ocorridas com o funcionamento da LSMF⁴¹.

A nova liga congregou alguns times que anteriormente faziam parte da outra, porém não encontramos evidências de um futuro dela na cidade, não sabemos se logo deixou de existir ou se houve um acordo entre as ligas para se juntarem. Segundo Prestes (2019) havia um monopólio da *Liga Santamariense de Foot-ball* na cidade, o que, de certa forma, poderia impedir outras ligas de alçarem maiores pretensões e filiarem mais clubes. Também fica nítida uma invisibilidade da maioria dos clubes quando dos 28 levantados pelo autor, somente 7 eram filiados oficialmente a “liga principal”.

Seguir comentando sobre a vida esportiva na cidade e não citar um de seus principais elementos, a torcida, seria impensável. A pandemia da Covid-19 que se espalhou e deixou a população em isolamento durante um bom tempo também esvaziou diversos estádios ao redor do mundo. As medidas tomadas nesse período de não se realizarem os jogos e depois de não aceitarem público foram acertadas, a questão é que não parecia ser mais o ambiente certo do futebol sem um dos seus fatores principais, a torcida. Ela que canta, grita, vibra, xinga, chora e se emociona. Ela que é marcadamente referenciada pela sua presença na imprensa santamariense, assim como na brasileira⁴², principalmente depois da década de 1920.

⁴¹ *Correio da Serra*, 10 de setembro de 1929. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno XII. AHMSM.

⁴² O livro “A torcida brasileira”, apresenta quatro ensaios sobre diferentes aspectos das torcidas no Brasil ao longo do anos. A imprensa é fonte principal em alguns desses textos. HOLLANDA, Bernardo Buarque de. (et al). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

FIGURA 2 - Torcida se encaminha até um jogo de futebol em 1918



Fonte: Álbum Ilustrado Comemorativo do 1º Centenário de Emancipação Política do Município de Santa Maria. Porto Alegre: Gráfica Metrópole S/A., 1958.

Nessa imagem de 1918, encontrada no Álbum Ilustrado do Centenário de Santa Maria publicado em 1958, vemos um grupo bem significativo de pessoas em marcha caminhando até o local de algum jogo não determinado, a legenda diz que “Os clubes iam para o campo puxados por banda de música, afim de atrair a assistencia...que era diminuta...”. Aos olhos de quem escreveu essa legenda no ano de 1958, deveria ser um público pequeno comparado ao crescimento que teve o futebol na cidade nos anos posteriores. Porém para a época, devemos considerar o número de habitantes de Santa Maria, menos de seis mil pessoas, segundo o gráfico apresentado, e que o futebol estava em desenvolvimento.

Também encontramos evidências dessas caminhadas em outros momentos, como em 1928, quando o *Diário do Interior* informa que os clubes filiados á LSMF, uniformizados, iam se reunir na praça central da cidade e puxados por uma banda de música se dirigiam até o local dos jogos⁴³. Seria essa, então, uma estratégia de chamar um maior público torcedor ao longo do caminho até o estádio ou campo de futebol.

Além dessa imagem que demonstra a existência de uma torcida participativa em 1918, mais alguns indicadores apresentam esses anos como basilares para a formação de um futebol

⁴³ *Diário do Interior*, 27 de outubro de 1928. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno XVII. AHMSM.

competitivo na cidade e objeto de interesse dos habitantes. Por exemplo, o *Correio da Serra* de 1920⁴⁴ informa ter surgido um jornal na cidade, em formato quinzenal, chamado “*O Sport*” que se destinava exclusivamente a noticiar sobre os clubes esportivos locais. Infelizmente não encontramos edições desse periódico, mas essa informação nos apresenta, mais uma vez, que no ano de 1920 havia um interesse de público e desenvolvimento do futebol a ponto de levar uma pessoa, ou um grupo, a tomar iniciativa de criar um jornal destinado a tratar exclusivamente sobre o assunto na cidade.

No ano de 1922, o *Jornal de Debates* apresenta em suas páginas um “Vocabulário Técnico Desportivo”⁴⁵ em que o objetivo era traduzir para o português os termos futebolísticos mais utilizados na época e assim torná-los mais entendíveis para a comunidade leitora. Segundo a nota, foi o clube de futebol Tamandaré que teve essa ideia da tradução e a apresentou em uma assembleia da Liga (provavelmente a *Liga Santamariense de Foot-Ball*). A nota, que não possui um autor identificado, elogia a intenção e diz que os clubes e ligas do Rio de Janeiro e São Paulo, que seriam referências, já utilizavam essas expressões em português e que os daqui não deveriam ficar para trás de tal novidade. Segue-se então, uma série de palavras em ordem alfabética e, ao lado, suas traduções, entre elas: *dribling* (finta, engano, negaça); *foul* (falta, infracção, irregularidade); *full back* (zagueiro).

Segundo Nely Ribeiro (1992) o *Jornal de Debates*⁴⁶ teve seu início no ano de 1922. Analisando o periódico percebemos que ele era um jornal diário de quatro páginas que possuía orientação partidária republicana e federalista. Tratava-se de um impresso bastante informativo, mas com foco em algumas notícias e debates políticos republicanos.

Assim, podemos pensar que o futebol estava em pleno crescimento na cidade a ponto de um jornal, que não tinha como principal temática o futebol⁴⁷, levantar o debate sobre a importância da nacionalização dos seus termos. Outra informação importante é de que ele circulava por outras cidades do Estado, como Santiago, São Francisco de Assis, São Luiz, São Borja e Alegrete, o que nos informa que essa discussão também chegou e se espalhou para outros lugares do Estado (RIBEIRO, N., 1992).

Entretanto, esse debate sobre o anglicanismo usado no vocabulário futebolístico brasileiro não era novidade no país, muito pelo contrário, o que demonstra que o futebol de Santa Maria estava no mesmo compasso que o de outras cidades do Brasil. Segundo Leonardo

⁴⁴ *Correio da Serra*, 4 de janeiro de 1920. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno III. AHMSM.

⁴⁵ *Jornal de Debates*, 11 de fevereiro de 1922. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno I. AHMSM.

⁴⁶ O impresso foi dirigido pelo Dr. Júlio Rafael de Aragão Bozano, nascido em Porto Alegre, mas que veio para Santa Maria e se destacou fortemente por sua atuação como político, advogado e republicano convicto.

⁴⁷ Tanto que, das edições disponíveis, encontrei somente essa menção ao esporte.

Pereira (1998), desde o ano de 1917 apareciam cotidianamente em colunas esportivas dos jornais cariocas, diversos pedidos para que a nacionalização dos termos do futebol fosse realizada, pois até em campo era comum ouvir os jogadores se orientando pelas expressões estrangeiras. Para se ter uma ideia do nível desses debates, no início de 1919, na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, ocorreu uma conferência para discutir como se chamaria o esporte: “*Fottbal, pebóla, pébol ou balípodo?*”.

Lima Barreto, escritor carioca que no próximo capítulo comentaremos com alguns detalhes, era um crítico e avesso ao futebol. Ele também se questionava sobre os termos futebolísticos usados frequentemente e por qual motivo não eram traduzidos para o português, dizendo que: “parecia-me tudo aquilo escrito em inglês e não estava disposto a ir à estante, tirar o valdez e voltar aos meus doces tempos de significados. Eram só *backs, forwards, kcicks* (sic), *corners*”⁴⁸. Apesar de ser irônico em suas críticas, Pereira (1998) diz que o autor Lima Barreto apenas “fingia não entender”. Mas a crítica do escritor carioca é extremamente válida, pois esses termos estrangeiros também eram usados com o objetivo de afastar a camada popular do esporte que não entendia aquelas palavras e passar uma imagem mais sofisticada e moderna do futebol. A tradução desses termos no início da popularização do futebol foi de extrema importância para que o futebol tenha chegado aonde chegou.

Ainda segundo Pereira (1998) para os clubes cariocas a necessidade e dependência de comprar materiais vindos da Europa, principalmente Inglaterra, era outra forma de se mostrarem sofisticados e excluíam parte da população. Durante a pesquisa nos jornais e revistas de Santa Maria fiquei atenta aos anúncios para perceber se haveria alguma indicação de comercialização de materiais esportivos, sejam eles bolas, chuteiras ou uniformes, querendo saber se eles seriam importados e, se possível, quais eram seus valores.

Acabei por não encontrar maiores vestígios sobre essas informações, mas no ano de 1914, em razão do centenário da cidade, foi publicada a “Revista do primeiro centenário da fundação da cidade de Santa Maria”. Ela foi organizada pelo Dr. Astrogildo de Azevedo e impressa nas oficinas gráficas da Livraria do Globo, as fotografias e artes foram produzidas no Instituto de Eletrotécnica da Escola de Engenharia de Porto Alegre. Nessa revista encontramos diversas informações sobre a história do município até aquele momento, com imagens, tabelas e gravuras importantes. No final da revista, encontram-se diversos anúncios publicitários de estabelecimentos localizados na cidade de Porto Alegre. Em um deles, existe a divulgação da

⁴⁸ *Brás Cubas*, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1918.

“Casa Clark”, uma loja de calçados que informa comercializar uma “bola *inglesa*” e “perneiras da melhor fabricação *inglesa*”.

FIGURA 3 - Publicidade de instrumentos para o esporte



Fonte: Revista Comemorativa do Primeiro Centenário da Fundação da Cidade de Santa Maria, 1914.

Apesar de não ser especialmente localizada em Santa Maria, ter essa publicidade em uma revista do centenário da cidade em 1914, demonstra que o futebol e seus itens era algo relevante, a ponto de ter uma divulgação específica na revista de centenário, além da informação de que os materiais eram de fabricação inglesa. A Casa Clark, fundada no século XIX, como loja de sapatos, parecia ativa no mercado de material esportivo do Rio de Janeiro, sendo a loja do anúncio provavelmente sua filial em Porto Alegre (SANTOS; MELO, 2020).

Mas outra característica, essa não tão positiva, demonstra que Santa Maria andava no mesmo compasso de outros clubes do Brasil no período, também em outra questão: a violência no futebol. Não foram raras as notas jornalísticas em que acabamos por encontrar nas partidas diversas situações de discussões, invasões de campo, agressões físicas, etc. Essas, aconteciam geralmente entre as torcidas, jogadores ou contra os juízes. Os jornais salientavam bastante esse ponto, por isso não podemos deixar de destacá-la também como parte da vida esportiva da cidade.

Apesar serem extensas, observemos a descrição de dois trechos de jogos, em jornais e períodos diferentes, em que ocorreram casos de brigas para podermos visualizar um pouco desse cenário:

“(...) Raro é o *match* em que os *players* e *torcedores* dominados por um *entusiasmo* excessivo, não concorram para que os nossos grounds se transformem em pontos exactos do cultivo de soccos, ponta-pés, bengaladas e mais alguma coisa que não se coaduna com a tranquilidade da *péle* dos que *torcem* calmamente, dos que sabem manter a devida linha. Uma *careta* do juiz, um *hands* ou *foul* mal cobrados são o bastante para que a ordem seja alterada, advindo os insultos, a invasão da pista e o mais que se segue. Tudo sae fóra da regra, Fecha-se o tempo e a pancadaria decorre sob a maior ampla liberdade de acção (...)”⁴⁹

“(...) Bastou um simples incidente entre jogadores para que a torcida de um dos clubes degladiantes, composta na sua totalidade de militares, invadisse o campo, provocando um sururu’ medonho, agredindo e espancando a torto e a direito. Trinta minutos durou a batalha. E durante esse tempo, os torcedores militares, munidos de cinturões, porretes e outros instrumentos de agressão, deram pau a valer, pois eram superiores em numero aos adeptos do clube adversario, que haviam baixado ao campo para socorrer os seus jogadores favoritos, quando estes começavam a sentir os efeitos da “madeira” batendo-lhes nos costados. Serenados s anhos, depois dessa meia hora de panico, pode-se ver o que havia ficado em combate: gente de cabeça quabrada, outros com o rosto sangrando, alguns capengas e muitos meio zonzos, com as costa a arder (...)”⁵⁰

Pode-se observar alguns elementos nessas descrições, como: 1) os confrontos eram extremamente violentos, com o uso de materiais externos, como bastões, porretes, bengalas, etc; 2) mesmo sendo de temporalidades diferentes, 12 anos entre uma e outra, as notas são bem parecidas quanto ao conteúdo, ou seja, aconteceu a permanência da violência nos campos de futebol; 3) as duas notas apresentam um tom de julgamento dos seus redatores quanto aos fatos, mas elas não possuem identificação.

Na mesma edição de 1935 do jornal *A Razão* que descrevemos a briga anterior, um redator sem identificação, cobra diretamente a *Liga Santamariense de Foot-ball* para tomar providências quanto as atitudes violentas dentro e fora de campo e também pede que o esporte seja “moralizado”, se possível, com o reforço de forças militares para impedir tais acontecimentos nos jogos. A referida briga teria acontecido no campo do Riograndense entre os donos da casa e o Grêmio Esportivo 7 R.I (Regimento de Infantaria), sendo que ela começou dentro de campo com os jogadores e se espalhou para os torcedores, em que a maioria era composta de militares. Lembrando que Santa Maria possuía um grande contingente militar já nesse período. Segundo Grigio (2018), como a cidade foi espaço de diversos conflitos na defesa ou expansão do território português, era um local comum de presença ou passagem de militares, sendo que após desmobilização dos efetivos, muitos permaneceram, constituindo famílias e se dedicando a atividades profissionais.

⁴⁹ *Correio da Serra*, 8 de maio de 1923. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno VI. AHMSM.

⁵⁰ *A Razão*, 30 de julho de 1935. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II. AHMSM.

No Rio de Janeiro, o já citado Lima Barreto tinha como um dos seus principais argumentos contra o esporte justamente a questão da violência que acontecia dentro e fora de campo. Os redatores de todas as notas que encontramos sobre as brigas no futebol santamariense, na década de 1920 e 1930, não chegam ao extremo de criticar a prática do futebol em si, mas sim, as atitudes desses torcedores que partiam para as agressões. Também em nenhum momento foi encontrada nos impressos questões ligadas a classe, cor ou territorialidade para fazer críticas as brigas, como acontece em Minas Gerais, segundo Sarah Teixeira Mayor (2017). Apesar disso, podemos questionar sobre o quanto essas notas e julgamentos constantes também não eram uma tentativa da imprensa de conduzir as narrativas sobre o esporte e desautorizar as formas de “provocação popular” a fim de moralizar esta prática.

No ano de 1934 o jornal *A Razão* noticia haver uma falta de juízes para apitarem os jogos de futebol na cidade. Qual era um dos motivos principais? Justamente o medo das agressões que os profissionais estavam sofrendo. Na verdade, a nota afirma que não havia falta de juízes em seu sentido literal. Diz que eles existiam e em bastante número na cidade, oficializados ou voluntários, mas que a intolerância de jogadores e torcedores haviam afastado os árbitros das funções, fazendo-os até mesmo abandonar o apito no meio da partida⁵¹.

Como comentado, seria impossível citar sobre o esporte na cidade sem passar pelas recorrentes brigas que aconteciam nos jogos e o caráter acusatório e de julgamento que elas carregam sendo representadas nos jornais. Mas a violência no meio futebolístico não era um “problema” somente em Santa Maria. Pelo contrário, aconteciam em vários lugares do Brasil. Sarah Teixeira Mayor (2017) pesquisou em diversos periódicos de Belo Horizonte, e em uma das edições de 1933 de *A Tribuna*, ao se referir as confusões ocorridas nos campos de futebol, é dito que: “A torcida carioca, paulista, mineira [...] é a mesma torcida”. Parece que em Santa Maria é uma torcida semelhante, também descrita pela imprensa.

Como mencionado em um dos pontos de comparação das notas dos jornais, podemos perceber que a violência permaneceu nas partidas de futebol em Santa Maria e de forma parecida entre os anos de 1923 e 1935. Na verdade, até hoje a violência no futebol é alvo de discussões e debates⁵².

⁵¹ *A Razão*, 23 de outubro de 1934. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno I. AHMSM.

⁵² O livro “*Não é só a torcida organizada*” o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol? de Marcelo Palhares e Gisele Maria Schwartz (2015) apresenta como as violências são diversas e possuem visões múltiplas no futebol contemporâneo, não caindo no erro de criminalizar as torcidas e, principalmente, as organizadas.

Mesmo não sendo na temporalidade da pesquisa, no ano de 1946, encontramos na revista *Lanterna Verde*⁵³ a charge abaixo que nos apresenta um pós-jogo do clássico Rio-Nal, que anteriormente era chamado de Inter-Rio, disputa entre Riograndense Futebol Clube e o Esporte Clube Internacional de Santa Maria. Nessa charge observamos uma confusão generalizada e no gramado estão presentes torcedores, jogadores, juízes, crianças, policiais e cavalos, todos envolvidos em uma grande briga se utilizando de porretes, armas e suas próprias mãos, demonstrando o nível que podiam chegar as confusões. Em sua pesquisa, Flavio Mota de Lacerda Pessoa (2013), analisa as charges esportivas no *Jornal dos Sports*. Segundo o autor, uma das características das mesmas é o seu humor representado por situações comuns, sendo que no futebol, acontecem geralmente com a intenção de ironizar algum caso ocorrido ou tecer críticas sobre o contexto político e social da época. É exatamente o que acontece na figura abaixo, em que a charge representa o que estava acontecendo nos campos de futebol de Santa Maria no momento, brigas e violência.

FIGURA 4 - Charge representando briga generalizada em um jogo de futebol em Santa Maria



Fonte: *Lanterna Verde*, 06 de setembro de 1946, CMED.

Anteriormente comentamos sobre como a presença da torcida era importante e chamava atenção na vida santamariense. Mas salientamos aqui um ponto interessante: a presença de mulheres torcedoras. Destaco que no meu trabalho de conclusão de curso, finalizado em 2019, denominado “Torcedoras: representações de mulheres brancas e negras pela imprensa nos

⁵³ As informações sobre a revista *Lanterna Verde* são encontradas em suas próprias páginas. Ela foi criada em 1944, com uma proposta de ser moderna e original, tendo diversas reportagens e imagens em seu conteúdo.

campos de futebol do Rio de Janeiro e São Paulo no início do século XX”, pesquisei sobre mulheres torcedoras de futebol no começo do século XX, no Rio de Janeiro e em São Paulo (LIMA, T., 2019). Por esse motivo, a grande quantidade de notas jornalísticas que destacavam a presença e a importância das mulheres nas arquibancadas da cidade de Santa Maria chamaram-me atenção.

A vida das mulheres em Santa Maria nesse começo do século XX não se diferenciava tanto de outros lugares do Brasil. Nesse cotidiano das mulheres, a norma oficial que era bem-vista pelas pessoas mais abastadas, principalmente homens, ditavam regras do lugar da mulher, considerando que o lar, ocupação dos afazeres domésticos e o cuidado do marido e filhos era a principal missão feminina. Maluf e Mott (1998) apontam que no decorrer das três primeiras décadas do século XX aconteceram mudanças no comportamento feminino que deixaram a sociedade espantada, mas que também estimularam debates entre progressistas. Essa modificação foi no sentido das mulheres começarem a fazer mais parte da vida social, outras já trabalhavam fora de casa, transitavam pelas ruas, frequentavam cinemas, iam teatros, bailes e praticavam esportes, ou seja, estavam se modernizando com as cidades e aparecendo bem mais no cenário urbano. Sabemos que nesses casos, estamos falando de mulheres brancas, geralmente da elite, mulheres negras e pobres, por exemplo, já estavam no mundo do trabalho e participavam do contexto social há bastante tempo, porém faremos esse recorte de forma mais detida dando destaque a essas mulheres posteriormente.

Anos depois, entre as décadas de 1940 e 1950, temos um vislumbre dessas mulheres torcedoras brancas participando da vida pública esportiva de forma efetiva, pois foi formada na cidade a torcida “Periquitas” do Riograndense Futebol Clube, um dos principais clubes da cidade no momento. O nome da torcida estava ligado ao mascote da equipe, um periquito. Segundo Trícia Cardoso e Juliana Silva (2013) a ideia partiu de duas irmãs e quatro amigas que possuíam familiares que jogavam no clube, então decidiram formar essa torcida para apoiá-los nas partidas, inclusive, uniformizadas igualmente.

A história dessas mulheres que foram revolucionárias para a época estava praticamente esquecida na memória do clube, lembrada somente no Centenário da criação do mesmo, em 2012. As autoras citadas acima, pesquisadoras dessa torcida, concluem que: “Então, na história do Riograndense Futebol Clube de Santa Maria, as mulheres não eram percebidas por serem as jogadoras, ou seja, não entravam em campo, no entanto sempre estiveram presentes como torcedoras, acompanhando seus pais, maridos e filhos” (CARDOSO; SILVA, 2013, p.6).

Realmente, durante a primeira metade do século XX, não encontramos evidências sobre mulheres praticando o referido esporte na cidade. Porém, não foi apenas na história do

Riograndense que elas estiveram presentes enquanto torcedoras, mas no ambiente esportivo de Santa Maria como um todo.

No Rio de Janeiro, uma das razões para a presença significativa de mulheres de classes mais abastadas (o que demonstra esse fato é elas estarem com longos vestidos, chapéus, luvas, leques) nas arquibancadas nesse começo de século XX, era a oportunidade de elas participarem de um espaço de socialização e também por poderem entrar gratuitamente nos jogos, desde que fossem filhas ou esposas de associados. Após o Campeonato de Futebol dos Jogos Sul Americanos, em 1922, essa figura da torcedora acaba perdendo certo espaço e uma das hipóteses levantadas é o fato das mesmas terem agora que, obrigatoriamente, pagar seus ingressos, já que o fato de serem esposas ou filhas de associados acabaria não sendo mais válido a partir desse ano, por haver a necessidade dos principais clubes do país, da época, aumentarem suas arrecadações (SANTOS, 2012).

Apesar de não encontrarmos medidas idênticas de gratuidade por conta do parentesco, os jornais de Santa Maria apresentam alguns casos em que ingressos e convites eram distribuídos gratuitamente “as gentis senhorinhas”⁵⁴ para que se fizessem presentes. Encontramos evidências das mulheres torcedoras entrando gratuitamente em alguns jogos até o ano de 1935⁵⁵.

“(…) No momento em que se procura reequer o foot-ball em Santa Maria, são ellas, as senhorinhas, que dão vida aos nossos fields, com as suas graças estonteantes, dando também todo impulso necessario para a magestosidade do acto, porque é a mulher a eterna inspiradora do homem e, sendo assim, é fitando um rostinho angelical a esboçar um sorriso feiticeiro que os players santamarienses se entregam a lucta com ardor (...) enquanto ellas, nervosas, delirantes, apaixonadas, estimulam a pugna, numa garrulice encantadora que tão bem faz assistencia, que se deleita em apreciar o espirito de fanatismo a dominar as lindas torcedoras (...)”⁵⁶

Essa em específico é uma nota de insatisfação, pois no dia anterior havia sido lançada uma notícia no mesmo jornal de que as mulheres deveriam pagar os seus ingressos no valor de 500 réis, o que pareceu inadmissível e motivo de contestação. Como se pode notar na citação do jornal acima, além de enfatizarem a importância da presença da torcida feminina, questões referentes a beleza física das torcedoras são descritas e isso era muito recorrente nas notas esportivas brasileiras sobre elas. São informações que diziam que as mulheres estavam embelezando as arquibancadas ou tornando aquele lugar mais bonito, passando a ideia de que

⁵⁴ *Sul Brasil*, 28 de julho de 1928. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II. AHMSM.

⁵⁵ *A Razão*, 13 de novembro de 1935. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II. AHMSM.

⁵⁶ *Correio da Serra*, 14 de setembro de 1924. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno VII. AHMSM.

elas frequentavam o espaço, não apenas para torcer pelo seu time ou jogadores, mas como se fossem meros adornos para a “festa masculina” (BONFIM, A., 2019).

Para ilustrar, a imagem abaixo que também é de uma temporalidade mais avançada, apresenta cerca de seis mulheres, chamadas de “assistência”, acompanhando um jogo de futebol que acontece entre um time local e outro de Porto Alegre, em Santa Maria. Na página “Miscelânea Esportiva”, a revista *Lanterna Verde* colocava diversas fotografias que se referenciam ao ambiente futebolístico⁵⁷.

FIGURA 5 - Mulheres na arquibancada de um jogo de futebol no ano de 1947



Fonte: *Lanterna Verde*, 23 de agosto de 1947, CMEC.

Voltando ao ponto anterior sobre a violência nos jogos de futebol, na cidade do Rio de Janeiro, outra hipótese levantada para o afastamento das mulheres das arquibancadas, além do fato de terem que pagar os ingressos, era de que os atos violentos entre os torcedores e jogadores nos campos estavam cada vez mais comuns, ameaçando a segurança das senhoras e das famílias (SANTOS, 2012). Fato esse que se assemelha com o ocorrido em Santa Maria em que a imprensa noticia e expressa uma preocupação e medo de que essas confusões acabassem por afastá-las, como o exemplo do *Correio da Serra* no ano de 1923, que após relatar uma série de brigas ocorrida nos jogos, comenta que: “Caso não vigore uma medida capaz de cessar taes abuzos, o belo sexo cuja presença é sempre um dos maiores concurso para o brilhantismo dos matchs, vae auzentar-se por completo dos grounds. Sera, infelizmente, a triste verdade”⁵⁸.

⁵⁷ *Lanterna Verde*, 23 de agosto de 1947, CMEC. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno III. CMEC.

⁵⁸ *Correio da Serra*, 8 de maio de 1923. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno VI. AHMSM.

Na vida esportiva de Santa Maria, de modo geral, temos a presença de várias modalidades, não só o futebol. Como vimos, também é aparente no decorrer da década de 1920 as discussões sobre violência, a presença de torcedoras e o aumento de interesse no esporte pela população santamariense. Notas esportivas sobre os clubes de futebol que eram filiados a *Liga Santamariense Foot-Ball* também estão presentes. Porém, não encontramos nesses jornais hegemônicos citações ou muitas informações positivas sobre a população negra e sua relação com o futebol. Na verdade, esses tipos de representações aparecem em dois momentos específicos: no carnaval e, algumas vezes, nas edições dos jornais nos dias 13 de maio. Mesmo nesta data, a população negra não era protagonista, mas meramente um “enfeite” para a elite da cidade rememorar a abolição da escravatura.

Apesar de não ser o foco do trabalho, é importante discutirmos brevemente sobre a representação da população negra nos periódicos da cidade. Faltam pesquisas que se atentem especificamente para essa questão que é um campo em aberto: quais eram as notícias da imprensa santamariense sobre o negro e a negra brasileira após a abolição da escravidão? Para além disso: como foram representadas essas pessoas?

Como exemplo, no Rio de Janeiro, temos o trabalho de João Paulo Barbosa (2019) que discute sobre a representação dos negros na imprensa carioca no pós-Abolição. Essas, nos mostram que os negros e negras nesse período eram vistos, muitas vezes, de forma estereotipada, estigmatizados e tratados como criminosos pela imprensa.

Grigio (2018) já havia feito uma análise sobre como a abolição aconteceu em Santa Maria, somente a partir de uma comemoração da elite com discursos eloquentes, emocionados e tomando os holofotes. Segundo o autor, poucos memorialistas da cidade, retratam esse cenário da abolição, mas o que se conseguiu visualizar foi uma “teatralização” com o protagonismo de políticos e republicanos brancos tomando contas das festividades para se (auto)parabenizar.

Esses fatos tendo ocorrido em Maio de 1888. Mas pelo que interpretamos dos textos dos periódicos analisados podemos perceber o quão forte foi construída a memória de um Treze de Maio como obra da elite branca e intelectual na cidade. Anos depois, em datas de rememoração da abolição, os jornais *A Razão*, *Sul Brasil* e *Castilhistas* são repletos de notas e páginas em que relatam como foi comemorada a data em Santa Maria. Mais uma vez o foco principal se detém nos homens brancos da elite e seus discursos benevolentes que homenageiam a Princesa Isabel⁵⁹.

⁵⁹ Situação parecida aconteceu em Porto Alegre. Maria Angélica Zubaran (2009) argumenta que houve uma “invenção branca da liberdade negra” quando o discurso da abolição da cidade acabou por ocultar a participação

Inclusive, em uma das edições é transcrito um discurso longo e completo de um intelectual santamariense chamado João Frainer. Neste, é apenas citado o senhor Olegário Cruz, figura importante das associações negras da cidade, até mesmo no futebol, que subiu ao palco somente para agradecer ao antigo orador⁶⁰. Ou seja, os espetáculos teatrais continuavam em todo Treze de Maio e a população negra era apenas figurante para quem organizava, aparecendo apenas em breves citações e notas.

A população negra de Santa Maria se encontra representada positivamente quando *O Succo*, jornal da imprensa negra, é referenciado. Geralmente isso acontece pela ocasião de seus aniversários, mas sem maiores explicações sobre o conteúdo do impresso, apenas uma nota afirmando que ele é um “orgam dos cidadãos de côr”⁶¹.

Em meados de janeiro e fevereiro de todos os anos analisados, 1916 a 1932, pipocam notícias na imprensa sobre como funcionará o carnaval na cidade, esse é outro momento que os negros e negras em Santa Maria aparecem de uma maneira positiva, pelo menos em alguns jornais, como logo veremos.

O Rancho Succo foi uma sociedade carnavalesca iniciada por volta de 1923, conhecida por seus diversos bailes, desfiles pelas ruas e fantasias, tendo sido campeão dos carnavais na cidade por alguns anos seguidos, incluindo 1925⁶². O jornal *Correio da Serra* e *A Razão* recorrentemente destacam as festas animadas e entusiasmadas do Rancho Succo. Por esse último periódico, são encontradas notícias sobre o pleno funcionamento da sociedade até pelo menos 1936.

Um contraponto a todos esses elogios surge quando o impresso *Gaspar Martins* diz que: “Somos contra o Carnaval de hoje porque elle é um grande perigo e um grande mal, como attestam os factos conhecidos e outros que ficam, como deve ficar, em comentarios baixinhos e reservados...”⁶³. Esse impresso tinha um viés mais conservador, segundo Nely Ribeiro (1992) seu diretor era Júlio Magalhães, fiel seguidor de Gaspar Martins. Suas páginas eram repletas de conteúdos e opiniões políticas, muitas vezes polêmicas. Sem o nome de redatores, além da nota anterior, o jornal já havia feito críticas ferrenhas a comunidade negra de Santa Maria, questionando a ordem de uma de suas organizações, a Sociedade Treze de Maio.

das pessoas e das organizações negras que também foram ativas nesse processo. A autora além de analisar esses discursos que ficaram da memória social da abolição em Porto Alegre, nos apresenta organizações negras que fizeram seu trabalho de forma coletiva para libertar escravizados.

⁶⁰ *Sul Brasil*, 13 de maio de 1928. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II. AHMSM.

⁶¹ *O Castilhistas*, 5 de novembro 1927. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II. AHMSM.

⁶² *Correio da Serra*, 26 de fevereiro de 1925. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno VIII. AHMSM.

⁶³ *Gaspar Martins*, 15 de fevereiro de 1921. Santa Maria, Rio Grande do Sul. AHMSM.

Se referiam à comunidade negra da seguinte forma: “Esses nossos patricios ainda não entraram no caminho do civismo e por isso o 13 de Maio, para elles, tem menos valor do que um baile de carnaval, um pic-nic ou qualquer festa de arrastar o pé e dai gargalhadas”⁶⁴. E segue se pronunciando contra as formas de festividade e diversão dos negros e negras santamarienses. Temos aqui um exemplo de impresso da cidade que além de invisibilizar a população negra da cidade, desconsidera e ridiculariza suas formas de lazer e diversão. Além disso, se acha no direito de dizer como a população negra deve ou não agir, considerando-os incivilizados.

Outro destaque interessante observado nos impressos são as representações destinadas às pessoas negras, quase sempre citadas com referência a sua cor na frente do nome. Esses notadamente em destaque quando estão ligados ou ligadas a crimes, ou tragédias. São vários os indícios e notas encontradas que corroboram a hipótese da reprodução de discursos que reforçavam a sub-representação do negro. A imprensa não se preocupava em categorizá-los como pretos ou morenos quando se era uma notícia positiva, mas fazia questão disso quando eram notícias “ruins”. Escolhas.

Mattos e Rios (2004) afirmam que devido ao estatuto jurídico dos escravizados havia a descrição das cores das pessoas em fontes primárias, mas depois da abolição, gradualmente, essa classificação se tornou mais difícil. Em meados do século XIX, parou-se de se descrever a cor dos homens livres nos registros históricos disponíveis, como processos cíveis e criminais, registros paroquiais de batismo, casamento e óbitos e, até mesmo nos registros civis, instituídos em 1888, onde citar a cor era legalmente obrigatório, em muitos casos, ela se faz ausente.

Então por qual motivo a imprensa santamariense mais de 30 anos após a abolição da escravidão ainda usava termos como: “Pretinha de nome Doraline de tal” para noticiar que uma criança havia sido pega roubando⁶⁵; “Preto João Marroca e a sua amasia de nome Maria Candida também preta” para noticiar uma briga violenta entre o casal?⁶⁶ e “O trem da fronteira apanhou hontem e esmigalhou uma negrinha” informando sobre uma tragédia que ocorreu nos trilhos de um trem e que acabou vitimando uma criança negra⁶⁷.

Obviamente este trabalho não tem como tema principal analisar minuciosamente a representações dessas pessoas negras na época pela imprensa, porém, seria impossível não comentar esse fato que salta aos olhos. Definitivamente, é um tema que merece pesquisas mais detalhadas.

⁶⁴ *Gaspar Martins*, 31 de janeiro de 1917. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno AHMSM.

⁶⁵ *Correio da Serra*, 27 de setembro de 1919. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II. AHMSM.

⁶⁶ *Correio da Serra*, 27 de agosto de 1920. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno III. AHMSM.

⁶⁷ *Correio da Serra*, 23 de outubro de 1919. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II. AHMSM.

No decorrer da investigação nos jornais da cidade notamos que, além da invisibilidade da temática do “futebol negro” o silenciamento vai mais a fundo: em grande parte da imprensa hegemônica de Santa Maria, no começo do século XX, os negros e negras são referenciados somente como infratores, figurantes quando acontecem homenagens à abolição da escravidão ou lembrados apenas nos períodos de carnaval. Uma manifestação legítima e válida da cultura negra, mas que não a resume e tampouco a descredibiliza como o impresso *Gaspar Martins* tem a intenção de fazer.

2.2 “UM GRUPO DE MENORES TRANSFORMA UMA ZONA DA CIDADE EM CAMPO DE FUTEBOL”: MODERNIDADE E RACISMO

*“Futebol se joga no estádio?
Futebol se joga na praia,
futebol se joga na rua,
futebol se joga na alma”⁶⁸.*

O trecho referenciado no título desse subtítulo se encontra no jornal santamariense *Gaspar Martins*, datado do ano de 1928. É uma afirmação categórica que a princípio não parece carregada de algum julgamento moral, mas o texto que a segue é exatamente o oposto. Afinal, qual espaço, e quem define, onde e quando se praticar o futebol? Ele é só o de grandes clubes e organizados em ligas? Existe um “bom” e um “mau” futebol, sendo que esse último deve ser recriminado? O que leva menores de idade jogarem nas ruas se transformar em até caso de polícia?

Com essas indagações em mente e apesar de não encontrarmos fontes documentais que nos mostrem com nitidez se os clubes de futebol de Santa Maria acabaram por excluir pessoas negras de seus elencos nas décadas de 1920 e 1930, iremos tecer algumas considerações e hipóteses importantes nesse subcapítulo a partir de três eixos:

- 1) A moralização, com a tentativa de retirar e censurar o futebol jogado por menores e adultos pobres em ambientes públicos da cidade;
- 2) O caso específico do jogador Oreco, que segundo uma testemunha foi impedido de jogar no seu primeiro clube de futebol em Santa Maria, Esporte Clube Ideal, por ser negro, esse fato teria ocorrido no ano de 1945;
- 3) A inserção de jogadores negros nos dois que se tornaram os principais clubes da cidade posteriormente, o Esporte Clube Internacional e o Riograndense Futebol Clube. Nas

⁶⁸ ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

imagens do começo da formação desses times, podemos perceber que no Riograndense não há negros no elenco e no E. C Internacional são poucos. Mas eles começam a aparecer, e nitidamente, em grande número por volta da década de 1970.

Não estamos trabalhando com grandes capitais, mas uma cidade no interior do Rio Grande do Sul com suas próprias especificidades e cenários. Em Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, como apontado na introdução, aconteceram exclusões de pessoas negras nos clubes de futebol e houve uma moralização do esporte, mas de que forma isso aconteceu em outras cidade do interior? Ricardo Pinto dos Santos (2020) pesquisador, historiador e autor que iremos dialogar a partir de agora, em sua tese pesquisou sobre o futebol fora do eixo Rio-São Paulo, olhando para Salvador e Porto Alegre na perspectiva do racismo e da modernidade. Esse autor já levantava o ponto de que é importante não considerarmos somente Rio de Janeiro e São Paulo para explicar a história do futebol no Brasil. E que, não necessariamente, foram essas cidades que inspiraram processos que aconteceram em tantas outras cidades no quesito futebol.

Anos após sua chegada o futebol já é considerado um fenômeno ligado com a modernidade, como afirma Santos, R. (2020, p. 26) “o futebol, dentre outros, serviu como um dos representantes da plataforma modernizante que a República fez exponenciar”. Apesar de críticas ferrenhas como de Lima Barreto, por exemplo, que considerava o esporte grosseiro e atrasado, na maioria das cidades, como em Santa Maria, como veremos, elas vão se transformando enquanto o futebol vai se desenvolvendo também.

Mas essa busca por modernidade tem o preço de excluir parte da população, uma prova disso são os já citados códigos de postura que, além de buscar “ordenar” a cidade, procuravam regular o comportamento dos habitantes. Os primeiros códigos de postura de Santa Maria são dos anos de 1893, 1912 e 1913 e são explícitos em colocar uma ordem social e comportamental sobre a população santamariense, sobretudo sobre os mais pobres.

Então, nesse ensejo de ser uma cidade moderna, Santa Maria também reproduziu discursos que ajudaram na exclusão de pessoas negras e pobres. Podemos ver isso em diversos meios, inclusive no futebol. Os códigos não possuem referências explícitas aos esportes, mas nos periódicos, que serão mais uma vez utilizados para analisar esses debates, podemos perceber como funcionam as narrativas sobre a exclusão e moralização do esporte na cidade.

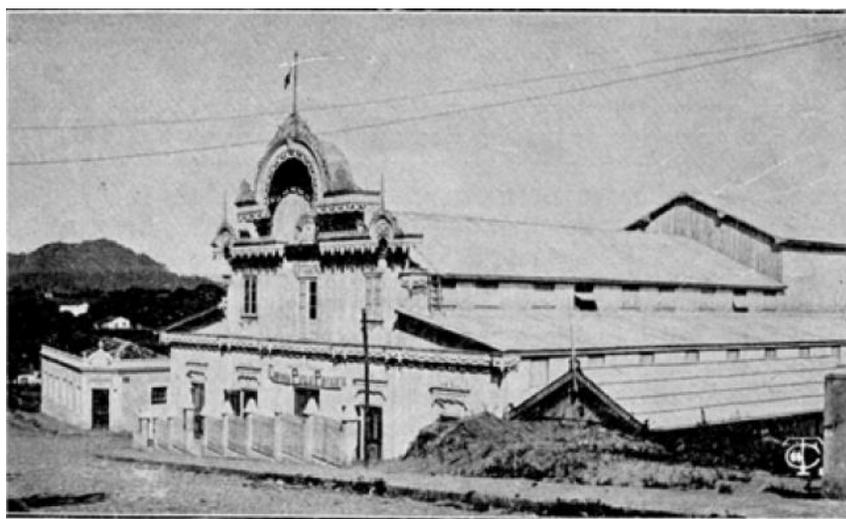
2.2.1 Moralização do futebol em ambientes públicos

“A policia administrativa prendeu hontem, um bando de menores que se entregava ao jogo de foot-ball, nas proximidades do Coliseu”⁶⁹.

Essa nota é curta e breve, não há mais informações sobre quem eram os menores, quais seus nomes e nem qual foi exatamente o crime que cometeram para serem presos. Porém, uma questão podemos observar: em um determinado momento em Santa Maria no começo do século XX, praticar o futebol nas ruas centrais da cidade era caso de polícia. Mas afinal, quem eram os indivíduos, principalmente crianças, que diariamente apareciam nas páginas dos periódicos sendo julgadas e insultadas por simplesmente jogarem futebol nas vias públicas da cidade?

A imagem posterior é do famoso Cine-Theatro Coliseu Santamariense, onde o trecho do *Diário do Interior* citado informa que os menores estavam jogando pelas proximidades. Esse local era um dos únicos cinemas na época e ficava no centro de Santa Maria, na rua Ângelo Uglione, esquina com a Riachuelo. Ou seja, era um ambiente frequentado pelas elites da cidade e praticar o jogo da bola nos seus arredores não deveria ser bem-visto.

FIGURA 6 - Cine-Theatro Coliseu Santamariense



Theatro Coliseu Santamariense

Fonte: Revista Comemorativa do Primeiro Centenário da Fundação da Cidade de Santa Maria, 1914.

Vimos no começo desse capítulo que gradualmente o futebol foi conseguindo seu espaço na cidade, sendo a década de 1920 seus anos mais promissores. Porém, como veremos agora, por ser um considerado um esporte da modernidade, algumas pessoas achavam que ele

⁶⁹ *Diário do Interior*, 27 de outubro de 1928. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno XVII. AHMSM.

deveria ser restrito a poucos ou não praticado em ambientes públicos, apesar de não existir um lugar próprio na cidade para que isso fosse feito.

Luis Fernando Veríssimo, escritor gaúcho, escreveu uma crônica bem humorada e verdadeira sobre o tema, chamada "Futebol de Rua", explicando as “regras oficiais” desse tipo de futebol, caso elas existissem. Com alta dose de ironia, comenta sobre os vários tipos de bolas, as traves, o campo de jogo, o tempo das partidas, a formação dos times, o juiz, as interrupções, as penalidades, a tática, o intervalo, a justiça esportiva. Chamou-me atenção na crônica, quando o autor cita como se configura o campo desse tipo de futebol: “O campo pode ser só até o fio da calçada, calçada e rua, calçada, rua e a calçada do outro lado e – nos clássicos – o quarteirão inteiro. O mais comum é jogar-se só no meio da rua” (VERISSÍMO, 1982, p. 64).

No início de sua crônica, Luis Veríssimo afirma que os homens brasileiros saberiam do que ele está falando. Entendemos o recorte de gênero, pois infelizmente, são eles que foram socializados com a bola e o futebol. Porém, isso não quer dizer que mulheres não tenham passado por essa experiência de jogar futebol no campinho ou na rua (eu mesma já passei) e também que não entendam sobre os regulamentos informais desse futebol. O campo do futebol de rua é amplo, aberto, não há regras bem definidas, é diverso e plural. Há uma certa facilidade em transformar absolutamente qualquer espaço em um campo de futebol, incluindo as ruas, praças e terrenos baldios. E em alguns lugares esse era justamente o problema.

Já apresentamos um panorama sobre a cidade de Santa Maria, além de explicar sobre como funcionava alguns aspectos da moralidade, códigos de conduta e comportamento presentes. Nessa década de 1920, estava acontecendo praticamente uma campanha contra o futebol praticado na rua e a propagação dela aconteceria através da imprensa. O que era motivo de prisão, detenções e reclamações nos periódicos da época, foi e ainda é, uma prática comum e feita por diversas crianças, jovens e adultos no país inteiro. Podemos compreender essa prática de detenção e criminalização de menores de idade jogando futebol na rua de Santa Maria no começo do século XX, quando observamos o contexto, fazendo ligações com outras fontes e materiais.

De todas as edições pesquisadas dos jornais de Santa Maria, *O Castilhistas* foi onde mais encontramos referências a criminalização do futebol praticado em vias públicas. Criado em 1925, possuía um viés político bem firme e ideias conservadoras. Foi dirigido por Felisbino Monteiro e era grande apoiador e divulgador de Getúlio Vargas (RIBEIRO, N., 1992). Seria impossível citar todas às vezes que esse tipo de prática foi duramente criticada no periódico, por isso destacarei e interpretarei somente algumas delas. Essas são fontes importantes para entendermos como funcionou na cidade a moralização do futebol.

Em um primeiro momento, percebemos que as reclamações além de serem destinadas às pessoas que praticavam o esporte na rua, também eram referentes ao futebol em si. Então, assim como aconteceu em outros lugares do Brasil, em Santa Maria, haviam representantes não oficiais da “Liga Brasileira contra o futebol” criada por Lima Barreto. O esporte era chamado de “pernicioso”⁷⁰, “intolerável”⁷¹, “estupido e brutal desporto bretão”⁷², entre outras alcunhas nada positivas. É característico dessas notas não terem identificação, então não sabemos os nomes de quem foram as pessoas que escreveram e quais seus interesses em serem contra o futebol. Porém, como essas palavras eram direcionadas ao futebol jogado na rua, podemos aferir que, na verdade, eles eram contra esse tipo de futebol em si, pois consideravam que ele não era “bom” e “bonito” o bastante para a dinâmica da cidade.

Antes de continuar analisando as notas, uma observação: “A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir” (LUCA, 2005, p. 140). Se haviam pedidos incessantes para as autoridades tomarem atitudes ou muitas notas criticando o futebol jogado na rua, era porque essa era uma questão daquele momento. As notas são em sua maioria dos anos de 1926 a 1928, e essa era uma forma de engajar e conduzir os leitores para aquele tema em específico, querendo obter respostas. Assim, atingiam seu público e, segundo outra nota de *O Castilhistas*, os próprios habitantes da cidade e leitores do jornal entravam em contato com o impresso para reproduzirem suas reclamações e fazerem suas vozes serem ouvidas sobre o tema⁷³.

As autoridades policiais eram clamadas a todo momento para acabar com a prática na rua. Quando agiam, eram elogiadas e aplaudidas, porém, quando não tinham um pulso firme recebiam críticas pesadas. No fim, essas pessoas queriam e exigiam que alguma medida fosse tomada contra esse futebol: “(...) É preciso, quanto antes, tomar-se medidas urgentes em bem da ordem, do socêgo publico e do respeito á lei (...)”⁷⁴. Antes eram apenas repreensões nas colunas dos jornais, mas depois essas denúncias se transformaram em ações mais repressivas, incluindo com prisões dos “menores” e das bolas.

Agora, porém, folgamos em registrar que o cap. Adolpho Hausen, chefe da policia de costumes, por isso que é sub- intendente do 1.º districto, em obdiecias ás ordens do Sr Intendente do municipio, nosso digno conterraneo e amigo, Snr. Celso Penna de Moraes, **mandou prohibir taes irregularidades**, medida essa que tem merecido francos aplausos, como era de prover⁷⁵.

⁷⁰ *O Castilhistas*, 23 de julho, 1927. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II. AHMSM.

⁷¹ *O Castilhistas*, 10 de setembro, 1927. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II. AHMSM.

⁷² *O Castilhistas*, 23 de julho, 1927. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II. AHMSM.

⁷³ *O Castilhistas*, 23 de julho, 1927. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II. AHMSM.

⁷⁴ *O Castilhistas*, 23 de julho, 1927. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II. AHMSM.

⁷⁵ *O Castilhistas*, 23 de julho, 1927. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II. AHMSM. (Grifo meu).

Percebemos que as autoridades policiais eram responsáveis pela segurança nos jogos de futebol, como vimos com relação à violência que acontecia nos gramados, e também para coibir os jogos nas ruas⁷⁶.

Como citado, o meu interesse em pesquisar nos jornais hegemônicos de Santa Maria, em um primeiro momento, foi apenas de perceber se os clubes negros eram ou não citados. Porém, ao longo das leituras, página por página, era impossível ignorar as seguintes notas que me saltaram aos olhos:

*“Não são poucas as vezes que temos fallado sobre o abuso de **menores ociosos** que vivem a jogar football nas ruas (...)”⁷⁷*

*“Em nossa passada edição, mais uma vez tivemos oportunidade do profligar o procedimento de grande numero de **menores, vagabundos**, que vivem a jogar futebol e commetter outras artes prejudiciaes pelas nossas ruas e praças, sem que fossem tomadas providencias indispensaveis sobre o caso (...)”⁷⁸*

*“(...) Agora, esse costume de **rapazes desocupados**, recomeçou com o maior pouco caso possivel pela acção dos agentes encarregados desse serviço. Voltam as mesmas malandrices de sempre. Os **moléques vagabundos**, em promiscuidade com meninos de familia, passam dias inteiros entregues á seducção desse vicio, que é, incontestavelmente, a porta aberta para a pratica de todos os outros (...)”⁷⁹*

*(..) Ultimamente, o largo da finada Avenida Ipiranga, tem sido o ponto preferido por uma malta de **gurys desocupados** que ahi passam os dias no glorioso afan de treinar com o pé na bola (...)”⁸⁰*

Não encontramos imagens para ilustrar essas crianças jogando futebol nas ruas de Santa Maria, por isso utilizaremos uma fotografia registrada na revista *Mascara*, da capital Porto Alegre. Com o título “O foot-ball nas ruas”, a reportagem que acompanha a imagem, reclama

⁷⁶ Em “Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938”, Leonardo Afonso Pereira discute sobre os conflitos envolvendo os jogos de rua e as forças policiais no Rio de Janeiro.

⁷⁷ *O Castilhista*, 23 de julho, 1927. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II. AHMSM. (Grifo meu).

⁷⁸ *O Castilhista*, 23 de julho, 1927. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II. AHMSM. (Grifo meu).

⁷⁹ *O Castilhista*, 10 de setembro, 1927. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II. AHMSM. (Grifo meu).

⁸⁰ *O Castilhista*, 23 de julho, 1927. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II. AHMSM. (Grifo meu).

da mesma forma dos “menores” sem ocupação que iam para as vias centrais jogarem futebol. Também pedem ajuda para que a polícia tome alguma atitude contra tais atos. “(...) A rua da Praia e adjacencias, senhores e guardas municipais ou chefes dos referidos, deve ser expurgada desse abuso que só em Porto Alegre se verifica (...)”⁸¹.

Com toda certeza era de desconhecimento do autor da matéria que esse fato que ele caracteriza como “abuso” acontecia em tantas partes do Brasil, com as mesmas reclamações, ou seja, tais práticas não eram exclusividade de Porto Alegre ou Santa Maria. Raphael Rajão Ribeiro (2020) e Daniel Amaral (2020) percebem esses acontecimentos em Minas Gerais, até mesmo no interior, Leonardo Afonso Pereira (2000) no Rio de Janeiro e Ricardo Pinto dos Santos (2020) para Salvador.

FIGURA 7- Crianças jogando futebol na rua em Porto Alegre, 1918



Fonte: *Mascara*, 28 de agosto, 1920. Porto Alegre. Ano III. Número XII. Hemeroteca Digital Brasileira.

Sim, percebemos que o futebol praticado na rua era criminalizado na cidade e alvo de ataques diretos na imprensa hegemônica. Na leitura de trabalhos que pesquisam ou tangenciam sobre o tema⁸², notei a falta de um recorte racial, ou seja, comentavam sobre como esse futebol

⁸¹ *Mascara*, 28 de agosto, 1920. Porto Alegre. Ano III. Número XII. Hemeroteca Digital Brasileira.

⁸² Raphael Rajão Ribeiro (2007) e Daniel Amaral (2020) afirmam que essa prática de jogar futebol na rua foi comum em diversos outros municípios do interior de Minas Gerais. Da mesma forma, haviam reclamações nas páginas dos jornais das cidades chamando os praticantes de vagabundos e derivados, porém os autores não investigam ou problematizam a questão racial em seus trabalhos.

jogado na rua era criminalizado em diversos lugares do país, mas não problematizavam quem eram essas crianças, como se elas não tivessem cor ou classe social. Porém, a luz do recorte racial que proponho fazer nesse trabalho, podemos pensar sobre tal situação.

A evidência que encontramos foi compartilhada pela colega Alícia Quinhones Medeiros, e é a fonte dos Boletins da congregação da Escola São Miguel de Santa Maria, uma escola confessional marista que chegou na cidade no começo do século XX. Em busca de novos alunos e "preocupados" com a infância carente da cidade, os professores maristas passaram a buscar interessados que quisessem ingressar na escola e a estratégia que encontraram foi a de bater de porta em porta nas casas das famílias para que elas fossem realizar as matrículas das crianças. Porém, eles não obtinham respostas, poucas matrículas foram feitas e não havia tanto comparecimento nas aulas. Então, nos boletins da congregação, documentos oficiais da escola, diziam que não havia interesse porque as crianças eram "**pequenos vagabundos das ruas**" e "**esgarrados e vadios**" (AZZI, 1999).

Sendo assim, resolveram se aproximar através de um método que chamasse a atenção e segundo eles "a bola foi o chamariz". Dessa forma, houve um aumento de inscritos e a frequência nas aulas aumentaram:

As aulas eram ministradas dentro do próprio colégio Santa Maria. Assim sendo, todas as tardes após as 17 horas o **batalhão de pretos** invade o pátio para o futebol. Seguem-se as aulas de catecismo, leitura e cálculo. Tão bem corresponderam estes alunos, de 7 a 24 anos, aos esforços dos professores, que em quatro meses apenas se conseguiu preparar uma turma de 51 para a primeira comunhão⁸³.

Ou seja, aqueles "pequenos vagabundos das ruas" e "esgarrados e vadios" eram os mesmos "batalhão de pretos" que invadiam o pátio para jogar o futebol. Juntando o interesse de converter aqueles jovens, havia um tom acusatório e julgador sobre aqueles menores que somente foram frequentar as aulas quando foi oferecida uma prática de lazer que estava se construindo naquele momento. Possivelmente, vendo aquelas crianças negras praticando o futebol nas ruas da cidade, foi estratégica a tentativa dos maristas de ter "a bola como chamariz" e assim conseguirem matrículas e frequência, mesmo que antes estivessem utilizando termos pejorativos para definir as mesmas crianças.

Segundo as pesquisas de Alícia Quinhones Medeiros (2021, p.60) essa escola tinha seu funcionamento na parte da noite (das 5 às 7 p.m.) e possuía, justamente, como público principal os "meninos de côr". Mas apesar do que os boletins da congregação davam a entender, a

⁸³ Bulletin, v. VIII, 1914. In: AZZIL, Ronaldo. História da Educação Católica no Brasil. Contribuição dos Irmãos Maristas. São Paulo: Secretariado Interprovincial Marista, v.3, 1999, p. 300-302. (Grifo meu).

pesquisadora visualiza o espaço escolar como um lugar também ocupado, vivido, formado e frequentado por crianças, jovens e adultos negros e negras em Santa Maria. Além disso, cita outras iniciativas negras na educação da cidade, como uma escola planejada pela Sociedade Beneficente e Religiosa Irmandade do Rosário e a biblioteca existente na sociedade negra, Clube Social Treze de Maio. Demonstrando que a população negra santamariense tinha sim interesse pelas letras e por aprender as instruções.

Grifei nos recortes anteriores todos os momentos em que os indivíduos que jogavam futebol na rua eram chamados de "vagabundos", "vadios" e derivados pela imprensa. Por serem descritos como moleques, guris e, principalmente, de menores, aferimos que se referiam a crianças. Sendo assim, precisamos pensar: O que é ser menor nesse momento? O que, na verdade, aqueles discursos da imprensa queriam dizer?

Dois trabalhos que abordaram sobre questões relacionadas à infância em Santa Maria, foram os de Lisiane Ribas Cruz (2017) e Felipe Farret Brunhauser (2018). Lisiane Cruz (2017) em sua dissertação "A infância abandonada é a semente do crime - O julgamento de menores pela comarca de Santa Maria (1910-1927)" analisou como se construiu a imagem do "menor infrator" nesse período do Brasil e quais eram os significados atribuídos a esses menores nos julgamentos dos processos-crime da Comarca de Santa Maria da Boca do Monte no período entre 1910 e 1927. Brunhauser (2018) procurou investigar a relação de crianças e jovens pobres com o mundo do trabalho e o cotidiano popular no processo de urbanização de Santa Maria, nas primeiras décadas do século XX. As duas pesquisas não focam em questões raciais, mas ajudam a traçar um perfil social dos jovens e crianças da cidade no período em questão.

Lisiane Cruz (2017) afirma que, com ajuda da imprensa, a expressão "menor" se transformou em palavra corriqueira e, em muitas vezes, era utilizada para designar crianças e jovens infratores. Os significados atribuídos a esse termo são variados. Poderia ser tanto utilizado para se referir à idade limite da responsabilidade penal, quanto para indicar criança ou jovem em situação de abandono, ou delinquência. No caso da pesquisa citada, o sistema judiciário de Santa Maria utilizava esse termo para designar crianças e jovens em situação de abandono ou criminalidade, ou seja, o uso do termo menor em um sentido pejorativo, assim como nas citações dos jornais grifados se referindo ao futebol na rua. Segundo Pesavento (2009), pessoas jovens, não-brancas e sem trabalho definido eram vistas como possíveis criminosos nesse período.

Brunhauser (2018) conseguiu perceber, através dos livros de registro de enfermos do Hospital de Caridade Astrogildo de Azevedo (HCAA), que a inserção no mundo do trabalho

por parte de menores das camadas empobrecidas ocorria, em diferentes tipos de trabalho, aproximadamente, a partir dos 12 anos.

A presença de jovens e crianças nos centros urbanos (...) era algo certamente corriqueiro e pouco perturbador numa cultura acostumada a vê-los como ajudantes e aprendizes. A imagem de garotos e rapazolas indo e vindo pelas ruas da cidade ou crivando alguns locais de interesse lúdico não causavam desconforto àquela sociedade (CESAR, 2020, pg. 387).

Esses jovens se estivessem inseridos no mundo do trabalho ou encarcerados, certamente não causariam espanto aos seus contemporâneos. Mas já que estavam desfrutando de um momento de lazer, jogando futebol na rua, iam contra os objetivos da elite e do poder público da cidade que queria se ver moderna, civilizada e urbanizada. Esse futebol, definitivamente, não se encaixava com o da visão ideal do esporte que grupos hegemônicos e da elite gostariam.

Através das denúncias nos jornais e do poder público, queriam ter um controle e discipliná-los, justamente os chamando de vagabundos e vadios em contraponto a quem trabalhava. Apesar de considerarmos "precoce", na época as crianças no mundo do trabalho era algo comum, pois o trabalho era também sinônimo de dignidade, nobreza e visto de forma positiva (CHALHOUB, 2001). Sendo esse, inclusive, argumento de juristas para inocentar jovens infratores (CRUZ, 2017).

Chama atenção a notícia que abre esse subcapítulo, sobre menores terem sido presos pela polícia administrativa após serem pegos jogando futebol no centro da cidade, que ela é uma nota pequena, no canto da página do jornal e de poucas linhas. A complementação dela apenas diz que: "Vão ser tomadas idênticas medidas contra todos os menores e adultos que perambulam pela cidade, sem ocupação"⁸⁴. Apesar de ser uma nota curta, esse acontecimento ter virado uma notícia já significa algo, pois pelas reclamações o assunto era de interesse público e, como diz Tania Regina de Luca (2008, pg. 140), é "preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa".

A motivação principal já sabemos: aqueles menores na rua eram considerados uma ofensa a moral e civilidade que a cidade estava se propondo ter. Além disso, ainda eram considerados um problema para parte da população moradora do centro. A polícia era a encarregada de manter e garantir a ordem da cidade, nem que para isso tivesse que ser violenta e repressora. As notas publicadas nos jornais eram enfáticas em pedir ajuda e mais pulso firme dos interventores e da polícia.

⁸⁴ *Diário do Interior*, 27 de outubro de 1928. Santa Maria, Rio Grande do Sul. AHMSM.

É importante olharmos para essa nota com uma atenção especial, por mais um motivo. Afinal: Para qual lugar será que esses menores foram levados? Será que ficaram por muito tempo? Era realmente proibido jogar futebol na rua? Infelizmente não temos as respostas para todas essas perguntas, mas podemos levantar hipóteses.

Ao contrário do que ocorreu em Curitiba, cidade em que houve proibições explícitas nos códigos de posturas quanto a jogar futebol na rua⁸⁵, os de Santa Maria não traziam em seus artigos alguma proibição específica sobre o futebol e vias públicas. Porém, algumas outras normas demonstram proibições que dialogam com as recriminadas pela imprensa. Por exemplo, pelo capítulo terceiro do código de posturas de 1913⁸⁶, algumas coisas que eram proibidas: "Arrancar ou danificar, árvores, arbustos, ou flores plantadas nas praças, nas ruas e lugares públicos"; "Danificar ou apagar combustores de iluminação pública; "Fazer alaridos, dar apitos e gritos...".

E são exatamente essas situações que as notas da imprensa da cidade diziam que os "menores" faziam nas ruas: "a bola de futebol (...) foi de encontro aos fios de iluminação pública, deixando as vizinhanças às escuras e prejudicando o trânsito"⁸⁷; ou "lampadas quebradas, árvores desgalhadas, vidracas esphaceladas, tornaram-se tão comuns nesta avenida"⁸⁸; e ainda "os bicos de iluminação pública estão sendo quebrados com a grande pelóta, que è jogada à enorme altura"⁸⁹. Ou seja, todas essas atitudes se encaixavam com as proibições dos códigos.

Refletindo sobre a detenção dos "menores", Cruz (2017) percebeu que os considerados infratores em Santa Maria, nesse período, quando presos de forma provisória, eram mantidos nas celas da delegacia da cidade, essas que enfrentavam problemas pela super lotação, além de não serem espaços adequados. Nas análises dos processos-crime, muitos dos réus menores de 21 anos, eles eram acusados de delitos graves, como defloração, homicídio, estupro, entre outros. Possivelmente, os menores que estavam jogando futebol e foram presos, podem ter passado por uma prisão temporária. No entanto, por abuso de poder também poderia ter acontecido algo pior do que isso. Infelizmente, não sabemos.

⁸⁵ Jhonatan Uewerton Souza (2015) afirma que para combater a vadiagem e distúrbios que os praticantes de futebol estavam colocando no centro da cidade, o poder público se utilizou dos códigos de postura em 1913 para proibir os jogos de futebol através das "Instruções para o Trânsito de Vehiculos" e, mais tarde, 1919, essa proibição ganhou status de lei municipal.

⁸⁶ Coletânea da Legislação Municipal de Santa Maria, Volume III, 1910-1913. Of. Graf. do Globo: Porto Alegre.

⁸⁷ *Correio da Serra*, 29 de maio, 1926. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno IX. AHMSM.

⁸⁸ *O Castilhistas*, 23 de julho de 1927. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno X. AHMSM.

⁸⁹ *O Castilhistas*, 23 de julho de 1927. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno X. AHMSM.

Em Santa Maria, Cruz (2017) afirma que alguns dos processos crimes solicitavam as descrições físicas dos réus julgados, incluindo os menores. Percebemos um viés nitidamente racista, pois os negros, aos olhos dessa Antropologia Criminal de Cesare Lombroso e seus seguidores, eram considerados menos desenvolvidos⁹⁰. No fim, “O crime e a desordem passavam a ter cor e situação social definidas” (PESAVENTO, 1989, p. 147).

Esses eventos evidenciavam que as relações entre o futebol e a cidade não ocorriam de forma linear e são bastante complexas. Enquanto, quando do seu início, haviam notícias positivas sobre o esporte, notas sobre clubes sendo criados, também haviam as críticas sobre o futebol praticado na rua.

O espaço das ruas e avenidas, segundo as notícias, foi sendo cada vez mais apropriado pelo jogo da bola e estava cada vez menos tolerado por parte da população. Ações repressivas estavam sendo tomadas: apreensão das bolas e até prisões dos praticantes. Como já citado, não era bem esse o futebol que se pensava para a cidade, pois as crianças não tinham as bolas e chuteiras vindas de outro país, nem uniformes ou instrumentos adequados e esse fato era incômodo, pois isso era considerado:

(...) uma forma inferior de jogar futebol. Ou seja, quando não praticado nos devidos moldes definidos pela elite, ou pelo grupo de dirigentes que organizavam os clubes e ligas, havia um comprometimento moral da prática por parte daqueles que corrompiam o jogo com as suas novas formas de jogar (PINTO, 2020, pg.94).

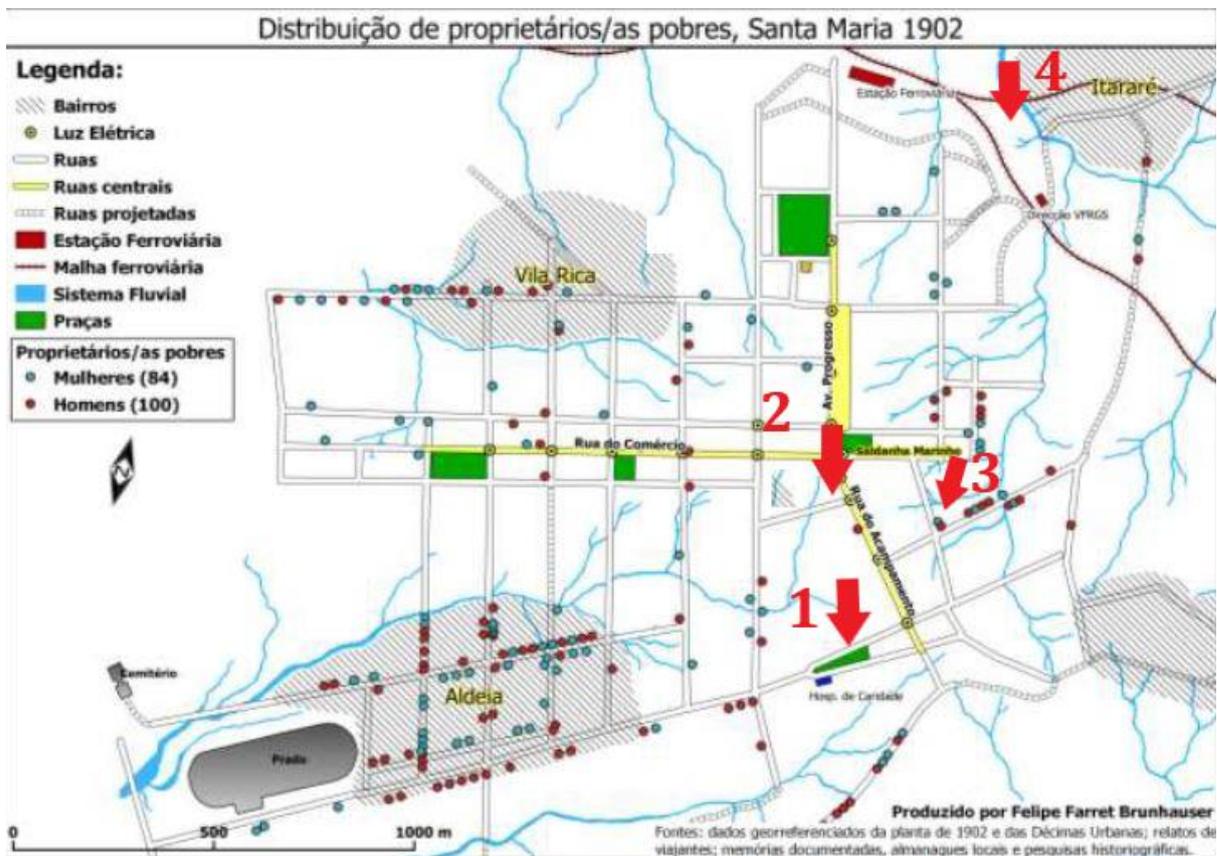
Mas, pensando na cidade e no espaço: que lugares eram esses exatamente que as pessoas exerciam a prática? Será que conseguimos identificá-los? Pensemos agora sobre a espacialidade de Santa Maria.

As apropriações de espaços não destinados à atividade esportiva eram, além do meio das ruas, as praças centrais, que também eram ocupadas com o jogo da bola. Estas eram as causas de insatisfação nos periódicos. No caso das praças, consideravam este espaço destinado à tranquilidade e ao lazer, sendo tudo o que crianças jogando futebol pareciam não representar.

Os espaços públicos citados nos jornais foram: próximo à linha férrea da fronteira; a Avenida Ipiranga, essa citada mais de uma vez; a rua José Bonifácio entre a Acampamento e General Neto e as proximidades do Coliseu. O que a maioria desses lugares tem em comum? Se localizavam em volta da parte central da cidade.

⁹⁰ A Antropologia Criminal “procurava mostrar a existência de um tipo humano destinado ao crime e estigmatizado por sua organização morfológica defeituosa” (PESAVENTO, 2003, p. 58).

FIGURA 8 - Localização dos lugares onde os impressos diziam haver jogos de futebol, no mapa de 1902, a partir de Brunhauser (2021, p. 6).



Fonte: Brunhauser (2021, p. 6). Marcações adicionais feitas por mim.

Esse mapa foi realizado por Felipe Farret Brunhauser (2021) e faz parte de sua pesquisa de mestrado, em andamento, sobre as lutas por moradia de populares, em Santa Maria, nos anos finais da escravidão e imediato pós-Abolição. As fontes usadas para construir o mapeamento são diversas e cruzadas com elementos que estavam dispersos em diferentes lugares, ajudando assim a entender a distribuição espacial da cidade. Através das décimas urbanas, correspondências, concessão de terrenos urbanos, atas e cobranças de impostos, o pesquisador conseguiu perceber em quais lugares os populares de Santa Maria habitavam, sinalizado no mapa através de pontos vermelhos (mulheres) e azuis (homens). Assim, a análise demonstrou que essas moradias tinha um grande protagonismo de mulheres pobres e se concentravam, em sua maioria, no Bairro Aldeia e Vila Rica, espaços reconhecidamente negros.

Resolvemos utilizar esse mapeamento e através de setas indicar onde, aproximadamente, eram realizados esses jogos de futebol que causavam tamanhas ofensas, nas ruas ou em praças. Essa é uma tentativa de aproximação para identificar e contextualizar esses

locais. Sei que eles não são completos e nem dizem a área exata, mas acredito ser válido para pensarmos o impacto e marcas do futebol jogado na rua.

As partes marcadas em amarelo no mapa são considerados os centros urbanos da cidade: Rua do Comércio, Rua do Acampamento e Av. Progresso e as áreas verdes são as praças.

- Seta número 1: Avenida Ipyranga⁹¹: Localizamos ela mais próxima do Hospital de Caridade, por ali existir uma praça pública, área verde, e esse ser um dos argumentos das notas encontradas, pois os jogos aconteciam no local onde deveria ser um “bella pracinha”.
- Seta número 2: Rua José Bonifácio, entre a Acampamento e General Neto⁹²: “A bola de futebol que utilizam esses menores foi de encontro aos fios de iluminação pública, deixando as vizinhanças às escuras e prejudicando o transito”. O trecho da nota é referente a esse local, sendo que uma das maiores preocupações era com a iluminação pública, constantemente afetada pelas bolas de futebol. Justamente nas proximidades desse local há luz elétrica, como demonstrado no mapa. Com relação ao trânsito, também prejudicado e motivo de preocupação, ele estava em transformação na cidade, aumentando o número de veículos conforme os anos⁹³.
- Seta número 3: Proximidades do Coliseu⁹⁴: Como citado, localização onde menores foram presos por praticar o esporte e um importante lugar da sociabilidade da elite de Santa Maria.
- Seta número 4: Próximo à linha férrea da fronteira⁹⁵: Um lugar específico em Santa Maria, que escapava desse centro da cidade, e é citado como tendo uma “canha de futebol”, é nos terrenos do chamado Sr. Bortholo. Segundo a nota, o espaço ficava próximo a “linha férrea da fronteira”, ou seja, nas mediações da estação ferroviária, um espaço já considerado fora do centro da cidade na época. Porém, nitidamente a questão nessa nota não é a perturbação dos jogadores com o espaço público, mas sim com os “desocupados”, de diferentes idades, que frequentavam o lugar. Mesmo deixando explícito que o dia mais frequentado era aos domingos, o autor da nota não hesita em dizer que as autoridades deveriam “acabar com tão perigoso campo de atletismo”.

Não encontramos nesses jornais de Santa Maria alternativas de qual espaço essas pessoas deveriam tornar seu campo futebol, ao contrário do que acontece na reportagem da

⁹¹ *O Castilhistas*, 23 de julho, 1927. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II. AHMSM.

⁹² *Correio da Serra*, 29 de maio, 1926. Santa Maria, Rio Grande do Sul. AHMSM.

⁹³ *Correio da Serra*, 22 de dezembro, 1927. Santa Maria, Rio Grande do Sul. AHMSM.

⁹⁴ *Diário do Interior*, 27 de outubro, 1928. Santa Maria, Rio Grande do Sul. AHMSM.

⁹⁵ *Sul Brasil*, 5 de dezembro, 1928. Santa Maria, Rio Grande do Sul. AHMSM.

revista *Mascara*, Porto Alegre, já citada. Nela é bem explícita o lugar em que queriam ver os praticantes do futebol: “temos a **varzea** e os **arrabaldes** onde os moleques se pódem divertir á vontade sem perturbar a vida urbana”⁹⁶.

As preocupações eram muitas, com as luzes, janelas, casas, árvores, pessoas e até mesmo com o trânsito da cidade⁹⁷ que estava em configuração nesse momento, apesar dos veículos serem proibidos de andar em velocidade maior que 6 ou 12 quilômetros por hora em algumas ruas (RODRIGUES, 2021). Mas ao fim e ao cabo, sabemos que essas críticas gostariam apenas de afastar essas pessoas, pois achavam que esses lugares eram seus e não poderiam ser invadidos por indivíduos de outros lugares, pobres ou negros. Percebemos esse fato em uma nota de reclamação em específico⁹⁸, que denotam palavras possessivas, como se fossem donos do espaço. O escritor anônimo diz esperar que a “**nossa** Avenidada Ipiranga” possa voltar a ser um lugar de calma que “ha tempo não **possuimos**” desde que aquele espaço havia virado um lugar para se jogar futebol.

Praticar o futebol nas ruas e praças centrais era um problema. Mas nos lugares mais afastados, como nas proximidades da linha férrea, também era. Afinal, onde eles achavam que pessoas iriam praticar o esporte?

A prática do futebol na rua foi comum para muitos meninos negros, tendo eles sido jogadores profissionais ou não. Marcel Tonini (2010) em sua dissertação em que pesquisa sobre a história de vida de futebolistas negros brasileiros teve uma resposta praticamente unânime sobre o local em que os jogadores tiveram seu primeiro contato com a bola na infância: nas ruas, terrenos baldios, pátios. Tendo sido esse também um espaço importante para a socialização das crianças.

Essas foram algumas escolhas e ações responsáveis pelas transformações do futebol em Santa Maria. Intimamente ligadas ao racismo e a modernidade, essas escolhas e ações interferiram no desenvolvimento do futebol na cidade, tendo ela autonomia no processo de construção do seu futebol.

Ricardo Pinto dos Santos (2020) faz um estudo comparativo entre as experiências de Salvador e Porto Alegre, duas capitais que também possuem o futebol como elemento modernizador. O objetivo do autor era perceber como as cidades desenvolveram esse futebol sem compará-las ao eixo Rio-São Paulo. Esse desenvolvimento possui algumas semelhanças, mas diversas especificidades. Realizei o exercício de pensar também, comparativamente, como

⁹⁶ *Mascara*, 28 de agosto, 1920. Porto Alegre. Ano III. Número XII. HDBN..

⁹⁷ *Correio da Serra*, 29 de maio, 1926. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno IX. AHMSM.

⁹⁸ *O Castilhistas*, 23 de julho, 1927. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno X. AHMSM. (Grifo meu).

Santa Maria teria se encaixado nesse processo. Será que ela seria representada por sua capital Porto Alegre ou teria também sua especificidade? E a resposta é que, na verdade, é uma mistura das duas experiências. Porque assim como havia um silenciamento sobre o futebol das camadas populares igual fazia a imprensa de Porto Alegre, como logo veremos, também havia uma certa representação. Ainda que negativa, representava-se um futebol fora do eixo das elites, assim como ocorria em Salvador. Isso demonstra a importância de olharmos para cada cidade e entender como o futebol e o racismo se desenvolveram nela, não tentando aplicar experiências para o todo.

2.2.2 O caso Oreco

A segunda consideração sobre possíveis discriminações raciais em clubes de futebol em Santa Maria é sobre um caso ocorrido anos depois da criação dos dois clubes negros aqui pesquisados, mas achamos importante analisá-la dentro do contexto em que ela aconteceu.

O caso ocorreu em 1945, nada mais nada menos do que com Waldemar Rodrigues Martins, mais conhecido como Oreco, jogador negro que disputou e foi campeão com a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1958 ao lado de grandes nomes como Pelé e Garrincha. Apesar de não ser de conhecimento geral, Oreco é natural de Santa Maria, nascido no ano de 1932, filho de Waldemar Alves Martins, funcionário da Viação Férrea e Eva Rodrigues Martins, teve mais 6 irmãos. Oreco casou com Maria Eloah Soares Martins em Porto Alegre, tiveram dois filhos, Waldemar e Valdir (LUZ, 1994).

Sua estreia no profissional aconteceu no ano de 1949 no Esporte Clube Internacional de Santa Maria, disputou 28 partidas pelo clube, se destacando em todas elas. Ele experimentou várias posições, chamado de versátil, foi zagueiro, lateral direito, ponta esquerda, centromédio, mas profissionalmente firmou-se como lateral-esquerdo. Convocado pela Seleção Brasileira, atuou 11 vezes com a camiseta canarinho, tendo também sido campeão do Pan-Americano no México em 1956 (LUZ, 1994).

Além de ter jogado pela Seleção Brasileira, Esporte Clube Internacional de Santa Maria, Sport Club Internacional de Porto Alegre, Sport Club Corinthians Paulista em São Paulo, também teve passagens pelo México, Colômbia e os Estados Unidos, falecendo em 1985 aos 52 anos de um ataque cardíaco, praticando o esporte que tanto lhe trouxe sucesso.

Nas palavras do próprio Oreco, em entrevista ao *Jornal do Dia* (RS), ele diz que considera ter se tornado profissional no Sport Club Internacional de Porto Alegre, em 1950⁹⁹. Apesar disso, existem fichas de inscrição de clubes de Santa Maria, como no E. C. Internacional e do Riograndense F.C, em que Oreco era considerado não-amador e recebia pelo seu trabalho como jogador, apresentando aí uma profissionalização (LUZ, 1994). Quando o Internacional, da capital Porto Alegre, comprou Oreco seu valor foi de cinco mil cruzeiros e mais a construção de um muro de cinco metros no estádio Presidente Vargas, casa do clube. Temos aqui, no ano de 1950, o exemplo de um atleta negro no interior do Rio Grande do Sul sendo negociado para um grande time da capital, em uma transação que envolvia dinheiro e bens materiais.

O livro de Candido Otto da Luz (1994) é o primeiro que apresenta um pouco da história de vida de Oreco, jogos, passagens pelos clubes de futebol, entrevistas com familiares, várias fotografias e outros documentos. Também temos a pesquisa de Nara Ilha Rodrigues (2019) que analisou o processo de esquecimento/invisibilidade da trajetória de Oreco em Santa Maria e, através de um questionário realizado com alunos de uma escola pública Estadual, localizada próximo ao ginásio que recebe o nome do jogador na cidade, pode-se constatar o apagamento da memória do mesmo.

A questão que queremos destacar, além da trajetória brilhante do atleta santamariense, é que antes de alçar esses voos em grandes clubes, houve uma questão. Na cidade de Santa Maria, Oreco quase foi proibido de jogar em seu primeiro clube, o Esporte Clube Ideal¹⁰⁰ em 1945, quando tinha apenas 13 anos. O motivo? Ser negro. Quem conta sobre o ocorrido é Carlos Lopes, um dos fundadores do time:

"Oreco é um caso todo especial. Ele lutou muito para entrar no Ideal, pois **havia preconceito racial**, ou seja, havia **relutância em aceitar jogadores negros**. O capitão Leobaldo e sua esposa, dona Maria, **não queriam pretos no time**. A amizade com outros jogadores fez com que Oreco fosse se aproximando e, com o tempo, aceito no time. Inclusive morou muito tempo com o capitão e sua esposa, tão querido ele se fez de todos. **Foi o primeiro jogador negro a jogar no Ideal**. Depois, com o tempo, esse preconceito caiu e outros jogadores de cor entraram no time (...)" (LUZ, p.11, 1994). (Grifo meu).

Essa entrevista se encontra no livro de Candido Otto da Luz e, apesar de ser um trecho impactante, nada mais é dito sobre preconceito racial ou sobre as dificuldades que o Oreco teria enfrentado por ser negro e jogador de futebol, em Santa Maria ou em qualquer outro lugar. O Esporte Clube Ideal foi o primeiro clube oficial de Oreco. O time foi o primeiro pontapé para

⁹⁹ *Jornal do Dia*, 1 de março de 1957. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Anno X. HDBN.

¹⁰⁰ O Clube Ideal foi fundado em 1944, em um banco da Praça Saldanha Marinho por Carlos Lopes e Leobaldo Junior (LUZ, 1994, p. 11).

que um menino negro do interior do Rio Grande do Sul pudesse se tornar campeão do mundo pela Seleção Brasileira. Mas nitidamente há um silêncio sobre sua cor, sobre a discriminação e racismo ao qual tão novo ele teve que passar em seu primeiro clube como jogador.

Analisando o depoimento, percebemos que o fundador do time não fala em uma proibição explícita de jogadores negros, mas usa o termo “relutância” a fim de amenizar o racismo e a quase recusa do clube em aceitar Oreco. Além disso, ele não diz que o jogador foi aceito por suas habilidades com a bola, mas sim pelo seu carisma e amizade com as pessoas, incluindo com os que antes eram contra sua entrada. No Ideal, Carlos Lopes deixa nítido em sua fala que Oreco foi pioneiro enquanto jogador negro, tendo ajudado para que o “preconceito caísse” e outros entrassem no time.

Apesar de não deixar explícito, entendemos que essa “relutância” em aceitar negros acontecia em outros clubes de futebol da cidade na época, mas pelo depoimento não obtemos mais informações sobre o assunto. O que temos de informação por essa fonte é que seguindo os moldes de outros lugares, na cidade de Santa Maria também existiu a proibição, ou relutância, segundo suas palavras, de aceitarem jogadores negros no Clube Ideal.

Como esse é um caso que deixa explícita uma exclusão devido à cor, procuramos encontrar maiores evidências sobre sua existência, não com o intuito de colocar em xeque a palavra de Carlos Lopes, mas de ter maior base para o argumento. Assim, procuramos na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional¹⁰¹ o nome de Oreco e por ser um jogador conhecido com passagens em diversos clubes do país e do mundo, várias ocorrências foram ligadas ao nome dele, com relação a escalação dos jogos, notícias sobre as especulações de seu destino no futebol, algumas entrevistas. No entanto, nenhuma nota ou frase que citasse o jogador com questões raciais.

Nessas notícias dos jornais ele é constantemente elogiado e citado como “o médio santamariense, o mais completo jogador gaúcho em sua posição...”¹⁰² e “um dos melhores craques nacionais”¹⁰³. Em uma entrevista completa para o *Jornal do Dia (RS)*¹⁰⁴ o jogador é questionado sobre várias questões pessoais e profissionais, revelando sobre seu passado, presente e desejos de futuro no futebol. Ele reconhece seu início do Clube Ideal, mas não se estende em muitas informações sobre o time, sua passagem por ele ou questões raciais. Nessas

¹⁰¹ Os jornais procurados foram os do Estado do Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro.

¹⁰² *Jornal do Dia*, 10 de dezembro de 1956. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Anno IX. HDBN.

¹⁰³ *Jornal do Dia*, 4 de julho de 1958. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Anno XI. HDBN.

¹⁰⁴ *Jornal do Dia*, 1 de março de 1957. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Anno X. HDBN.

entrevistas ou notas sobre Oreco não há nada que lembre, ou faça referência, de que ele era um homem negro.

FIGURA 9 - Gravura de Oreco em um jornal



Fonte: *Jornal do Dia*, 14 de setembro de 1956.

Não que o próprio Oreco tivesse que se posicionar, falar sobre o racismo ou relembrar esse passado. Apenas procuramos investigar se tínhamos em suas entrevistas algum comentário seu sobre o caso em si ou algum outro¹⁰⁵. Até mesmo analisando o contexto já citado no primeiro capítulo sobre uma suposta democracia racial no futebol, não é surpresa estar diante de um silenciamento sobre o assunto em jornais hegemônicos da época, já que a ideia formada era de que vivíamos em uma harmonia racial no país e o assunto não era tão comum.

Falando ou não sobre o caso e questões raciais no futebol, Oreco fez história. Ele era um menino negro que saiu do interior do Estado e foi negociado a um clube da capital, que jogou em grandes times do Brasil e exterior e além disso, foi campeão da Copa do Mundo pela Seleção Brasileira em 1958 (sendo o único gaúcho da delegação) e merece ter sua trajetória visibilizada. Não basta um ginásio com seu nome se as pessoas do próprio bairro não conhecem a sua história, como comprovou a pesquisa de Nara Rodrigues (2019). O livro de Candido Otto

¹⁰⁵ Atletas negros de visibilidade são constantemente cobrados por seus posicionamentos políticos, principalmente com relação à questão racial. No Brasil, o maior exemplo é de Pelé, que se recusou a falar sobre racismo em grande parte da sua vida, amenizou alguns casos no futebol ou até mesmo negou que existisse.

Luz (1994) é em formato de homenagem por esse santamariense que não recebeu o destaque merecido na sua cidade natal.

Outras crianças e jovens negros, lembremos que Oreco tinha apenas 13 anos na época do ocorrido, podem ter sido impedidos de entrarem em alguns clubes de futebol da cidade e terem ido parar jogando nas ruas e praças, chamados de vadios e vagabundos, como demonstrado anteriormente. Sabemos que essa história de Oreco ocorreu anos depois da criação dos clubes de futebol aqui estudados e também que a informação sobre a discriminação é única, mas é significativo pensar que se nesse momento ainda havia uma certa proibição da aceitação de jogadores negros de futebol, quem dirá 20 ou 25 anos antes, quando os clubes aqui pesquisados foram criados?

2.2.3 Onde estavam os jogadores negros na criação dos principais clubes de Santa Maria?

Rivalidades. Alguns pensam que esse é um dos elementos essenciais no futebol. Afinal, que graça teria de torcer para um time sem outro clube pelo qual nutrir um sentimento antagônico? A rivalidade local de Santa Maria se concentra em dois times principais, Riograndense Futebol Clube (que chamaremos de Riograndense), criado em 1912; e o Esporte Clube Internacional de Santa Maria (que a partir desse momento chamaremos de Inter-SM) iniciado em 1928. Juntos eles protagonizaram por muitos anos o clássico Rio-Nal.

Atualmente, o Riograndense passa por uma fase de reestruturação e não possui mais seu time profissional de futebol masculino. Mantém somente atividades nas categorias de base. Já o elenco do Inter SM disputa a divisão de acesso do campeonato gaúcho profissional, a segunda divisão da principal competição de futebol do Rio Grande do Sul. Apesar de não se enfrentarem profissionalmente há alguns anos, a memória e a história dessa rivalidade continua presente pela importância que esses dois clubes tiveram na história do futebol da cidade¹⁰⁶.

Uma observação feita em todos os jornais analisados foi a de que o Riograndense tem um grande protagonismo nas notícias esportivas, com detalhes dos seus jogos, escalação do time, troca de diretorias. Enfim, há uma atenção especial e quase que única, entre os anos 1916 e 1936. Já a partir de 1928, o Inter SM entra na jogada como também um clube importante e bastante representado na imprensa. Essa interpretação do protagonismo das duas equipes é corroborada também por Richard Nozário Prestes (2019). Esse grande papel que os dois times possuíam no começo do século XX na cidade e a quantidade de materiais e trabalhos

¹⁰⁶ Otto Candido da Luz (2002), apresenta os principais jogos e conquistas de ambos os clubes, além das fichas dos primeiros 100 confrontos do clássico Rio-Nal, ocorridos entre 1933 e 1953.

acadêmicos ou memorialísticos sobre eles, é um dos motivos pela escolha dos mesmos para analisarmos a presença ou ausência de jogadores negros em seus elencos e formarmos hipóteses sobre essa inserção.

A pesquisa desta dissertação teve seu início pensando sobre a existência de dois clubes negros de futebol que faziam parte de uma rede negra da cidade de Santa Maria e que ainda não possuíam muitas informações sobre suas existências. Porém, pensar sobre esses clubes também é analisar o racismo no futebol santamariense e perceber de que forma ele se mostrou: teria sido por meio de impedimentos e exclusão?

Foi uma surpresa perceber que há uma cortina espessa ocultando o assunto na história da cidade. Ou seja, não se debate sobre questões raciais no futebol santamariense. Se não fosse o relato do quase impedimento de Oreco pelo Esporte Clube Ideal em 1945, caso citado anteriormente e que não foi problematizado na referida obra, não se teríamos quase nada de informação sobre.

Nos trabalhos de Candido Otto Luz, pesquisador memorialista sobre os clubes de futebol na cidade, que já lançou sete livros sobre o tema, não há maiores menções sobre conflitos raciais, exceto pelo do Oreco. A maioria de suas pesquisas foram realizadas em diversos documentos e periódicos de Santa Maria e região. Na leitura e procura de trabalhos acadêmicos, relatos de memória, fontes dos jornais encontramos apenas mais uma menção, que não possui contexto. Será que essa questão racial não foi um problema para o futebol na cidade?

A invisibilidade do tema é perigosa, por vários motivos, mas principalmente por fazer parecer que em Santa Maria prevalecia a lógica da democracia racial. A clássica questão levantada por Mario Filho, de que no final: “O futebol apagara a linha de cor. O clube esquecendo-se que tinha preto no time, o preto esquecendo-se, de não lembrar mesmo, que era preto” (FILHO, 2003, pg. 342). Por isso, é importante analisarmos os contextos e entrelinhas.

Um debate muito comum na história das rivalidades do futebol brasileiro, por exemplo, é o já citado pioneirismo na inclusão de jogadores negros em seus elencos. Nas redes sociais, rodas de conversa, mesa de bar, regularmente surge esse assunto com as torcedoras ou torcedores defendendo seu clube e tentando afastá-lo de qualquer fama racista. Em todas as regiões do Brasil, diversos times requerem a alcunha de serem o “primeiro clube que abriu as portas para jogadores negros” e apesar dessa disputa ser forte no Rio de Janeiro¹⁰⁷, ela tem sua importância no Rio Grande do Sul também.

¹⁰⁷ O negro no Futebol Brasileiro – Quem foi o pioneiro?. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/o-negro-no-futebol-brasileiro-quem-foi-o-pioneiro/>. Acesso: 24/12/2022.

Em um dos maiores clássicos do Brasil, o Grenal, protagonizado pelo Sport Club Internacional, criado em 1909 e o Grêmio, criado em 1903, há uma história que se repete no senso comum: de que o Internacional, chamado de “Clube do Povo”, teria tido sua origem popular e negra, enquanto o Grêmio, mais antigo, seria elitista e racista, somente aceitando jogadores negros bem mais tarde, em 1952.

Soares (2021) explica que essa história é um pouco mais complexa, pois os dois times foram formados por pessoas da elite ou classe média de Porto Alegre, por isso não seria correto afirmar que algum deles teve sua origem popular. O Grêmio, por exemplo, segundo Bárbara Lauxen (2021) que analisou as primeiras atas do clube, tinha em suas diretorias e sócios somente teuto-brasileiros e imigrantes europeus.

O Internacional realmente foi pioneiro, a partir de 1937, entre os dois clubes, a aceitar jogadores negros. Assim como ocorreu no Rio de Janeiro com o Vasco da Gama (SANTOS, J., 2010), não podemos ser ingênuos e acreditar que foi por uma causa antirracista e que homens brancos salvadores, como diz Ricardo Pinto dos Santos¹⁰⁸, tenham introduzido os negros e pobres em seus times. A busca era por títulos e vitórias e, em relação ao Internacional, como os clubes do interior já estavam usando essa estratégia, resolveram testar. Dessa forma, obtiveram resultados, pois dos dez campeonatos citadinos disputados após a aceitação, foram vitoriosos de nove (MASCARENHAS, 2014).

Enfim, esse debate é comum e forte no Rio Grande do Sul, ainda mais para fomentar rivalidades¹⁰⁹. Apesar disso, o ocultamento da questão racial apresenta-se mais uma vez nesse momento em Santa Maria, pois não há registros de narrativas sobre pioneirismo racial na dupla RioNal ou sobre qual deles teve origem popular ou negra. Posteriormente, perceberemos pelas fotografias que um dos clubes, Inter SM, teve em seu elenco jogadores negros desde a sua data

¹⁰⁸ Um exemplo desses debates sobre pioneirismo dos negros no futebol aconteceu recentemente, no ano de 2021, entre o historiador Ricardo Pinto dos Santos e pesquisadores do Club de Regatas Vasco da Gama. Ricardo, afirmou que, como o debate está posto, parece que foram homens brancos "salvadores" que introduziram os negros no futebol. Também essa narrativa dá a entender que existiu uma "luta" sistemática contra o racismo pelos clubes como muitos assumem, mas na verdade, os clubes estavam defendendo seus melhores jogadores para ganharem os jogos e campeonatos, apenas isso. Um desses clubes de futebol, é o Vasco da Gama, que se orgulha do seu pioneirismo na "luta antirracista" introduzindo negros no futebol quando isso ainda era mal visto. Os pesquisadores do clube discordam, acham que o Vasco da Gama foi essencial para levantar o debate sobre racismo no futebol lá no começo do século XX. Enfim, polêmicas a parte, o certo é que concordamos com Ricardo quando ele diz que o debate sobre racismo no futebol deve ser melhor aprofundado para além das buscas por “quem foi o primeiro?”. O racismo no futebol deve ser tocado em suas estruturas para ocorrerem mudanças substanciais para o nosso presente e futuro.

¹⁰⁹ COSTA, Matheus Donay da. “Somos Azuis, Pretos e Brancos”: o Tricolor em busca de suas cores. Ludopédio, São Paulo, v. 113, n. 9, 2018. Nesse artigo, o pesquisador analisa o livro “Somos azuis, pretos e brancos”, a partir de um viés problematizador e científico, demonstrando o quanto há um esforço de afastar o Grêmio da “fama” de clube racista. O debate gerou uma grande repercussão nas redes sociais.

de fundação, enquanto o Riograndense não. Mas isso nunca foi motivo de comentários, enaltecimento ou estudos mais aprofundados.

O Riograndense¹¹⁰, criado em maio de 1912 e com 110 anos de história, foi iniciado por trabalhadores da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS) e desse segmento surgiram seus primeiros jogadores, diretores, dirigentes e sua torcida. Na residência dos senhores Antonio G. Izaquirre e João AvancinI, um grupo de homens se reuniram e a ideia inicial era de apenas fomentar a prática esportiva entre os ferroviários santamarienses. Mas o clube acabou se tornando mais do que isso.

Uma das primeiras decisões, após o nome, escolhido pela forte representação política do Rio Grande do Sul, foi de criar uma lista para angariar sócios para o clube. O valor ficou estipulado em um pagamento inicial da jóia de 5\$000 (cinco mil réis) e a mensalidade de 1\$000 (um mil Réis) pagos mensalmente. Segundo João Malaia Santos (2010) o Bangu Athletic Club, no Rio de Janeiro, em 1904, “cobrava 2\$000 de jóia e uma mensalidade de 1\$000, sendo que o salário dos operários da Fábrica Bangu ia de 94\$800 [...] até 260\$640 [...]” esses valores considerados baixos para que pessoas humildes pudessem se associar. Obviamente, ponderamos que estamos comparando clubes e realidades diferentes, um localizado no interior do Rio Grande do Sul e outro na capital do país. Essa aproximação é apenas ao nível de contrastes para demonstrar como funcionavam algumas realidades.

Com base nos valores citados acima e cobrados pelo Riograndense, pensemos: será que, mesmo sendo da classe trabalhadora, não são excludentes para a maioria da população pobre da cidade de Santa Maria? Será que a população negra e aqueles meninos que jogavam futebol na rua poderiam se sentir parte desse clube de futebol?

Santa Maria, como já citamos, foi um dos principais polos ferroviários do sul do Brasil e possuía a localização estratégica no centro do Estado, o que fez com que a VFRGS fosse desenvolvida e estruturada, principalmente economicamente. Ela e sua cooperativa de empregados foi essencial para ajuda financeira e estrutural do clube, pois os trabalhadores/jogadores tinham, por exemplo, transporte especial garantido pela ferrovia para irem aos jogos (quando jogavam em outras cidades). Além disso, ser atleta do time demonstrava um certo *status* diferenciado frente aos outros ferroviários, pois eles podiam sair mais cedo do trabalho para treinar e jogar (FLORES, 2012).

¹¹⁰ Pesquisas sobre o Riograndense Futebol Clube: CARDOSO, T. A. O futebol entre os ferroviários de Santa Maria-RS. 2013. 25 f. Artigo (Especialização em Pesquisa do Movimento Humano, Sociedade e Cultura) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013; FLÔRES, João Rodolpho Amaral (Org.). Riograndense futebol Clube, 100 anos de rubro –esmeraldino. Santa Maria: NEP/UFSM, 2012.

Diversas pesquisas afirmam que o Inter SM¹¹¹ foi criado, em 1928, para fazer oposição ao Riograndense. Mas assim como o rival, acabou se tornando mais do que almejava, um dos principais times de Santa Maria e região até os dias atuais. O clube foi iniciado por comerciantes e jovens trabalhadores no Café Guarany, tradicional na cidade. A origem do nome Internacional tem duas versões, em uma fazia referência ao clube de Porto Alegre que estava em franco crescimento e a outra a intenção de dar um caráter “mundial” ao nome em contraposição ao rival, que fazia referência somente ao Rio Grande do Sul. Infelizmente não conseguimos os valores de associações, mensalidades e joias do clube para que pudéssemos fazer comparações, mas os Correios e Telégrafos eram “patrocinadores” e sustentaram o crescimento do Inter-SM (LUZ, 2008).

Não podemos afirmar se ambos proibiram ou tiveram resistência em aceitar jogadores negros em seus elencos na sua origem. Apenas que eram clubes que tinham auxílios financeiros externos e foram criados por pessoas da classe média da cidade. Possivelmente, e é um caminho a se seguir, pesquisas que tenham acesso às fontes documentais desses clubes podem ter mais informações sobre questões raciais ou sociais. O que podemos formular são apenas algumas hipóteses.

Uma das alternativas utilizadas por Mackedanz (2016) para pensar a questão racial nos clubes de futebol mais conhecidos e rivais de Pelotas no começo do século XX, Esporte Clube Pelotas e Grêmio Esportivo Brasil, foi analisar as fotografias dos times e perceber se existiam ou não, jogadores negros em seus elencos na época da criação dos clubes. O pesquisador percebeu que no E.C Pelotas já haviam relatos de segregação e que de eles haviam começado a aceitar jogadores negros somente anos mais tarde que seu rival, assim como o Grêmio em Porto Alegre. Essa informação é corroborada pelas fotografias oficiais do elenco do clube que permaneceram somente com jogadores brancos até a década de 1930. Apesar do G.E Brasil ter sua origem mais ligada a imigrantes, o clube explora uma narrativa de veia popular, pois logo nos anos 1920 começou a incorporar jogadores negros no seu time, o que também foi comprovado pelas fotografias da época.

Utilizaremos um método semelhante com o de Mackedanz (2016) para pensar o caso de Santa Maria. Assim analisaremos as fotografias como instrumento de investigação:

¹¹¹ Pesquisas sobre o Esporte Clube Internacional de Santa Maria: LUZ, Candido Otto da. Almanaque dos 80 anos: E. C. Internacional. 1ª ed. Santa Maria: Gráfica Palotti, 2008; JUNIOR, Dérico Dutra Berlese: “Futebol, “gênero brasileiro”: o caso Sirlei Dalla Lana no Esporte Clube Internacional em Santa Maria (1985)”; LUZ, Candido Otto da. E.C.Internacional: um time inesquecível. Campeão do Interior do RS - 1981. Edição do autor, 2006; SILVEIRA, Eduardo Bortolotti. Torcida Organizada maré vermelha: uma trajetória de resistência nas arquibancadas de Santa Maria - RS. Monografia (Curso de História)-Universidade Francisca, Santa Maria, 2021.

Não é de hoje que a história proclamou sua independência dos textos escritos. A necessidade dos historiadores em problematizar temas pouco trabalhados pela historiografia tradicional levou-os a ampliar seu universo de fontes, bem como a desenvolver abordagens pouco convencionais, à medida que se aproximava das demais ciências sociais em busca de uma história total (MAUAD, 1996, p.5).

As imagens que serão apresentadas não possuem informações detalhadas para fazermos uma análise profunda, mas elas serão todas do mesmo tipo, ou seja, com jogadores perfilados, formando uma equipe de futebol. Elas são fontes históricas que ultrapassam o aspecto ilustrativo, portanto a imagem não fala por si só, também é necessário que perguntas e problematizações sejam feitas (MAUAD, 1996). A presente pesquisa não pretende se utilizar de aspectos complexos da cultura visual para analisar imagens, porém um trabalho que faz uma análise de fôlego que alia futebol e cultura visual é o Diana Mendes Machado da Silva (2019)¹¹².

Há divergências quanto a primeira imagem do elenco completo do Riograndense, mas como a intenção é analisar a características do time ao longo dos seus primeiros anos de existência, notamos, segundo as fotografias presentes no livro “Riograndense Futebol Clube: no coração gaúcho, 100 anos do rubro-esmeraldino” que não existem, até meados do final da década de 1929, jogadores negros.

¹¹² Através das trajetórias midiáticas de Marcos Carneiro de Mendonça e Leonidas da Silva a autora se propôs a compreender o processo de construção da figura do craque de futebol com foco em sua dimensão visual e seu papel no imaginário da primeira metade do século XX. O álbum autobiográfico produzido por Marcos sobre sua carreira futebolística e as imagens de Leonidas em periódicos, como *O Globo Sportivo* e *Cruzeiro*, são algumas das fontes utilizadas pela autora.

FIGURA 10 - Elenco do Riograndense em 1919



Fonte: autor desconhecido. Material do arquivo sobre a história do Riograndense organizado por João Baptista e outros.

Nessa fotografia em questão, os jogadores haviam acabado de ser campeões do campeonato municipal do ano de 1919. Perfilados, tem um estilo clássico de equipe de futebol, todos mantem uma postura séria e em frente se encontra a possível bola jogo.

No livro comemorativo dos 100 anos do Riograndense há uma importante menção sobre a questão racial:

Conforme a imagem que segue, do campeonato regional em que o Clube garantiu vaga na finais de 1929, realizadas em Porto Alegre, **percebemos a presença de um atleta afrodescendente no Riograndense**. Esta pessoa **provavelmente foi um dos primeiros homens negros a atuar na agremiação**, seguindo a tradição das empresas ferroviárias gaúchas, que incluíam ex-escravos ou descendentes destes em suas fileiras profissionais, a exemplo da VFRGS. Nos anos seguintes, também podemos perceber jogadores negros atuando no quadro principal do Clube (FLORES, 2012, pg. 60). (Grifo meu).

FIGURA 11 - Elenco do Riograndense em 1929



Fonte: autor desconhecido. Material do arquivo sobre a história do Riograndense organizado por João Baptista e outros.

Realmente, na imagem anterior é nítida a presença de um homem negro, acompanhado da equipe. Mais uma vez, em uma pose comum de time de futebol, no gramado. Porém, não há nenhuma problematização sobre o fato. Os autores não comentam sobre o contexto e nem se perguntam o motivo de que, se de fato ele era um dos primeiros negros a entrar na equipe, por que isso foi feito apenas 17 anos depois de sua criação? Essa informação acentua a suspeita de uma suposta exclusão ou resistência em aceitar jogadores negros no clube nos seus primeiros anos.

Ainda pensando em ausência de negros no clube Riograndense, outro ponto a se destacar a essa constatação é que ela é percebida não só dentro das quatro linhas. No “Guia Ilustrado comercial, industrial e profissional de Santa Maria (1938)” é apresentada uma fotografia formal da diretoria e sócios do Riograndense, provavelmente na década de 1930, onde podemos perceber, mais uma vez, a não presença de pessoas negras.

Com relação ao Inter-SM, a fotografia que é apontada como a primeira da equipe já apresenta jogadores negros em seu elenco. Percebemos que todos eles estão um ao lado do outro, posando com os primeiros presidentes do clube. Através do Memorial Virtual Inter de Santa Maria¹¹³, notamos que a presença de jogadores negros começa de maneira tímida e vai aumentando no decorrer dos anos. Apesar desse provável pioneirismo, nada é relatado.

¹¹³ Disponível em: https://www.facebook.com/memorialvirtualintersm/photos_by. Acesso em: 22 nov, 2022.

FIGURA 12 - Primeiro elenco do Inter SM em 1928



Fonte: Memorial virtual Inter SM, 1928.

Segundo Eduardo Bortolotti Silveira (2021, pg.42) foi nas décadas de 1970 e 1980 que “os dois clubes profissionais da cidade promoveram embates dentro de campo que ficaram marcados na memória de muitos torcedores, o que impulsionou a rivalidade”. É interessante perceber que foi justamente nessa época, anos de maior rivalidade e destaque dos dois, principalmente 1970, que se observa um número expressivo de jogadores negros no Inter SM¹¹⁴ e no Riograndense.

Na foto posterior do Riograndense observamos, inclusive, que pelo menos dois dos indivíduos negros usam o cabelo em estilo *black power*, muito popular entre negros e negras na época, símbolo de identidade e resistência.

¹¹⁴ Além de Oreco com passagem pelo clube em 1949, há Luiz Alberto Salenave, mais conhecido como Donga, zagueiro goleador do Inter SM e jogador que mais vestiu a camisa do alvirrubro, com um total de 579 jogos. Por seu talento, em 2017, Donga foi homenageado na Calçada da Fama do Futebol Gaúcho, localizada na rampa de acesso ao edifício da *Federação Gaúcha de Futebol* (FGF), em Porto Alegre-RS.

FIGURA 13 - Equipe do Riograndense em 1978



Fonte: RFC, 1978.

FIGURA 14 - Equipe do Inter SM em 1971



Fonte: Memorial virtual Inter SM, 1971.

Chama atenção esse aumento significativo de jogadores negros em ambos os clubes, já que nos seus inícios tiveram uma pequena representação desses atletas ou nenhuma e que, anos depois, nos seus anos de auge, tenham um considerável número, quase metade.

Nos impressos analisados não há debates sobre o processo de profissionalização do futebol em Santa Maria. Richard Prestes (2019) analisa indícios através de fichas de inscrição (contratação) de Oreco no Riograndense¹¹⁵ e no Inter-SM que, ano de 1949, era tratado como “não amador” e recebia gratificações mensais. Apesar de o pesquisador não ter comentado o fato, percebemos que no acordo de Oreco com o Inter-SM é mencionado, além da gratificação mensal de Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros), a obrigação do clube de conseguir um emprego para o jogador e suprir o valor caso o perdesse por conta do clube. Ou seja, talvez dedicação exclusiva a um time de futebol ainda fosse problema em Santa Maria nesse final da década de 1940. Em uma entrevista para o *Jornal do Dia*, Oreco diz haver se tornado profissional em 1950 no Internacional de Porto Alegre¹¹⁶.

No ano de 1958, aconteceu uma das partidas mais importantes para a história do Riograndense e de Santa Maria. O Botafogo de Futebol e Regatas, do Rio de Janeiro, veio até a cidade disputar um amistoso com o Riograndense, que ganhou de 2 x 1. O feito foi motivo de grande comemoração na cidade. De acordo com Flores (2012, p. 69-70):

Pelo resultado positivo, cada atleta do Riograndense Futebol Clube ganhou Cr\$ 300,00 (trezentos cruzeiros) de “bicho”, uma quantia significativa para época. Até então, os jogadores, em sua grande maioria, não recebiam qual tipo de salário fixo do Clube, pois suas remunerações provinham dos empregos que possuíam juntos a VFRGS e Coopfer.

Percebe-se que o autor usou a palavra “em sua maioria”, portanto não quer dizer que não haviam jogadores recebendo gratificações mensais. Concluímos que, ambos os clubes, estavam passando pelo processo de profissionalização dos seus jogadores, entre as décadas de 1940 e 1950. No Rio de Janeiro, em 1923, esse processo já estava acontecendo em meio a polêmicas, pois o Vasco da Gama, estava pagando seus jogadores, fazendo com que eles se tornassem profissionais. Dessa forma, o clube subiu da 2º para a 1º divisão da LMDT (Liga Metropolitana de Desportos Terrestres) e no primeiro ano de sua participação na divisão principal, foi campeão. Importante destacar que muitos desses jogadores eram negros ou brancos pobres recrutados nos subúrbios cariocas. Essa é a base da tese João Malaia Santos (2010).

¹¹⁵ Os temos para Oreco assinar com o Riograndense estavam prontos, porém o presidente do Inter-SM reverteu a situação e conseguiu fazer o acordo para o atleta assinar e não jogar no rival.

¹¹⁶ *Jornal do Dia*, 01 de março, 1957. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Anno X. HDBN.

Provavelmente esse aumento progressivo de jogadores negros na dupla Rio-Nal ao longo de suas existências até o auge na década de 1970, estava ligado com a intenção de qualificar o time e ganhar campeonatos.

Iremos tecer também considerações sobre os mecanismos de exclusão da Liga Santamariense de Futebol, através do trabalho de Richard Prestes (2019). O autor pesquisou sobre o funcionamento dessa liga, criada em 1920 na cidade, e que tinha em suas competições a participação de diversos clubes. A falta de documentos oficiais da *Liga Santamariense de Foot-ball* dificulta um pouco afirmar se existiu impedimento de clubes ou de atletas negros em seu tempo de atividade. Porém, com auxílio da pesquisa de Prestes (2019) podemos analisar algumas hipóteses e mecanismos de exclusão que essa liga utilizou. Como sabemos, até hoje ligas e federações possuem regras, simples ou não, para os clubes se alinharem. Mas algo basicamente comum a todas é o capital financeiro:

Os mecanismos de exclusão variam entre as ligas, no entanto elas cumprem os mesmos papéis: manutenção do monopólio do esporte, com a comercialização do futebol na mão de poucos e afastar grupos sociais que a elite considerava inferiores e perigosos, ou não capazes de participar no mesmo nível competitivo (PRESTES, 2019, p. 45-46).

Compilando diversas fontes, o autor catalogou o total de 28 clubes que compunham o futebol santa-mariense na primeira metade do século XX: Americano Foot-Ball Club, Foot-Ball Clube Canabarro, Fronteira Foot-Ball Club, Gaúcho Sereno Foot-Ball Clube, Guarany Foot-Ball Club (Á partir de 1950: Guarany Atlântico), Independente Foot-Ball Clube, Razão Atlético Clube, Prefeitura Futebol Clube, Sport Club Internacional (atualmente E. C. Internacional), Riograndense Foot-Ball Club, Grêmio Sportivo 7 R.I., Botafogo Foot-Ball Club, Sport Club 7 de Setembro, Brasil Foot-Ball Club, Atlético Bancário Foot-Ball Club, Militar Foot-Ball Club, Sport Club Floresta, Sport Club Tamandaré, Sport Club 14 de Julho (Ginásial), Sport Club Esperança (Ginásial), Sport Club São Luiz (Ginásial), Sport Club Avante (Ginásial), Sport Club Alerta, Sport Club 20 de Setembro, Sport Club Grêmio Gymnasial (Ginásial), Sport Club Universal, Sport Club Serra e Ideal Futebol Clube.

O pesquisador percebeu que apenas sete clubes de todos catalogados eram ativos e participavam da LSMF. Por qual motivo será que os outros tantos clubes não participavam?

Em sua pesquisa Prestes (2019) encontra algumas razões, como as menções de taxas, obrigatoriedade em ter campo de futebol (próprio ou alugado) e a não aceitação de analfabetos como membros da liga. Todos esses fatores podem ter colocado essa entidade organizadora do futebol de Santa Maria como excludente, sendo esses mecanismos para fortalecer seu mercado

futebolístico e impedir outros times de ingressarem. Como citamos, em um dos impressos foi referenciada a existência, aparentemente efêmera, da Liga Santamariense de Desportos. Fica o questionamento se essa liga talvez se propusesse ser mais democrática ou inclusiva.

Apesar de não explícita a proibição, há uma certa dificuldade para que clubes sem capital financeiro e jogadores pobres possam participar da liga. Na pesquisa de Santos (2010), para o espaço do Rio de Janeiro, questões como essas foram levantadas, pois haviam diversos mecanismos para impedir jogadores pobres e não brancos de participar da LMDT, desde joias e mensalidades caras, até possuir uma profissão “honesta”.

Ricardo Pinto dos Santos (2020) aponta as experiências de Salvador e Porto Alegre como um futebol partido em dois, análise que confirmamos que existia também em Santa Maria. O primeiro era aquele:

O futebol das elites era aquele que apresentava os melhores espetáculos, era aquele em que os melhores homens e mulheres das cidades estavam envolvidos, fossem como atletas, torcedores ou dirigentes e, fundamentalmente era por meio da representação desse futebol nos jornais e revistas que se gestava, também, a imagem dos novos tempos para a sociedade em geral. Para esse futebol, os elogios eram uma constante, e a acomodação do conceito de moderno acontecia quase que naturalmente (PINTO, 2020, pg. 171).

Nesse caso, se encaixam as equipes do Riograndense e Inter-SM que recebiam praticamente toda atenção da imprensa e possuíam uma estrutura financeira maior frente aos outros clubes. Além disso, esse futebol também se encaixava com o da Liga Santamariense de Foot-ball que se utilizava dos jornais para noticiar seus jogos, que não englobavam muitos dos clubes da cidade.

Já o segundo se encontrava:

Longe do glamour e das boas condutas, estava o futebol do gueto, dos vadios, dos vagabundos e dos moleques desocupados. Essa é a segunda parte do futebol. Numa antítese clara ao primeiro esse futebol era praticado nas ruas e nos campos improvisados por pessoas comumente rotuladas como a escória da sociedade (PINTO, 2020, pg. 172).

Assim como aconteceu nas capitais da Bahia e do Rio Grande de Sul, Santa Maria apresentava dois lados de um mesmo futebol em seus jornais e revistas do período estudado. Tinha-se um interesse muito nítido do esporte, mas “de um lado, o praticado pelas elites, usualmente seletivo, espetacular, consagrado e exemplar” e do outro “o praticado pelos populares, violento, imoral, sujo e, acima de tudo, que deveria ser banido das cidades” (SANTOS, R., 2020, p. 172).

3 FORMAÇÃO DE SOCIABILIDADES NEGRAS NO RIO GRANDE DO SUL: UM PANORAMA

Entretanto, para o **entendimento de nossa sociedade é necessário conhecer um elemento de suma importância na sua formação histórica**. Esse elemento por não pertencer, em sua maioria, às camadas mais altas da população, tem um acesso minoritário àqueles círculos considerados cultos, o que impede de participar de discussões consideradas esnobes (no Brasil é considerado “esnobismo” discutir ou interpretar os aspectos pluralísticos do nível ideológico da sua formação social). **O elemento a que nos referimos é o negro brasileiro**, que só pode ser entendido a partir de um estudo profundo da ideologia nacional e das suas implicações num todo social, do qual, por força do preconceito racial (dentro daquela ideologia), é posto à margem (NASCIMENTO, 1974, p. 65). (Grifo meu).

Irei apresentar um breve balanço sobre as associações negras no Rio Grande do Sul, não com o objetivo de esgotar a temática ou alcançar todas elas, infelizmente isso não é possível. A pretensão é de termos uma ideia geral do número de pesquisas e estudos que já foram desenvolvidos acerca do assunto nos últimos anos, para assim encaixarmos os clubes negros de futebol que também são espaços de sociabilidade.

Beatriz Nascimento, militante, historiadora, professora e roteirista a quem citamos na abertura deste capítulo, sempre foi muito atenta em debater sobre como os negros são participantes ativos da História do Brasil. Nos diversos textos, artigos e poemas que a autora escreveu ao longo da vida, ela sempre deixou explícita sua visão de que “a história da raça negra ainda está por fazer, dentro de uma História do Brasil ainda a ser feita” (NASCIMENTO, 1974, p. 44). Hoje, depois de 28 anos do assassinato que levou precocemente a vida de Beatriz¹¹⁷, podemos dizer que o panorama de estudos sobre os sujeitos negros, em escravidão ou em liberdade, cresce em todo Brasil¹¹⁸.

Ainda há muito a ser feito, pesquisado, pensado e debatido, mas algumas das pesquisas que serão citadas aqui demonstram que esse caminho está sendo trilhado, seja através da ampliação de fontes, métodos e regiões de pesquisas. Precisamos mais do que conhecer esse “elemento” negro referido por Beatriz. Necessitamos reconhecê-los e inseri-los na escrita da História do Brasil, tanto em suas trajetórias individuais, quanto nas coletivas.

¹¹⁷ Beatriz foi assassinada a tiros, aos 52 anos de idade, pelo namorado de uma amiga. O motivo do homicídio ocorreu pelo fato de Beatriz aconselhar a amiga, que sofria violência doméstica, a terminar o relacionamento com o agressor. Quase três décadas depois, os números apontam que cerca de 75% das mulheres assassinadas no primeiro semestre de 2020 no Brasil são negras, e a taxa de feminicídios no país é a quinta mais alta do mundo. Ver mais em: MIRANDA, Júlia. Cinco fatos sobre Beatriz Nascimento. 17 de junho de 2021. Disponível em: <<https://elle.com.br/cultura/cinco-fatos-sobre-beatriz-nascimento>>. Acesso em: 16 de agosto de 2021.

¹¹⁸ Em 2012, 2018 e 2022, tivemos no Brasil o I, II e III Seminário Internacional Histórias do pós-Abolição no Mundo Atlântico, evento que reuniu pesquisadores de todo Brasil, e fora do país, para debater e refletir sobre a temática. Foram diversos trabalhos apresentados sobre as mais variadas temáticas do pós-Abolição, demonstrando o crescimento no Brasil.

No Rio Grande do Sul, na contramão de trabalhos que ocultavam a população negra em seus diversos aspectos, trabalhos importantes foram sendo realizados desde 1960, demonstrando a agência e as mobilizações da população negra rio-grandense em escravidão. A partir dos anos 1980, os estudos do pós-Abolição no Rio Grande do Sul, seguindo uma tendência nacional, são compostos por pesquisas que se pautam nas perspectivas de reconhecimento das agências de negros e negras em suas lutas por liberdade e, quando já livres, nas suas estratégias e meandros para se inserirem em uma sociedade da República recém-instaurada, em que ainda eram considerados não-cidadãos. Em outras palavras, ampliava-se, cada vez mais, o foco de análise nas múltiplas experiências entre a escravidão e a liberdade, reconhecendo, também no sul do Brasil, aspectos do processo pós-Abolição, envoltos pela racialização e pelas lutas por cidadania e acesso a direitos.

Pensando na História Social, História do Esporte, Douglas Booth (2011) afirma que a primeira acabou fornecendo aos historiadores dois sentidos de estratégias políticas para trabalhar a História do Esporte. Uma é que ajudou a aparar ataques de dentro da academia, que afirmavam que está se tratava de um objeto intelectual insignificante. E a outra é que ajuda a avançar no foco para as vidas de pessoas comuns, se preocupando tanto com as condições sociais e políticas do presente quanto do passado. Essa reflexão ajuda a pensar também nos Estudos do pós-Abolição que tiveram influência evidente na historiografia social do trabalho inglesa, a partir dos estudos do historiador Edward Palmer Thompson, considerado um dos maiores historiadores ingleses do século XX, introduzindo uma corrente comprometida com a “história vista de baixo”, que aborda a vida de trabalhadores camponeses, operários, escravizados, pessoas comuns ou menos favorecidas da sociedade. Revelando assim, relações sociais importantes dessas pessoas e suas complexidades, antes ocultadas pela historiografia mais ortodoxa e mecanicista.

No Brasil, as aspirações Thompsonianas foram incorporadas à História Social do trabalho, principalmente a partir dos anos 1980, tornando possível observar outros sujeitos da história do trabalho no Brasil e, aos poucos, ampliar sua composição racial, reconhecendo a história social do trabalho escravo e o protagonismo negro para além da tese da substituição da mão de obra pelo trabalho branco imigrante.

Anteriormente, apontamos que gradualmente a composição racial foi ampliada nos estudos sobre a História Social do Trabalho, isso porque Álvaro do Nascimento (2016) aponta que um grande fator que fortaleceu a invisibilidade negra foi o distanciamento entre as mesmas, História Social do Trabalho, e a História da Escravidão e do pós-Abolição.

Historiadores do trabalho, por muito tempo, deixaram de lado os sujeitos negros, homens, mulheres e crianças, em suas pesquisas, sem procurar debater com historiadores da escravidão e pós-Abolição. O autor mostra ser possível existir um diálogo entre as duas historiografias considerando “a cor das pessoas que viveram esse longo e conflituoso processo histórico” (NASCIMENTO, 2016, p. 609).

Na introdução deste trabalho já utilizamos diversas vezes a palavra “invisibilidade” para comentar sobre a historiografia produzida pela população negra no país, essa que negligenciou por bastante tempo pessoas que eram, sim, muito visíveis na sociedade. Elas estavam presentes e resistiam construindo seus espaços, suas famílias, seus trabalhos, sonhos e desejos. Oliveira Silveira, poeta, intelectual e militante negro brasileiro escreveu no “Poema sobre Palmares” que:

Falsificaram os livros de história, trocaram os heróis, botaram máscara de carnaval nos fatos, botaram fogo nos documentos do tráfico e do crime e então ficamos sendo os que não vieram, ficamos sendo os que não são, ficamos sendo estas ruínas em auto-reconstrução (SILVEIRA, 1987, p. 14).

O autor - comentando de um ponto de vista gaúcho, pois em cada lugar e região essa invisibilidade se mostra de uma forma e graus diferentes, como veremos - em seus poemas sempre problematiza a situação invisível do negro diante da sociedade¹¹⁹. Nesse caso, sobre como a história dos negros foi mascarada, falsificada e ocultada. Além de salientar que a história que conhecemos em muitos livros didáticos é uma farsa¹²⁰, também faz menção à destruição de arquivos de Rui Barbosa em 1889, que mandou queimar diversos registros relativos à escravidão do Ministério da Fazenda para que não houvesse indenizações aos

¹¹⁹ Foi no Rio Grande do Sul que nasceu o movimento que levou à criação do Dia da Consciência Negra, o qual rememoramos todo dia 20 de novembro. A ideia partiu de várias pessoas do Grupo Palmares de Porto Alegre (1971-1978) através de debates e reflexões que acreditavam que essa data, dia da morte do grande líder Zumbi dos Palmares, era mais significativa de ser lembrada do que o 13 de maio. Apesar disso, a data não é considerada feriado em nenhuma cidade do Estado.

¹²⁰ Hoje em dia os livros didáticos já trazem diversas contribuições de uma historiografia renovada sobre a escravidão e pós-Abolição, com discursos que focam na agência e resistência da população negra. Luciano Magela Roza (2017) analisa como o pós-Abolição é tratado em conteúdos curriculares em Livros Didáticos de História produzidos após a publicação da Lei nº 10.639/03. O autor percebe certo tensionamento nas questões e, de forma positiva, percebe a utilização da história do pós-Abolição como meio didático voltado para a luta antirracismo e valores ligados à educação das relações étnico-raciais. Outros livros também auxiliam nessas contribuições, como “Pessoas comuns, histórias incríveis: a construção da liberdade na sociedade sul-rio-grandense”, um exemplo de obra super indicada a ser usada em sala de aula. Além de fazer um trabalho importante de apresentar sobre a construção da liberdade, a partir da experiência de africanas, africanos e seus descendentes e suas diversas formas de inserção na sociedade pós-Abolição, também apresenta reflexões e debates didáticos. Também o livro “Organizações Negras de Santa Maria: primeiras associações negras dos séculos XIX e XX” em suas páginas finais, apresenta uma série de atividades didáticas que podem ser usadas em sala de aula, com familiares e vizinhos e que trazem o debate sobre as organizações negras e protagonismos negros.

senhores de escravizados. Hoje, sabemos que essa queima aconteceu e foi significativa, mas que ela não impediu ou impede trabalhos sobre o período escravista de serem realizados sob alegação de falta de fontes.

Ainda na historiografia sobre escravidão essa invisibilidade era presente, afinal até se acreditava na existência de escravizados no Estado, mas em números bem pequenos. Depois, com outras pesquisas, se descobriu um contingente grande de cativos, no entanto, a narrativa inventada foi de que eles estavam presentes apenas em pequenas propriedades e nas cidades e, por isso, eram “mais bem tratados” do que outros sujeitos que vivenciaram a experiência em cativeiro. Ou seja, a escravidão vigente no Estado do Rio Grande do Sul teria como característica ser mais “amena”¹²¹.

Além disso, viajantes estrangeiros em seus relatos também atestam a violência do tratamento despendido aos escravizados do Estado. Por último, além da abundante presença de escravizados no Rio Grande do Sul, se descobriu que eles estavam presentes em diversos ofícios, até mesmo no ambiente rural, como peões, roceiros, campeiros, etc. (MOREIRA, 2009, p. 54), refutando a ideia inicialmente construída de que eles ocupariam apenas as atividades de trabalho nos centros urbanos.

Pensemos aqui, conforme diz Elikia M’bokolo (2009), que o “negacionismo” é compadre do “revisionismo”, pois, como não se pode negar a presença de escravizados no Estado, a tentativa foi a de revisar números e amenizar a violência, ou seja, relativizar a escravidão negra no Rio Grande do Sul, o que contribuiu para essa prática de apagamento do passado escravocrata que foi sistêmico e proposital.

Tal apagamento escravocrata do Estado também era reforçado pelas falas das elites e da imprensa local. Marcus Vinicius de Freitas Rosa (2019)¹²² apresenta alguns jovens republicanos influentes e estudados que, em seus escritos, reforçaram essas ideias, além de, a todo momento, terem a intenção de estabelecer o paralelo de ligação entre a Europa e o Rio Grande do Sul. Quando comentamos na ocorrência de um projeto de apagamento, é porque foi algo realmente construído intencionalmente por políticos, conselheiros ou homens influentes da época que estavam pensando em uma política pública de branqueamento da população gaúcha, assim como aconteceu em outras regiões do país:

¹²¹ Sobre a quase inexistência da escravidão ou o escravismo cordial no Estado, Rosa (2019) apontou que esses debates estavam sendo feitos desde a primeira metade dos Oitocentos, com nomes como Assis Brasil, Alcides Lima, Alfredo Varela, Nicolau Dreys.

¹²² A tese de Marcus Vinicius é muito importante para se pensar essa invisibilidade negra. O autor apresenta as relações estabelecidas entre negros e brancos em Porto Alegre, além de propor a escrita de uma história social do racismo em Porto Alegre e construir um debate sobre racialização. Outros trabalhos que falam sobre a invisibilidade negra no estado são: Oliven (1996) e Gutfreind (1990).

A persistente imagem do Rio Grande do Sul como lugar de europeus livres cumpria funções simbólicas e políticas importantes. Primeiro, caracterizava uma província isenta da “desordem” e do “caos” que a multidão de africanos seria capaz de causar às outras regiões do Império, como argumentaram muitos redatores de manuais e memórias ao longo da primeira metade do século XIX. Segundo, a europeização e o branqueamento resultavam em certa incompatibilidade entre o Rio Grande do Sul e a escravidão: ao tornar-se um lugar de brancos livres oriundos da Europa, o Rio Grande do Sul deixava de ser um lugar de escravos negros oriundos da África. À semelhança de uma moeda de duas faces, a construção do Rio Grande do Sul como lugar de imigrantes era simultaneamente a construção da invisibilidade da escravidão e, por consequência, da população negra na província (ROSA, 2019, p. 52).

Assim, também se afastavam das tradições gaúchas as marcas profundas da escravidão. No imaginário gaúcho sobre si mesmo os negros e negras foram excluídos do seu processo de formação identitária e houve uma construção de representações que colaboraram para esse projeto de invisibilidade e branqueamento. Esse profundo e pesado ocultamento tem espaço até hoje quando se vigora a ideia do Estado como predominantemente branco e lugar somente de imigrantes europeus. Ou seja, a visão do Rio Grande do Sul ser “diferente” dos demais Estados do país, uma região fria, onde neva no inverno e na qual a população é formada exclusivamente por pessoas brancas, seria um contraponto a um Brasil tropical e quente, cuja metade da população é composta por pessoas “mestiças” e negras.

As consequências desses discursos são as mais diversas possíveis. Álvaro Nascimento (2016) aponta um exemplo nítido: o autor relata que em uma prova de vestibular no ano de 2001 na Unicamp, quando perguntados “o que aconteceu com os negros depois da escravidão?” as respostas foram cheias de estereótipos sobre a população negra brasileira. Algumas dizendo que os homens negros se tornaram bêbados, favelados e as mulheres negras prostitutas, entre outras respostas do mesmo nível.

Qual narrativa foi e está sendo construída sobre essa população negra no Brasil? Álvaro (2016) comenta sobre o perigo da história única, ideia proposta por outros autores, inclusive a pensadora e escritora nigeriana Chimamanda Adichie¹²³. Quando insistimos somente em histórias negativas e deturpadas sobre povos, pessoas ou lugares, essa narrativa não deixa espaço para que histórias outras e diversas, completas e positivas sobre esses povos, pessoas ou lugares também sejam contadas.

Petrônio Domingues, em 2009, já iniciava um artigo comentando sobre as associações negras no Rio Grande do Sul trazendo a história de dois homens negros intelectuais, Dario

¹²³ No ano de 2009, Chimamanda Adichie palestrou em um TED Talk denominado “O perigo de uma história única”. Hoje esse é um dos vídeos mais assistidos da plataforma, sendo que no ano de 2018 o TED virou livro, publicado pela editora Companhia das Letras.

de Bittencourt e Carlos Santos, que fogem dessa lógica da marginalização associada ao negro no pós-Abolição. E isso não é fazer de exceções à regra, afinal, existiram negros e negras que tiveram que optar pelo roubo, pela prostituição, que encontraram um vício na bebida e foram marginalizados, mas não são somente essas histórias que explicam ou dão conta de toda a população negra do Brasil.

Até aqui apontamos algumas ideias sobre invisibilidade negra no Rio Grande do Sul, pois foram elas que tentaram excluir quase toda a diversidade existente entre essa população, ao mesmo tempo que tentavam negar a construção e a existência das organizações negras que iremos apresentar nesta pesquisa.

Petrônio Domingues (2009) aponta algumas questões do protagonismo negro depois da abolição da escravatura, rastreando e fazendo um balanço preliminar dessas pesquisas no Rio Grande do Sul, através de trajetórias, associações, conexões, entre outros. Entre elas, ele discute alguns temas que merecem maiores aprofundamentos, como: protagonismo das mulheres negras; a população negra e as lutas por educação; e protagonismo negro nas manifestações de cultura popular. Outro problema visto por ele é que a maior parte das pesquisas sobre o tema ficavam muito circunscritas a Porto Alegre e Pelotas, sendo interessante uma ampliação no recorte espacial das mesmas. Na introdução deste trabalho apontamos diversas pesquisas que já avançaram nesses pontos propostos por Domingues. Quanto a Pelotas e Porto Alegre, realmente elas tiveram um destaque no Estado quanto à construção das organizações negras e, de certa forma, a partir desses estudos, outros inspirados neles foram surgindo em várias cidades do Rio Grande do Sul.

Como dito anteriormente, citaremos algumas dessas formas de sociabilidade com exemplos e cidades pontuais, cientes de algumas faltas, mas com a pretensão de apresentar apenas um panorama de como se formaram essas sociabilidades, suas principais atividades e funções.

Concordamos com Fernanda Oliveira da Silva (2011) quando ela classifica o associativismo negro como um espaço em que: “Esses sujeitos membros buscaram, em rede ou não, negociar mesmo em uma sociedade tão restritiva e preconceituosa quanto a sociedade brasileira os preceitos que conferiam *status* sociais diferenciadores em busca dos seus próprios espaços” (SILVA, 2011, p. 29). Assim, essas pessoas formularam estratégias para enfrentar o racismo existente, podendo ser elas individuais ou coletivas, mas buscando construir ações que os integrasse. Complementando a ideia, Petrônio Domingues (2020) cita que durante a escravidão e no pós-Abolição: “O associativismo negro é a articulação de mulheres e homens africanos e seus descendentes em torno de uma atividade ou agremiação

no espaço público tendo em vista o fazer coletivo em nome do grupo que procuram representar” (DOMINGUES, 2020, p. 36).

Quando pensamos nesse associativismo negro ou na formação dessas organizações parece que vem à mente a ideia desses espaços sendo constituídos apenas após a abolição da escravidão, mas não, antes mesmo negros e negras já se reuniam de maneira organizada com objetivos em comum.

Para Porto Alegre, por exemplo, Liane Muller (2008), através da fundação e existência da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, consegue perceber uma intensa atividade social desenvolvida na cidade em mais de setenta sociedades, por um grupo de negros e seus descendentes. Datando de 1786, a ata de fundação da irmandade, assinada por mais de 200 pessoas, é o documento que comprova a importância desse lugar, que somente 42 anos depois teve a inauguração de sua própria Igreja do Rosário para o funcionamento de suas atividades. Para atrair cada vez mais a população negra para esse espaço, a ideia era construir uma imagem positiva do povo negro, escravizado ou livre. Por meio de suas festividades e procissões, altamente comentadas por memorialistas, a Irmandade do Rosário de Porto Alegre demonstrava sua capacidade de organização, tendo alcançado um grande prestígio por isso, agregando mais pessoas para seu espaço.

Essa Irmandade também teve um papel muito importante ainda na vigência da escravidão, que foi na formação de pecúlios para que negros e negras escravizadas pudessem comprar suas alforrias, através de campanhas e engajamentos na abolição da escravatura. Ainda segundo Muller (2008), esse objetivo foi maior, pois eles terminaram por construir, em volta da sua Igreja, uma série de casas para moradia que serviria para a população negra menos favorecida.

Também em Bagé, segundo Tiago Rosa da Silva (2018), há algumas referências que comprovam a existência de uma irmandade negra na cidade no período escravista, está também denominada “Irmandade Nossa Senhora do Rosário”. Em um âmbito nacional a Nossa Senhora do Rosário era celebrada como santa protetora dos escravizados e associada à libertação dos mesmos, por isso ela tornou-se popular entre negros livres e escravizados, e diversas irmandades negras possuem esse nome em homenagem a ela.

Beatriz Loner (2001) desenvolveu uma pesquisa sobre a construção da classe operária em Pelotas e Rio Grande, em um período que abrangia os anos de 1888 até 1930, e acabou demonstrando o quanto a população negra foi importante enquanto trabalhadora para essas duas cidades. Apesar de não ter sido o foco do seu trabalho, a autora acabou lançando algumas bases importantes e inspirando trabalhos mais aprofundados desenvolvidos na

cidade e região sobre os diversos clubes, associações, entidades e irmandades fundadas por pessoas negras. Além disso, para a autora:

Os negros tiveram que, praticamente, desenvolver uma rede associativa própria como meio de sobrevivência e organização do grupo. Para isso contaram com lideranças cuja preocupação com a integração da etnia na sociedade, levou-os a desenvolver várias associações e atividades na busca da elevação social e econômica do homem negro (LONER, 2001, p. 282).

Loner (2008) construiu quadros em que apresenta as redes associativas negras nas duas cidades, Pelotas e Rio Grande. Quanto ao número total de associações negras ou mistas em Rio Grande o número é de 22. Em Pelotas, ela contabiliza 17 associações negras não-recreativas e 45 associações esportivas, recreativas ou carnavalescas, totalizando 62. Para Pelotas não foram consideradas alguns blocos e grupos carnavalescos ou teatrais existentes dentro de outras associações, o que aumentaria esses números já consideráveis.

Esses números expressivos de organizações negras se explicam pelo contexto histórico das duas cidades, pois elas tiveram uma grande concentração de negros e negras. A introdução da população negra aconteceu com o povoamento da região e a partir do final do século XVIII, com o funcionamento das charqueadas. Loner (2008) aponta que pode observar em suas pesquisas que a discriminação racial em Pelotas sempre foi muito forte, principalmente nos primeiros anos da República, quando havia diversos tipos de restrições à população negra, como a utilização de espaços públicos, bem como a proibição de frequentar clubes, cinemas, cafés e bares. A complexa, extensa e visível organização negra que existiu na cidade de Pelotas começou também ainda no período escravista, iniciando com as irmandades negras, a partir de 1821, e depois com associações que se envolveram na luta abolicionista, algumas beneficentes e outros clubes pró-abolição. Existia também na cidade de Pelotas a Sociedade Beneficente Feliz Esperança que através de apostas de loteria pretendia adquirir fundos para libertar escravizados.

Fernanda Silva (2011) foi uma das pesquisadoras inspiradas pelos trabalhos de Loner. Ela analisou as associações negras de Pelotas que acabaram constituindo uma identidade negra positiva ligada a um contexto nacional e internacional, principalmente no período do pós-Abolição, apresentando o começo do associativismo e como ele se desenvolveu em tão grande rede negra. No período do pós-Abolição a autora traz um importante levantamento das associações negras pelotenses, ressaltando objetivos, ações, duração e informações relevantes para conhecermos mais desses espaços que abrangiam caráter político, carnavalesco, beneficente, esportivo e até o teatral. Essa identidade negra positiva pode ser

vista também por meio da criação da Frente Negra Pelotense e do jornal *A Alvorada*, da Imprensa Negra. Esses dois são marcos para a irradiação de ideias e diálogos com a comunidade negra pelotense na busca por ações mais concretas na luta contra a discriminação racial.

Em seu estudo de doutoramento, Fernanda Silva (2017) pesquisou também as lutas políticas no espaço de fronteira Brasil-Uruguaí, focando nas cidades de Bagé, Jaguarão, Pelotas, Melo e Montevideu no período do pós-Abolição. Através desses diferentes espaços e utilizando fontes como os materiais dos clubes, Imprensa Negra do Brasil e Uruguaí, e entrevistas orais, a autora percebeu o processo de racialização (como foi vivido e ressignificado) e a identidade negra formada pelas pessoas que construíram esses clubes.

Thiago Silva (2018) pesquisa as diversas experiências associativas de sujeitos negros em Bagé-RS no pós-Abolição. Nessa cidade havia uma forte sociabilidade negra, com diversas atividades culturais, que iam de festas, bailes, atividades carnavalescas, teatro, música até o futebol. Por último, o autor foca nas vivências de dois clubes sociais negros, Palmeira e Zíngaros. As atividades são tantas que Bagé é a cidade do Rio Grande do Sul com maior número de exemplares da Imprensa Negra, são 19 dos 48 jornais computados no Estado, portanto, 40% da Imprensa Negra mapeada até então, onde são divulgadas grande parte das atividades dessas associações¹²⁴.

A cidade de Jaguarão tem sido um foco dos estudos sobre associativismo negro através do Clube 24 de Agosto, este já centenário, que existe até hoje na cidade. Ele tem suas origens na mobilização da comunidade negra para o carnaval, mas sua atuação ia além, pois em seus estatutos e ações eram previstas diversas atividades que buscavam uma maior qualificação da comunidade negra. Nunes (2010) mostra como nessas cidades os negros se utilizaram dos antigos carnavais do Clube Social 24 de Agosto de maneira ideológica e política, demonstrando sua boa conduta, sem perder sua identidade étnica (forjada também na identidade operária). Sabe-se também da existência de pelo menos mais dois clubes sociais negros no município: Clube Suburbanos e Clube Recreativo Gaúcho.

Podem-se destacar ainda os clubes sociais negros mais antigos do país, criados no século XIX, ainda em atividade, como a Sociedade Floresta Aurora, de Porto Alegre/RS, fundada em 1872 (ESCOBAR, 2010).

Em lugares de imigração alemã e italiana onde se tem ainda mais forte o discurso de branqueamento em detrimento das pessoas negras e os territórios são atribuídos quase que

¹²⁴ O levantamento sobre esses números da Imprensa Negra rio-grandense destacam a existência de 48 jornais (LIMA; OLIVEIRA; PEDROSO, 2022).

exclusivamente à presença desses imigrantes, trabalhos como esses de associativismos negros são importantes para demonstrar como a população negra, além de ocupar esses espaços, resistiu e construiu laços de sociabilidade em lugares tão difíceis e inóspitos.

Magna Lima Magalhães (2010) pesquisa o espaço de Caxias do Sul através de um clube formado por negros, o Sport Club Gaúcho, pontuando as construções e aspectos do associativismo negro na cidade; Fabrício Gomes (2010) aborda a fundação e trajetória do clube Cruzeiro do Sul, fundado por um grupo de pessoas negras no ano de 1922 na cidade de Novo Hamburgo; Helen da Silva Silveira (2017, 2021) apresenta um estudo sobre associativismo negro a partir da Sociedade Négo Foot-Ball Club, fundado em 1935 em Venâncio Aires e, em pesquisa posterior, amplia o foco de estudo para a cidade de Santa Cruz do Sul.

Citamos aqui, diversos movimentos que angariaram fundos, elaboraram projetos e diversas atividades para conseguir a liberdade de negros e negras que ainda estavam em condição de escravidão. Por isso, chega a ser ultrajante pensar que em Porto Alegre, por exemplo, um discurso bem diferente tentou ser pintado para a “abolição”, tirando totalmente o protagonismo negro na luta pela conquista da mesma (ZUBARAN, 2009). Sendo assim, precisamos saber mais sobre esses movimentos por emancipação que negros e negras construíram antes da abolição pela libertação dos seus, para que essa narrativa branca que perdurou durante muito tempo não vingue mais.

Outra preocupação muito comum e constante dessa população negra era com a formação educacional da comunidade, tanto de adultos, como de jovens e crianças. Muller (2008) explica que, em Porto Alegre, muitas sociedades teatrais e instrutivas se uniram para oferecer formas de ensino. Alguns encenavam peças teatrais educacionais, palestras e até cursos. Não foram raros também os casos de bibliotecas e fundação de escolas noturnas (para atender o público, jovem e adulto, que trabalhava na parte do dia). Na mesma cidade, houve também um projeto de escola noturna feito por alguns membros da redação de *O Exemplo* em 1902, a “Escola Noturna ‘O Exemplo’”, que pensava na educação para melhores condições de vida.

Esse jornal da Imprensa Negra de Porto Alegre, *O Exemplo*, constantemente denunciava a recusa de algumas escolas públicas da capital em aceitar a matrícula de alunos negros, sendo que aqueles poucos que eram aceitos, sofriam maus tratos por parte dos professores. Pensando nessa exclusão e na melhora da qualidade do ensino para as crianças negras, em 1908 se tem notícia da criação do Asilo 13 de Maio, que visava o acolhimento e educação de crianças “de cor preta e parda” que não haviam sido aceitas nas outras escolas.

Além disso, esse lugar também tinha um grande papel no acolhimento de crianças que passavam necessidades básicas (PERUSSATTO, 2018).

Em Pelotas a Sociedade Beneficente Feliz Esperança foi a primeira associação aberta a negros que manteve aulas, também administradas à noite:

A maior delas, que efetivamente cumpriu o papel de entidade-mãe, sediando outras e aglutinando os esforços da comunidade, continuou a ser a Feliz Esperança, nessa fase. Uma das grandes preocupações das suas lideranças era com a educação e o nível cultural do grupo, não faltando tentativas, como promoção de palestras, estabelecimento de aulas para sócios para tentar sanar estas falhas (LONER, 2008, p. 250).

Silveira (2017, p. 68) se pergunta, com relação à cidade estudada por ela (Venâncio Aires), como o discurso forjado da democracia racial poderia ser verídico sendo que um clube social negro é criado por um grupo de homens e mulheres negras na mesma época e justamente quando esse discurso está em voga. Vamos além, nos perguntando como vários clubes sociais, de futebol, carnavalescos, imprensa, entre outros, são criados em todo Brasil, de forma separada, se a integração entre os negros e brancos era o lema dessa democracia racial?

Trabalhos como os citados no panorama que procuramos dar aqui, outros em andamento ou a serem realizados, demonstram toda uma agência e construção dessas pessoas negras no Estado. Embora tenha havido todo um projeto político com o objetivo de invisibilizá-los e demonstrar a região como composta somente de pessoas brancas, imigrantes europeus e diferenciados, não tem formas de apagar a participação negra ativa, seja em escravidão ou liberdade, se organizando para libertar os seus ou trabalhando nas festividades e projetos que almejavam promover.

Essas pesquisas vêm demonstrando um Rio Grande do Sul mais plural do que se imagina, como diz Silva (2018): “esse chão foi marcado pela atuação de africanos e seus descendentes na busca por um lugar ao sol, ajudando a construir o que hoje é o Rio Grande do Sul e lutando contra as estruturas de uma sociedade racializada” (SILVA, T., 2018, p. 130).

Apresentado esse panorama sobre a sociabilidade negra no Rio Grande do Sul, falaremos agora sobre como ela também se fez presente na cidade de Santa Maria. Como uma das formas de sociabilidade existe a Imprensa Negra. Nos tópicos seguintes iremos apresentar como ela pode ser uma potencial fonte para visualizarmos a ocorrência do futebol negro no Estado nesse período do pós-Abolição. Depois, ainda em diálogo com os jornais da

Imprensa Negra, faremos um debate e levantamento sobre os clubes negros de futebol no Rio Grande do Sul e suas principais relações/ligações.

3.1 REDE NEGRA EM SANTA MARIA?

Percebe-se que Santa Maria não foi citada acima nas organizações do Rio Grande do Sul. Isso não se deve ao fato de que elas não existiam, antes pelo contrário como veremos, mas porque julgamos necessário um tópico específico que trate sobre as associações negras na referida cidade, visto que Santa Maria trata-se do recorte espacial da presente pesquisa que aqui construímos.

A Santa Maria do século XIX foi um ponto de passagem para diversos viajantes que aqui permaneceram por um tempo e escreveram sobre suas impressões gerais da cidade, tanto das paisagens, natureza, desenvolvimento, quanto das características dos seus habitantes. Essas informações são importantes para que hoje possamos visualizar essas observações com um viés mais crítico. Santos (2021) analisando algumas delas diz que:

Nos testemunhos de Robert Avé Lallemand, Stanislaw Klobukowski e Herman Soyaux, por exemplo, assim como na Revista Comemorativa do Primeiro Centenário da Fundação da Cidade de Santa Maria (1914) e no volume História do Município de Santa Maria 1797-1933 (1989) escrito por João Belém, a população de procedência germânica sistematicamente ganha atenção, sendo a ela atribuída notável inserção na política e no comércio, virtudes de ordem e progresso, e às grandezas morais e materiais da cidade (SANTOS, 2021, p.18).

Percebemos nos escritos de tais viajantes e memorialistas comentários de enaltecimento de imigrantes alemães e de comparação das paisagens com a Europa.

Mesmo os comentários feitos pelos viajantes tendo sido de uma temporalidade diferente, vemos que se segue esse mesmo viés anos depois. Por exemplo, quando Belém, em 1933, citado na introdução no trabalho, nomina detalhes de diversas associações santamarienses, mas coloca dois clubes negros, União Familiar e Treze de Maio, como “associações diversas” e sem mais informações sobre seus fundadores, funcionamento ou motivo da criação. Ou também, quando no Álbum Ilustrado da cidade de Santa Maria, já citado, diz que pode ser que haja lacunas a preencher em suas páginas. Reiteramos: as lacunas faltantes são muitas, já que nas mais de 70 páginas recheadas de informações sobre as mais diversas organizações, associações, clubes e lugares da cidade, encontramos apenas uma referência a algo que seja ligada à rede negra que existia operando em Santa Maria.

Grigio (2018, p. 19) afirma que: “o cotidiano da população negra de Santa Maria estava totalmente inter-relacionado com a escravidão”. Para enfrentar essa realidade de

exclusão e violência os vínculos de solidariedade e contato eram importantes como meio de celebração, conexão e também de manifestações religiosas. Assim como aconteceu em Pelotas e Porto Alegre o princípio do associativismo negro em Santa Maria ocorreu com a criação de uma Irmandade Religiosa. Um dos trabalhos mais importantes sobre ela e base para todos que se interessam por pesquisar sobre a população negra em Santa Maria, em escravidão ou liberdade, é, justamente, de Ênio Grigio. O mesmo pesquisou sobre a Irmandade Nossa Senhora do Rosário desde o seu início, em 1873, até o seu “fim” em 1942, passando por momentos das suas festas e celebrações, até pelo seu período conturbado da demolição do seu templo que foi parar em disputas judiciais contra a Igreja Católica, representada pelo Padre Caetano Pagliuca.

Mas não para por aí, Grigio (2018) segue investigando a vida de algumas pessoas que participaram da construção e do desenvolvimento dessa Irmandade, percebendo diversos nomes que também vão se inter cruzando entre outras organizações negras da cidade. Ele diz que: “A Irmandade foi o centro aglutinador dos negros de Santa Maria, tanto na década de 1870, como no período do pós-Abolição” (GRIGIO, 2018, p. 282). Por ser um espaço familiar, muitas das pessoas envolvidas nela, também iniciavam seus filhos e assim, essa ideia de associação negra ia sendo passada de geração em geração, de modo a continuar com o legado.

Essa Irmandade foi construída no Bairro Vila Rica, hoje bairro do Rosário, e Grigio (2018) o entende enquanto um bairro negro, não porque moravam apenas pessoas negras no local, mas porque parte dos fundadores de algumas das organizações negras da cidade residiam naquele lugar. Na época, o bairro estava localizado nos “arrabaldes” da cidade, na periferia e, por parte de jornais da época, sofriam alguns preconceitos, através de expressões que tinham a intenção de rebaixar o bairro por conta de seus residentes, demonstrando aí uma imprensa elitista e racista.

Concordando com Oliveira (2017) que a tese de Ênio Grigio entra para a lista de textos mais importantes da história de Santa Maria. Essa tese, que virou livro pela Lei Municipal do livro da cidade, demonstra, além da trajetória da Irmandade, um pouco do cotidiano da escravidão, apresentando como imigrantes alemães e seus descendentes também possuíam escravizados, citando nomes conhecidos na história tradicional da cidade como famílias escravistas, tais como: João Appel, Otto Brickman, Pedro Cassel, João Niederauer Sobrinho, Martins Höehr, Frederico Guilherme Niederauer e Carlos Henrique Niederauer¹²⁵.

¹²⁵ Alguns desses sobrenomes como Appel e Niederauer, hoje são nomes de ruas, monumentos e de quartéis na cidade de Santa Maria-RS.

Grigio (2018) vê algumas cenas da abolição como um teatro, parecido com o que aconteceu em Porto Alegre (ZUBARAN, 2010) e analisado nos impressos hegemônicos anteriormente. Nesse teatro, as elites tomaram a narrativa da abolição para si e quiseram o protagonismo do momento. A partir de 1884 o número de cativos diminuiu drasticamente na cidade, passando de 22.042 para 126 no ano seguinte. Mas esse fato está longe de ser um gesto de benevolência ou tomada de consciência por parte de alguns daqueles senhores de escravos citados acima. Muitos escravizados ainda continuaram trabalhando em um precário sistema de contratos por anos, que podiam variar e até ultrapassar a data da “abolição oficial” em maio de 1888.

Lélia Gonzalez (1984) em seu texto clássico “Racismo e sexismo na cultura brasileira” escreve uma epígrafe cômica e trágica ao mesmo tempo. Ela relata uma história fictícia de um grupo de negros convidados por pessoas brancas a prestigiarem o lançamento de um livro que tinha ligação com a temática étnico-racial. Nesse espaço, os negros sentaram atrás nas mesas, mas os discursos foram proferidos somente por pessoas brancas, eram todos enaltecendo a cultura negra, falando das dificuldades que eles passaram, tudo isso regado de aplausos e mais comentários. Esses “brancos legais” trataram os negros com consideração, mas simplesmente ignoraram os verdadeiros protagonistas daquele espaço. Essa história não acaba muito bem, pois uma das convidadas negras se revolta com a situação e resolve pegar o microfone para se fazer ouvida, começando assim uma “bagunça” generalizada no local. Essa história relatada por Gonzalez (1984) pode até ser fictícia, mas encontramos muitas semelhanças com ela nesse momento da abolição e em diversos outros casos contemporâneos em que querem “falar de nós, sem nós”.

Com um trabalho iniciado em “Moreno Rei dos astros a brilhar, Querida União Familiar trajetória e memórias do clube negro fundado em Santa Maria, no pós-Abolição” Oliveira (2016) fez uma importante pesquisa sobre o Clube União Familiar, clube social mais antigo da cidade, criado em 1896 e importante nessa rede associativa. Através de fontes orais, documentos, fotos e jornais locais, buscou-se descobrir mais da origem dele, bem como as motivações para a sua criação e também sobre a trajetória de alguns membros desse lugar que promovia festas, bailes dançantes e outras atividades importantes para a comunidade negra.

Essa cidade multiétnica, heterogênea, de pessoas com condições e profissões diferenciadas no cenário santamariense do final do século XIX e início do século XX, como já dito, foi um importante atrativo para diversas pessoas. Entre elas, José Francisco do Nascimento, escravizado em São Leopoldo/RS. Para a pesquisa que deu continuação em sua

dissertação, Oliveira(2017) reduz a escala e acompanha a trajetória dele e de sua esposa, Innocência Maria Joaquina, nascida do Ventre Livre em Santa Maria. Foram nesses caminhos de escravidão e liberdade que eles se encontram nessa cidade, que foi um lugar para migrar, constituir seus projetos, sonhos, trabalhos e famílias. Através dessas trajetórias, a autora consegue fazer um panorama da cidade nesse contexto e reconstrói, através da busca por documentações e outras fontes, suas redes familiares, os quais participaram ativamente de outras organizações negras na cidade.

José e Innocência, eram um dos casais articuladores da Irmandade do Rosário, já citada e pesquisada por Grigio (2018). Através de análises documentais, se descobriu que a terceira geração da família dos dois está envolvida em pelo menos oito organizações em Santa Maria, sendo elas de caráter social, esportivo e da imprensa (OLIVEIRA, 2017). Entre eles, José Francisco do Nascimento Filho, um dos nomes citados no clube de futebol Sport Club Rio Branco. A família de Laura e Ovídio também possuem muitas semelhanças com a de José e Innocência, inclusive nessa questão de estarem envolvidos em organizações negras, passando esse legado para seus filhos, pois o filho único do casal, Honório José do Prado, foi membro fundador do clube de futebol Club Foot-Ball 7 de Setembro.

Através desse trabalho e das associações nominais que Oliveira (2017) fez com essa família pensamos em uma rede negra associativa mais ampla para a cidade. A autora percebeu apenas uma rede que envolvia o Clube União Familiar, Vila Operária Brasil, o Bloco Rancho Succo, que era do carnaval, e o jornal da Imprensa Negra *O Succo*. Nossa intenção aqui não é formular um estudo de rede complexo, fazendo conexões nominais e interligadas, embora consideremos esses trabalhos extremamente importantes. Mas entendendo essas redes negras de forma mais ampla, articuladas, enquanto grupos que trocaram informações entre si e possuem conexões evidentes, como a participação de uma maioria de pessoas negras em seus quadros - em muitos casos as mesmas pessoas - e com alguns objetivos em comum, como a positivação da população negra. Assim, estendemos o uso da noção de rede negra para além do já elaborado por Oliveira (2016).

Percebendo essa rede negra ampla e complexa em uma cidade no interior do Rio Grande do Sul, concordamos com Oliveira (2017):

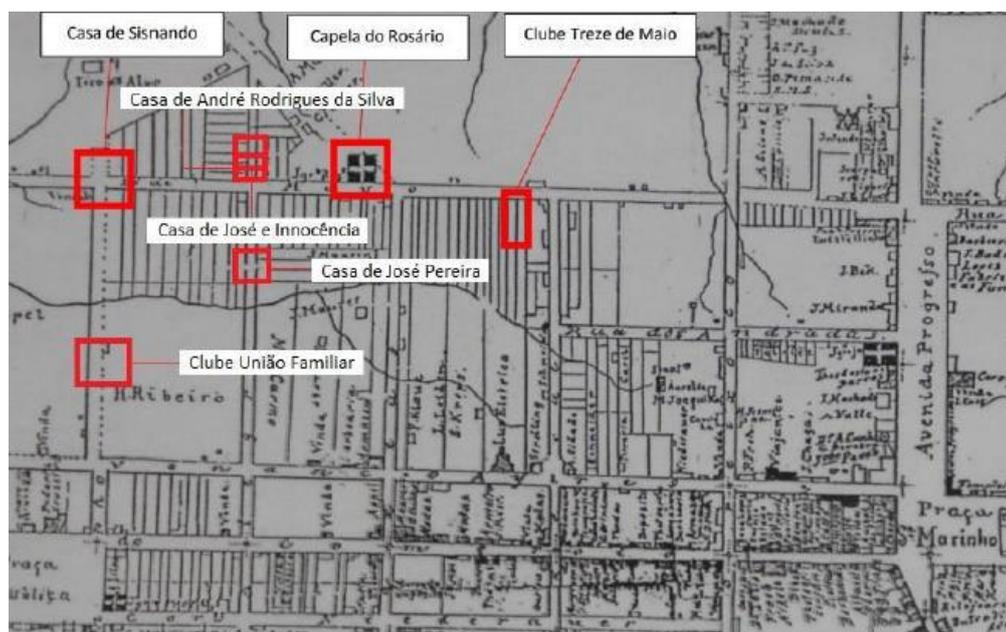
Ao pós-Abolição em Santa Maria da Boca do Monte não pertenceu apenas os mirabolantes projetos das elites locais sobre os rumos da cidade e seus habitantes, incluindo aqui o pensamento sobre as redefinições das relações de trabalho, sobre a modernização, a higienização, o embelezamento, a dita nova ética burguesa, anteriormente comentada. O pós-Abolição, também, fora marcado pelas definições de liberdade (como viver e estar em liberdade, como fazer-se em liberdade) construídas por negros e negras, estas que, muitas vezes, foram transfiguradas em

uma série de projetos individuais, familiares e/ou coletivos (OLIVEIRA, 2017, p. 267-268).

Com a ajuda das 30 organizações negras de Santa Maria presentes no já citado livro “Organizações Negras de Santa Maria: primeiras associações dos séculos XIX e XX” que será melhor explicado mais tarde, há outros pressupostos que nos permitem entender a maioria dessas organizações como redes, que são: as conexões familiares, o território desses espaços (como citado a União familiar na Vila Brasil e Vila Rica), membros desses clubes que eram vizinhos e conhecidos, além de comungarem dos mesmos trabalhos na grande maioria das vezes. Enfim, por conta desses propósitos em comum, consideramos essas associações formando uma rede negra na cidade de Santa Maria.

A título de exemplo dessas proximidades territoriais, Grigio (2018) e Oliveira (2017) em diálogo, formulam um mapa em que estão presentes algumas das localizações das casas de pessoas negras envolvidas nos clubes e algumas das associações.

FIGURA 15 - Localização da casa de pessoas envolvidas na rede negra e organizações negras próximas, no mapa de 1902, a partir de Grigio (2016, p. 207) e Oliveira (2017, p.309).



Fonte: Grigio (2016, p. 207). Algumas das marcações foram feitas por Grigio (2016) e outras por Oliveira (2017, p.309).

Porém, a ideia de rede negra não permite que igualemos todos os sujeitos negros que dela faziam parte e nem que tratemos como iguais todos esses espaços, eles não são. Há muitos elementos que os aproximam, mas também aqueles que os diferenciam, afinal, possuíam projetos e ideias diferenciadas. Até por isso, não só em Santa Maria, mas em outras

idades pelo Brasil, são criados tantos clubes e associações negras, com o mesmo caráter, mas diferenciados¹²⁶. Por exemplo, uma Irmandade não é a mesma coisa que um clube social, existem diferenças e questões que também envolvem gênero, raça e classe. Por isso, apesar de serem/estarem em rede, deixamos nítido que esses grupos também são diversos, heterogêneos e, inclusive, possuem conflitos externos e internos.

Giane Vargas Escobar (2010) pesquisa clubes sociais negros como lugares de memória, resistência negra e a importância desses espaços como patrimônio, principalmente a partir do 1º Encontro Nacional de Clubes e Sociedades Negras que aconteceu no ano de 2006. A autora cita diversos clubes sociais no Rio Grande do Sul, mas centra seus estudos na trajetória e transformações da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, criada em Santa Maria, no ano de 1903. Assim como o Clube União Familiar, a fundação desse clube foi noticiada pelo jornal, *O Combatente*, na coluna “Sociedades”, embora adicionada a composição da primeira diretoria:

Com o louvável intuito de comemorar a gloriosa e inolvidável data 13 de Maio p. p., uma sociedade com o título acima. Sua primeira diretoria ficou assim constituída: Presidente, José Fontoura; Vice-Presidente, Manoel Pereira de Moura; 1º secretário, Osório Nunes, 2º Secretário, José Alves Teixeira. Agradecemos a gentileza da participação e fazemos votos pelo progresso da sociedade¹²⁷.

Sendo um clube social conhecido pela sua longevidade e um dos mais importantes do Estado, a autora foca na sua criação, com diversas festas, organização de bailes e atividades culturais e sociais voltadas à população negra. Esse espaço foi criado justamente porque pessoas negras eram proibidas de frequentar clubes “brancos”, esses são citados por memorialistas da cidade. Mas a criação desses clubes negros não se dá somente pela exclusão, mas também pelo fortalecimento dessa identidade negra, socialização e lazer que esses espaços poderiam proporcionar.

Trazendo as principais características do clube, Escobar (2010) constata que ele passa pela fase da transição, se estruturando e se afirmando como clube essencialmente negro, depois vem o seu auge, com legitimação, fortalecimento, moralidade e rigidez. Infelizmente, anos depois passamos por sua decadência, com desestruturação e desaparecimento, até que no ano de 2001 acontece uma revitalização e sua a ressignificação como museu comunitário, fortalecendo e valorizando suas origens, comemorando e ressignificando agora a data do 20

¹²⁶ Esse é um debate que podemos formular até na contemporaneidade, pois muito se pensa que negros e negras não podem discordar entre si, que qualquer mera situação de divergência entre pessoas negras é símbolo de desunião. Porém, pessoas negras são plurais e diversas em seus pensamentos, ações e não devem ser colocadas em um bloco homogêneo, esse é um pensamento racista que apaga subjetividades.

¹²⁷ *O Combatente*, 11 de junho de 1903. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno XVI. CMEC.

de novembro e fazendo apologia a figura de Zumbi dos Palmares (ESCOBAR, 2010). No momento, o popularmente conhecido como “Treze” e transformado nessa última fase em museu comunitário se encontra temporariamente fechado. Fazemos votos que logo reabra para que os documentos, fotografias e memórias lá presentes possam ser pesquisados e esse ambiente composto por tanta história volte a ser compartilhado com a população de Santa Maria.

A preocupação com a educação apontada no subcapítulo acima também aparece em Santa Maria. Medeiros (2021) objetiva compreender como funcionavam as agências negras no campo educacional da cidade, considerando principalmente, as primeiras décadas do século XX. Entre os projetos por melhores instruções, temos o da já citada Irmandade Nossa Senhora do Rosário, que pretendia construir uma escola nas dependências da igreja. Esse, acabou não saindo do papel, mas demonstra uma importante ideia e desejo dessa comunidade por educação. Entre outras iniciativas, houve a manutenção de uma biblioteca no clube social negro Treze de Maio e foi feito um abaixo-assinado de trabalhadores que gostariam de ter tempo para acessar as aulas da cidade no turno da noite.

Por meados de abril de 2020, eu e mais um grupo de pesquisadores: Felipe Farret Brunhauser, Franciele Rocha de Oliveira e Luiz Fernando dos Santos da Silva Rodrigues, pensamos em uma ideia simples: separar e catalogar as organizações negras de Santa Maria que tínhamos conhecimento até o momento. Porém, como toda ideia, essa foi crescendo, juntando novas informações, ampliando possibilidades e, por fim, acabamos publicando um livro em formato de *e-book*, online/digital e gratuito intitulado “Organizações Negras de Santa Maria: primeiras associações negras dos séculos XIX e XX”.

Quando iniciamos os trabalhos sabíamos de organizações que possuíam muitas informações, de outras que possuíam poucas, mas não tínhamos ideia de que, no fim, contaríamos com o expressivo número de 30 organizações negras na cidade. Essas, estiveram em funcionamento entre os anos de 1873 e 1965 e vão desde irmandades religiosas, clubes sociais e carnavalescos, clubes de futebol até a Imprensa Negra.

Com o objetivo de fazer esse número conhecido, mas também de apresentar e rememorar essa tão grande sociabilidade negra na cidade através de um mapeamento, nossa intenção foi mudar um pouco do desconhecimento que se tem sobre essas organizações em âmbito local e regional, apresentando “o que foram as complexas e diversas experiências negras em liberdade no coração do Rio Grande do Sul” (GRIGIO et al., 2020, p. 9).

O presente livro foi resultado de um trabalho totalmente coletivo, juntamente com alguns membros do GEPA ocupando a função de organizadores, mas com a mão de mais outros tantos quando, mais uma vez ampliando a ideia, decidiu-se por transformá-lo também em um material paradidático. Assim, o “Organizações Negras” pode ser trabalhado também em sala de aula com alunos na rede básica de ensino, de igual modo no ambiente familiar com filhos, pais, avós, etc. As atividades presentes ao final do livro são diversas e versam sobre as organizações negras de uma forma leve e didática, todas elas construídas por professoras/es de História ou em formação.

Então, se a negligência em contar essa história local acontecia porque não se sabia onde estavam essas pessoas negras, não se tinha um número mínimo de fontes históricas ou qualquer outra coisa, essa obra, assim como as outras fontes citadas nela, se colocam mostrando diversas possibilidades sobre a localização e tensionamentos dessa população: “A população negra esteve presente desde o início do povoamento da região: seja na experiência da escravidão, na formulação de estratégias de sobrevivência em meio à liberdade precária vivenciada ou na construção da liberdade e da cidadania (processo que foi finalizado?)” (GRIGIO et al., 2020, p. 13).

O mapeamento a que nos referimos, é o mapa da cidade nos primeiros anos do século XX. Apresento abaixo, como forma de ilustrar a localização de algumas das organizações negras que estão no livro. Infelizmente, através das fontes, não conseguimos registros do endereço de todas elas, nem de seus períodos de funcionamento, mas ele serve para apresentar um panorama que demonstra a importância e a dimensão da rede de sociabilidade negra na cidade.

FIGURA 16 - Organizações Negras de Santa Maria



Fonte: Livro Organizações negras de Santa Maria, produzido pelo GEPA.

Essas organizações eram formadas por membros que participavam de várias delas, outras não. Reafirmamos, com a ideia de rede negra, que essas 30 organizações possuem pontos em comum, mas também são heterogêneas, com algumas discordâncias, possíveis inimizades, mas juntas em um projeto de “valorização de sua raça e de sua classe e de ascensão social de seus protagonistas” (GRIGIO et al., 2020, p.10).

Para elaborar este material, as fontes foram diversas. Uma parte delas já estão presentes em pesquisas históricas sobre Santa Maria e a população negra, outras em pesquisas próprias das e dos organizadores. São desde recortes de jornais, livros de atas de algumas dessas organizações, fotografias, entrevistas que partiram da metodologia da história oral, pesquisa bibliográfica, assim como outras fontes e vestígios, que permitiram a identificação daquelas como associações negras.

Fazendo uma analogia com o futebol, as redes não são meras coadjuvantes da partida que ficam apenas à espera da bola entrar ou passar perto dela. Existem alguns tipos de redes de futebol, mas de forma geral, elas são uma série de fios ligados uns aos outros e, assim juntos, formam um grande e extenso todo que delimita até onde a bola pode ir. Podemos dizer que a rede negra montada em Santa Maria, ainda em escravidão e depois no pós-Abolição,

se deu nesses mesmos moldes. Ela é formada por uma série de pessoas, homens e mulheres, com sonhos, desejos, caminhos e objetivos próprios, que ligados e juntos uns dos outros acabaram formando um grande todo, uma expressiva rede de sociabilidade negra na cidade.

3.2 IMPRENSA NEGRA: DA RESISTÊNCIA ESCRITA A UMA FONTE HISTÓRICA IMPORTANTE PARA SE ENTENDER OS CLUBES NEGROS DE FUTEBOL

Ao olhar para os clubes negros de futebol ou até mesmo para sabermos mais sobre jogadores negros no pós-Abolição devemos rever muito das fontes e da própria historiografia que estamos estudando. É importante mudarmos as lentes e lermos o que Salathiel Campos, por exemplo, enquanto homem negro, estava escrevendo na imprensa hegemônica de São Paulo, denunciando o racismo no futebol e expondo suas ideias sobre negros no esporte. Mas também, precisamos direcionar nossos olhares para a Imprensa Negra para entendermos sobre essas pessoas que de "pele escura e tinta preta"¹²⁸ em suas páginas também comentavam sobre futebol. Assim, com essa ampliação das fontes, surgem novas problemáticas e metodologias para as pesquisas.

A Imprensa Negra também faz parte dessa rede de sociabilidade entre a população negra e foi presente em grande parte do país, inclusive no Rio Grande do Sul, como veremos. Ela é uma fonte privilegiada e abre uma janela importante para pensar a participação do negro em várias instâncias, incluindo o futebol. Se antes as justificativas para essas pesquisas não existirem era porque faltavam fontes e materiais de pesquisa, isso acontecia somente porque não se olhava para o que a Imprensa Negra tinha a apresentar sobre.

Por um longo tempo a imprensa, hegemônica ou negra, por ser considerada uma fonte que continha registros de opiniões, subjetividades e interesses próprios, foi deixada de lado enquanto fonte histórica importante e necessária para pesquisa sobre o passado. Tânia Regina de Luca (2008) aponta a década de 1970 como fundamental para que no Brasil se fizesse uma história da imprensa e por meio da imprensa, para que assim os jornais e revistas se tornassem objetos da pesquisa histórica. Essas, inclusive, são as fontes mais utilizadas para trabalhos que pesquisam sobre História dos Esportes (MELO et al, 2013).

Ana Flávia Magalhães Pinto (2006) realizou uma importante pesquisa sobre a Imprensa Negra, essa existente e resistente desde o século XIX. Através da pesquisa de oito jornais, de

¹²⁸ Essa é uma expressão poética utilizada no título da dissertação de Ana Flávia Magalhães Pinto (2006) sobre a cor dos sujeitos que molhavam as penas em tintas pretas para contar suas histórias no século XIX, mas que podemos estender para outros momentos.

tempos, 1833 a 1899, e espaços, Nordeste, Sul e Sudeste, diferentes, a autora apresenta um panorama dos jornais da Imprensa Negra oitocentista e considera que eles representam um momento político importante do país, trazendo informações e questões valiosas para pesquisa. A partir do que é considerado o primeiro jornal da Imprensa Negra, *O Homem de Côr*, no Rio de Janeiro, em 1833, ela desenvolve questões de análise sobre seus conteúdos, fundadores e problemáticas.

Essa Imprensa Negra "mais antiga" por muito tempo foi esquecida, mas é importante pensarmos sobre essas primeiras páginas da sua escrita, pois elas foram feitas em um dos momentos mais conturbados do Brasil, final da escravidão. Aqui sujeitos negros fizeram suas falas, vozes e desejos serem de interesse público, assim incentivando tantas outras páginas negras que veríamos anos depois por todo Brasil.

Apesar de Pinto (2006) ter sido a primeira a sistematizar as ideias e características dos jornais negros mais antigos, foi Roger Bastide, em 1951, quem primeiro pesquisou e trouxe à tona essa temática, olhando para os jornais negros paulistas, embora de uma certa forma problemática. Santos (2011) faz uma crítica ao seu trabalho que ao tentar falar sobre os jornais negros acaba os inferiorizando e estereotipando, mesmo "sem querer". Alguma das questões era que o autor definia os jornais negros de São Paulo como um certo resultado de "apatia ou consciência passiva", tirando os mesmos de suas próprias histórias, como se eles fossem os responsáveis por uma autosegregação e não tivessem criado condições sociais e políticas para enfrentar o preconceito que os abatia. Esse debate com Bastide está presente no trabalho de José Antônio dos Santos (2011) e o colocamos brevemente aqui para podermos entender que mesmo um dos considerados responsáveis pela criação do termo Imprensa Negra e admirador dos impressos, que os reconhecia como importantes, pode não ter entendido ao todo, como ela acontecia e qual eram seus objetivos.

Focado no Rio Grande do Sul, há outro trabalho sobre a temática que deu base para várias pesquisas sobre a Imprensa Negra. Santos (2011) pesquisou em sua tese de doutorado sobre alguns jornais e edições da Imprensa Negra sul-riograndense. Em um número delimitado de jornais negros, ele percebe as particularidades de cada um, que variam conforme as realidades locais, mas também define cinco características que aparecem nos mesmos:

Primeiro, os periódicos eram fundados, escritos e mantidos por pessoas que se auto-identificavam como negras ou que se colocavam como muito próximas deste meio; segundo, tinham como leitores e alvos prioritários das publicações, embora muitas vezes não fossem os únicos, a população negra; terceiro, os jornais divulgavam assuntos de interesses dos negros e eram reconhecidos pelos leitores como defensores das suas questões; quarto, alguns redatores dos jornais mantinham contatos próximos

entre si, trocavam exemplares e autorreferenciavam-se como “co-irmãos” que “colima[vam] o mesmo ideal pelo qual nos batemos”; quinto, todos esses aspectos eram, de forma recorrente, divulgados pelos jornais de maior circulação (SANTOS, 2011, p. 108).

Aline Sônego (2022) produziu um estado da arte em que privilegiou pesquisas recentes sobre a Imprensa Negra, entre o final do século XIX até as três décadas iniciais do século XX. Nesse panorama, a autora conseguiu observar que os trabalhos que tratam sobre a Imprensa Negra sul-rio-grandense estão em segundo lugar, em termos numéricos de pesquisas produzidas, perdendo apenas para São Paulo. Além disso, Lima, Oliveira e Pedrosa (2019) em um trabalho conjunto construíram um breve mapeamento dos jornais da imprensa negra no Estado, contabilizando 48 jornais, concentrados em 12 cidades.

Por muitas vezes, só de olharmos as primeiras páginas de cada jornal negro já temos a dimensão das pautas que eles se dedicam e das informações que querem passar. Com um olhar mais atento, conseguimos refletir sobre a participação dos negros em vários meios, na política, na cultura, na sociedade, nos posicionamentos e no futebol. Os temas que comumente são abordados passam pela denúncia do preconceito racial, soluções para inserção e a ascensão social, opiniões diversas, notícias que eram relacionadas ao lazer, trabalho, educação, religião e cultura. A busca por igualdade era expressada nas denúncias, com relatos de atos racistas e de como a sociedade e autoridades se portavam por meio deles (quase sempre de forma omissa). Também havia um certo julgamento e pedido por respeito, postura e bom comportamento dos sujeitos negros, sobretudo de mulheres. De certa forma, a disciplina e organização era uma prioridade em várias escritas de redatores dessa imprensa, tudo isso para tirar estereótipos que recaem sobre a população negra da época¹²⁹.

É verificado também que haviam trocas de exemplares e influências entre os redatores, das escritas, ou seja, uma interlocução ativa entre as cidades do Rio Grande do Sul, dos outros Estado e até mesmo internacional, quando notícias e informações de jornais negros dos Estados Unidos eram também informadas na imprensa sul riograndense (SANTOS, J., 2018).

Produzir um jornal, organizar, planejar, escrever, convidar pessoas para a construção, não deveria ser uma atividade fácil, mas que teve um grande empenho entre a população negra para construir tais periódicos em várias regiões do Brasil, como vimos. Alguns desses homens negros eram influentes e conhecidos em suas cidades, interagem e discutiam sobre os mais

¹²⁹ Não iremos nos estender sobre essa característica da imprensa negra, mas Ângela Oliveira (2017) no capítulo 2 de sua dissertação denominada "A racialização nas entrelinhas da imprensa negra: o caso O Exemplo e A Alvorada – 1920-1935" apresenta como essas questões de moralidade e regras de conduta, aparecem nessa imprensa, com destaque ao papel das mulheres negras e o que era esperado e cobrado delas.

diversos assuntos para em suas páginas atualizar os leitores. Assim também, contribuíram com o seu intelecto, suas construções do conhecimento e talento para produzir tais jornais, mas também livros, poesias, manifestos que fizeram a diferença. Enfim, mostraram a capacidade de sujeitos negros para esse trabalho intelectual, embora tardiamente, mas merecidamente conhecidos.

José Antônio dos Santos em 2011, comentou que a imprensa negra sul-rio-grandense havia sido pouco utilizada como fonte histórica e ainda era quase desconhecida dos pesquisadores da área. Hoje, percebemos que há uma mudança significativa nesse cenário, como através do jornal *O Exemplo*, em que várias contribuições de diferentes temáticas sobre esses impressos foram produzidas nos últimos anos. Como exemplo, temos o trabalho de Perussatto (2018) que através dessas páginas consegue formular questões sobre a luta por direitos, instrução, educação e cidadania da população negra; Rosa (2019) no último capítulo de sua tese faz uma análise da trajetória do jornal, entre 1902 e 1911, ressaltando os perfis e trajetórias dos seus integrantes; recentemente Liane Ribeiro (2020) pesquisou sobre o mesmo jornal, mas entre os anos de 1910 e 1919, se atentando para várias questões, mas principalmente as estratégias políticas acionadas pelo periódico e seus articulistas. Esses, apenas referentes ao considerado primeiro jornal negro de Porto Alegre, mas em outras cidades essas pesquisas também acontecem, como em Pelotas, em que Ângela Pereira Oliveira (2017) através do *O Exemplo*, mas também do jornal negro *A Alvorada*, de Pelotas, conseguiu observar a racialização nas relações sociais e profissionais entre negros e brancos. No trabalho já citado de Thiago Silva (2018) para Bagé, o autor não pesquisa exclusivamente sobre a Imprensa Negra, mas se utiliza muito dessa fonte para perceber a sociabilidade na cidade. Aline Sônego (2022) trabalha com o jornal negro *O Astro* de Cachoeira do Sul, apresentando sobre a trajetória dos seus criadores e também questões e perfil social relacionadas ao público leitor.

Aqui no Rio Grande do Sul, o sociólogo paulista Fernando Henrique Cardoso foi um dos que primeiro apresentou o potencial da imprensa negra, através do jornal *O Exemplo*. Apesar de ter algumas falhas que são apontadas por Santos (2011) como seguir na linha de Bastide da "anomia social" da população negra, também consideramos importante citar esse trabalho pelo pioneirismo e visibilidade que concedeu. *O Exemplo*, primeiro jornal da comunidade negra rio-grandense, que circulou, com algumas interrupções, entre os anos de 1892 e 1930, possui um potencial muito grande de pesquisa, como já citado acima em algumas pesquisas (ROSA, 2019; RIBEIRO, 2020; ZUBARAN, 2006; MULLER, 2013; PERUSSATTO, 2018; OLIVEIRA, A, 2017). Foi através dele, que José Antônio dos Santos

(2011, 2018) começa a visualizar os jornais negros como importantes para se entender o futebol, trabalho com o qual dialogamos e seguimos na mesma linha.

Com a junção de um jornal que fazia parte da “grande imprensa” de Porto Alegre, *Correio do Povo*, com os periódicos da Imprensa Negra, Santos (2018) percebeu que os clubes e associações desportivas negras cresceram no Estado desde 1907. Além disso, viu que a Imprensa Negra foi essencial para divulgar, incentivar e noticiar sobre o esporte. Pensamos assim, que a pesquisa do autor por meio das duas impressas foi importante para descortinar uma parte dessa sociabilidade negra no Estado através do futebol, uma complementando a outra com notícias e notas.

No caso de São Paulo, Bruno Abrahão (2010) analisa diversos jornais da Imprensa Negra do Estado e apresenta como ela foi importante para a popularização do futebol entre seu público, com a estratégia de sempre positivar o esporte em suas páginas, elogiando o desempenho técnico e disciplinar dos jogadores negros, além das intensas divulgações dos jogos, feitos de sucesso e confraternizações no campo esportivo. Assim também, positivando essa identidade negra por meio do futebol, isso em meio a um contexto que prezava por essa disciplina.

Se pesquisarmos "Liga da canela preta" em qualquer barra de pesquisa seremos inundados por resultados que falam da liga de uma forma superficial e que acaba ajudando a edificar uma representação de "estereótipos de inferioridade e autossegregação dos jogadores negros" (SANTOS, p.108). Esse imaginário sobre a liga foi criado há muito tempo, repassado por memórias coletivas, cronistas, jornalistas e muitas dessas representações foram e ainda são divulgadas por jornais esportivos¹³⁰. O trabalho de José Antônio dos Santos (2018) tem o objetivo de desmistificar um pouco da história dessa liga tão comentada. Um dos poucos trabalhos que se tinha sobre ela e que, de certa forma, sedimentou o debate sobre o assunto, era o Mascarenhas Jesus (1999) que, apesar disso, foi importante para apresentar algumas ideias sobre a existência da mesma e de outras pesquisas sobre a geografia e futebol.

O jornal *Correio do povo* em 1912 já incentivava a criação de ligas entre os "suburbanos" em Porto Alegre, imitando o que estava acontecendo no Rio de Janeiro, em que clubes mais pobres, que não eram aceitos na liga principal, por não terem como arcar com os custos e exigências, acabaram por criar as suas própria (SANTOS, 2018).

¹³⁰ Santos (2018) cita uma matéria de um dos jornais mais conhecidos do Rio Grande do Sul, *Zero Hora*, “História do negro no futebol gaúcho”. Também quando a TV Globo, apresentou no programa Esporte Espetacular em 2009, essa mesma versão.

Porém, a expressão "Liga da Canela Preta" não foi encontrada em nenhum jornal no contexto que "existiu":

Não existiu uma liga de futebol em Porto Alegre com o nome de 'Liga da Canela Preta'. Como foi apontado por pesquisadores e cronistas esportivos, a existência de uma Liga da Canela Preta', fundada em 1910, não existiu. Esta fábula teve sua origem a partir da fundação da Liga de Futebol Sul-Americana, em 1913, onde constavam alguns nomes de clubes negros de futebol que vão formar as ligas seguintes. A primeira delas, e a mais lembrada como formadora da "canela preta", foi a Liga Nacional de Futebol Porto Alegrense, criada em 1929. Depois dela, seguiram-se outras ligas que foram criadas de forma concomitante e com as mesmas entidades esportivas. Foram os casos da Associação dos Amadores de Futebol e da Associação Sportiva de Futebol, fundadas no início daqueles anos (SANTOS, 2018, p. 145).

O que realmente aconteceu é que a Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense, a Associação Esportiva de Football e a Associação de Amadores de Futebol, coexistiram no tempo, em Porto Alegre e ocuparam os mesmos campos, mantendo uma interlocução direta com a comunidade negra local. Apesar da primeira, a Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense, ter sido a mais forte no quesito de criar essa memória coletiva, as outras também congregavam times negros, alguns que se desligavam de uma liga e iam para outra, trocavam jogadores e juntamente formaram essa memória construída da Liga da Canela Preta, tanto comentada (SANTOS, 2018).

Quando o futebol chega na capital Porto Alegre, segundo informações do jornal *Correio do Povo*, o grupo que recebeu a delegação do S.C Rio Grande¹³¹ que iria apresentar o futebol na cidade era, majoritariamente, composto por pessoas brancas da elite de Porto Alegre e da cidade de Rio Grande. Houve uma grande festividade e recepção no dia 6 de setembro de 1903 e, no dia seguinte, de forma pública, o futebol foi apresentado no Campo da Redenção. Anteriormente, houve uma ampla divulgação do evento, com detalhes dos envolvidos e uma explicação ao público leigo do que era e como se jogava o tal esporte que até o momento era quase desconhecido na cidade. Só depois dessa apresentação pública outros clubes começaram a surgir em Porto Alegre, sendo praticamente um estímulo inicial para essas formações.

O Sport Club Rio-Grandense, fundado em 12 de dezembro de 1907, é o clube negro mais conhecido de Porto Alegre, Santos (2018) aponta motivos como ter sido um dos primeiros criados. Há indícios que apontam ele ter sido o terceiro clube criado depois da apresentação do esporte na capital. Também é conhecido pela sua longevidade, número de conquistas e por ter

¹³¹ Santos (2018) afirma a proximidade do Estado com o Uruguai e Argentina como um importante meio do futebol ter se espalhado, em um primeiro momento, nas cidades que fazem fronteira com esses países. Como exemplo, temos Santana do Livramento, com o caso do S.C. 14 de julho. Neles, há indícios de jogos de futebol acontecendo desde 1867.

tido na diretoria do clube a participação do pai de Lupicínio Rodrigues, um dos mais importantes compositores gaúchos.

Santos (2018) afirma que até mesmo os jornais da Imprensa Negra tinham desconfiança com o esporte que estava chegando e demoraram um tempo para começar a divulgá-lo, como no *O Exemplo* em que as primeiras notícias sobre o futebol chegam de certa forma tardiamente. Fica a questão, será que nesse meio, o futebol precisou de um tempo para ser aceito e assimilado pelos intelectuais, políticos, escritores e redatores negros?

Na grande imprensa e falando sobre futebol, além de Salathiel Campos, também temos outro representante negro, porém esse não gostava nada do esporte, como já percebemos anteriormente. Afonso Henriques de Lima Barreto, mais conhecido como Lima Barreto, um dos maiores jornalistas, escritor e cronista brasileiro, observou muito da sociedade carioca no final do XIX e início do século XX. Ele não via sequer uma alegria no futebol ou motivo para tanto amor. Não entendia porque um jogo de bola era capaz de inspirar tantas "paixões e ódios". Também não compreendia como estavam surgindo tantas mulheres nas arquibancadas e, ainda mais, como poderiam se comportar de modos tão vergonhosos. Por tudo isso, a "Liga Brasileira contra o futebol" foi criada com seu amigo, Mário Valverde, para combater e denunciar esse esporte que para ele era o "primado da ignorância e da imbecilidade".

Lima Barreto era muito mais do que só "inimigo do futebol", não podemos ou queremos reduzi-lo a só essa característica, mas realmente chama atenção sua oposição ao esporte. Ele tinha fortes e contundentes argumentos para provar seus pontos de que o mesmo estava atrasando a vida dos brasileiros, principalmente a saúde física e mental dos jovens. Uma parte dessa aversão era demonstrada ainda mais, porque um dos seus meios de informações favorito estava sendo tomado por notícias ligadas ao esporte:

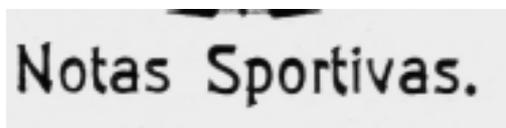
Os jornais não falavam em outra coisa. Páginas e colunas deles eram ocupadas com histórias de matches, de intrigas de sociedades etc. etc. Nos bondes, nos cafés, nos trens não se discutia senão football. Não há rico nem pobre, nem velho nem moço, nem branco nem preto, nem moleque nem almofadinha que não pertença virtualmente, pelo menos, a um club destinado a aperfeiçoar os homens na arte de servir-se dos pés.¹³²

Realmente, como o futebol estava crescendo em influência cada vez mais no país, os jornais se aproveitavam de sua fama e utilizam essa como as principais notícias que chegavam a ocupar páginas inteiras com colunas esportivas. Havia notícias dos times, dos jogos, resultados, escalações, produtos esportivos, entre outras. Nos jornais da Imprensa Negra essas

¹³² *Rio-Jornal*, 1922. Rio de Janeiro.

notícias não eram diferentes e os títulos das notas que começavam as notícias sobre esporte eram bem chamativos, como demonstramos abaixo:

FIGURA 17 - Seção de esportes 1



Fonte: *A Revolta*, 25 de maio de 1925.

FIGURA 18 - Seção de esportes 2



Fonte: *O Rio Branco*, 16 de maio de 1913.

Dessa forma, percebemos e reiteramos (com o risco de soar repetitivo) mais uma vez que os dois juntos, um jornal hegemônico e jornal negro, podem “jogar juntos” e ajudar a revelar uma realidade existente sobre os clubes e ligas negras de futebol, assim como fez Santos (2018) utilizando, principalmente o *Correio do Povo*¹³³ e *O Exemplo*, os dois da cidade de Porto Alegre. Por conta disso, não há como trabalhar sobre o negro no futebol ou clubes negros no esporte, nesse contexto, sem nos atentarmos para as problemáticas e questões que o pós-Abolição nos coloca.

Os jornais da imprensa negra, muitas vezes, se encontram dispersos, em acervos particulares, de militantes ou em arquivos diferentes. Acreditamos que para mais pesquisas e interpretações sobre a população negra aconteceram, deve-se haver uma política de preservação desses acervos, principalmente em formato digital. Nem todos os exemplares da Imprensa Negra estão disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, mas estão acontecendo alguns movimentos importantes que disponibilizam de forma online e gratuita alguns desses impressos¹³⁴. Assim, além das várias contribuições que tais fontes podem trazer, elas irão ajudar, no caso de pesquisas sobre futebol negro, a conhecer nomes de dirigentes, torcedores e torcedoras, jogadores negros que estão presentes em muitas dessas páginas que há tempos pedem uma passagem. Basta olharmos para área e cruzarmos para o gol.

¹³³ Comentamos sobre a criação do *O Exemplo* por sujeitos negros, mas apesar de chamarmos de “imprensa hegemônica” o *Correio do Povo*, criado em 1895, teve entre seus fundadores Paulino de Azurena, um escritor, tipógrafo e jornalista negro e gaúcho. Brenda Luiza Vidal (2018) faz um importante trabalho de trajetória da vida e obra de Paulino, destacando seu envolvimento com o jornal e sua importância no desenvolvimento do mesmo, levantando alguns poucos, mas importantes debates raciais.

¹³⁴ Três exemplos que demonstram essa mudança são: digitalização de exemplares do *O Exemplo*, entre 1910 e 1920, pelo Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul: <https://www.ihgrgs.org.br/hemeroteca.html>; a Campanha de preservação da imprensa negra criada pelo GEPA em 2018 que tem como intuito resgatar jornais negros da cidade de Santa Maria (LIMA, OLIVEIRA, PEDROSO, 2019); por último, recentemente, foram digitalizados edições da *A Alvorada*, jornal negro de Pelotas: <http://acervobiblioteca.com.br/pesquisa?filters%5Bterm%5D=a+alvorada>.

No subcapítulo abaixo veremos de uma forma prática como esses jornais negros noticiavam, principalmente, as ligações/relações entre os clubes negros no interior do Rio Grande do Sul e levantaremos questões sobre essa sociabilidade negra no futebol.

3.3 LIGADOS PELOS TRILHOS DOS TRENS: CLUBES NEGROS DE FUTEBOL NO RIO GRANDE DO SUL E SUAS RELAÇÕES

A criação dos clubes de futebol por pessoas negras, nada mais nada menos, é reflexo de uma capacidade de organização que já havia sido demonstrada em outros setores frente a discriminação racial (LONER, 1999, p. 243). Esses outros setores citados pela autora são todas as organizações negras que essas pessoas criaram para seus momentos de lazer, sociabilidade e parceria, como já especificado nos tópicos anteriores.

Existem duas cidades gaúchas importantes para entendermos o futebol no Estado, elas são Rio Grande e Pelotas. A partir delas podemos compreender o contexto geral, mas também pensarmos sobre clubes e ligas negras de futebol no Rio Grande do Sul. Em Pelotas tivemos a Liga José do Patrocínio e na cidade de Rio Grande a Liga Rio Branco, as duas criadas por pessoas negras e que funcionaram entre as décadas de 1910 e 1930.

Sobre a Liga José do Patrocínio, Mackedanz (2016) em sua dissertação, apresenta vários aspectos dela e dos clubes negros participantes que somente haviam sido apontados por outros pesquisadores. A criação da liga é referenciada no jornal negro *A Alvorada* como uma conquista que foi conseguida “[...] após uma série de sacrifícios, batendo-nos denotadamente contra o preconceito racial”¹³⁵. Vemos aí, explicitamente, mais um exemplo de espaço que foi criado por e para pessoas negras, por conta do racismo, ainda mais que nessa mesma nota eles dizem que: “veem e sabem como somos tratados pelos invejosos que por aí andam a pregar a bestialógica separação das raças num ‘país de mestiçagem’”¹³⁶. Demonstrando também uma crítica à ideia da democracia racial tão em voga no contexto, como debatemos na introdução deste trabalho.

Outro aspecto interessante que Mackedanz (2016) apresenta é que a Liga não ficava restrita apenas a jogos de futebol, disputas de campeonatos e burocracias. Eles atuavam em outra área também: posicionamentos contra o racismo. Por exemplo, José Antonio Ferreira da Silva, representante da Liga José do Patrocínio, foi a primeira pessoa a assinar uma moção de protesto em um caso de preconceito ocorrido no Teatro 7 de Abril, que havia sido denunciado

¹³⁵ *A Alvorada*, 14 de setembro de 1919. Pelotas, Rio Grande do Sul, p. 2.

¹³⁶ *A Alvorada*, 14 de setembro de 1919. Pelotas, Rio Grande do Sul, p. 2.

apenas pelo jornal *O Exemplo*, da Imprensa Negra de Porto Alegre e tinha sido negado por outro jornal da cidade de Pelotas, *A Opinião Pública*.

Esse foi um posicionamento importante de uma instituição maior, que representava, na época, cinco clubes negros de futebol e diversas pessoas negras envolvidas em suas construções. Ou seja, esses indivíduos eram alvo da discriminação racial e como um coletivo, era importante uma colocação que mostrasse o quanto essa Liga, chamada José do Patrocínio, nome de um dos maiores abolicionistas do Brasil, se importava em denunciar o racismo. Se posicionar, no futebol e fora dele, sobre casos de racismo, acaba sendo um ato político que há mais de 100 anos já estava sendo cumprido.

Sobre posicionamentos, temos mais um exemplo contundente que ocorreu na década de 1930 em uma cidade no interior do Rio Grande do Sul. Em Venâncio Aires, cidade conhecida pela imigração teuta, em 1935, um homem negro chamado Ataliba Rodrigues decide sair do campo após sofrer diversos xingamentos racistas por parte da torcida. Ele foi o primeiro negro a ingressar no Esporte Clube Guarani, sua posição era de goleiro e no jogo em questão o time estava perdendo. Sua saída de campo, não foi nada discreta, tanto pela forma, pois ele retira a camiseta do clube e sai do campo, quanto pelo impacto. As pessoas negras presentes no estádio, também resolvem sair por se sentirem indiretamente atingidos pelas ofensas. Esse foi um caso negativo, mas o estopim para uma ótima ideia que já vinha sendo semeada: a criação da Sociedade Négo Foot-Ball Club. Apesar do nome, essa organização negra não era apenas da área futebolística, mas sim, atuava para outros fins recreativos, como bloco de carnaval e bailes festivos (SILVEIRA, H., 2017, 2021).

Anteriormente comentamos que esse foi um posicionamento contundente em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul e, por mais que não seja um caso conhecido por todo Brasil ou mundo, tem um significado importante. Foi uma pessoa que não se calou frente ao racismo e inspirou diversas outras a fazerem o mesmo. Já registramos na introdução deste trabalho o quanto aumentaram os casos e denúncias de injúrias raciais nos últimos anos no esporte.

Ataliba, lá em 1935, saiu de campo ofendido, mas o resto do seu time, totalmente branco, ficou apático, talvez, ultrajados e sem entender tal atitude. Mais de 80 anos depois, ainda temos casos parecidos. Por exemplo, Taison Freda, jogador negro e gaúcho, que na época atuava no Shakhtar Donetsk da Ucrânia foi alvo de ofensas racistas da torcida rival e ao revidar com o punho em riste, foi expulso e suspenso, tendo saído de campo sem maiores manifestações

dos companheiros de equipe¹³⁷. Mas também existem exemplos a se seguir, como quando acontecem essas atitudes racistas e todo time se retira de campo em respeito ao ofendido e em forma de denúncia, caso da partida do Paris Saint Germain contra o Istanbul Basaksehir, em Paris no ano de 2020¹³⁸.

Como já citado, segundo os estudos de Thiago Silva (2018) há uma forte rede associativa negra em Bagé. Entre essas, o pesquisador afirma que na cidade alguns clubes negros formaram a Liga de Futebol 13 de Maio e, apesar de não ter mais informações sobre sua formação, sabe-se que o Sport Club União, Sport Club Palmeira e Riachuelo Football Club faziam parte dessa liga, clubes esses que são citados nos jornais da Imprensa Negra da cidade e região.

Então, ao todo, pelas pesquisas analisadas, foram formadas no Rio Grande do Sul, quatro ligas de futebol criadas, em sua grande maioria, por clubes negros de futebol: Liga de futebol 13 de maio, em Bagé; em Pelotas a Liga José do Patrocínio; Rio Grande a Liga Rio Branco e em Porto Alegre a Liga Nacional de Football Porto-Alegrense, Associação Esportiva de Football e Associação de Amadores de Football (que tratamos como uma só).

Mackedanz (2016, p. 127) aponta que:

Em julho de 1919, logo depois da criação da LJP, representantes desta foram à cidade vizinha e estabeleceram acordos com clubes de lá, para a realização de jogos intermunicipais entre clubes da LJP e clubes da cidade de Rio Grande. Todos estes indícios apontam para a criação de uma rede de cooperação entre os clubes negros de futebol dessas cidades.

Vemos assim, que o futebol agiu como um meio de socialização entre as pessoas negras de várias cidades do Rio Grande do Sul, pois pelos jornais vimos que, por exemplo: clubes de futebol de Pelotas que disputavam a liga José do Patrocínio também estavam em contato e jogando com equipes de Bagé que disputavam a Liga 13 de Maio, as duas ligas, de quatro ao todo, que temos notícia de serem formadas por clubes negros de futebol no Rio Grande do Sul.

Localizamos o total de 30 clubes negros de futebol no Rio Grande do Sul entre os anos de 1907 e 1936. Essa é uma sistematização e, muito provavelmente, existem outros times negros pelo Estado que ainda não foram pesquisados ou não conseguimos encontrar referências em

¹³⁷ Hypheness. “Não bastasse ser vítima de racismo, Taison é suspenso na Ucrânia”. 21 de novembro de 2019. Disponível em: <<https://www.hypheness.com.br/2019/11/nao-bastasse-ser-vitima-de-racismo-taison-e-suspenso-na-ucrania/>> Acesso em: 15 de agosto de 2021.

¹³⁸ GE, “Jogadores do PSG e Istanbul Basaksehir deixam jogo após acusação de racismo”. 8 de dezembro de 2020. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/liga-dos-campeoes/noticia/jogadores-do-psg-e-istanbul-basaksehir-deixam-jogo-apos-suposto-caso-de-racismo.ghtml>> Acesso em: 15 de agosto de 2021.

pesquisas já realizadas ou na imprensa negra. Outro detalhe é que deixamos apenas os clubes em que tivemos certeza que são formados por uma maioria negra na sua equipe diretiva ou jogadores.

QUADRO 2 - Clubes negros de futebol no Rio Grande do Sul (1907 - 1935)

NOME	CIDADE	LIGA A QUAL PERTENCEU	ANO DE FUNDAÇÃO OU ANO EM QUE FOI REFERENCIADO NAS FONTES
S.C Bento Gonçalves	Porto Alegre	Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense	1920
Foot-Ball Club Rio Grandense	Porto Alegre	Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense	1907
Ford F.B.C.	Porto Alegre	Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense	1924
S. C Palmeira	Porto Alegre	Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense	1921
S.C 1º de Novembro	Porto Alegre	Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense	1920
S.C União	Porto Alegre	Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense	1920
S.C Primavera	Porto Alegre	Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense	1920
S.C Venezianos	Porto Alegre	Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense	1920
S. C 8 de Setembro	Porto Alegre	Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense	1920
S.C Nacional	Porto Alegre	Liga Nacional de Foot-Ball Porto	1920

		Alegrense	
Fuss-Ball 20 de Setembro	Porto Alegre	-	1907
Sport Club Aquidaban	Porto Alegre	Associação Esportiva de Futebol*	1920
15 de Novembro F.B.C	Cachoeira do Sul	-	1921
Sport Club Palmeira	Bagé	Liga 13 de maio de futebol	1913
Riachuelo Football Club	Bagé	Liga 13 de maio de futebol	1925
Sport Club União	Bagé	Liga 13 de maio de futebol	1926
Sport C. Rio Negro	Rio Grande	-	1919
Club Foot-Ball 7 de Setembro	Santa Maria	-	1916
Sport Club Rio Branco	Santa Maria	-	1921
S.C Juvenil	Pelotas	Liga José do Patrocínio	1907 ou 1908
S.C América Do Sul	Pelotas	Liga José do Patrocínio	1911
G.S Vencedor	Pelotas	Liga José do Patrocínio	1919
União Democrata	Pelotas	Liga José do Patrocínio	1923
G.C Lusitano	Pelotas	Liga José do Patrocínio	1929
S.C Universal	Pelotas	Liga José do Patrocínio	1919
Négo Foot-Ball Club	Venâncio Aires	-	1935
Sport Club Gaúcho	Caxias do Sul	-	1934
Sport Club Cruzeiro	Novo Hamburgo		1922

Sport Club União	Santa Cruz do Sul	-	1923**
Gremio Sportivo Operario	Rio Pardo	-	1927
Castilhense Futebol Clube	Júlio de Castilhos	-	1920

* Como citado, houve três ligas que formaram o imaginário popular da “Liga da Canela Preta”. Em algumas delas, encontramos referências de nomes de times iguais, mas que não eram formados pelas mesmas pessoas, segundo Santos (2018) esses nomes repetidos eram práticas comuns. Optamos por deixar o nome da liga que primeiro encontramos referência para não causar confusão.

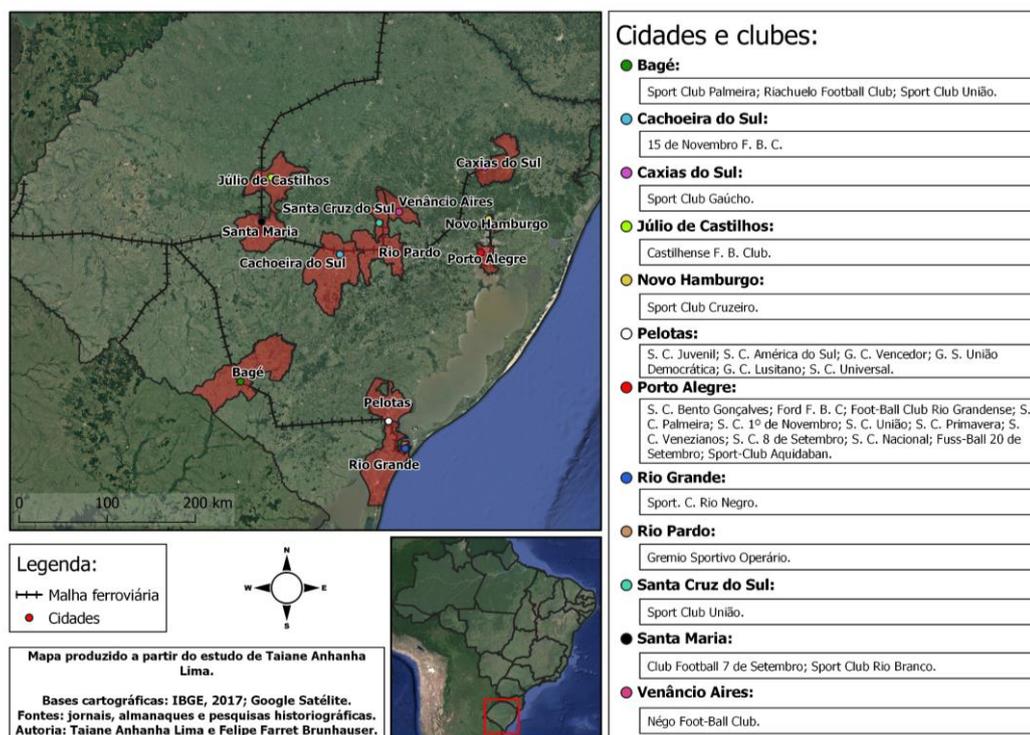
** O Sport Club União foi fundado em 1923, mas ainda não temos certeza se a questão futebolística já estava presente no clube.

Fontes: SANTOS (2018, 2011); SILVA, T (2018); SILVEIRA (2017); MACKEDANZ (2016); MAGALHÃES (2010); GOMES (2008); notícias encontradas em *O Succo* (1924; 1925; 1932); notícias encontradas em *O Astro* (1927).

A capital, Porto Alegre, é o lugar onde esses clubes mais aparecem, são 12, isso se deve ao fato de um maior número de habitantes e ter uma localização privilegiada em que as fontes, através da imprensa, são mais proeminentes e citam tais clubes. Não é de se surpreender que em seguida venha Pelotas, com 6 clubes negros de futebol, pois essa cidade tem e teve uma população negra bem expressiva e diversos tipos de organizações negras, como explicitado no início do capítulo (LONER, 2008).

Abaixo, apresentamos um mapeamento das cidades e seus respectivos clubes:

FIGURA 19 - Mapa da localização dos clubes negros de futebol do Rio Grande do Sul



Fechando essa visão geral sobre os clubes negros de futebol do Estado, procuramos entender com quais propósitos e como funcionavam essas ligações com outros times. Utilizamos alguns escritos da Imprensa Negra, com base no catálogo "Imprensa Negra no Rio Grande do Sul: Caminhos para preservação e divulgação do patrimônio AfroBrasileiro", projeto criado por Renata Andreoni com o objetivo de fazer um mapeamento de periódicos representativos da Imprensa Negra no Rio Grande do Sul. Esses documentos foram digitalizados e disponibilizados em uma plataforma virtual de acesso público, vinculado ao site do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, instituição executora do projeto.

Realizei um mapeamento dos jornais negros disponíveis, analisando as colunas que eram ligados ao futebol e esportes, vendo quais as notícias que esses jornais mais registravam, mas principalmente os contatos que tinham uns clubes com os outros. Entendemos que esse é um recorte limitado, porém na impossibilidade de se ter contato com todos os impressos desse segmento, uma opção que tomei foi usar esse banco de informações para ter uma visão geral e representativa dessa sociabilidade no futebol. Destaco também apenas relações e ligações que indicassem viagens e deslocamentos, pois inúmeros jogos entre as mesmas cidades são citados.

Os jornais do catálogo vão do final do século XIX até a década de 1950. Para esse momento recortei em um período semelhante ao do trabalho e em que temos citados os clubes de Santa Maria, de 1916 até 1932.

QUADRO 3 - Relações/Ligações de clubes de futebol negros

CLUBE DE FUTEBOL NEGRO "DA CASA"	CLUBE DE FUTEBOL NEGRO "VISITANTE"	LOCAL DA PARTIDA	JORNAL DA IMPRENSA NEGRA
Castilhense Futebol Clube - Júlio de Castilhos	Sport Club Rio Branco - Santa Maria	Júlio de Castilhos	<i>A Liberdade</i> , Bagé, 1920
Sport Club Rio Branco – Santa Maria	Ford F.B.C – Porto Alegre	Santa Maria	<i>O Succo</i> , Santa Maria, 13 de julho de 1924.
Riachuelo Foot-ball Club – Bagé	Sport Club União Democrata – Pelotas	Bagé	<i>Revolta</i> , Bagé, 1925
Gremio Sportivo Operario – Rio Pardo	15 de novembro Foot Ball Club – Cachoeira do Sul	Rio Pardo	<i>O Astro</i> , Cachoeira do Sul, 29 de setembro de 1927

América do Sul - Pelotas	G.S América - Bagé	Pelotas	<i>A Alvorada</i> , Pelotas, 1936
Sport C. Rio Negro – Rio Grande	Sport C América do Sul - Pelotas	Pelotas	<i>A Hora</i> , Rio Grande, S/data ¹³⁹

Fonte: Acervo da Cultura Afro-Brasileira

Aos moldes do que José Antônio do Santos (2011) fez para caracterizar a Imprensa Negra no Rio Grande do Sul, nos foi possível definir um conjunto de características das relações entre os clubes negros de futebol referentes às notas presentes nos jornais da Imprensa Negra do Estado:

- 1) A Imprensa Negra é o meio onde as coisas sobre eles são divulgadas;
- 2) Ocorrência de festividades para recepção e despedidas entre os clubes visitantes e os da casa (etiqueta), demonstrando a importância da sociabilidade;
- 3) É possível vincular os nomes de pessoas envolvidas aos clubes de futebol a outras organizações negras da mesma cidade, corroborando com a noção de rede negra;
- 4) Não é possível identificar rivalidades entre clubes negros de diferentes localidades, uma vez que a imprensa traz muitas notícias em que eles estão confraternizando amigavelmente. Ao nível municipal (Bagé), no entanto, foi possível identificar a ocorrência de uma briga envolvendo os clubes negros, G.S América e Vencedor F.B.C¹⁴⁰.

Vimos que muitos desses clubes esportivos negros eram recebidos ou se despediam com várias festividades, bailes, comemorações, bandas marciais, discursos e outras questões que demonstram esse clima de amizade, simpatia e alegria existente em jogos intermunicipais entre times negros. Um exemplo de confraternização:

Domingo penultimo, 18 do corrente, pelo diurno, excursionou á vizinha cidade de Rio Pardo, onde jogou com o Gremio Sportivo Operario daquela localidade, o 15 de de Novembro Foot Ball Club, a quem bella recepção se lhe foi oferecida. Ali chegados este Club foi puchado pela banda musical daquela cidade á séde de seu co-irmão, entre vivas. Dando as boas vindas aos recém-chegados proferiu bella oração em nome do club local, o sr, Guilherme Barroso, que comentou o lento e admirável

¹³⁹ Apesar de não encontrar a data específica dessa edição nas páginas, acredito ser do período abordado, por conta da diagramação do jornal que é parecida com a de 1925 e 1929 do mesmo.

¹⁴⁰ Essas rivalidades eram muito compreensíveis, deveriam ser times que se enfrentavam regularmente, disputavam taças, medalhas e campeonatos locais. *O Arauto*, de Bagé, comenta o evento como “uma partida de foot ball desastrada”, o que é muito lamentado pelo jornal, que coloca a raça e comportamento como fator de positividade quando diz: “lastimamos ter que registrar semelhantes factos, que vem depor amargamente contra a boa educação sportiva de certos elementos da raça (...). (*Arauto*, 26 de abril de 1936. Bagé, Rio Grande do Sul. Anno I. ACAB.)

desenvolvimento do operariado Rio-Pardense, moreno em todos os pontos de vista (...) A noite foi oferecido, pelo Gremio Sportivo Operario, um baile aos visitantes, sendo bastante concorrido e brilhante¹⁴¹.

Nas descrições mais minuciosas sobre as viagens e recepções podemos ver os nomes das principais pessoas que participavam de tais empreitadas, sendo isso essencial para ligarmos esses sujeitos a outras organizações negras existentes.

Havia muitas expectativas para os jogos, provavelmente porque se precisava de planejamentos, tanto do clube da casa, quanto do visitante para realizar a viagem. Um dos jogos entre Pelotas e Bagé foi noticiado por vários jornais negros das duas cidades, ele teve um destaque muito grande e a empolgação estava estampada nas palavras. “Reina grande animação para a grandiosa partida de 3 de maio”¹⁴² e “Aumenta diariamente o entusiasmo, da grande caravana que irá à Pelotas, no dia 2 de maio próximo”¹⁴³. Esse jogo estava sendo organizado pelo jornal *A Alvorada*, em razão do seu aniversário, além disso seria oferecida uma taça para o vencedor.

Algo que foi observado, apesar de não ser característico dentro das notícias sobre as relações entre os jogos, era a forma com que os clubes eram anunciados ou chamados. Expressões como “campeão da raça ethiopica”¹⁴⁴, “clube de epiderme menos branca”¹⁴⁵ e “moreno em todos os pontos de vista”¹⁴⁶ aparecem nesses impressos e logo percebemos, sem precisar de mais informações, que se tratam de clubes negros. Através dessas palavras, parece que os redatores da imprensa negra tinham a intenção de positivar e reafirmar o orgulho dos mesmos com relação a sua etnia. Caso contrário acontece quando um jornal da imprensa hegemônica, *o Sportmen*, folha esportiva de Cachoeira do Sul, noticia um jogo entre dois clubes negros, S.C Bento Gonçalves e 15 de novembro F.B.C, de forma que interpreto racista, dizendo que a “atmosfera estava escurecida”¹⁴⁷. Pensemos assim, que os jornais dessa grande imprensa não noticiavam tanto os jogos dos clubes negros e quando o fazem, isso acontece de uma forma pejorativa e irônica. Esses comentários podem ter sido a força para acarretar na criação de jornais feitos por pessoas negras, para que assim, eles mesmo pudessem noticiar seus próprios feitos sem a carga preconceituosa.

¹⁴¹ *O Astro*, 29 de setembro de 1927. Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul. Anno I, p. 1. ACAB.

¹⁴² *A Alvorada*, 12 de abril de 1936. Pelotas, Rio Grande do Sul. Anno XXX.

¹⁴³ *Correio Elegante*, 12 de abril de 1936. Bagé, Rio Grande do Sul. Anno III. ACAB.

¹⁴⁴ *A Revolta*, 25 de maio de 1925. Bagé, Rio Grande do Sul. Anno I. ACAB.

¹⁴⁵ *O Succo*, 13 de julho de 1924. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II, n°59, p. 1. ACAB.

¹⁴⁶ *O Astro*, 29 de setembro de 1927. Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul. Anno I, p. 1. ACAB.

¹⁴⁷ *O Sportmann*, 27 de julho de 1922. Cachoeira, Rio Grande do Sul. Anno I, n. 4, p. 2. MMCS. Essa fonte foi enviada gentilmente pela historiadora Aline Sônego.

É necessário nesse momento refletirmos sobre a questão identitária tão acionada por esses indivíduos. É nítido que esses sujeitos a viam como algo positivo e que por isso, deveria ser destacado quando necessário. Aline Sônego (2021, p.187) percebe essa mesma questão, para diferentes contextos, no *O Astro*, em Cachoeira do Sul:

Neste sentido, pode-se perceber que *O Astro*, enquanto jornal representante da imprensa negra, promovia o debate identitário, pois ao reforçar a identificação racial estava fazendo o contraponto a uma sociedade, especialmente do pós-abolição, que ou invisibilizava a cor dos indivíduos ou, quando a citava, racializava-a a partir de julgamentos, injúrias e termos pejorativos. Os intelectuais da Imprensa Negra apropriavam-se do conceito de raça, criado em uma perspectiva eugenista no século XIX e que servia para justificar biologicamente a supremacia de uma raça sobre a outra, e ressignificaram o conceito, propondo “posições iguais, lado a lado, da raça negra e da raça branca na formação do povo brasileiro” (SANTOS, 2004, p. 123).

Ou seja, reafirmar a questão da sua cor era importante para valorização e reconhecimento.

Hoje em dia, se não pudermos assistir a uma partida de futebol, a saída é olhar vídeos, melhores momentos ou somente a hora do gol, a tecnologia e comunicação visual ajudam nesse quesito. Mas e aquelas pessoas que ainda não tinham acesso a esses meios? Elas poderiam saber no dia seguinte o resultado do jogo, por amigos, conhecidos, jornais. Mas e os detalhes? As melhores partes? Nem todos, mas alguns desses jornais negros acabam sendo bem detalhistas em suas análises dos jogos, colocando comentários minuciosos, de quem fez gol, quem deu a assistência, em qual minuto, quem foi o destaque, qual jogador não atuou como o esperado, entre outros¹⁴⁸.

Por possuir algumas descrições que permitem o leitor “visualizar” e imaginar como aconteceram os jogos, algumas vezes esses espaços esportivos ocupam uma página inteira do periódico. Mesmo as edições que não noticiavam informações sobre as partidas e essas relações, frequentemente acabavam citando alguma notícia de reunião, festividades internas, formação de nova diretoria para os clubes. Ou seja, essas notícias sobre futebol eram realidades, necessárias e, muito provavelmente, procuradas pela população negra do Estado.

Só na análise da tabela percebemos pelo menos dez clubes negros, de tantos que existiam, que confraternizavam entre em si e viajavam longos caminhos. Por exemplo, quando um clube de Bagé vai até Pelotas. Mas também existem aquelas que somente visitam a cidade vizinha, como quando um time de Rio Grande vai até a cidade de Pelotas.

¹⁴⁸ Um exemplo dessa descrição detalhada se encontra no jogo entre Sport C. Rio Negro e Sport C. América do Sul em Pelotas, mencionado em *A Hora*, Rio Grande, S/data.

Em 1922, o clube Bento Gonçalves de Porto Alegre e seus jogadores foram recepcionados na “gare da Viação”¹⁴⁹ por outros times, representantes e seu adversário, 15 de novembro F.B.C. *O Sportmann*, de Cachoeira do Sul, na mesma nota já citada da partida entre os dois clubes negros, comenta que os porto-alegrenses voltariam à sua cidade de trem¹⁵⁰. O Rio Branco, de Santa Maria, foi recebido na Gare da estrada de ferro, estação de trem pela sua torcida¹⁵¹.

Concluimos então, que muitas dessas viagens eram feitas pelas vias férreas entre as cidades. Pensando nessas distâncias percorridas, umas maiores, outras menores, podemos também supor um pouco sobre a dimensão da organização desses clubes, que além do preparo para treinos e jogos, deveriam também pensar em seus deslocamentos.

No mapa anterior, além dos clubes e suas cidades, há a representação da malha ferroviária principal configurada no início do século XX, 1910, onde as principais linhas férreas do Rio Grande do Sul já estavam concluídas. Assim, podemos perceber algumas das linhas e distâncias percorridas das cidades dos clubes negros citadas no quadro. Além disso, a certeza de que esses clubes negros eram ligados pelos trilhos dos trens.

Petrônio (2009, p. 225) sobre a criação desses clubes negros de futebol e suas ligas, coloca diversas questões que precisam ser melhor respondidas, entre elas: "Como os times de futebol dos negros se estruturavam e se mantinham?"

Uma possibilidade de resposta, nos é apresentada no jornal *O Exemplo*. A Associação Sportiva de Futebol, como citada, foi uma dissidência da Liga Nacional de Futebol Porto Alegrensense e congregou um bom número de times negros. Em uma edição do referido jornal é publicado um "Balanço Geral da Associação Sportiva de Foot Ball", que mostra, visivelmente, como eram feitas essas organizações. O balanço compreendia o período de 7 de abril de 1921 a 10 de abril de 1922 e colocava suas receitas e despesas, com mensalidades, inscrições, aluguéis e prêmios. Essa associação funcionava dentro da cidade de Porto Alegre, mas pensemos que pode também ser um exemplo de organização que funcionava para outras ligas negras no Rio Grande do Sul e clubes que não faziam parte de ligas. No caso, o dinheiro para as despesas das viagens era advindo de mensalidades ou prêmios.

A circulação dos jogadores e a mudança dos clubes entre as associações e ligas esportivas, além das excursões pelo Estado, reforçavam o associativismo negro. São indicadores da preocupação das lideranças com a qualidade competitiva dos seus

¹⁴⁹ *O Exemplo*, 30 de julho de 1922. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

¹⁵⁰ *O Sportmann*, 27 de julho de 1922. Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul.

¹⁵¹ *A Liberdade*, 28 de novembro de 1920. Bagé, Rio Grande do Sul. Anno II, nº 70, p. 2. ACAB.

clubes, aspectos que são reveladores da organização financeira de suas entidades representativas (SANTOS, J., 2018, p. 181).

Há uma coluna na edição de *A Hora* da cidade de Rio Grande que também pode explicar um pouco dessas questões financeiras. Ela se chama “As comadres” e a conversa somente gira em torno de fofocas e comentários da vida alheia. Em uma parte da conversa, elas comentavam da viagem do Rio Negro até Pelotas (que está demonstrada no quadro).

Disseram quo se ganhassem offereciam uma janta mas como perderam nada fizeram. - Mas não é assin que nos tratamos os forasteiros. - Mas os nossos co-irmãos foram tratados desta forma, e outra, queriam que o pessoal pagassem a metade das despesas, mas parece-me segundo as conversas, que elles não aguentaram tal cousa. - Comadre Zeferina, eu vou lhe dizer uma cousa, eu sou uma torcedora do Rio Negro, mas deixaria de ser se elles pagassem. - Sim porque, se o Sport que eu gosto fosse lá e disse tal cousa, eu fallava mais, do que o branco do preto.¹⁵²

Percebemos, por meio dessa “fofoca”, que o ato de não oferecer a janta foi levado como uma certa ofensa. Talvez essa deveria ser uma prática comum das festividades e sociabilidade do futebol, como dito nas características dessas relações, tendo o “time da casa” ganhado ou perdido. Além disso, o Rio Negro foi convidado para jogar na cidade, demonstrando que aparentemente o time que convidasse também deveria arcar com os custos e não os dividir, como proposto pelo clube de Pelotas e visto como mais uma atitude de afronta pelas “comadres”. Fica o questionamento se essa questão de pagar os custos do time visitante, era uma prática comum.

Hoje vemos muitos campeonatos e jogos focados na rivalidade, ganhar ou perder, ser campeão ou não ser, dar orgulho para torcida ou decepcioná-la. Nessa breve análise, percebemos momentos felizes de comemorações e festividades pós-jogos. Podemos dizer que para essas pessoas o futebol e o resultado dos jogos eram mais do que isso, mais do que sair vitorioso, do que ter uma medalha ou troféu (não que a rivalidade não existisse). Também era um espaço de troca, de sociabilidade, amizade e aprendizado mútuo entre jogadores, que eram pais, irmãos, tios, trabalhadores, que tinham muito em comum, principalmente no quesito de organização da comunidade negra, com projetos e ideais.

Sempre ouvia ou lia nos trabalhos que quando algum pesquisador já estava perdendo as esperanças de encontrar vestígio importantes, eles acabavam surgindo nos últimos minutos para surpreender. Certamente, e lendo as páginas dos jornais dia após dia, pensava: "será que isso

¹⁵² *A Hora*/sem data. Rio Grande, Rio Grande do Sul. ACAB.

vai acontecer comigo?". Era necessária alguma informação sobre os clubes negros, será possível que nenhum dos jornais hegemônicos de Santa Maria teriam dado sequer uma notícia sobre suas existências? Pois bem, sabem a sensação de quando o time do coração faz o gol decisivo já nos minutos finais dos acréscimos do segundo tempo? Quando já não haviam tantas esperanças, o jornal *Correio da Serra*, último jornal ao qual analisei, me revelou diversas notas, citações importantes e até a escalação completa do Sport Clube Rio Branco.

Através dessas breves, mas significantes notas jornalísticas, podemos perceber que o Rio Branco era um clube de futebol negro que viajava diversas cidades do Estado, incluindo a capital, com a duração das viagens sendo de diversos dias em alguns momentos. Disputando as partidas contra outros clubes, o Rio Branco sempre era noticiado como vitorioso e reconhecido, com bons resultados. O que nos leva a pensar como esse grupo vitorioso e reconhecido poderia não estar presente mais vezes nas páginas dos jornais da cidade e nem mesmo, na liga principal. Dado esse contexto geral do futebol na cidade de Santa Maria, inserimos os clubes negros a seguir

4 TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS, HISTÓRIAS COLETIVAS: AS VOZES NEGRAS DENTRO DO CLUB FOOT BALL 7 DE SETEMBRO E SPORT CLUB RIO BRANCO

Retornando de uma partida de futebol na cidade vizinha de Júlio de Castilhos, nos trilhos da VFRGS uma grande recepção os espera. Os jogadores não voltaram com o resultado, provavelmente, esperado. O jogo foi um magro e simples empate de 1 X 1 contra o clube negro da cidade, Castilhense Footbal Club, que os recebeu com muita simpatia. Mas o resultado não importa, na Gare da Estação uma torcida entusiasmada aguarda aqueles jogadores do conhecido clube de “epiderme menos branca de Santa Maria”¹⁵³, o Sport Club Rio Branco.

Ao desembarcarem do trem, os jogadores são cobertos por flores e recebem até buquês, um deles com uma homenagem escrita da comissão da Sociedade Esmeralda, organização negra carnavalesca da cidade. A recepção se estende até o clube negro Treze de Maio, onde são servidos chás, comidas e realizados discursos. Cansados do jogo e da viagem, afinal fizeram o percurso de trem no mesmo dia da partida, os jogadores foram cedo para as suas casas e não puderam aproveitar o baile animado que se seguiu durante a madrugada.

Na recepção pós-jogo daquele 23 de novembro de 1920, muitos foram os planejamentos e organização para que tudo saísse o mais perfeito possível. Foram elas, as torcedoras, mulheres negras, que organizaram os chás, entoaram a canção “Victoria do Rio Branco” e também realizaram os discursos.

Essa narrativa foi adaptada de uma nota do jornal *A Liberdade*¹⁵⁴, da imprensa negra de Bagé, na qual a cidade de Santa Maria tinha espaço por meio de correspondente. Se o espetáculo que descrevemos era tão bonito, o era porque tinha suas responsáveis. Eram as mulheres negras torcedoras e participantes do Rio Branco, em que a assistência não consistia em dar o passe para o gol, mas era tão importante quanto: fazer com que tudo saísse conforme o planejado nas confraternizações, pós-jogos ou recepções.

Como diz Conceição Evaristo: “Tudo que eu escrevo é profundamente marcado pela minha condição de mulher negra”. Minha escrita aqui é marcada por essa condição, minha vida é marcada por ela e meus pensamentos também. Seria, de certa forma, impossível deixar de olhar para as mulheres negras que estiveram presentes na criação e funcionamento desses clubes negros de futebol. E sim, elas estavam presentes. Mas quais eram seus papéis e representações?

¹⁵³ *O Succo*, 13 de julho de 1924. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II, n°59, p. 1. ACAB.

¹⁵⁴ *A Liberdade*, 28 de novembro de 1920. Bagé, Rio Grande do Sul. Anno II, n° 70, p. 2. ACAB.

Como já citado, esse questionamento não é novo. No meu trabalho de conclusão de curso, em 2019, pesquisei sobre a representação de torcedoras de futebol na imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo no começo do século XX. Com relação às torcedoras, a grande imprensa carioca não faz esforço para representar as mulheres negras nas arquibancadas, nem de forma negativa, muito menos de maneira representativa, ou seja, elas são completamente invisibilizadas e ocultadas. Ao contrário das torcedoras brancas, elas não apareciam em fotos, caricaturas e também não eram citadas. Portanto, onde elas(nós) estavam(os) no passado? Será que não frequentavam os estádios de futebol?

Resolvi então voltar meu olhar para a imprensa negra paulista, na qual se encontra o maior número de jornais negros criados em todo país nas quatro primeiras décadas do século XX (CARVALHO, 2009). É somente através desta imprensa que conseguimos encontrar indícios das mulheres negras em seus momentos de lazer, como torcedoras. Percebemos, inclusive, que elas eram importantes na vida associativa dos clubes de futebol, pois haviam pedidos enfáticos para que elas comparecessem aos jogos e apoiassem os times de seus “irmãos de cor”¹⁵⁵. Demonstrando assim, que o espaço das arquibancadas era também um local importante de sociabilidade para a comunidade negra.

É inevitável, ao pensarmos em futebol, vir a nossa mente a imagem da bola, do gol e, principalmente, das quatro linhas que delimitam o espaço do jogo. Mas esse esporte é feito para além dessas linhas e, como vimos no segundo capítulo, quando nos referimos a times negros de futebol, o é ainda mais. São clubes negros, de diferentes cidades, com projetos e pessoas distintas, com rivalidades entre si, mas que possuem em comum, as reconhecidas confraternizações e momentos de sociabilidade antes ou após os jogos. E quem ficava responsável por organizar esses detalhes tão importantes enquanto o jogo estava acontecendo eram as mulheres negras envolvidas com esses clubes.

Saindo do eixo Rio-São Paulo e pensando sobre elas no contexto do Rio Grande do Sul, suas presenças são constantes e primordiais em diversas organizações negras, não apenas no futebol:

De forma que era às mulheres negras que cumpria, mais do que em qualquer outra etnia, zelar pela preservação da família, do grupo e de seus valores. Elas exerciam variadas funções culturais, seja na religião quanto no carnaval, saindo nos cordões ou blocos, fabricando as fantasias, proporcionando o elo de ligação entre os clubes carnavalescos e os futebolísticos, ou ainda preocupando-se com a promoção de quermesses para levantamento de fundos para as festividades ligadas às associações da etnia. Como resultado desse seu papel de maior importância, se encontram sempre

¹⁵⁵ *Getulino*, 21 de outubro de 1923. Campinas, São Paulo. Anno I, n° 13, p.6. HDBN.

diretorias femininas, praticamente em todas as suas associações, que funcionam paralelamente a diretoria masculina. (LONER, 1999, p. 13).

Realmente, é muito comum encontrarmos nas nominatas das organizações negras, diretorias que são divididas entres homens e mulheres. Elas se encontram presentes em praticamente todas as sociedades negras do Rio Grande do Sul, com um maior ou menor nível de protagonismo¹⁵⁶.

As mulheres negras são importantes esteios e arrimos das famílias, desde a escravidão até os dias atuais¹⁵⁷. Suas funções eram para além de serem belas, recatadas e do lar, como boa parte da sociedade representava as mulheres brancas. Elas tinham um dever de cuidar e, inúmeras vezes, sustentar seu núcleo familiar. Loner (1999) percebeu que em Pelotas, por exemplo, os homens negros eram incorporados ao trabalho de construção civil, mas também combatentes em conflitos constantes que aconteciam no Estado, o que acabava deixando as mulheres, muitas delas mulheres negras, como responsáveis por várias frentes, inclusive a financeira.

No clube social negro de Venâncio Aires, Sociedade Négo Foot Bal Club, Helen Silveira (2021) afirma que as mulheres negras mantinham a estrutura da sociedade, não só na organização, mas no próprio funcionamento do clube, pois eram elas as sócias em maior número e que pagavam suas mensalidades em dia, ou seja, além de injetaram força de trabalho, também sustentavam-no no aspecto econômico.

Em praticamente todas as descrições de jogos relacionados no quadro 3, no primeiro capítulo, as mulheres torcedoras, também chamadas de senhorinhas ou simpatizantes, são citadas como organizadoras das festividades ou, ao menos, estão presentes nas arquibancadas. Essas referências constantes demonstram a importância do comparecimento delas nos espaços, mesmo estando nos “bastidores”. Mackedanz (2016, p. 109) percebe essa atuação nos clubes de futebol negros em Pelotas, salientando que: “infelizmente essa atuação das mulheres é

¹⁵⁶ Podemos perceber suas presenças nas organizações negras, nos trabalhos de: SILVA Fernanda Oliveira. As lutas políticas nos clubes negros culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguai no pós-abolição (1870-1960). Tese [Doutorado em História] - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2017; LONER, Beatriz Ana. Negros: Organização e luta em Pelotas. História em Revista. Pelotas, v. 5, número, p. 7-27, 1999; ESCOBAR, Giane Vargas. Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, UFSM. Santa Maria, 2010; SILVEIRA, Helen da Silva. A força viva da cor preta: associativismo negro como caminho no vale do Rio Pardo/RS (1880-1940). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2021.

¹⁵⁷ A *Gazeta*. Metade das famílias brasileiras são chefiadas por mulheres. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/revista-ag/comportamento/metade-das-familias-brasileiras-sao-chefiadas-por-mulheres-0320>. Acesso em: 12 nov. 2022.

limitada, pois quase sempre elas aparecem nos clubes reproduzindo tarefas realizadas na própria casa, principalmente ao organizar e trabalhar nas festas de confraternização”.

Discordo do autor em perceber essas atividades que elas realizavam como limitadas ou limitantes. Essas não são apenas funções de subordinação, mas sim tarefas essenciais e importantes para o funcionamento dos clubes, que vão além das linhas do campo. Com relação ao Sport Club Rio Branco, por exemplo, quando informado que iriam receber a visita de um clube negro importante de Porto Alegre, são elas, as torcedoras, citadas como referências, que ajudariam a levar o nome do clube para fora: “Quanto às gentis senhorinhas, é certo de que não medirão esforços para ver o Rio Branco escrever com letras de ouro, nas paginas da historia esportiva Rio-grandense, mais este glorioso feito, que muito irá contribuir para que o Rio Branco, continue a gozar o conceito que gosa no esport Riograndense”¹⁵⁸. Ou seja, aqui está se fazendo referência à recepção que elas organizariam e que seria primordial de ser realizada de uma forma elegante para que o clube fosse reconhecido. O Rio Branco ia ser respeitado não só por seus jogadores, mas por meio dessas mulheres também. Cabe destacar ainda que seus reconhecimentos não são apenas em citações nas páginas dos jornais. Em Pelotas, os clubes negros também ofereciam brindes e festas em homenagens às mulheres negras pelotenses em agradecimento pelos serviços prestados (MACKEDANZ, 2016).

Fernanda Silva (2017) apontou diversas questões sobre o papel e atividades de mulheres negras nos clubes sociais na fronteira Brasil/Uruguai no pós-Abolição. Sobre a atuação delas nos clubes negros uruguaios em específico, creio que essa sua citação corrobore a ideia de um papel fundamental das mulheres negras para o funcionamento dos clubes, independente de suas funções:

As formas como as mulheres negras se colocaram e foram colocadas não permitem observá-las a priori como à margem, fosse do próprio clube, fosse das demais organizações negras em que se inseriam e mesmo da sociedade de uma forma geral. Os condicionamentos existiam, afinal, é nítido que elas criaram suas sub organizações, como o vocábulo já adverte, em decorrência de não poderem fazer-se presentes nos órgãos deliberativos dos conrazaneos. Ora, em não podendo lá estar nada mais plausível que compor os seus próprios órgãos e por meio deles dialogar com aqueles que elas consideravam seus iguais (SILVA, 2017, p. 219).

Cecília Martins Marques, cuja função era ser oradora do Sport Club Rio Branco (aspecto que trabalharemos mais tarde), tinha como trabalho os labores domésticos. Essa caracterização ocupacional pode ter múltiplos significados¹⁵⁹. Segundo Gabriela Rotilli dos Santos (2021), que

¹⁵⁸ *O Succo*, 13 de julho de 1924. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II, n°59, p. 1. ACAB.

¹⁵⁹ Ver mais sobre o tema em: GRAHAM, Sandra Lauderdale. Proteção e obediência: Criadas e seus patrões no Rio de Janeiro (1860-1910). São Paulo: Companhia das Letras, 1992; SOUZA, Flávia F. de. Criados, escravos e

analisou os registros de entrada de pacientes do Hospital de Caridade de Santa Maria entre os anos de 1903 e 1918, o trabalho de serviço doméstico era uma opção mais comum para as mulheres negras da cidade, que executavam serviços no seu próprio lar, mas também para além de suas casas, em residências de terceiros.

Não temos os nomes da maioria das torcedoras que auxiliavam nos clubes de futebol, pelo menos no caso de Santa Maria. No entanto, provavelmente muitos delas tinham como profissão o serviço doméstico e viam as tarefas de organizar as comidas, chás e enfeites das confraternizações, como uma forma de expressar seu serviço e zelo pelo clube, não como uma atividade limitante ou menor. Nesse espaço elas eram titulares absolutas e indispensáveis.

Em Cachoeira do Sul, o 15 de Novembro Futebol Clube, não as tratava como enfeites ou adornos, mas como protagonistas também. Nesse caso, o clube possuía em sua diretoria uma ala denominada “admiradoras” (SÔNEGO, 2022). E não só, elas eram divididas em seus respectivos cargos, explicitando a organização que existia nesse núcleo:

Aproveito a ocasião em participar-vos que pela mesma ocasião foi empossada a diretoria das admiradoras deste clube, da forma seguinte: Presidente – Felizarda da Silva; vice-presidente – Julia Couto; 1ª secretária – Antonia Nunes Moreira; 2ª secretária – Carmem de Oliveira; 1ª tesoureira – Maria Aldina Nogueira do Amorim; 2ª tesoureira – Emerenciana Gonçalves; oradora – Maria Thalita Gomes; procuradoras – Zulmira Torres e Ricarda Gomes. Aproveito a oportunidade para apresentar a V.S.a os protestos de minha elevada consideração e estima. Saudações esportivas. Erothildes Lopes, 1º secretário¹⁶⁰.

Esse trecho é de uma nota que também expõe o nome dos diretores do time negro de Cachoeira do Sul, anunciando uma nova gestão, com a diretoria das “admiradoras”. Maria Thalita e Ricarda (irmãs), Carmem de Oliveira, Julia Couto e Felizarda da Silva são ou possuem familiares envolvidos nas associações negras de Cachoeira do Sul, principalmente no jornal negro *O Astro*, objeto de pesquisa de Aline Sônego (2022). Demonstrando que essas sociabilidades envolviam também as famílias, sejam esposas ou filhas dos participantes. Seus nomes completos constarem na diretoria do clube de futebol não é mero detalhe, apresenta a importância das mesmas para o funcionamento da organização e a complexidade de suas tarefas, já que possuíam cargos diferentes.

Em Pelotas, Mackedanz (2016) também percebe que haviam diretorias compostas por mulheres nos clubes negros de futebol, como no S. C Juvenil, que em 1923 compõe uma “diretoria das senhoras”. Por meio da imprensa negra da cidade, o pesquisador encontra diversas

empregados: o serviço doméstico na construção da modernidade brasileira (cidade do Rio de Janeiro, 1850-1920). Doutorado em História. Universidade Federal Fluminense, 2017.

¹⁶⁰ *O Commercio*, 4 de fevereiro de 1925. Cachoeira, Rio Grande do Sul. Ano XXVI, n. 1314, p. 1. AHMCS.

evidências e citações da realidade organizacional dos clubes negros, principalmente os relacionados na Liga José do Patrocínio, outra organização negra. As festas, bailes e quermesses se apresentam em número bastante elevado e eram realizadas nas trocas de diretorias ou por necessidade de arrecadação financeira.

Em uma partida de futebol podem se manifestar diferentes sentimentos, sejam raiva, alegria, emoção e, obviamente, a torcida se expressa, seja chorando, pulando ou sorrindo. Para o espaço do Rio de Janeiro nos anos 1920 eram comuns caricaturas, imagens, crônicas ou textos que censuravam as mulheres que torciam de uma maneira que era considerada “extravagante” ou “excêntrica” demais, ou seja, que estivessem fora dos padrões de feminilidade considerados para algumas mulheres no período. Lima Barreto, é um dos que constantemente escrevia palavras julgadoras sobre o comportamento feminino nas arquibancadas, sendo esse mais um motivo para o renomado autor não se encantar com o futebol (LIMA, 2019).

Mas através da imprensa negra do Rio Grande do Sul, podemos observar as representações das torcedoras negras de diversas formas, para além do espaço de organizar as festas, neste começo do século XX.

Com relação às mulheres negras, em geral, Ângela Oliveira (2017, p. 55) afirma que: “os periódicos negros alertavam aos seus leitores sobre a tomada de atitudes e sobre suas posturas, exercendo um papel de vigia da moral”. Um dos procedimentos mais comuns da imprensa negra com relação a essas mulheres é regulando ou observando seus comportamentos em espaços públicos, inclusive nas arquibancadas. Na verdade, nessa imprensa foram as mulheres negras que mais foram alvo de comentários relacionados à moral e à conduta.

Apesar de poucas edições do *O Succo*, impresso da comunidade negra de Santa Maria, podemos perceber que a questão do comportamento das mulheres negras também era um debate constante. Percebemos diversas situações em que elas são citadas de maneira julgadora, principalmente em espaços de lazer, como nos bailes. Franciele Oliveira (2016) notou esse tom moralizante contra as mulheres principalmente nas colunas “Respostas inocentes” e “Vendo vi”, sendo a ironia muitas vezes utilizada como recurso para as “denúncias”. Porém, assim como Aline Sônego (2022) observa para Cachoeira do Sul, elas estão cientes da forma que são citadas, algumas vezes considerando injustas suas aparições nominiais nas páginas dos jornais.

Voltando às emoções que podem ser manifestadas em um jogo de futebol, no jornal negro *O Astro*, Cachoeira do Sul, há uma nota pequena, quase imperceptível, mas que apresenta a presença de torcedoras negras nas arquibancadas e, mais do que isso, mostra como algumas delas se portavam nos jogos. A coluna se chama “Indagando soube que”, e era conhecida por revelar algumas fofocas do cotidiano da comunidade negra cachoeirense, às vezes com o nome

completo das pessoas e outras apenas com suas iniciais. A nota referida é: “Quando em Rio Pardo o 15 jogava, a **senhorinha J.C derramava lagrimas**. Seria satisfação? Talvez...a lagrima é o alívio da alma! Que na mesma ocasião **a senhorinha A.M tremia como vara verde**. Porque seria?”¹⁶¹.

O “15” se refere ao S. C. 15 de Novembro, clube negro de futebol da cidade. Essa coluna era escrita por um observador anônimo, masculino e que se indaga muitas coisas. No caso citado, o motivo de sua atenção é tamanha emoção das mulheres presentes no jogo de seu time do coração. Se expressando nas arquibancadas, uma delas chorava muito e outra tremia que nem vara verde. Por qual motivo observar e citar essas duas situações em específico em uma coluna conhecida por “expor” o comportamento de mulheres negras? Essa nota testifica mais do que suas presenças nas arquibancadas e amor pelo clube, mas também o quanto tais mulheres eram observadas e tinham seus comportamentos vigiados em diversos espaços.

Não podemos ter certeza de que o anônimo autor quis ridicularizar ou censurar a forma de torcer das senhoras. Ele apenas estava indagando-se o motivo de tais emoções. Porém, é curioso ocupar esse espaço no jornal para tal manifestação. Foram usadas as iniciais visando a não exposição total das mulheres, porém “J.C” e “A.M” se encaixam perfeitamente com as letras que começam os nomes de Julia Couto e Antonia Nunes Moreira, já citadas como parte da diretoria do 15 de novembro.

Outro momento em que ocorreu uma exposição de torcedoras, essa em caráter mais sério de julgamento, foi em Pelotas na coluna do jornal negro chamado *A Alvorada*. O nome da mesma era “Pesquei”, umas das partes mais famosas do semanário e conhecida por fazer intrigas e fofocas em seus números, sendo as mulheres negras frequentes alvos do conhecido “Dr. Pescadinha¹⁶²”. Segundo Ângela Oliveira (2017, p. 71) “quando uma mulher tinha atitudes que chamavam a atenção das outras pessoas, elas tinham espaço garantido na lista de críticas do Dr. Pescadinha”. A coluna era escrita pelo próprio dono do jornal, Juvenal Penny, mas ele não a assinava, escolhia utilizar esse pseudônimo.

No ano de 1919, ele observou e registrou o comportamento de torcedoras negras que estavam assistindo ao jogo de dois times compostos por jogadores negros e integrantes da Liga José do Patrocínio, o América e Universal. Seus comportamentos foram alvos de comentários

¹⁶¹ *O Astro*, 9 de outubro de 1927. Cachoeira do Sul, Rio Grande do Sul. Anno I, nº 11, p. 2. ACAB. (Grifo nosso).

¹⁶² Oliveira (2017) salienta que através de relatos orais teve contato com algumas mulheres que apontaram o fato de lembrarem que suas mães comentavam terem muito medo de terem seus nomes expostos e divulgados na coluna do Dr. Pescadinha, na época.

que afirmavam que elas teriam agido de maneira “vergonhosa” por sua forma de torcer. O que nos leva a pensar: o que é torcer de maneira vergonhosa?

Pesquei no domingo passado por ocasião do jogo América e Universal, as torcedoras do América **estarem torcendo de uma maneira vergonhosa, pois até insultavam as adversárias**. Olhem minhas gentis mocinhas, isso assim torna-se ridículo e pode as senhoras estarem **sofrendo das faculdades mentais**, quem vós critica foi o Pery, que passou pelas senhoritas e observou o panorama (...) ¹⁶³

Quem mandou esse comentário para o jornal foi o observador Pery, jogador de futebol. Percebemos que no final do mesmo trecho, o Dr. Pescadinha, coloca que o comportamento delas é ridículo e justifica que vão achar que elas sofrem de problemas mentais ¹⁶⁴.

Em outra colocação na mesma coluna, dizem que elas ameaçavam os jogadores, de uma certa forma violenta. Segundo o trecho anterior elas “insultavam as adversárias” (talvez outras mulheres negras) e, no posterior, ameaçavam os jogadores, ou seja, características comuns a muitos torcedores homens. No entanto, sendo elas mulheres, era caso de vergonha e motivo para parar nas colunas de fofoca do jornal da cidade.

Pesquei ainda outras dizendo que iam dizer para o Zéca, **que matasse o Luiz e o Pery** e quando o Pery caiu, que levou um pontapé do F., elas disseram: **bem feito, que pena não morrer?** Pobre mocinhas! lastimo as vossas sortes, pois as srts. não veem que quem joga, joga, isto... e foot-ball, nós jogamos muito; que coragem tem **essas gentis creanças**, que chegaram a pedir ao céu para os jogadores do America matarem o Luiz e o tão conhecido Pery ¹⁶⁵.

Além de uma certa infantilização dessas mulheres, pois o Dr. Pescadinha se referencia a elas como “creanças” e “mocinhas”, passando a ideia de que elas não entendem o bastante de futebol em comparação aos homens, também percebemos uma faceta dos estereótipos raciais que recaem sobre as mulheres negras. Patricia Hill Collins ¹⁶⁶ (2019), com o conceito de imagens de controle, procura entender como o processo de dominação racial ocorre com mulheres

¹⁶³ *A Alvorada.*, 20 de julho de 1919. Pelotas, Rio Grande do Sul. Anno XV, nº 28, p. 6. HDBN. (Grifo nosso).

¹⁶⁴ Esse tipo de caracterização patológica, presente até os dias atuais, foi um discurso contruído ao longo tempo. Alguns textos que dissertam sobre: FACCHINETTI, Cristiana; CARVALHO, Carolina. Loucas ou modernas? Mulheres em revista (1920-1940). *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 57, p.1-33, 2019; CUPELLO, Priscila Céspedes. A mulher (a)normal: representações do feminino em periódicos científicos e revistas leigas na cidade do Rio de Janeiro (1925-1933). Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde), Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2013.

¹⁶⁵ *A Alvorada.*, 20 de julho de 1919. Pelotas, Rio Grande do Sul. Anno XV, nº 28, p. 6. HDBN. (Grifo nosso).

¹⁶⁶ A própria Patricia Hill Collins percebe semelhanças entre o feminismo brasileiro e o pensamento feminista negro dos Estados Unidos. Essas imagens de controle refletem como uma sociedade branca pensa os corpos das mulheres negras, criando estereótipos, símbolos e signos depreciativos e desumanizadores, como: *mammies* (mãe preta), *matriarcas* (mantenedora das famílias negras), *jezebéis* ou *hoochies* (prostitutas ou cadelas). Ver: COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro*. São Paulo: Boitempo, 2019.

negras, a partir de suas representações sociais. Entre essas, há um mito da agressividade das mulheres negras partindo de uma imagem de que elas são iradas ou raivosas. No caso da citação anterior, as torcedoras, se expressando oralmente de forma enfática e hostil, foram expostas de uma forma negativa que pretendia controlar os seus comportamentos e corpos, visando as desumanizar frente ao esperado das “mulheres em geral”. Este mito da mulher negra barraqueira e raivosa foi, e ainda é, muito comum na mídia, principalmente em programas de comédia (hooks, 2019). Sim, a crítica delas enquanto exaltadas e bravas na arquibancada, partiu de um jornal da imprensa negra e foi escrito por um homem negro, mas isso não é impedimento de que o estereótipo tenha sido apropriado pela comunidade negra também.

Ainda sobre a coluna “Pesquei”, percebo que, na verdade, as relações das mulheres com o esporte são mal vistas pelo Dr. Pescadinha, inclusive quando são pegas praticando o mesmo. No ano de 1914 e 1919, existem notas no jornal *A Alvorada* que expõem o nomes das mulheres e afirmam terem “pescado” elas jogando o futebol em vias públicas com os seguintes alertas: “Olhe, d. Marieta, não faça isso que fica feio”¹⁶⁷; “ora, moças, dêem-se ao respeito e se a paixão é muita: matem-se para não penarem”¹⁶⁸. Por essas notas, percebemos a delimitação de que o espaço delas no futebol poderia ser tolerado enquanto torcedoras, mas de forma comportada, sem excessos, mas já praticar o esporte, naquele momento, seria visto como algo feio ou indecoroso¹⁶⁹.

Uma trajetória interessante existente para o caso de Santa Maria é a figura da torcedora Cecília Martins Marques. Nascida em São Gabriel, Rio Grande do Sul, em 6 de junho de 1904, era filha de Alfredo Martins e Tolentina Martins. Na recepção da partida que abre esse capítulo, ela é reconhecida como oradora do Sport Club Rio Branco. Seu nome, é o único feminino citado entre os clubes negros de futebol de Santa Maria. Apesar disso, não é mencionada na diretoria oficial do clube, como acontecem nos times negros de Cachoeira do Sul ou Pelotas, por exemplo. Ela também foi uma figura essencial e ativa em diversas organizações negras da cidade, sempre envolvida e elogiada por seu trabalho. “Exma. sra. d. Cecilia Marlins”¹⁷⁰; “d.

¹⁶⁷ *A Alvorada.*, 24 de agosto de 1919. Pelotas, Rio Grande do Sul. Anno XV, nº 33, p. 5. HDBN.

¹⁶⁸ *A Alvorada.*, 21 de junho de 1914. Pelotas, Rio Grande do Sul. Anno IX, nº 25, p. 2. HDBN.

¹⁶⁹ Lembrando que a prática do futebol por mulheres foi proibida na presidência de Getúlio Vargas pelo Decreto-Lei 3.199 de 14 de abril de 1941, tendo a proibição durado até 1979. Antes do impedimento havia muitos debates sobre o corpo feminino e de que como o esporte poderia ser prejudicial à reprodução (FRANZINI, 2005). Ver mais sobre em: FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, dez. 2005; BONFIM, Aira F. Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Dissertação (mestrado) – Fundação Getúlio Vargas (FGV), São Paulo, 2019; COSTA, Leda Maria. O futebol feminino nas décadas de 1940 a 1980. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, n.13, p. 493-507, 2017.

¹⁷⁰ *A Razão*, 7 de março de 1935. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Ano II. AHSM.

Cecilia, a incançável batalhadora”¹⁷¹; “inteligente senhorinha Cecilia Martins”¹⁷². Essas são apenas algumas das formas de enaltecimento pela qual ela é chamada, quando mencionada na imprensa negra e também hegemônica da cidade. Outras referências que encontramos sobre as torcedoras dos clubes negros da cidade, chamam as mesmas de “senhorinhas” ou “senhoras”, sem mencionar nomes específicos.

FIGURA 20 - Cecilia Martins Marques e seu esposo, Francisco de Assis Elias Marques



Fonte: Acervo particular de Marcos Aurelio Marques.

O casal da imagem anterior, a própria Cecília e seu marido, Francisco, são pais de Marcos Aurélio Marques. A intenção inicial da pesquisa era realizar uma entrevista com ele, porém em uma conversa informal e preliminar, o mesmo não se recordava da mãe ser ativa nos clubes de futebol, nem de ouvir memórias a respeito do assunto. Sobre isso temos uma teoria do porquê.

Quando citada como oradora, Cecília Marques tinha apenas 16 anos e ainda não havia contraído o matrimônio com Francisco de Assis Elias Marques, fato que ocorreu em 1926¹⁷³. Em nenhum momento seu marido é citado como participante dos clubes de futebol. Marcos nasceu somente no ano de 1944, quando já não há relatos sobre a existência do Rio Branco.

¹⁷¹ *A Razão*, 3 de fevereiro de 1936. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Ano III. AHSM.

¹⁷² *Correio da Serra*, 25 de outubro de 1925. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Ano III, nº 14. AHSM.

¹⁷³ APERS. Habilitação de casamento de Francisco Assis Elias Marques e Cecilia Martins. Santa Maria, 1 de setembro de 1926.

Nesse sentido, talvez por serem muitos anos depois e uma atividade que Cecília desempenhou quando muito nova, a memória tenha se perdido.

Porém, outras organizações e redes negras são presenças constantes para a família¹⁷⁴. Francisco de Assis Elias Marques, além de músico do exército, foi um dos mais importantes diretores e gerentes de *O Succo*, figurando como um dos principais personagens da imprensa negra da cidade. Já Cecília, como citado, foi organizadora e diretora do Clube União Familiar, bem como do Bloco Rancho Succo. Eles eram, também, moradores da antiga Vila Operária Brasil.

Ser orador ou oradora de um clube é uma função de importância e destaque, pois, em ocasiões de festas e eventos, é essa pessoa eloquente que tem como papel discursar diante do público sobre uma mensagem representativa e inspiradora da organização que está representando. As mulheres, com frequência, desempenhavam esse papel em clubes de futebol ou sociais¹⁷⁵.

Cecília era uma entre tantas mulheres negras que faziam parte dos clubes negros de futebol e que não estavam figurando nas escalações do time, mas ajudando por trás a fazer com que tais clubes fossem reconhecidos e renomados. Lembramos e enaltecemos seu nome como uma mulher negra que estava à frente de diversas organizações da cidade e que, ainda tão jovem, desempenhou o papel importante no clube de ser oradora do Rio Branco.

Nas arquibancadas de futebol diversas questões podem ser observadas, no passado e também nos dias atuais. Afinal, onde estão as mulheres negras torcedoras hoje e como são representadas nesses espaços? Realizei essa reflexão em um texto publicado no site Ludopédio¹⁷⁶, pensando o quanto pesquisas acadêmicas e matérias jornalísticas debatem sobre as torcedoras e suas dificuldades de frequentar o espaço da arquibancada, tão masculino. No entanto, geralmente não se faz o recorte de raça, ou seja, não há problematização dessa questão. Critica-se o machismo, mas há o esquecimento do fator racial.

Se referenciando às experiências de mulheres negras estadunidenses, mas que se aplicam às brasileiras também, pela semelhança das situações, bell hooks (2020, pg. 27) afirma que:

É raro sermos reconhecidas como um grupo independente e distinto de homens negros, ou como parte integrante do grupo maior “mulheres”, nesta cultura. Quando

¹⁷⁴ Marcos Aurélio Marques, foi entrevistado por Franciele Oliveira, em sua pesquisa monográfica. Ver Oliveira (2016).

¹⁷⁵ Em Cachoeira do Sul, por exemplo, Maria Thalita Gomes é oradora do S. C. 15 de Novembro.

¹⁷⁶ LIMA, Taiane Anhanha. As mulheres negras nas arquibancadas de futebol: o passado e o presente. Ludopédio, São Paulo, v. 158, n. 3, 2022.

falam sobre pessoas negras, o sexismo milita contra o reconhecimento dos interesses das mulheres negras; quando falam sobre mulheres, o racismo milita contra o reconhecimento dos interesses de mulheres negras. Quando falam de pessoas negras, o foco tende a ser homens negros; e quando falam sobre mulheres, o foco tende a ser mulheres brancas.

Essa citação resume e expõe diversas questões. É importante trazer as mulheres negras para o cerne das pesquisas sobre organizações negras de forma geral, e no caso específico, nos clubes negros de futebol. Por muito tempo elas ficaram invisibilizadas em suas representações e espaços, ocultadas até mesmo pela figura de homens negros, pois o fator racial não os impede de reproduzirem discursos machistas. Como Helen Silveira (2021) apontou em sua pesquisa, apesar desses espaços terem o “ser negro” como positivo, não há como desconsiderar a relação deste fator com outros, como o gênero.

Há diversas teóricas feministas nos Estados Unidos que debatem sobre a temática, porém é importante também usarmos as nossas referências brasileiras, que há anos já estão falando sobre o assunto¹⁷⁷. Entre elas, Lélia Gonzalez (2020, p. 47), que também chama atenção para:

a maneira como a mulher negra é praticamente excluída dos textos e do discurso do movimento feminino em nosso país. A maioria dos textos, apesar de tratarem das relações de dominação sexual, social e econômica a que a mulher está submetida, assim como da situação das mulheres das camadas mais pobres etc. etc., não atentam para o fato da opressão racial.

A interseccionalidade é uma lente analítica e metodológica desenvolvida por Kimberlé Crenshaw (1991) para analisar como os mecanismos de opressão se intersectam sobre as mulheres negras nas várias possibilidades de associação dos eixos de dominação. O conceito é explicado pela teórica através de avenidas que se cruzam: cada uma dessas avenidas seriam uma forma de opressão, gênero e raça por exemplo, que ao se cruzarem se chocam sobre o corpo de mulheres negras. Ou seja, mulheres negras não vivem a experiência da raça e gênero de forma separada. Como afirma Bruna dos Santos (2020), apesar de a pesquisadora ter cunhado o conceito ela não foi inovadora desse pensamento, pois na década de 1980, no Brasil, Lélia Gonzalez já escrevia sobre essas ideias.

¹⁷⁷ Algumas dessas autoras são: Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento, Luiza Bairros. Ver mais sobre em: RATTIS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: imprensa Oficial/Instituto Kuanza, 2007; GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo-afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020; CARNEIRO, Sueli. *Mulher Negra. Cadernos Geledés, Instituto da Mulher Negra, Cadernos IV*, São Paulo 1993.

Todas essas questões nos levam a pensar sobre os significados de se fazer presente e atuante em um espaço tão masculino. Afinal, frequentar arquibancadas e jogar o futebol é uma prática normalizada para a maioria dos homens. Desde criança, suas vivências e socializações passam pelo futebol. Já para as mulheres, como percebemos, o processo é bem diferente e ao fazerem a escolha de se inserir no universo futebolístico, acabam assumido um papel de não-lugar e não-pertencimento, onde elas podem ser alvos de descrença e machismo.

O fato é que mulheres estão presentes no futebol, praticando ou assistindo, há mais de 100 anos. No caso específico das mulheres negras no Rio Grande do Sul, sendo observadas, analisadas e, por vezes, julgadas, por suas formas de torcer. Mulheres que foram referências nas direções e organizações, permanecendo em muitos desses espaços até hoje.

Roberta Pereira da Silva (2017) realizou sua pesquisa através da trajetória de um time de futebol chamado Negritude Futebol Clube. Formado na periferia de São Paulo, no conjunto habitacional COHAB I, ele foi idealizado por cinco jovens negros em 1981 em busca de um espaço e atividades de lazer. Em funcionamento até os dias atuais, a pesquisadora se aprofundou em entender também, qual eram os espaços destinados às mulheres, em sua maioria negras e periféricas, nas atividades do clube. Em primeiro lugar percebe que a presença dessas mulheres é um fator comum. E em segundo, através de entrevistas, compreende que suas tarefas, além da lavagem dos uniformes e organização de festividades, passavam por funções administrativas, além de também serem torcedoras. O clube teve até mesmo a diretoria de uma mulher negra, Maria Cristina Costa Vallim, também conhecida como Cris do Negritude, que dirigiu o Negritude por dois mandatos e relata à Roberta Silva (2017) algumas dificuldades no exercício do seu trabalho, por conta do machismo.

Assim como a imprensa negra de São Paulo, a imprensa negra riograndense representava e citava a existência das mulheres torcedoras negras, reconhecendo suas presenças e importância para o funcionamento dos clubes de futebol. Seja nos bastidores, compondo as diretorias ou nas arquibancadas (mesmo julgadas pelos seus comportamentos), elas rompem com a ideia de um futebol apenas masculino e carregam um forte significado para a identidade dos clubes negros. Elas também acabam se autodefinindo de diversas maneiras, seja participando nas direções dos clubes, usando suas vozes como oradoras e quando organizam bailes e festividades com excelência. Assim, reproduzem o que alguns chamam de papel social rígido, porém creio que esse lugar é ressignificado pela extrema importância de suas atuações.

Considero oportuno finalizar esse momento do texto com o trecho de um poema escrito e recitado por Elizandra Souza, em 2010. Ele versa sobre a realidade de diversas mulheres

torcedoras, negras e periféricas, nos clubes de várzea do Brasil atual, mas que serve para as torcedoras engajadas dos clubes negros do começo do século XX também:

Mulheres na várzea mantêm o olhar de rebeldia

Lustram o emblema do time que aprecia

Em volta do campo? Enquanto eles jogam?

Elas cultuam seus rituais

Torce pelo gol

Retorce a água no enxágue do uniforme

Torce para que o jogador não retorça o pé

Contorce o frio no abdômen

Vibra com o destroce do adversário

A poeira entre o pé, a bola e o chão

A bola vai e a vida vem....¹⁷⁸

4.1 DOIS JOSÉS, OS CHEFES DE UMA MISSÃO E O SPORT CLUB RIO BRANCO

José Pereira, nascido em 22 de outubro de 1896, carroceiro e casado com Mercedes Maia, em setembro de 1924¹⁷⁹.

José do Nascimento Filho, nascido em 27 de outubro de 1892, carroceiro e casado com Jenny Rosa, em fevereiro de 1930¹⁸⁰.

Os dois Josés, em um dos jogos do Sport Club Rio Branco em Júlio de Castilhos, são mencionados como os chefes da missão que a equipe havia realizado (o que considero ser os capitães, ou seja, jogadores que exercem uma função de liderança dentro e fora de campo). Na verdade, José Pereira, era regularmente citado como o líder de diversos jogos e empreitadas do clube, com a imprensa o citando assim: “a missão vae chefiado pelo sr. José Pereira”¹⁸¹; “missão

¹⁷⁸ Trecho de poema declamado por Elizandra Souza no documentário “Várzea a bola rolada na beira do coração”
Direção: Akins Kinte. Brasil: 2010. 35 mm.

¹⁷⁹ Essas informações sobre José Pereira foram retiradas de: APERS. Habilitação de Casamento de José Pereira e Mercedes Maia. Santa Maria, 23 de setembro de 1924; APERS. Processo Nº 136 M66 E114. 1926. Juízo Districtal da Séde. 2ª Escrivania do Crime. Santa Maria da Boca do Monte. Rio Grande do Sul. Homicídio. A Justiça contra o réu Pedro Antonio da Silva.

¹⁸⁰ Essas informações sobre José Pereira foram retiradas de: APERS. Habilitação de Casamento de José Francisco do Nascimento e Jenny da Rosa. Santa Maria, 04 de janeiro de 1930; APERS. Processo Nº 136 M66 E114. 1926. Juízo Districtal da Séde. 2ª Escrivania do Crime. Santa Maria da Boca do Monte. Rio Grande do Sul. Homicídio. A Justiça contra o réu Pedro Antonio da Silva.

¹⁸¹ *Correio da Serra*, 9 de outubro de 1926. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno X, pg. 4. AHMSM.

desportiva dos conterraneos que sera chefiada pelo sr. José Pereira, presidente do Rio Branco”¹⁸².

Dois Josés, chefes de uma missão esportiva, duas trajetórias ligadas pelas suas participações em organizações negras de Santa Maria e pela mesma profissão, de carroceiros. No último subcapítulo iremos construir um quadro prosopográfico dos membros dos clubes pesquisados, analisando questões ligadas ao mundo do trabalho. Porém, antes disso, proponho voltarmos as teias da rede negra santamariense através desses dois indivíduos.

Na pesquisa de Tiago Rosa da Silva (2017), o autor realiza um “quadro de trânsito” de membros dos clubes em associações negras de Bagé. Demonstra que diversos indivíduos não se restringiam em participar de apenas uma organização negra, mas transitavam e estavam à frente de várias delas. Percebe, ainda, uma intensa vida associativa de alguns sujeitos e uma busca por construir projetos políticos e sociais que beneficiassem o coletivo de pessoas negras.

Usaremos aqui a mesma estratégia para pensar, por enquanto, apenas o caso de José Pereira e José Francisco do Nascimento Filho. Na tabela abaixo apresentada, com informações retiradas do livro das Organizações negras de Santa Maria e da imprensa negra, demonstramos as organizações negras e cargos, com o ano, em que esses dois indivíduos foram participantes.

QUADRO 4¹⁸³ - Trânsito de José Pereira e José do Nascimento em organizações negras de Santa Maria

NOME	ORGANIZAÇÃO	CARGO/ANO
José Pereira	<ol style="list-style-type: none"> 1. Clube União Familiar; 2. Sport Club Rio Branco; 3. Sociedade União Social; 4. Sociedade Floresta Aurora; 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Orador (1921) e Presidente (Anos 1920); 2. Conselheiro Fiscal/Jogador (Anos 1920); 3. Conselheiro Fiscal (1934); 4. Orador (1921);
José Francisco do Nascimento Filho	<ol style="list-style-type: none"> 1. Sociedade 77777; 2. Sport Club Rio Branco; 3. <i>O Succo</i>¹⁸⁴; 4. Sociedade Floresta Aurora; 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Primeiro secretário (1919); 2. Jogador (Anos 1920); 3. Gerente e diretor (Anos 1920 e 1930); 4. Primeiro secretário (1921);

¹⁸² *Correio da Serra*, 6 de março de 1926. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno X, pg. 4. AHMSM.

¹⁸³ Algumas dessas organizações em que eles transitaram constam no livro “Organizações Negras de Santa Maria: primeiras associações negras dos séculos XIX e XX” com as devidas direções citadas.

¹⁸⁴ José do Nascimento Filho estava na diretoria do *O Succo*, com Francisco de Assis Elias Marques, marido de Cecília Marques, oradora do Rio Branco. Percebemos assim, mais indícios de ligações das redes e teias sociais.

Fontes: O *Succo*; *Correio da Serra*; GRIGIO, Ênio; BRUNHAUSER, Felipe Farret; OLIVEIRA, Franciele Rocha de; RODRIGUES, Luiz Fernando dos Santos da Silva; LIMA, Taiane Anhanha. Organizações Negras de Santa Maria: primeiras associações negras dos séculos XIX e XX. Santa Maria, 2020.

Somente com esse trânsito entre as organizações de José Pereira e José do Nascimento, podemos perceber que realmente, eles foram chefes da missão de um jogo de futebol em específico, mas também articuladores de uma série de organizações negras da cidade. Foram ainda parceiros em duas delas, no Sport Club Rio Branco e na Sociedade Floresta Autora, por vezes repetindo seus cargos em cada organização. Mas além disso, em maio de 1926, um crime os aproxima e nos apresenta um pouco da realidade de trabalhadores negros no pós-Abolição em Santa Maria.

Esse processo-crime já foi exemplarmente investigado por Franciele Oliveira (2017)¹⁸⁵ e Fernando Rodrigues (2021), mas acho pertinente citá-lo brevemente. Desta forma, podemos compreender melhor as complexidades dessas relações que envolviam indivíduos negros e participantes dos clubes negros de futebol, esses sendo alguns dos principais envolvidos.

No dia 9 de maio de 1926, aconteceu um baile no clube União Familiar. Ele havia sido promovido pelos padeiros da Padaria Holtermann. Seu começo ocorreu em plena harmonia entre diversas pessoas, muitos deles, trabalhadores negros da cidade. Em determinado momento da noite, houve um desentendimento entre o já citado José Pereira, naquele momento enquanto sócio do clube e arrendatário do *buffet* da festa e Manoel Domingues da Silva. Não sabemos a causa específica da discussão, apenas que foi “um pequeno incidente”. Logo a confusão foi apartada, inclusive por José Francisco do Nascimento, que levou Manoel para fora do baile e seguirem seus rumos, com outro parceiro. Porém, no meio do caminho, eles cruzaram com Pedro Antônio da Silva, que sabendo do ocorrido, resolve ir até o local da festa para tirar satisfações do que haviam feito com o seu amigo, Manoel. Chegando lá, muito exaltado, chama algumas pessoas para brigarem na rua e outro indivíduo se intromete para acalmá-lo, Tertuliano Silva. Sem sucesso, pois Pedro saca a sua arma, dispara e mata Tertuliano na frente do clube.

Esse processo-crime¹⁸⁶, nos oferece uma grande riqueza de informações e detalhes, tanto acerca das promoções de solidariedade envolvidas, quando em relações do mundo do trabalho, pois alguns dos indivíduos arrolados no processo são carroceiros (RODRIGUES, 2021). Outro ponto importante e primordial para o argumento que levanto, é apontado por

¹⁸⁵ A pesquisa da autora, se debruça sobre as trajetórias de José Francisco e Innocência, histórias que ajudam a entender sobre escravidão e liberdade, além de acompanhar os seus descendentes em Santa Maria, participando e construindo organizações negras.

¹⁸⁶ APERS. Processo Nº 136 M66 E114. 1926. Juízo Districtal da Séde. 2ª Escrivania do Crime. Santa Maria da Boca do Monte. Rio Grande do Sul. Homicídio. A Justiça contra o réu Pedro Antonio da Silva.

Franciele Oliveira (2017, p. 305): “é preciso reconhecer que eles não estão imunes a conflitos internos, isto é, dentro da própria classe e raça”. Ou seja, esses fatos não impedem que houvessem conflitos entre eles. Neste caso, houve uma discussão entre duas pessoas negras, que acabou levando a uma morte. Mas o que os clubes de futebol têm a ver com essa história, além dos Josés que estavam arrolados como testemunhas?

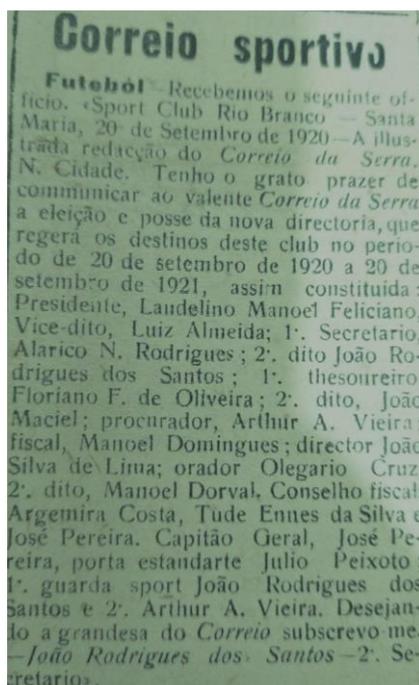
A discussão, que resultou em morte, se iniciou com José Pereira e Monel Domingues. Eles, dois homens negros, que seis anos antes desse acontecido, no ano de 1920, haviam participado de uma das direções do Sport Club Rio Branco, juntos. Além disso, atuaram dentro de campo, no mesmo time. Esse fato demonstra como as relações são complexas e mudam conforme o temp. Será que eles haviam cultivado alguma inimizado do passado? Ou a discussão teria envolvido o futebol? Não sabemos.

O nome de José Pereira já era do meu conhecimento quando iniciei a pesquisa, pois a nota do jornal negro *A Liberdade*, de Bagé, o citava. Além dele, essa pista demonstrava apenas mais cinco nomes de pessoas que eram envolvidas com o clube. Desde o começo, busquei encontrar em documentos, principalmente nos jornais, alguma indicação que apresentasse escalações dos jogos, nomes dos jogadores ou dos/das dirigentes do clube, para assim perceber ligações e conseguir pensar as trajetórias.

Como escrito anteriormente, foram dias e dias no arquivo, páginas e páginas de antigos jornais, até encontrar essas pessoas. Até aquele momento estava pensando: será que a imprensa hegemônica de Santa Maria realmente não visualizou esses clubes? Foi em apenas um desses impressos, mas o *Correio da Serra* viu e registrou uma das diretorias completas do Rio Branco, no ano de 1920 e a escalação de uma de suas partidas, onde percebi, por exemplo, que Manoel e José Pereira foram parceiros de campo.

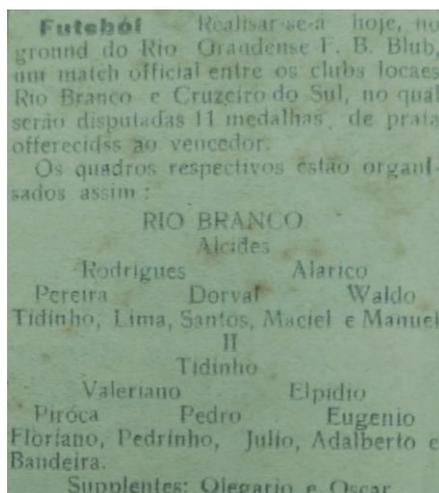
Ao invés da transcrição literal, insiro aqui a imagem das notas, diretoria e escalação, do *Correio da Serra* que possibilitaram conhecer alguns desses nomes que serão melhor trabalhados posteriormente.

FIGURA 21 - Diretoria Sport Club Rio Branco (1920-1921)



Fonte: *Correio da Serra*, 25 de setembro de 1920. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno X, pg. 3. AHMSM.

FIGURA 22 - Escalação do jogo: Sport Club Rio Branco X Cruzeiro do Sul



Fonte: *Correio da Serra*, 17 de outubro de 1920. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno X, pg. 3. AHMSM.

A disposição do time na nota do jornal pode ser em referência a distribuição dos mesmos em campo, ou seja, o esquema tático. No caso, Alcides seria o goleiro do primeiro quadro e Tidinho do segundo, seguidos por dois zagueiros, três meios campos e cinco atacantes, em estilo 2-3-5 (dois-três-cinco). Esse esquema, na verdade, era muito comum. José Santos (2018) e Cristian Mackedanz (2016) também percebem esse mesmo esquema utilizado pelos times negros de Porto Alegre e Pelotas, respectivamente, afirmando que na época o objetivo das partidas era mais no intuito de atacar o adversário e não tanto de se defender.

Da mesma maneira que observou José Santos (2018) com relação aos clubes negros de Porto Alegre, as dificuldades de encontrar os nomes dos jogadores são imensas, pois na imprensa, geralmente, eles eram citados pelos apelidos ou apenas o sobrenome. Claro que conseguimos identificar alguns deles, porém as equipes diretivas são as que melhor nos darão respostas para entendermos sobre a criação dos clubes, pois são completas, com nomes e sobrenomes.

Os membros diretivos dos clubes poderiam ser os jogadores das equipes, mas não obrigatoriamente. Ou seja, nem sempre o nome da diretoria corresponde ao dos jogadores. José Santos (2018) interpreta que os espaços diretivos dos clubes podem estar ligados a capacidade técnica com a bola.

No caso do Rio Branco, percebemos um número elevado de repetições das direções com os nomes das escalações, sendo que as duas são do mesmo ano, 1920. Em negrito os nomes, sobrenomes ou apelidos que se repetem e interpreto serem dos dirigentes-jogadores:

- Dirigentes: Laudelino Manoel Feliciano, Luiz Almeida, **Alarico N. Rodrigues, João Rodrigues dos Santos, Floriano F. de Oliveira, João Maciel**, Arthur A. Vieira, **Manoel, João Silva de Lima, Olegario Cruz, Manoel Dorval**, Argemira Costa, **Tude Ennes da Silva, José Pereira, Julio Peixoto**.
- Jogadores: Alcides, Rodrigues, **Alarico, Pereira, Dorval**, Waldo, **Tidinho, Lima, Santos, Maciel, Manuel**, Valeriano, Elpidio, Piroca, Pedro, Eugenio, **Floriano, Pedrinho, Julio**, Adalberto, Bandeira, **Olegario**, Oscar.

Isto é, dos 14 dirigentes do Rio Branco, 11 deles também atuavam dentro de campo como jogadores, no primeiro ou segundo quadro. No último tópico irei utilizar a nominata da comissão diretiva do clube, já que são a maioria e possuem nome e sobrenome, tornando mais fácil de identificar e fazer ligações.

Evidenciando a importância do periódico *O Succo* para esta pesquisa, cito a edição do dia 13 de julho de 1924, na coluna intitulada “Pelo Sport”, que anunciava o jogo de futebol que se daria entre o S. C. Rio Branco da cidade de Santa Maria, com o Ford F.B.C., clube negro da capital, que fazia parte da Associação de Amadores de Futebol de Porto Alegre, liga de futebol negra.

Já de alguns dias, que vinhamos notando grande entusiasmo nas rodas Riobranquistas; e, como nosso dever, procuramos saber qual era o motivo de tanta agitação, da qual nada trans- pirava.

Assim, que fomos ter com um membro proeminente, d’este simphatico club.

De subito, elle recusou-se a nos dar qualquer esclarecimento sobre o assumpto, mas como nos muito insistessemos, elle nos esclareceu, pedindo nos sigillo, o que

prometemos fazer. Assim que por este motivo, só o que podemos adiantar aos nossos leitores, é que estão bem adiantadas as negociações entre o Rio Branco e a A. de Amadores F. B. de P. Alegre, para vir a esta cidade o Ford F. B. C filiado a Associação, afim de disputarem um match amistoso.

(...)

E' justo que todos os Riobranquistas, que se orgulham de fazer parte do **leard dos clubs de epiderme menos branca de S Maria**, serre fileira junto a directoria, para ver coroados do mais completo exito, esta applaudivel iniciativa¹⁸⁷.

A nota continua fazendo votos de que dê tudo certo no jogo, mas mais do que isso, reforça que ele seja harmônico (sem conflitos), que a relação entre os dois clubes seja duradoura (no tempo) e estendida para outros clubes da capital. Essa narrativa contempla também a valorização do feito desse jogo, pois havia muita expectativa do clube por poder jogar com o Ford F.B.C que vinha “precedido de grande fama” e era de Porto Alegre, onde ligas negras já haviam sido criadas, mostrando a importância dessas relações esportivas entre os times negros do Rio Grande do Sul. Além disso, a Associação de Amadores de Futebol de Porto Alegre, uma das ligas que formam o imaginário popular dos “canelas pretas”, era a intermediária, pois o time filiado a essa associação.

Destaco alguns pontos interessantes sobre essa nota, a primeira que mostrou evidências sobre a existência de um clube de futebol negro em Santa Maria: 1) A ênfase na epiderme; 2) Socialização com outros clubes; 3) A importância de Porto Alegre para o futebol;

Primeiramente, resalto mais uma vez que essa foi a primeira notícia encontrada e citada por pesquisadores que mostravam a existência de um clube formado por pessoas negras na cidade, pois ele é nitidamente anunciado como “o líder dos clubes de epiderme menos branca de Santa Maria”, pela imprensa negra já citada, e isso dito como fator de orgulho. Ou seja, identificamos esse clube como de maioria negra, não só pelos nomes dos cargos diretivos ou jogadores, mas também através de como a Imprensa Negra o denominava, um clube que era líder em ter o menor número de pessoas brancas, ou seja, negros em sua maioria.

Como citado anteriormente, outros clubes negros do Rio Grande do Sul também eram denominados por expressões que não deixam dúvidas sobre as características fenotípicas de seus formadores e jogadores. Quando ocorre essa autoafirmação do ser negro, principalmente pela própria imprensa negra, também há uma aparente tentativa de se fazerem representados e bem vistos pela sociedade, demonstrando suas presenças no futebol, por exemplo.

Os nomes dos times é um dos elementos que contribuem para suas verdadeiras identidades. Eles serão entoados em jogos, feitos de rimas para cantos e farão parte da sua história. A canção “Victoria do Rio Branco”, por exemplo, entoada por torcedoras na recepção

¹⁸⁷ *O Succo*, 13 de julho de 1924. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II, n°59, p. 1. ACAB.

que abre esse capítulo, apresenta a existência de uma letra de música que vangloria o clube e possui seu nome no título. Infelizmente, não foi possível encontrar algum trecho dela. João Malaia Santos (2021), no artigo “‘Recordar é viver!’: cânticos de torcida, memória e fontes orais” apresenta uma reflexão sobre a possibilidade do uso dos cânticos de torcida como fontes orais. A canção do Rio Branco, além de expor a existência dessas letras há mais de 100 anos, também coloca os clubes negros como colaboradores desse fenômeno.

O nome dos clubes são importantes, possuem significados e, possivelmente, decididos em conjunto. O contexto histórico da criação dos clubes e a nomeação deles podem estar ligados. Por exemplo, em Porto Alegre, Santos (2018) diz que os clubes negros chamados de 20 de Setembro e Rio Grandense são formas de se posicionar enquanto republicanos, pois são nomes e datas representativas, já que também, um dos maiores representantes negros da cidade, Aurélio Viríssimo, era republicano.

Já o nome Rio Branco era comum entre organizações negras variadas pelo Rio Grande do Sul, e na cidade, representada pelo futebol. Sendo esse nome possivelmente pensado em homenagem ao Visconde do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, responsável pela proposta aprovada da Lei do Ventre livre, em 28 de setembro de 1871. Lei essa que, a grosso modo, possibilitou que filhos e filhas de escravizadas, nascidas a partir daquela data, fossem libertos e indica providências sobre “a criação e tratamento daqueles filhos menores”. Esse é apenas um resumo, pois a lei completa apresenta diversos pontos, artigos e cláusulas que suscitam diversas interpretações e a tornam mais complexa do que parece¹⁸⁸.

Franciele Oliveira, pesquisadora do pós-Abolição já citada, está produzindo uma pesquisa de tese que foca nas famílias negras no pós-Abolição em Santa Maria, analisando as experiências de nascidos de Ventre Livre. Ao compartilhar a diretoria do Sport Club Rio Branco com a pesquisadora, ela logo reconheceu um dos nomes, o de Tude Ennes da Silva, conselheiro fiscal e jogador do time. A autora acompanha a trajetória deste personagem, que teve sua mãe como escravizada e é uma criança nascido após a Lei do Ventre Livre. Temos aqui, o exemplo de uma história que perpassou e foi impactada pela lei, que também é conhecida como Lei Rio Branco. Ressaltando que Tude Ennes da Silva também fez parte da organização negra 28 de setembro, que rememora o dia da lei, essa que permitiu ele ter nascido livre, apesar das problemáticas.

Concordamos com Helen Silveira (2021) que reflete que talvez o significado dos nomes desses clubes negros, de futebol ou não, podem não fazer sentido para nós, atualmente. Giane

¹⁸⁸ Franciele Oliveira (2017) através da trajetória de Innocência, nascida de ventre livre, apresenta alguns desses debates e discussões sobre a Lei.

Vargas Escobar (2010) realizou um mapeamento sobre clubes sociais negros no Rio Grande do Sul. A autora observou um grande número dessas que possuíam nomenclaturas que referenciam a abolição, como Treze de Maio, Princesa Isabel, 28 de setembro. Porém, não podemos ser anacrônicos, as pessoas que construíram essas organizações, nesse contexto, estavam ainda muito próximas dessas leis que possibilitaram formas de liberdade para diversos escravizados. Além disso, reconhecem essas leis como fruto de lutas negras também. Homenagear e colocar esses nomes em suas organizações, não são formas de invisibilizar suas ações, muito pelo contrário, pois partem de suas próprias ideias e projetos, que são negros.

Há momentos que algumas fontes jornalísticas, principalmente nas colunas, nos deixam com dúvidas do que realmente aquele autor/escritor quis dizer com suas palavras escritas. Exemplo disso aconteceu no jornal *Correio da Serra* que expôs uma série de brigas e confusões que ocorreram em algumas partidas de futebol da cidade, entre elas uma entre o Cruzeiro do Sul e o Rio Branco. Utilizando uma série de trocadilhos em formato de ironia, o jornal diz que: “Ainda ante-hontem por ocasião da partida do S. C, Cruzeiro com o seu co-irmão S. C. Rio Branco, registou-se um charivari¹⁸⁹ medonho. Toldaram-se os horizontes. Os jogadores do Rio Branco ficaram **pretos** e os do Cruzeiro assumiram as fôrmas de cobras...cruzeiras”¹⁹⁰.

A referência que o autor da nota realiza, dizendo que ficaram pretos, seria um trocadilho com o “branco” de Rio Branco ou fazendo alusão a cor da pele dos jogadores? As duas hipóteses não são excludentes e podem se complementar, o autor pode ter desejado soar “engraçado” a partir do nome do clube negro. Ao contrário da maioria das notas e colunas, essa é assinado por “Baliza L”, mas não encontrei menções desse nome ou pseudônimo em outro lugar.

Na nota anterior do *O Succo*, ressaltamos o ponto da sociabilidade e a importância da cidade de Porto Alegre para o futebol. Na tabela abaixo, sistematizei todos os jogos do Rio Branco que encontrei nos impressos da imprensa negra e também da hegemônica, para assim podermos visualizar um pouco mais do clube e suas particularidades. Salientando que o primeiro nome na ordem da tabela corresponde ao clube que é mandante do jogo, ou seja, ele teria ocorrido em “sua casa”, no caso, cidade.

QUADRO 5 - Partidas noticiadas com resultados do Sport Club Rio Branco (1920 - 1926)

PARTIDAS	RESULTADOS DAS PARTIDAS	DATA APROXIMADA DA REALIZAÇÃO
----------	-------------------------	-------------------------------

¹⁸⁹ Essa expressão significa desordem ou balbúrdia.

¹⁹⁰ *Correio da Serra*, 8 de maio, 1923. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno VI. AHMSM.

Sport Club Rio Branco X Cruzeiro do Sul	1º quadros: 2 x 0 2º quadros: 4 x 0	19 de outubro, 1920 ¹⁹¹
Sport Club Rio Branco X Castilhense Foot-Ball Club (Júlio de Castilhos)	1 X1	22 de novembro de 1920 ¹⁹²
Sport Club Rio Branco X Cruzeiro do Sul	1º quadros: 1 x 0 2º quadros: 3 x 1	22 de setembro de 1921 ¹⁹³
Sport Club Rio Branco X Sport Club Serrano (Cruz Alta)	Informação que a vitória é do Sport Club Rio Branco, mas sem o resultado divulgado	06 de maio de 1922 ¹⁹⁴
Sport Club Rio Branco X Club Foot-Ball 7 de Setembro	1 X 1	13 de julho de 1924 ¹⁹⁵
S.C 15 de novembro (Cachoeira do Sul) X Sport Club Rio Branco	1 X 3	09 de março de 1926 ¹⁹⁶
Time da liga de amadores de F.B (Porto Alegre) X Sport Club Rio Branco	Informação que a vitória é do Rio Branco, mas sem o resultado divulgado	13 de outubro de 1926 ¹⁹⁷
União F.B.C (Porto Alegre) X Sport Club Rio Branco	1 X 5	12 de outubro de 1926 ¹⁹⁸

Fontes: *O Succo*; *Correio da Serra*.

Podemos tecer algumas considerações acerca das informações das partidas contidas na tabela. Primeiramente, pode-se observar que ela está disposta em linha cronológica. Essa, começa no ano de 1920, com a primeira partida noticiada, e termina em 1926, com a sua última.

¹⁹¹ *Correio da Serra*, 19 de outubro, 1920. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno III. AHMSM.

¹⁹² *A Liberdade*, 28 de novembro de 1920. Bagé, Rio Grande do Sul. Anno II, n° 70, p. 2. ACAB.

¹⁹³ *Correio da Serra*, 22 de setembro de 1921. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno IV. AHMSM.

¹⁹⁴ *Correio da Serra*, 06 de maio de 1922. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno V. AHMSM.

¹⁹⁵ *O Succo*, 13 de julho de 1924. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II, n°59, p. 1. ACAB.

¹⁹⁶ *Correio da Serra*, 09 de março de 1926. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno IX. AHMSM.

¹⁹⁷ *Correio da Serra*, 13 de outubro de 1926. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno IX. AHMSM.

¹⁹⁸ *Correio da Serra*, 09 de março de 1926. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno IX. AHMSM.

Teria o clube durado esses seis anos? Não encontramos uma ata de fundação ou nota que cite sua inauguração, podemos apenas conjecturar que o clube tenha começado por volta do final da década de 1910, quando surgem as notícias. Na nota encontrada da direção é citada a posse de uma “nova directoria” e não a primeira, por isso creio que o clube tenha sido criado alguns anos antes. Depois do ano de 1926, não encontramos mais informação de partidas ou notícias sobre o clube, tanto na imprensa negra, quanto na hegemônica. Ainda sobre as datas da tabela, observemos que o Rio Branco começa a viajar, mais regularmente, a outras cidades nesse último ano também, demonstrando um crescimento e reconhecimento gradual do time.

A segunda consideração de destaque é com relação à qualidade técnica do clube, não há como não notar o grande número de vitórias. Das oito partidas disputadas que encontradas nos jornais (certamente tiveram mais jogos, alguns foram até citados, mas não havia informações sobre o placar) o clube venceu seis delas e empatou apenas duas, sem ocorrência de derrotas. Atuando como mandante ou visitante, o Rio Branco registra uma série de triunfos. Jogou e venceu contra os clubes de Porto Alegre, que eram integrantes da Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense, uma das mais importantes organizações no futebol de Porto Alegre que congregava clubes negros. O próprio *Correio da Serra* noticia o “regresso da missão do Rio Branco”¹⁹⁹, vindos da capital do Estado, tendo simplesmente sido “vitoriosos em qualquer das pugnas em que tomaram parte”. Demonstrando assim, o empenho e qualidade do grupo para ganhar as partidas.

Hoje em dia, quando os clubes de futebol jogam como mandantes (dentro da sua “casa”) ou visitantes (fora de casa), quase sempre são recepcionados por uma torcida calorosa, apesar de nem sempre essa recepção ser positiva. Com relação aos times negros de futebol, vimos no capítulo anterior que eram muito presentes essa troca e receptividade, com bailes e músicas.

Em Santa Maria e com o Rio Branco, essas festividades aconteceram algumas vezes na chegada da Gare da Estação, como a recepção entusiasmada no pós-jogo que abre esse capítulo. Percebemos através dela que a vida associativa e esportiva era partilhada por muitas pessoas que, se não pudessem comparecer aos jogos, pelo menos recepcionavam os jogadores com tão grandes comemorações.

Mas em uma de suas viagens “fora de casa”, o Rio Branco é recebido tão bem quanto. O *Correio da Serra* narra a “excursão do Rio Branco a Cachoeira”²⁰⁰ para disputar uma partida contra “seu co-irmão o destemido S.C 15 de Novembro”. Logo na estação ferroviária eles são

¹⁹⁹ *Correio da Serra*, 13 de outubro de 1926. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno IX. AHMSM.

²⁰⁰ *Correio da Serra*, 9 de março, 1926. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno IX. AHMSM.

recebidos por uma comissão do time adversário e outros “amantes” do esporte. Após, ficaram hospedados em um hotel da cidade, Hotel Itália, onde almoçaram e depois seguiram para o jogo.

O Rio Branco venceu pelo placar de 3 X 1. Mesmo tendo sido derrotados, o time da casa ainda os agraciou com um banquete e um baile animado. Eles retornaram “impressionados” com a recepção. Apesar disso, reforçamos mais uma vez que esses laços de contato e sociabilidade entre os clubes negros de futebol do Estado, não os exime de terem conflitos ou rivalidades, dentro ou fora do campo. São pessoas negras, com objetivos em comum, mas também com as suas subjetividades.

As ligas populares, onde diversos clubes negros estavam presentes, borbulhavam em Porto Alegre nessa década de 1920. Os clubes dessas ligas participavam de vários jogos e campeonatos, tinham estrutura, competiam entre si, enfim, possuíam uma vida esportiva bem agitada e competitiva. Por isso, como a torcida, dirigentes e jogadores do Rio Branco não se empolgariam quando o clube, do interior do Rio Grande do Sul, era convidado para jogar contra os da capital?

Sempre que era anunciada uma possível viagem a Porto Alegre ou a perspectiva de receber algum time da cidade, a expectativa e alegria faziam parte da vida do Rio Branco. Pensemos os diversos significados de jogar ou receber um time da capital: reconhecimento, visibilidade e a chance de trocar experiências sociais e futebolísticas com quem estava mais perto do eixo Rio de Janeiro/São Paulo. Foram feitas pelo menos duas viagens ou contatos para se realizar algum amistoso, e as duas foram comentadas na imprensa hegemônica e negra²⁰¹.

Para perceber a importância do Sport Club Rio Branco, os próprios clubes de Porto Alegre procuravam o time para jogar, como aconteceu, em 1926, quando um membro da direção do União (Porto Alegre), João Gonçalves, veio até a cidade negociar a ida do Rio Branco até a capital do Estado. Negociação essa que deu certo, pois dias depois o clube apareceu nas páginas do *Correio da Serra* disputando duas partidas contra os times capital, com vitória em ambas. Na volta, uma grande recepção, mais uma vez, os esperava na Estação Férrea de Santa Maria, com banda, amigos e torcida. Depois, jogadores e torcida se dirigiram até o clube social negro União Familiar, com comidas e bebidas para comemorar²⁰².

Pelo que indicam algumas notas nos jornais, o Rio Branco possuía sócios em seus quadros, nos questionamos se os mesmos pagavam mensalidades ou alguma taxa que fosse responsável pelas viagens e festividades organizadas pelo clube. Esse que também realizava

²⁰¹ *Correio da Serra*, 29 de setembro, 1926. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno IX. AHMSM.

²⁰² *Correio da Serra*, 13 de outubro de 1926. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno IX. AHMSM.

atividades, como sarau, dedicado aos seus sócios e torcedoras, como o que aconteceu nas dependências do União Familiar²⁰³.

Salientando, mais uma vez, a importância da torcida, há um aviso interessante no *Correio da Serra*, direcionado a ela: “A Directoria do Rio Branco F. B- C. avisa a todos os que quiserem tomar parte na excursão deste Club a Porto Alegre, em 27 do corrente, entende reme-se com o Sr. Dorival Rosa, á Rua Marques do Herval, n. 61, até o dia 20”²⁰⁴. Hoje, essa rua é considerada região central da cidade, mas na época, ficava mais afastada. Destacamos ainda, o planejamento antecipado de uma semana para organização. Dorival Rosa, está na lista dos fundadores do outro clube negro de futebol, Club Foot-Ball 7 de Setembro, em 1916. O que nos leva a pensar que houve uma troca de clube ou interrupção nas atividades do time, questão que analisaremos logo.

É interessante perceber o desejo do clube em levar a torcida ao jogo para apoiá-lo, apesar de não ficar nítido se as pessoas teriam que arcar com os seus custos até Porto Alegre ou isso seria de responsabilidade do clube. Dias antes, o mesmo jornal já havia anunciado a existência da partida que seria naquele mês: “Deve seguir no dia 27 para Porto Alegre, onde vae bater-se com uma associação congenere, um nucleo de rapazes do Foot-Ball Club Rio Branco²⁰⁵”.

Já percebemos o quanto as excursões de trens são parte central dos deslocamentos dos clubes de futebol. Ligados por essas linhas férreas, os clubes recebiam, recepcionavam e se despediam dos times pelas Estações. Não encontramos registros sobre como essas viagens do Sport Rio Branco aconteciam, ou seja, custos, tempo de viagem, etc. Porém, podemos propor algumas aproximações com relação a cidade de Porto Alegre, por exemplo. Segundo Flores (2013), por esses trilhos a distância da viagem até a capital era cerca de 388,441 km e durava, em média, 13 horas. Um tempo considerável, levando em conta a ida e retorno. Muitos dos jogos ocorriam aos finais de semana, porém o desgaste da viagem, partidas e festividades era um tempo significativo para indivíduos trabalhadores.

O valor de duas passagens de 2º classe somavam 27\$400²⁰⁶. Segundo um comparativo da cidade vizinha de Cachoeira do Sul e seus preços alimentícios, o quilo de café custava em torno de 4\$500, 15 quilos de charque custavam 30\$000 e uma dúzia de ovos custava aproximadamente 2\$000202 (SÔNEGO, 2022). Ou seja, o gasto para levar 11 jogadores para

²⁰³ *O Succo*, 13 de julho de 1924. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno II, n°59, p. 1. ACAB.

²⁰⁴ *Correio da Serra*, 13 de janeiro de 1923. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno VI. AHMSM.

²⁰⁵ *Correio da Serra*, 9 de janeiro de 1923. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno VI. AHMSM.

²⁰⁶ Fundo da Intendência, Caixa 31, tomo 175. AHMSM. Fonte gentilmente compartilhada por Luiz Fernando Rodrigues.

disputar uma partida em Porto Alegre era muito grande. Uma possibilidade também era o time receber algum tipo de auxílio ou patrocínio da VFRS para suas excursões.

Enfim, nos perguntemos: como esse clube negro de futebol reconhecido e vitorioso, dentro e fora de Santa Maria, não ingressou na liga principal da cidade e não tem um destaque maior nos outros impressos hegemônicos? Um clube que viajava, era homenageado, referenciado e convidado para amistosos e partidas. Será mesmo que não ter participado da Liga Santamariense de Foot-Ball foi questão de escolha? Enfim, são questionamentos em aberto para reflexão, a intenção foi realmente demonstrar o quanto esse clube era extremamente engajado em suas viagens, teve um tempo de duração bem considerável e era competente dentro e fora do campo.

Não podemos colocar uma invisibilidade total da imprensa hegemônica, quando o *Correio da Serra* foi o impresso que nos apresentou diversas possibilidades de vermos a atuação do Rio Branco no Rio Grande do Sul e Santa Maria. Além disso, nos possibilitou conhecer a escalação completa e a equipe diretiva do clube.

Porém, é interessante observar e fazer um contraponto aos outros impressos da cidade, que apenas citavam clubes da elite e alguns populares nos seus espaços esportivos, mas os times negros sequer aparecem. Enquanto um deles noticiava as viagens e vitórias do Rio Branco, por qual motivo os outros não fizeram o mesmo? Por um momento da pesquisa, imaginei que o Rio Branco tivesse sido um clube sem muito destaque, de poucos anos de duração e que por isso grande parte da imprensa hegemônica havia o ignorado e invisibilizado sua existência, mas como percebemos, não foi esse o caso. Apesar disso, enquanto pela imprensa negra da cidade o Rio Branco era chamado de “clube de epiderme menos branca”, demonstrando a questão racial bem aparente, na imprensa hegemônica eles eram chamados de “valosos”²⁰⁷, “valentes”²⁰⁸ ou “bizarros moços”²⁰⁹ (em forma de elogio).

Se víssemos o nome do Rio Branco, da direção ou da escalação sem um contexto maior, ou seja, se não identificássemos que aqueles nomes eram de pessoas negras e que circulavam no meio negro da cidade, não teríamos como constatar apenas pela leitura do jornal. Reconhecemos o interesse e a importância das páginas do *Correio da Serra* de terem representado o clube. Mas, em nenhum momento, ele citou abertamente fatores raciais ligados ao mesmo. Se não fosse o cruzamento dos nomes com outras pesquisas, pesquisadores e a

²⁰⁷ *Correio da Serra*, 9 de março de 1926. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno IX. AHMSM.

²⁰⁸ *Correio da Serra*, 6 de março de 1926. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno IX. AHMSM.

²⁰⁹ *Correio da Serra*, 9 de janeiro de 1923. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno VI. AHMSM.

imprensa negra, o Sport Club Rio Branco seria apenas mais um clube de futebol na cidade e não uma organização negra esportiva.

4.2 DE QUAL 7 DE SETEMBRO ESTAMOS FALANDO?

Em uma tarde de domingo do ano de 1916, um grupo de homens se reuniu na rua José Bonifácio, na cidade de Santa Maria, e fundou o Club Foot-Ball 7 de Setembro. Essa espécie de “certidão de nascimento” foi publicada no jornal negro de Porto Alegre, *O Exemplo*. Não encontramos evidências sobre a mesma nota publicada em algum jornal da imprensa de Santa Maria. Pela descrição, essa reunião foi formada para fundar oficialmente o clube de futebol e também para eleger sua primeira diretoria.

FIGURA 23 - Inauguração e primeira diretoria do Club Foot-Ball 7 de Setembro

EM SANTA MARIA—Escrevem-nos
dessa localidade :
Domingo ultimo, á tarde, reunidos
diversos cavalheiros no predio á rua
José Bonifacio, foi fundada o Club
Foot-Ball 7 de Setembro.
Presidiu a sessão o sr. Gonçalo
Bueno.
Procedida a eleição da directoria,
esta ficou assim composta :
Presidente, João Rodrigues dos
Santos ; vice, Pedro da Silva Maia ;
1º secretario, Honorio José do Pra-
do ; 2º dito, Justiniano Rodrigues ;
1º thesoureiro, Gonçalo Bueno ; 2º
dito, Catalino Machado ; 1º captain,
Dorival Rosa ; 2º dito, Pedro Gloria ;
guarda-sport, Bernardino Pereira ;
orador, Olegario Campos.
Após a eleição fez uso da palavra
o sr. Olegario Campos que, congra-
tulando-se com os presentes pela fun-
dação do novo club e concitou a mo-
cidade a cultivar o foot-ball.
O nosso amigo e representante ali,
sr. Honorio do Prado foi escolhido 1º
secretario da nova agremiação.

Fonte: *O Exemplo*, 17 de setembro, 1916. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Anno I,n. 36, p. 2. HDBN.

Os nomes que constam nos cargos diretivos são de pessoas que frequentam as organizações e fazem parte da comunidade negra de Santa Maria, como logo veremos. Por isso, entendemos esse como mais um clube negro de futebol da cidade.

Honório José do Prado, como indica o final da nota de inauguração, era um dos representantes do *O Exemplo* em Santa Maria. Era comum os jornais terem essas pessoas como responsáveis, em várias cidades, para repassar informações que julgassem importantes de serem noticiadas. No caso, Honório transmitia, principalmente, notícias sobre o meio negro de Santa Maria. Como o mais antigo jornal da imprensa negra santamariense, com o qual temos contato

com os exemplares, *O Succo*, ainda não existia, uma das alternativas encontradas pelos membros, talvez fosse de se fazer noticiado na capital, já que um dos seus próprios membros era representante do *O Exemplo*, na cidade. Nos jornais hegemônicos, além de não encontrarmos menções sobre esse time, também não temos uma nota de fundação semelhante, apesar de serem comuns notícias sobre as criações de novos times de futebol.

No caso desse clube, eles se reuniram em uma residência para inaugurar e fundar sua organização. Será que o nome já havia sido pensado ou foi realizada alguma votação no momento? Não sabemos, mas podemos pensar algumas questões sobre identidade nacional e pertencimento através da nomenclatura “Sete de setembro”.

Parece óbvio que faça referência a data da independência do Brasil de Portugal, representando um nítido viés nacionalista, que talvez retrate o orgulho pelo país. Assim, como dito para o caso do Sport Club Rio Branco, escolher um nome para seu time continua sendo uma questão de identidade e importância muito grande. Outra hipótese para o nome, se justifica por ser essa a data que marca a “apresentação” do futebol em Porto Alegre através do S. C Rio Grande, iniciativa que foi muito comentada pela imprensa do Rio Grande do Sul. Lembrando que ainda não era feriado nacional no país, se tornando apenas em 1934 (SANTOS, 2018).

Na nominata diretiva apresentada na imagem anterior, temos o nome de 11 pessoas, faltando apenas um para completar o time inteiro. José Antônio dos Santos (2018) afirma ter sido comum que as próprias direções fossem parte dos clubes, como atletas, assim como vimos que ocorreu com o outro clube negro de Santa Maria. Possivelmente, aqueles nomes apresentados tenham sido não apenas os pioneiros em criar um clube negro de futebol na cidade, mas também os primeiros jogadores do próprio time.

Antes mesmo de iniciar a pesquisa, obtive contato com uma única fotografia que imaginei que fosse do Club Foot-Ball 7 de Setembro, assim como o pesquisador Felipe Farret Brunhauser que me enviou a imagem. Através do Album Ilustrado da cidade de Santa Maria²¹⁰, provavelmente publicado no começo da década de 1930, a imagem está na mesma página que outros clubes de futebol, como: Grêmio Sportivo 7º R.I, Botafogo Foot-Ball Club, Brasil Foot-Ball e o Riograndense Foot-Ball Club. Sendo esses, apenas alguns dos clubes de futebol existentes na cidade, no período.

Na imagem, com a legenda “Sport Club Sete de Setembro” os jogadores se apresentam em uma típica imagem de um time de futebol e percebe-se que, fenotipicamente, a maioria deles

²¹⁰ Album Ilustrado da cidade de Santa Maria. Santa Maria: Casa Aurora. Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso.

são jogadores negros. No álbum, não encontramos mais informações sobre o próprio clube e nem de outras organizações negras na cidade.

FIGURA 24 - Equipe do Sport Club Sete de Setembro (década de 1930)



Fonte: Album Ilustrado da cidade de Santa Maria. Santa Maria: Casa Aurora. Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso.

Obviamente, assim como analisamos as fotografias dos clubes de futebol da elite de Santa Maria, as pessoas que estão presentes na imagem não possuem informações que possibilite uma autodeclaração. Identificamos, aparentemente seis jogadores negros, pela cor da epiderme, de forma bem objetiva, mesmo a imagem estando em preto e branco.

Em algumas notícias encontradas no *O Succo*, o time era chamado de “Sport Club Sete de Setembro” ou apenas “Sete de Setembro”, de forma informal. Mas na foto do Álbum, estava escrito com o número “7” e no início “Sport Club” e não “Club Foot-Ball”, como na nota de sua criação (nome que utilizamos em todo o trabalho por respeitar a nomenclatura do seu início).

Embora essas diferenças de nome, acreditávamos por um bom tempo que o clube formado por aqueles indivíduos negros em 1916, fosse o mesmo da fotografia na década de 1930, pelos seguintes motivos: 1) A semelhança dos nomes. A questão da diferença do prefixo “Club Foot-Ball” e “Sport Club”, não era uma certeza de serem clubes diferentes, pois era

comum a troca e pequenos erros dessas informações na imprensa esportiva; 2) O fenótipo dos jogadores. Olhando a fotografia em um primeiro momento, reconhecemos o clube com um número considerável de jogadores negros, pensando assim, que seria o Club Foot-Ball 7 de Setembro de 1916; 3) Informações sobre o clube são noticiadas no jornal da imprensa negra de Santa Maria, no caso, *O Succo*. Inclusive, com o time realizando jogos contra o Sport Club Rio Branco, o outro clube negro de futebol local.

Logo nos anos seguintes de seu início, não encontrei, na imprensa negra ou hegemônica, comentários sobre o time, ele não aparece citado ou referenciado. Somente em 1921, no *Correio da Serra*, que ele é mencionado em uma partida que irá realizar contra o próprio Rio Branco, sem mais informações²¹¹. Já no ano de 1924, encontramos novamente ambos os clubes se enfrentando em um jogo já mencionado anteriormente, no jornal *O Succo*, em que o resultado foi um empate de 1x1.

Chamado somente de “Sete de setembro”, também não há maiores comentários sobre, além do elogio da atuação do árbitro, que comentaremos mais tarde²¹². Em um trecho da nota intitulada “A Lavadeira e a Patrôa”²¹³, do mesmo jornal, há um diálogo irônico entre duas mulheres que comentam sobre o futebol e esse jogo em específico: “- Escuta, e o negocio dos fotebóis ? -Uta, você nem sabe como o Sete andou apertando o Rio Branco! - Ganhou ?! - Ganhou uma figa! Não vê que o Rio Branco é trouxa para deixar o Sete lhe depenar!”. Poderíamos pensar em uma possível rivalidade entre os dois clubes através desse diálogo? Sim, além de, pela opinião do ou da escritora do jornal negro, uma parcialidade ao achar o Rio Branco melhor tecnicamente que o adversário.

O que podemos afirmar é que foi criado na cidade de Santa Maria, em 1916, um time de futebol chamado Club Foot-Ball 7 de Setembro, formado por diversas pessoas negras que já eram envolvidas em outras atividades do meio na cidade. Por isso, o reconhecemos enquanto uma organização negra de futebol. Essas informações, que partem de sua nota de fundação e cruzamento de seus nomes com outras pesquisas, são um fato.

Mas a história desse clube se tornou um pouco mais complexa e mais parecida com um quebra-cabeça, quando encontro no *Diário do Interior*, uma nota da troca de diretoria de um time chamado “Sport Club Sete de Setembro”, em 1931. Em um primeiro momento, o que mais

²¹¹ *Correio da Serra*, 17 de julho de 1921. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno X, pg. 3. AHMSM.

²¹² *O Succo*, 13 de julho de 1924. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno III, pg. 2. ACAB.

²¹³ *O Succo*, 13 de julho de 1924. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno III, pg. 2. ACAB. Essa coluna aparece em algumas edições do *O Succo*. Geralmente em um tom moralizante e ácido, o diálogo sempre acontecia entre uma lavadeira e sua patroa.

chama atenção, são os nomes bem diferentes, não há nenhuma repetição entre a nota de fundação para essa outra, 15 anos depois. A nota diz o seguinte:

Em sessão realizada em 17 do corrente mez, foi empossada a nova directoria do Sport Club 7 de Setembro, ficando a mesma assim constituída: Presidente, Doraceno F. Jautto; vice-presidente, Luiz Domingues; 1º secretario, Artidor R. da Costa; 2º secretario, José Cardoso; 1º thesoureiro, Alberto P. Alegre Sobrinho; 2º thesoureiro, Antonio da Rosa; conselho fiscal, Chrispim Cardoso, Manuel Almada e Cassiano Menna Barreto; guarda sport, Juvenal Flores; capitão geral, Antonio Werner; capitão de campo, Ermozil A. dos Santos; representantes, João de Deus Carvalho e Elibio de Almeida Cardoso. Da secretaria do 7 de Setembro recebemos am officio communicando-nos a posse dos seus novos dirigentes²¹⁴.

Quem são essas pessoas? Esse Sport Club Sete de Setembro, seria o mesmo Club Football 7 de Setembro, que consideramos um clube de futebol negro, mas com novos nomes e uma diretoria renovada? Ou são clubes totalmente diferentes?

Em um primeiro momento, procuramos os nomes dos indivíduos citados, já que nenhum deles parecia “conhecido” do meio negro. A princípio, não encontramos esses dirigentes em pesquisas, livro das Organizações negras, ou em outros registros no *Family Search*. Porém, na pesquisa dos jornais de Santa Maria, acabei por registrar diversas informações que pudessem ser importantes compartilhar com pesquisadores e principalmente com o GEPA.

Em um desses casos, encontrei nos impressos a diretoria da “Sociedade União Social”, que está apontada no livro das Organizações negras de Santa Maria, mas que ainda não tínhamos conhecimento da nominata diretiva. Nas etapas finais da pesquisa, resolvi observar novamente esses nomes e notei que dois deles, Elibio Cardoso e Ermozil A. dos Santos, participaram da organização negra “Sociedade União Social” e também estão na direção do “Sport Club Sete de Setembro”. Os outros 12 nomes não foram localizados, ou seja, nem metade dos dirigentes, ao contrário do que ocorreu com a nominata do Club Foot-Ball Rio-Grandens, em 1916.

Como citamos anteriormente, nomes de times semelhantes ou iguais não são novidades e eram comuns suas repetições entre os clubes, por isso devemos tomar cuidados e cruzar as informações. José Antônio do Santos (2018) se deparou com uma situação parecida em sua pesquisa focada em clubes negros de Porto Alegre. Em 1908, encontrou no jornal *Correio do Povo*, evidências da criação de um clube de futebol chamado “Club Foot-Ball Rio-Grandense”. Indagou-se se esse seria o mesmo S.C Rio Grandense do meio de negro da cidade, mas visualizando a nominata de sua diretoria percebeu que os nomes e sobrenomes não se

²¹⁴ *Diário do Interior*, 19 de março, 1931. Santa Maria, Rio Grande do Sul. CMEC.

encaixavam e, ligando outras informações, percebeu que se tratavam de clubes diferentes, apenas com o mesmo nome.

Concordo com Santos (2018, p. 63) quando ele diz que:

Precisamos estar atentos quando pesquisamos em jornais e outros documentos. As informações precisam ser cotejadas o tempo todo com outras fontes de pesquisa e, mesmo assim, não estamos isentos de erros. Para os clubes de pouco expressividade, não era fácil divulgar suas rotinas nos principais jornais. Em geral, os anúncios eram pagos, e o futebol, na época, perdía de goleada para os demais esportes, como o remo, o turfe o ciclismo.

Como cita o autor “mesmo assim, não estamos isentos de erros”. Estava procurando e pesquisando sobre um clube negro de futebol, mas o que fazer quando surge o que parece ser “um outro” Sete de Setembro e ele começa a ser mais referenciado pela imprensa hegemônica? Pois é isso que acontece, em meados da década de 1930, o Sport Club 7 de setembro, aparece principalmente no periódico *Diário do Interior*.

Uma das principais razões para essa alta de informações sobre o time, é porque ele aparece filiado e participando da principal liga da cidade, a Liga Santamariense de Foot-Ball, já em 1928. Assim, as notícias do clube participando do campeonato e disputando regularmente partidas com diversos times, inclusive o Riograndense e Inter de Santa Maria, são as principais causas das notícias²¹⁵.

No ano de 1934, o *Diário do Interior* menciona a decisão da liga de “manter suspenso o S.C 7 de setembro, de acordo com o artigo 70, parágrafo único dos estatutos da liga”²¹⁶. Infelizmente, não temos contato com os estatutos da mesma para saber exatamente qual teria sido motivo. Apesar disso, ser filiado a essa liga, já é um fator que demonstra a proeminência e importância do clube na cidade nesse período. Outra condição relevante, é a informação de que ele possuía um campo de futebol para realizar seus jogos, como informado nessa nota e em outras semelhantes: “O jogo terá lugar no campo do Sete de Setembro”²¹⁷.

Na década de 1930, há mais uma referência sobre ele, agora realizando uma festa nas dependências do clube negro Treze de Maio. Espaço esse, que também foi utilizado pelo Sport Club Rio Branco para suas festividades. Se fosse um “clube branco” por que ele faria uma festa no Treze de Maio? E por qual motivo *O Succo* noticiaria isso?

Na noite de 30 de Abril, no Club Treze de Maio, o Presidente do Sport Club Sete de Setembro, ofereceu aos seus associados um bem animado baile que prolongou-se até

²¹⁵ *Diário do Interior*, 27 de outubro de 1928. Santa Maria, Rio Grande do Sul. CMEC.

²¹⁶ *Diário do Interior*, 20 de abril de 1934. Santa Maria, Rio Grande do Sul. CMEC.

²¹⁷ *Diário do Interior*, 10 de agosto de 1930. Santa Maria, Rio Grande do Sul. CMEC.

a madrugada do dia seguinte, na mais franco harmonia retirando-se todos satisfeitos com a directoria que lhe proporcionaram tão magnífica festa²¹⁸.

Como o leitor pode perceber, esbarramos nessas dúvidas, pois temos evidências da existência do Club Foot-Ball 7 de Setembro, que consideramos um clube negro, pela sua nota de fundação. Mas também encontramos outro “Sete de Setembro”, que aparece nos jornais hegemônicos e era filiado a principal liga de futebol da cidade, esse com uma diretoria quase que inteiramente “desconhecida”. Ao mesmo tempo, em 1921 e 1924 algum desses times, disputaram jogos contra o clube negro Rio Branco, ele também é citado algumas vezes na imprensa negra de Santa Maria e possui uma imagem de um time com jogadores negros.

Uma última informação pertinente, é sobre uma nota que informa a escalação do Sport Club 7 de Setembro, da década de 1930²¹⁹. A maioria dos nomes são apelidos ou sobrenomes, mas há dois que me chamaram a atenção. São eles: Euclides e Valeriano. Talvez o leitor não lembre, mas na escalação do Sport Club Rio Branco, na imagem 10, o nome de Valeriano também aparece e em outra escalação, o de Euclides, ou seja, eles foram jogadores do Rio Branco (mas não estão diretorias). Seriam esses os mesmos? E eles teriam participado dos dois clubes em tempos diferentes?

Não sabemos, mas com todas essas informações, levantamos a hipótese de alguns cenários possíveis:

1) O Sport Club 7 de Setembro pode ter sido um clube formado por uma maioria da equipe diretiva de pessoas brancas, mas que nem todos atuavam como jogadores, somente na direção. Tendo eles, incorporado jogadores negros em seu time, como observado na imagem, assim como aconteceu em outros clubes do Brasil, na década de 1930 ou antes. Os nomes que aparecem circulando também na organização negra “Sociedade União Social”, poderiam ser a ponte de contato com algumas pessoas do meio negro e por isso, tanto jogavam contra o Rio Branco, como realizaram a confraternização no Clube Treze de Maio.

2) O espaço de tempo e nomes das diretorias, podem ser índicos que o time negro de 1916, não seja o mesmo Sport Club 7 de Setembro de 1930. Porém, por essa exata proximidade com o outro clube de futebol negro local, tendo eles disputado pelo menos duas partidas e a citação na imprensa negra, há também possibilidade de ser uma continuação do time de 1916,

²¹⁸ *O Succo*, 15 de maio de 1932. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Tentei contato com o atual diretor do Museu Treze De Maio, espaço que resguarda muitos documentos do antigo “Clube Social Treze de Maio”. Foi possível realizar a pesquisa em apenas alguns documentos, dos tantos que haviam. Após dois momentos diferentes de pesquisa, o diretor informou que a equipe técnica do arquivo do museu, somente possibilitaria o contato, após eles conseguirem higienizar e organizar melhor o acervo, o que ainda não aconteceu.

²¹⁹ *Diário do Interior*, 29 de março de 1931. Santa Maria, Rio Grande do Sul. CMEC.

apenas renovada, na sua equipe diretiva e com influência para participar da Liga e ter poder aquisitivo para possuir um campo de futebol.

Enfim, não conseguimos construir o quebra cabeça de forma completa e conclusiva, Talvez em pesquisas posteriores esse mistério seja resolvido. O objetivo aqui, foi apresentar as informações cotejadas sobre um “Sete de setembro” que no começo pensávamos ser um clube negro que havia tido uma duração de tempo considerável e que seria o mesmo da fotografia do Álbum. No entanto, ao descobrir posteriormente outras informações, percebi que a situação era mais complexa. Talvez seja o mesmo clube ou não. Independente disso, homens negros, em 1916, tiveram a ideia de criar um espaço coletivo para praticar o futebol, noticiando a empreitada na imprensa negra de Porto Alegre e colocando seus nomes em mais uma organização negra de Santa Maria.

4.3 QUEM ERAM AS PESSOAS QUE FAZIAM PARTE DOS CLUBES NEGROS DE FUTEBOL DE SANTA MARIA?

Sport Club Rio Branco e Club Foot-Ball 7 de Setembro foram duas organizações negras, assim como muitas outras organizações negras em Santa Maria. Mas também, ambos foram clubes de futebol negros, em um momento onde existiram tantos outros clubes de futebol negro no Rio Grande do Sul. Eles estavam encaixados nesses dois meios de campo e conseguiam fazer uma “tabelinha” entre as organizações na cidade e futebol no Estado. Apesar de encontrarmos mais notícias do Rio Branco, reconhecemos a importância da iniciativa do 7 de setembro e seu alcance regional, quando mencionado na imprensa negra de Porto Alegre.

Infelizmente, por escassez de documentos, atas dos clubes ou fotografias, é impossível acompanhar o cotidiano e questões mais específicas desses dois clubes de futebol. Porém, assim como diz Rodrigo Weimer (2007) há um certo privilégio em lidar com municípios com populações mais restritas, pois permite uma análise mais próxima e também podemos encontrar essas pessoas em diferentes lugares e situações. Em inspiração prosopográfica, mas principalmente depois da leitura do trabalho de Aline Sônego (2021) e Melina Perussato (2018), percebi que esse tipo de análise poderia funcionar para pensar o perfil social dos dirigentes/jogadores de ambos os clubes.

A prosopografia “é a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas” (STONE 2011, p.115). Assim, em contato com os nomes, além de serem fios condutores, também funcionam para verificar se há ou não padrões dentro do coletivo. Quanto mais informações, mais próximos ficamos de

observar essa realidade, porém nem sempre conseguimos encontrar todos os indivíduos e preencher todas as categorias. Entendo que a análise prosopográfica é mais complexa, mas assim como as pesquisadoras citadas proponho essa aproximação e como fez Sônego (2021, p.196) em sua pesquisa, também creio ser possível: “aproximar-se do método para aqueles dados mais comuns e facilmente acessados, a fim de construir uma análise similar.”

Encontramos as direções completas dos dois clubes e através dos seus nomes, buscamos registros civis, principalmente habilitações de casamentos para identificar informações. Os registros foram consultados através do site *Family Search* e documentos do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS). Importante destacar o quanto esse momento da pesquisa foi coletivo, pois somente foi possível encontrar esses nomes através do compartilhamento de informações com outros pesquisadores e pesquisadoras, principalmente com Franciele Oliveira, que possui um banco de dados com várias dessas informações úteis. Além disso, o livro das “Organizações negras de Santa Maria” foi essencial para cruzar informações e perceber em qual delas os indivíduos estavam presentes. Seria um momento da pesquisa bem mais difícil se esse trabalho de sistematização não tivesse sido realizado.

Os dados encontrados foram organizados em quadros por ordem alfabética. Listei os nomes dos dirigentes, suas idades na época em que o clube foi criado ou no tempo que duraria a gestão, estado civil com o mesmo critério do último, atuação profissional informada na habilitação de casamento (quando são anos aproximados) e atuação associativa nas redes negras, principalmente quando presentes nas direções dos clubes ou com alguma ligação próxima a eles, em qualquer momento da vida.

O objetivo é realmente entender uma realidade aproximada dos membros desses clubes de futebol. Não esgotamos todas as variáveis elencadas e nem localizamos integralmente os indivíduos, o que não compromete a validade do método para os fins dessa pesquisa.

QUADRO 6 - Perfil social dos fundadores do Club Foot-Ball 7 de Setembro (Setembro/1916)

NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	ATUAÇÃO PROFISSIONAL	ATUAÇÃO ASSOCIATIVA
Bernardino Pereira	-	Solteiro	Enfermeiro	Clube União Familiar; Sociedade 7777
Catalino	-	-	-	-

Machado				
Dorival Rosa	22 anos	Solteiro	Cozinheiro	-
Gonçalo Bueno	22 anos	Casado	Pintor	Sociedade Floresta Aurora; Recreio da Mocidade
Honório José do Prado	22 anos	Casado	Jornaleiro	<i>O Rebate; O Exemplo</i> (Porto Alegre)
João Rodrigues dos Santos	-	-	-	Clube União Familiar; Sport Club Rio Branco
Justiniano Rodrigues	24 anos	Casado	Empregado público	<i>O Succo</i>
Olegario Campos	-	-	-	Sociedade 28 de setembro
Pedro da Silva Maia	24 anos	Solteiro	Padeiro	-
Pedro Gloria	-	-	-	-

Fonte: Informações retiradas a partir dos registros civis (habilitações de casamento) dos assinantes identificados; APERS. Processo Nº 136 M66 E114. 1926. Juízo Districtal da Séde. 2ª Escrivania do Crime. Santa Maria da Boca do Monte. Rio Grande do Sul. Homicídio. A Justiça contra o réu Pedro Antonio da Silva; GRIGIO, Ênio et al. (Orgs.). Organizações Negras de Santa Maria: primeiras associações dos séculos XIX e XX. Santa Maria, RS: GEPA UFSM, 2020.

Esses foram os indivíduos que se reuniram na rua José Bonifácio, em 1916, para criar um clube de futebol e os quais conseguimos informações. Dos dez elencados, apenas não conseguimos nenhum dado de Pedro Gloria e Catalino Machado. Pelo nome dos oito restantes, foi possível entender um pouco mais desses sujeitos.

Foi possível localizar a idade de cinco dos fundadores do clube, sendo que essas foram de 22 a 24 anos, o que nos leva a pensar que eles tinham uma idade aproximada e que talvez esse seja um dos motivos da afinidade para criar o clube. Com relação ao estado civil, tivemos acesso a seis deles, sendo que três dos fundadores do Club Foot-Ball 7 de Setembro são casados até setembro de 1916 e os outros três solteiros no momento da fundação do time. Porém, segundo suas habilitações de casamento, meses depois Dorival Rosa oficializa seu matrimônio. Bernardino Pereira e Pedro da Silva Maia, fazem o mesmo, poucos anos depois, 1919.

Podemos perceber que a atuação profissional dos sujeitos é bem variada e sobre essa questão, falaremos mais tarde. A atuação associativa chama atenção por eles estarem

envolvidos e presentes sempre em uma ou mais das organizações negras da cidade, ou até mesmo fora dela, como Honório que era correspondente do *O Exemplo*, na cidade de Porto Alegre. Alguns deles, fizeram parte das mesmas organizações, como Bernardino Pereira e João Rodrigues dos Santos, que fizeram parte conjuntamente da diretoria do União Familiar, de 1920 a 1921, e são citados juntos nas organizações de confraternizações desse mesmo clube, já anos antes (OLIVEIRA, 2021).

Agora, veremos as mesmas informações, mas para o Sport Club Rio Branco e sua equipe diretiva.

QUADRO 7 - Perfil social dos dirigentes do Sport Club Rio Branco (Setembro/1920-1921)

NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	ATUAÇÃO PROFISSIONAL	ATUAÇÃO ASSOCIATIVA
Alarico N. Rodrigues	21 anos	Solteiro	Militar	Sociedade União Beneficente; União Familiar
Argemiro Costa	-	-	-	-
Arthur A. Vieira	34 anos	Solteiro	Pintor	-
Florianio F. de Oliveira	26 anos	Solteiro	Agencias	-
João Maciel	-	-	-	-
João Rodrigues dos Santos	-	-	-	Clube União Familiar; Club Foot Ball 7 de setembro,
João Silva de Lima	-	-	-	-
José Pereira	24 anos	Solteiro	Proprietário / Carroceiro	Sociedade Floresta Aurora; Sociedade União Social;
Julio Peixoto	26 anos	Casado	Pintor	-
Laudelino Manoel	36 anos	Casado	Ferrovário	União Familiar;

Feliciano				
Luiz Almeida	24 anos	Casado	Jornaleiro	<i>O Rebate;</i> Sociedade Floresta Aurora;
Manoel Domingues	18 anos	Solteiro	Empregado da Casa Pereyron	-
Manoel Dorval	-	-	-	-
Olegario Cruz	-	-	-	<i>O Vaqueano;</i>
Tude Ennes da Silva	38 anos	-	Pintor	Clube Treze de Maio; Sociedade 28 de setembro; Grupo dos Artistas;

Fonte: Informações retiradas a partir dos registros civis (habilitações de casamento) dos assinantes identificados; APERS. Processo Nº 136 M66 E114. 1926. Juízo Districtal da Séde. 2ª Escrivania do Crime. Santa Maria da Boca do Monte. Rio Grande do Sul. Homicídio. A Justiça contra o réu Pedro Antonio da Silva; GRIGIO, Ênio et al. (Orgs.). Organizações Negras de Santa Maria: primeiras associações dos séculos XIX e XX. Santa Maria, RS: GEPA UFSM, 2020.

Dos 15 nomes presentes na direção do conhecido “clube de epiderme menos branca de Santa Maria”, não encontramos nenhuma informação sobre apenas quatro deles, do restante, grande parte das categorias foram preenchidas.

Conseguimos localizar as idades de nove dos dirigentes e/ou jogadores do Rio Branco. Com uma média de mais o menos 27 anos entre os membros, o mais velho possui 38 anos e o mais novo 18, sendo que os dois aparecem nas escalações dos jogos, ou seja, não estavam apenas nos cargos, eram praticantes do futebol também. Percebemos assim, que há uma diferença mais variável das idades entre um clube e outro, sendo esse mais abrangente nessa questão.

Já na questão do estado civil, encontramos informações sobre oito deles, cinco solteiros e apenas três casados. Mas o mesmo fenômeno do Club Foot Ball 7 de Setembro, acontece por aqui. Apenas alguns anos depois, entre 1922 e 1924, Alarico, Floriano e José Pereira, aparecem casados também. Desta forma, demonstra-se que boa parte da equipe era comprometida em matrimônio, mas mais do que isso, levanta a hipótese, para os dois clubes, de como esses espaços também poderiam ser momentos de confraternização e socialização para que relações pessoais e amorosas pudessem ser construídas. Pois lembremos, não era apenas o espaço do jogo e do campo, mas também haviam as confraternizações, bailes e recepções produzidas por esses clubes de futebol, no caso mulheres negras, que proporcionavam convivências.

Essa hipótese dos espaços negros como “pontos de encontro” para construção de laços, também foi pensada por Franciele Oliveira (2021), que em contato com a direção que assume o Clube União Familiar, entre 1920 e 1921, também realizou um balanço do perfil social dos membros (alguns deles presentes nos times de futebol). Conseguiu assim expor questões voltadas, principalmente, a constituições familiares. A autora refletiu sobre a grande mobilidade de atuação desses indivíduos nas organizações negras:

É evidente a diversidade associativa das comunidades negras locais que, especialmente, no pós-Abolição recriaram e fundam organizações negras diversas, que funcionaram concomitantemente, inclusive vinculadas aos clubes sociais negros da cidade, compartilhando muitos de seus diretores e participantes, e/ou ainda conformaram uma espécie de desdobramentos destes clubes, como no caso de blocos e cordões carnavalescos oriundos destes (OLIVEIRA, 2021, p.58).

Apesar dessa constante interação e circulação, entre esses clubes negros de futebol, apenas um nome se repete em ambos. João Rodrigues dos Santos, do qual não conseguimos informações. Ele aparece nos dois times, apresentando uma evidente movimentação no meio negro da cidade, já que também fazia parte de um cargo diretivo no Clube União Familiar. A mudança pode ter ocorrido por diversos motivos, penso na hipótese de afinidades, já que as trocas de direções do Rio Branco e do União acontecem nos mesmos anos, 1920/1921. Ainda nesta direção, além de João Rodrigues, há Alarico e Laudelino, comungando nos mesmos espaços. Já Dorival Rosa, também tem uma certa atuação dupla, aparece na direção do Club Fott Ball 7 de Setembro, mas como apoiador do Sport Club Rio Branco, pois é com ele que os interessados em acompanhar o time até Porto Alegre devem tratar²²⁰.

Enquanto a maioria das esposas foram designadas de profissão doméstica ou labores domésticos, o perfil de ambas as diretorias evidenciou uma gama diversa de profissões para os homens. Eles aparecem inseridos no mundo do trabalho, em múltiplas atividades que demonstram as possibilidades e variedades de atuação para esses sujeitos em Santa Maria (ferroviários, pintores, carroceiro). A única profissão que aparece mais vezes é a de pintor, principalmente no Rio Branco, é a de pintor, ou seja, eles não são formados por coletivos de alguma fábrica ou empresa em específico.

Esses indivíduos não apenas criaram os clubes de futebol, mas também praticavam o mesmo, provavelmente treinando em seus tempos livres, viajando para outras cidades e ainda com seus afazeres e compromissos em outras organizações negras. Esse engajamento envolvia diversas questões e detalhes, envolvendo também seus familiares e a comunidade que se

²²⁰ *Correio da Serra*, 13 de janeiro de 1923. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno VI. AHMSM.

dispunha a ajudar a organizar as festividades ou esperá-los após as partidas. Poderíamos chamar esses momentos de apenas lazer e entretenimento? Me aproximo do que Diana Mendes (2013), ao pesquisar sobre o futebol de várzea praticado pela Associação Atlética Anhanguera em São Paulo, pensa sobre o tempo-próprio. Essas não são apenas atividades de relaxamento e descanso, mas onde esses populares estão ocupando seu tempo de não-trabalho para uma prática coletiva de intenso envolvimento social e cultural.

No primeiro capítulo deste trabalho expomos como a comunidade leitora dos jornais e os próprios impressos de Santa Maria, não gostavam nada de verem, ouvirem e presenciarem “menores” jogando futebol em ambientes públicos. Acontece que não eram só eles que estavam ocupando os terrenos e espaços abertos para praticar o jogo da bola, mas os adultos também. E adultos trabalhadores, que segundo a ordem da sociedade deveriam ser ordeiros e civilizados, segundo a valorização do trabalho:

Tivemos ocasião de observar até **rapazes funcionarios de repartições**, participando do **pernicioso ajuntamento**, durante horas e horas, **sem atenderem, muitas vezes, os seus affazeres com a necessaria presteza**. Ainda outros saham a rua a fazer compras ou a vender quitanda e se entretinham, da mesma fórma, quando nas suas casas anciavam pela volta desses magarefes endiabrados. Assim sendo, é o caso de dar-se parabens ás nossas autoridades pela acertada medida que tomaram. Muito Bem!²²¹

Essa nota completa elogia como os órgãos policiais estavam proibindo o futebol de rua e tomando medidas para punir essa atividade. Além de citar os “menores”, a preocupação e indignação é com adultos, funcionários de repartições, ou seja, trabalhadores que, na visão do escritor da nota, não deveriam ocupar aqueles espaços, mas sim, estarem nos seus locais de ofício. No já citado “terrenos do Sr. Bortholo”, perto da estação férrea estava localizada uma “canha de foot ball” que reunia, aos domingos, para praticar o jogo da bola “individuos de diferentes idades, entres os quaes alguns adultos e de reconhecidos maus costumes”²²². Até mesmo a ocupação do lugar em um dia de descanso, como um domingo, era alvo da ira e descontentamento de alguns.

Pensemos se esses eram os espaços livres encontrados por adultos para realizarem seus treinos e para praticar o futebol. Até mesmo se em algum momento podem ter sido esses lugares que os dois clubes negros teriam para treinar. Pois, como informado, em Santa Maria os impressos queriam afastar os menores e adultos de jogarem futebol na rua, mas não davam soluções de espaços possíveis.

²²¹ *O Castilhista*, 23 de julho de 1927. Santa Maria, Rio Grande do Sul. AHMSM.

²²² *Sul Brasil*, 5 de dezembro, 1928. Santa Maria, Rio Grande do Sul. AHMSM.

Com relação aos locais citados na imprensa dos “jogos oficiais” do Sport Club Rio Branco, geralmente eles aconteciam no campo do Riograndense ou Tamandaré, ou seja, não tinham um espaço próprio onde realizar suas partidas, tendo que pegar algum emprestado ou alugar²²³.

Mas o impacto desses clubes negros e das pessoas que os criaram na cidade não era apenas de estarem presentes em algumas páginas da imprensa. Ao encontrarmos, principalmente o Sport Club Rio Branco, viajando e socializando através do futebol, estamos vendo indivíduos negros que deixaram suas marcas e colocaram Santa Maria no mapa do futebol negro do Rio Grande do Sul, em ligações com diversos clubes da região.

O futebol foi entendido por eles, não apenas como um espaço de lazer e brincadeiras, mas como a construção de um projeto político, social e cultural, organizado que envolviam pessoas, tempo e dinheiro. Apesar de não encontrarmos dados e informações sobre questões financeiras, o fato é que criar e manter um clube de futebol demandavam custos materiais, sejam em viagens, uniformes, bolas, etc.

Afinal, os clubes negros no Rio Grande do Sul, em sua maioria:

Os clubes possuíam diretorias hierarquizadas, eleitas em assembleias de jogadores e torcedores, sendo mantidos por um corpo de associados (homens e mulheres) que pagavam mensalidades e participavam ativamente dos jogos e das atividades festivas. Eles eram os principais suportes afetivos e materiais dos clubes, que realizavam festas, bailes, sorteios e quermesses em prol dos cofres das cores dos seus corações. As namoradas, filhas, esposas e irmãs dos dirigentes, jogadores e demais afiliados participavam de toda a vida associativa (SANTOS, 2018, pg. 168).

Desenvolver uma pesquisa sobre clubes negros de futebol é também pensar os indivíduos históricos que fizeram parte dessa construção, tiveram a ideia de criar e se apropriar de um espaço esportivo que podia ser tão limitante e exclusivo. O futebol e sua prática podem ser múltiplos e diferentes entre si, nos alinhamos, mais uma vez, com o pensamento de Diana Silva (2013) que reconhece a existência do futebol popular não como uma mimetização do futebol profissional, mas com elementos próprios. As experiências, condições materiais e sociabilidade fazem com que esse futebol seja diferenciado em muitos sentidos e nem por isso, seja inferior.

Anteriormente, havíamos citado José Pereira e José do Nascimento (que aparece escalado e líder do Sport Club Rio Branco, mas não na sua diretoria), suas datas de nascimentos, casamentos e um detalhe muito importante: a profissão de carroceiros. Com relação a ela, Luiz

²²³ *Correio da Serra*, 12 de outubro de 1924. Santa Maria, Rio Grande do Sul. AHMSM; *Correio da Serra*, 6 de maio de 1922. Santa Maria, Rio Grande do Sul. AHMSM.

Fernando Rodrigues (2021) analisa o perfil social dos trabalhadores do setor dos transportes de Santa Maria, carroceiros, boleiros e *chauffeurs*, na Primeira República. O autor reflete sobre questões de gênero, raça e classe social, reconhecendo a atuação de trabalhadores negros nessas profissões. Mais do que isso, Rodrigues (2021) também percebe como alguns dos homens negros que trabalhavam nesse setor também faziam parte da rede negra santamariense, como os já citados líderes do Sport Club Rio Branco. Mas o que é ser carroceiro nesse período?

Além de serem responsáveis pelo sistema de cargas, no abastecimento e escoamento das mercadorias, no comércio e nos fretes, eram fundamentais para o abastecimento de água, coleta de lixo e excrementos fecais, fazendo parte de toda uma dinâmica em torno do saneamento da cidade (RODRIGUES, 2021, p. 42).

Ou seja, esses dois homens negros, além de serem líderes de uma equipe de futebol, também atuavam em uma profissão que era muito importante para o funcionamento da cidade.

Provavelmente eles não sabiam, mas um indivíduo negro, também do setor de transportes, *chauffeur*, e contemporâneo dos mesmos estava se tornando um goleiro conhecido e renomado na capital, Rio de Janeiro. Seu nome é Nelson da Conceição, também referenciado nas escalões pelo nome de sua profissão. Tri-campeão da Liga Suburbana com o clube Engenho de Dentro, saiu desse time e se tornou goleiro ídolo do Vasco da Gama. Coleciona alguns pioneirismos, como ser o primeiro goleiro negro campeão carioca e convocado pela Seleção, ambos em 1923. Nesse mesmo ano, também jogou o Sul-americano, no Uruguai (SANTOS, J., 2010).

Mas essas e outras conquistas aconteceram, não sem antes algumas dificuldades. Walter Peres Santana (2013) apresenta diversas questões, como charges e comentários racistas da imprensa, até mesmo ligados à sua profissão de *chauffeur*. Inclusive, em uma das versões da LMDT (Liga Metropolitana de Desportos Terrestres) que tentou impor a Lei do Amadorismo, uma das profissões que seriam proibidas de praticar o esporte eram os condutores de veículos, incluindo os *chauffeurs*. A lei não foi aprovada na versão final. O caso de Nelson da Conceição se encaixa em um dos exemplos citados no primeiro capítulo, com relação ao Vasco da Gama, que contratou e remunerou os jogadores negros e pobres para suas equipes, em um momento em que isso era proibido (SANTOS, J., 2010).

Durante a pesquisa, o nome de outro clube em específico, me chamou atenção. O Cruzeiro do Sul, foi citado no *O Succo* algumas vezes e também realizou pelo menos duas

partidas contra o Sport Club Rio Branco, chamado de seu “co-irmão”. Fiquei atenta a esse nome em outras notas que iam aparecendo, até que em uma delas, no *Correio da Serra*, é informada a vitória do Rio Branco contra o Cruzeiro do Sul e que, Antônio Cândido Thomaz, presidente do último, havia entregue as medalhas aos vitoriosos.

A concorrência de espectadores foi numerosa e a partida desenvolveu-se na melhor ordem possível, não se registrando um único incidente desagradável. Terminado o jogo, o sr. Antonio Candido Thomaz, presidente do Cruzeiro, collocou no peito de todos os jogadores do club vencedor as medalhas por elles conquistadas²²⁴.

Em um primeiro momento, esse nome não me pareceu estranho, então resolvi procurar se o mesmo já havia sido citado nos trabalhos sobre pós-Abolição em Santa Maria. Encontrei Antônio Cândido Thomaz, nas pesquisas de Franciele Oliveira (2022) e também nos bancos de dados de Luiz Fernando Rodrigues, sobre carroceiros, boleiros e chauffeurs. Descubro assim, que ele é mais um homem negro, ligado com o futebol e organizações negras da cidade. Além disso, foi *chauffeur*, apresentando mais um trabalhador do setor de transportes, envolvido com o futebol em Santa Maria.

Ao me deparar com as escalações do Cruzeiro do Sul, não foi possível reconhecer seus nomes, que estavam escritos em formato de apelido, e não foi encontrado o nome das pessoas envolvidas em seus cargos diretivos. Porém sabemos que o presidente era muito próximo e tinha contatos estreitos com o Sport Club Rio Branco, por meio das pessoas que faziam parte do time. Como fizemos essa ligação? Porque no mesmo ano em que é divulgada a diretoria do Sport Club Rio Branco, 1920, também é divulgada a do Clube União Familiar, sendo que o nome de Antônio, aparece com Alarico Rodrigues, Laudelino Feliciano e João Rodrigues dos Santos (jogadores e diretores do Rio Branco), nessa última. Além disso, esse é o mesmo ano em que acontece a partida referida anteriormente. Provavelmente, a organização dos jogos entre as duas equipes, eram facilitados pela proximidade de relação entre Antônio, presidente do Cruzeiro do Sul e seus colegas de direção do União Familiar, que em campo, eram adversários.

Não podemos afirmar que esse era mais um clube negro de futebol em Santa Maria, pois não possuímos evidências suficientes, como a escalação do time ou a nominata diretiva. O interessante de se observar, além dos contatos e conexões entre os clubes, é que havia um homem negro, na década de 1920, com 27 anos²²⁵, presidente de um clube de futebol no interior

²²⁴ *Correio da Serra*, 19 de outubro, 1920. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno III. AHMSM.

²²⁵ A informação é com base no seu processo de habilitação de casamento, em que ficamos sabendo que Antônio nasceu em 22 de fevereiro de 1893. Além disso, nesse mesmo documento, ele declarou-se de profissão *mechanico*, provavelmente uma atividade anterior a de *chauffeur*.

do Rio Grande do Sul. Essa informação é muito importante, significativa e representativa, pois Antônio é um indivíduo trabalhador, negro e está à frente de uma organização futebolística. Sei que irei comparar tempos, espaços e realidades bem diferentes, mas a nível de reflexão: quantos presidentes negros de clubes de futebol existem hoje em dia? Há muitos jogadores negros protagonistas dentro de campo, mas fora de cargos diretivos²²⁶.

Um exemplo é Cândido José de Araújo, que foi presidente do Vasco em 1904. Ele é apresentado como homem negro (SANTOS, J., 2010). Pode-se levantar a hipótese de que ele fazia parte de um grande movimento de afirmação cultural, social e política, onde homens negros ocupavam direções de clubes de futebol na época no país, mesmo sem se conhecerem.

Abaixo, uma fotografia de Antônio Candido Thomaz, anexada nos livros de matrículas da Intendência Municipal de Santa Maria.

FIGURA 25 - Fotografia de Antônio Candido Thomaz (1924)



Fonte: Fundo Intendência Municipal. Caixa 82, Tomo 495; Caixa 83, Tomo 499. AHMSM.

No artigo já citado de Franciele Oliveira (2022) há mais informações sobre esse presidente do Cruzeiro do Sul e do Clube União Familiar. Também, está em andamento o trabalho de mestrado de Luiz Fernando Rodrigues (2021), em que o pesquisador foca em algumas questões da vida de Antônio.

Voltando ao Cruzeiro do Sul e suas ligações com o futebol negro da cidade. Em outro momento, o *Correio da Serra* noticia que os clubes iriam se encontrar na Praça Saldanha

²²⁶ Único negro presidente nas séries A e B: "Invisibilidade histórica". Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2020-06/unico-negro-presidente-nas-series-e-b-invisibilidade-historica>. Acesso em: 01 de dezembro, 2022.

Marinho e, acompanhados por uma banda de música, se dirigiram até o campo do Riograndense disputar uma partida²²⁷. Hoje em dia, segundo o *google maps*, esse trajeto leva cerca de 2 quilômetros e um tempo médio de 20 a 25 minutos a pé. Provavelmente, desceram pela avenida Rio Branco, uma das principais da cidade, passaram perto da Gare da Estação e adentraram pelo bairro Nossa Senhora do Perpétuo Socorro até o estádio dos Eucaliptos, que, atualmente, se localiza na rua Mariazinha Domingues, uma importante mulher na história do associativismo negro de Santa Maria²²⁸. Toda essa caminhada também é uma demonstração simbólica de apresentação na cidade de um clube negro de futebol que estava encontrando seu espaço. Outro detalhe dessa nota, é que a partida seria disputada em um 20 de setembro, data em que se comemora a Revolução Farroupilha no Estado. Esse dia cairia em uma terça-feira, ainda não era feriado e apesar de não sabermos o horário do jogo, é interessante como em uma data representativa tal empreitada tenha sido organizada e pensada.

Lembramos também de outro contato que ambos os clubes tiveram. Foi no já citado jogo em que houve uma briga, onde o autor da nota diz que os jogadores do Cruzeiro teriam ficado como “cobras cruzeiras” e os do Rio Branco “pretos”²²⁹.

Para demonstrar esse convívio ainda mais aparente, o jornal da imprensa negra, *O Succo*, comenta sobre uma partida que o Cruzeiro do Sul iria realizar em Porto Alegre. Na mesma edição, na coluna de fofocas “A Lavadeira e Patrôa”, as mesmas insinuam se o Rio Branco teria ficado, ou não, com ciúmes da viagem que o Cruzeiro iria realizar: “-E’, mas o Rio Branco anda com peito porque o Cruzeiro vai a Porto Alegre. - Que peito nada, o pessoal Rio Branco já está acostumado com estas farromadas. Ahi só vendo pra gostá...”²³⁰. Demonstrando que, assim como já comprovado, eram comuns as viagens do Rio Branco para Porto Alegre, já que estavam “acostumados”. E também, que os clubes tinham contato próximo.

No único “embate” que encontramos, entre o 7 de setembro e o Rio Branco, em 1924, é informada em uma nota simples e rápida que esses clubes jogaram entre si, o resultado do jogo e elogios ao juiz da partida.

MATCH - Como estva anunciado, realizou se no dia 29 do p.p uma partida amistosa dntre o Sete de Setembro e Rio Branco. O resultado foi empate de 1-a-1. O juiz foi

²²⁷ *Correio da Serra*, 20 de setembro, 1921. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno IV. AHMSM.

²²⁸ Maria Domingues, mais conhecida como Mariazinha Domingues, foi uma mulher negra influente na cidade de Santa Maria, tendo frequentado organizações negras e participado do ambiente político da cidade. No bairro Perpétuo Socorro, onde residiu grande parte de sua vida, era uma figura bastante respeitada e querida. No ano de 2004, virou nome de uma rua que, coincidentemente, é a mesma onde se encontra o Estádio dos Eucaliptos (FONSECA, 2022).

²²⁹ *Correio da Serra*, 8 de maio, 1923. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno VI. AHMSM.

²³⁰ *O Succo*, 13 de julho de 1924. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno III, pg. 2. ACAB.

muito aplaudido pelo modo correcto com que dirigiu esta partida; agio com modelar criterio, nada deixando a desejar²³¹.

O futebol é realizado pelos jogadores, seus dirigentes, torcida e claro, a arbitragem. Eles estão ali para colocar ordem na partida, punir e ser a figura de autoridade. Mesmo não sendo os protagonistas, algumas vezes acabam ganhando uma atenção a mais pela sua atuação, principalmente quando ela é ruim. No trecho destacado acima, o elogio ao juiz do jogo fica em evidência. Afinal, o mais comum é encontrarmos xingamentos e discordâncias contra as suas decisões. É o que percebemos na imprensa hegemônica da cidade, que regularmente citavam os árbitros, mas por conta das violências que ocorriam dentro de campo. Mas por qual motivo elogios ao juiz da partida? Temos algumas hipóteses, quando os jogos ocorriam entre clubes negros de futebol, com bases em pesquisas feitas em cidades diferentes, como Cachoeira do Sul e Porto Alegre.

Segundo José dos Santos (2018) era costumeiramente indicado um juiz para apitar as partidas da Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense, uma das ligas negras, mas esses contatos partiam das relações nos meios sociais e esportivos dos próprios clubes. Isso acarretava problemas com a arbitragem nos jogos em Porto Alegre, pois alguns eram julgados de forma parcial. Foi o que aconteceu em Cachoeira do Sul, Aline Sônego (2021) narra uma partida entre clubes negros em que, possivelmente, houve interferência do árbitro e indignação da torcida. Ou seja, com base nesses exemplos, talvez fosse tão comum a parcialidade nesses jogos entre os times negros, que os juízes que apitassem corretamente, eram dignos de elogios.

Algo que já citamos neste trabalho é que pessoas negras diferem e não devem ser colocadas em um bloco homogêneo de ações e pensamentos. Uma das questões que eu havia formulado era: “por qual motivo a criação de dois clubes de futebol construídos por pessoas que provavelmente se conheciam? Por que eles não se uniram para criar apenas um?”. Para essa pergunta, refletimos sobre ambos os lados serem compostos por pessoas que compartilhavam um mesmo espaço de sociabilidade, embora estivessem em clubes de futebol separados. O exemplo de Antônio, presidindo o Cruzeiro do Sul, enquanto também comungava dos mesmos lugares que várias pessoas do Rio Branco, é a prova dessa interação. Mesmo que a hipótese do Sport Club 7 de Setembro da imagem, ser um time completamente diferente do criado em 1916, há pessoas negras atuando por ele também.

Muitas vezes quando vemos dois times com características parecidas podemos pensar em rivalidades, brigas ou atritos. Na verdade, a diferença também pode ter sido auxiliada pela

²³¹ *O Succo*, 13 de julho de 1924. Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anno III, pg. 2. ACAB.

necessidade. Ninguém joga futebol sozinho e ter outro clube negro ou semelhante na cidade facilita a marcação de jogos. Ou seja, são clubes diferentes e que precisam uns dos outros para poderem fazer o jogo acontecer. Diferente de um clube de dança, de um teatro, de um sindicato, há no futebol a questão inerente de precisar haver o outro. Se só existir um clube negro na cidade e nenhum clube quiser jogar contra ele, sobra apenas a oportunidade de viajar para outra cidade ou receber algum clube de outro lugar, foi o que fez durante a década de 1920 o Rio Branco, em muitas oportunidades.

Isso traz um esforço dobrado e notável das associações negras de futebol, pois não basta existir apenas uma na cidade, sob forte risco de haver poucos jogos. A existência de dois clubes garante ao menos um adversário próximo. Como vimos na tabela do capítulo anterior, as cidades que possuíam ligas de futebol eram aquelas que tinham de três clubes para mais, ou seja, para se formar uma liga, deve-se ter um número considerável de times que aceitassem participar dela. Não foram encontradas referências de liga alguma em que pelo menos um desses clubes fizesse parte.

Enfim, esses times negros de futebol, talvez tenham tido uma existência que não foram tão documentadas. Entretanto, marcaram esse contexto e também seus nomes nas páginas de jornais e foram importantes para o associativismo na cidade de Santa Maria e também na região.

5 CONCLUSÃO

Para entendermos sobre a existência de dois clubes negros de futebol em Santa Maria, tivemos acesso a poucos vestígios documentais, pois não foram encontradas atas ou documentações suficientes para que se pudesse realizar uma pesquisa que compreendesse o cotidiano desses times. Mesmo com essa escassez, acredito que costurando algumas fontes, ligando nomes e percebendo detalhes, conseguiu-se formular e explicar o fenômeno de suas existências no interior do Rio Grande do Sul.

Foi necessário olharmos para o futebol em Santa Maria no começo da década de 1920, o contexto associativo negro no futebol do Rio Grande do Sul até meados dos anos de 1932, até chegarmos as evidências que demonstram a criação do Club Foot Ball 7 de Setembro e Sport Club Rio Branco.

Esses clubes negros de sociabilidade fizeram parte de tantos outros que marcaram o contexto do pós-Abolição no Brasil. Foram espaços criados por e para pessoas negras conviverem, socializarem e conformarem seus próprios projetos diante uma sociedade racista que os negava diversos direitos, incluindo cidadania. A criação de clubes negros de futebol faz parte de um contexto importante e devem ser visualizados como parte da formação de uma história negra no país. A democracia racial que tanto tentou-se colocar para a sociedade brasileira, também teve como alvo o futebol (FILHO, 2003). Porém, demonstrou-se que estudos necessários vem sendo feitos e desvelando uma série de pesquisas que apresentam um novo olhar sobre esse futebol no início da República. Um olhar que discorre sobre um “país do futebol” racista e excludente para diversos indivíduos negros, que tiveram que superar dificuldades raciais e até mesmo se encaixarem em estratégias para poderem entrar em campo, muitos deles, se tornando ídolos.

As pesquisas também abordam sobre a criação de clubes e ligas negras de futebol, formadas para que essas pessoas pudessem disputar partidas contra times semelhantes na cidade ou outros espalhados pelo Rio Grande do Sul e, como vimos, ligados pelos trilhos dos trens.

O nome desses times ou de seus dirigentes, podem não ter sido abundantes em páginas dos jornais, mas foram importantes para o associativismo negro na cidade de Santa Maria e também na região. Essa pesquisa se realizou também como uma tentativa de “levantar a bola” para que outros se interessem pelo tema e pesquisem mais a fundo sobre um assunto que percebi ainda encoberto na história da cidade: o racismo no futebol em Santa Maria no século XX. Por outros trabalhos, a ideia formada é de que na cidade esse tema nunca foi uma questão no futebol

ou sequer teria existido, como se a democracia racial, pelo menos aqui, tivesse tido total sucesso no meio esportivo.

A princípio, não percebemos uma proibição explícita nos clubes de elite da cidade, impedindo negros de participarem de suas equipes ou algo parecido. É necessário, para compreendermos mais sobre o futebol na cidade, ir até esses clubes e conhecer seus documentos, como atas e registros, para assim, analisar as questões raciais de forma mais completa. Foi preciso tocar nesse ponto para visualizar de forma mais ampla o futebol em Santa Maria, apesar de não ser o objetivo central desse trabalho.

Através da imprensa hegemônica da cidade de Santa Maria, observou-se algumas evidências da exclusão negra no futebol local, como: 1) Criminalização, prisão e denúncias de menores, que eram chamados de criminosos e vagabundos, simplesmente por jogarem futebol em ambientes públicos, como nas ruas e praças. Nessa imprensa, são constantes as reclamações referentes ao comportamento de crianças e sua relação com a bola. As colunas jornalísticas afirmavam que o ambiente público não era lugar para se praticar tal esporte, mesmo não existindo outros, e dizendo que os menores realizavam uma baderna, quebrando janelas, vidros e as lâmpadas. Houve uma nítida tentativa de regular quem deveria ocupar certos espaços da cidade, através da moralização e criminalização, pois eram comuns os pedidos de intervenção das autoridades policiais para que acabassem o jogo da bola nas ruas e praças. Localizou-se, através de um mapeamento, alguns dos locais citados em que aconteciam as partidas informais dos menores. 2) O caso de Oreco expressa de forma explícita o racismo na cidade e no futebol. Valdemar Rodrigues Martins, mais conhecido como Oreco, foi um homem negro, natural de Santa Maria, que além da passagem por grandes clubes do Brasil, também foi jogador da Seleção Brasileira, tendo sido campeão da Copa do Mundo de 1958. Porém, em Santa Maria ele quase foi proibido de jogar futebol no seu primeiro clube, o Ideal, ano de 1945. Não há maiores informações sobre a exclusão, mas esse é um indício de como essas relações eram na década de 1940; 3) Analisando as imagens dos clubes de elite local, Inter de Santa Maria e Riograndendense, é nítida a pouca quantidade de jogadores negros em seus quadros nos seus inícios, somente aumentando anos depois, pela década de 1960 e 1970, quando esses clubes acirram também, sua rivalidade. É comum encontrarmos uma “briga por pioneirismo negro” em clubes de futebol que são rivais, porém, a questão é tão invisibilizada na cidade, que nem isso é motivo de debate. Aumento de competitividade e profissionalização são alguns dos motivos que devem ter levado ambos os clubes a contratarem jogadores negros. Além disso, a principal liga da cidade, Liga Santamariense de Futebol, agia em Santa Maria com seus

mecanismos de exclusão, esses que poderiam impedir que clubes populares ou negros ingressassem na mesma.

Na cidade de Santa Maria, o futebol foi uma parte importante e fundamental da sociedade. Através da análise e leitura dos jornais hegemônicos, percebeu-se como as notícias voltadas ao esporte, tomavam conta das páginas esportivas. Havia as regulares brigas nos campos de futebol, alvos de críticas por colunistas. Essa violência, poderia afastar o público feminino que era presença garantida nas arquibancadas e que, muitas vezes, tinha gratuidade nos ingressos. Por fim, as notas esportivas eram repletas da criação de diversos clubes de futebol, principalmente ao longo da década de 1920, com divulgação sobre suas partidas e dirigentes.

O capítulo do panorama da formação de socialidades no Rio Grande do Sul foi importante para vermos a quantidade e objetivos de diversas organizações negras diferentes no Estado. Apesar de Pelotas e Porto Alegre terem um destaque na criação desses espaços, o Rio Grande do Sul como um todo, lugar onde aconteceu uma grande construção de invisibilidade da população negra, é repleto dessas sociedades. Somente em Santa Maria, por exemplo, o Grupo de Estudos sobre pós-Abolição (GEPA) catalogou 30 organizações negras, demonstrando a força e resistência desses espaços.

Já com relação aos clubes negros de futebol, em contato com outras pesquisas, 31 times negros foram contabilizados no Rio Grande do Sul. Organizações negras de futebol essas que, pelos trilhos dos trens, se ligavam com outras e construíram amplos contatos e relações. Algumas delas com ligas negras de futebol próprias e outros que não. Eram comuns as confraternizações, regadas de comida e bebida, e recepções de chegada ou despedida pelas estações de trem das excursões futebolísticas da comunidade negra, que se orgulhava de ver seus nomes representados. Destacou-se que, muitas vezes, quem organizava essas festas eram as mulheres negras que faziam parte das diretorias dos clubes de futebol e eram grandes protagonistas, também na torcida, desses momentos que aproximavam sujeitos negros de diferentes cidades.

Apesar dessas relações serem na maioria das vezes harmônicas, ficou nítido em todo trabalho que elas não eram únicas e que isso não significa consenso ou homogeneidade. Havia rivalidades e sujeitos que pensavam diferente, dentro ou fora do clube.

Com relação à imprensa hegemônica de Santa Maria, de forma geral, não havia uma preocupação e interesse em retratar jogos ou práticas de clubes negros ou populares. Quando aconteceu, no caso do *Correio da Serra*, não foi especificado que era o Rio Branco, por exemplo, era clube negro de futebol, enquanto a imprensa negra fazia questão de fazê-lo.

Se fossemos olhar somente para as notas encontradas no *Correio da Serra*, simplesmente não teriam existido clubes negros de futebol na cidade. Os nomes encontrados nas escalações e na direção, seriam provavelmente apagados e suas existências e experiências negadas. Quem evidencia e representa suas presenças são, em grande maioria, os jornais da imprensa negra. Assim como fez José Santos (2018) para Porto Alegre, utilizando jornais da imprensa negra e um da imprensa hegemônica, consideramos essa ideia para Santa Maria. A tabelinha entre os jornais da imprensa negra, *O Succo*, e os da hegemônica foi importante, porque enquanto a primeira informou a existência do Rio Branco, por exemplo, a segunda corroborou e demonstrou diversas notas sobre sua importância, além de dar nome e detalhes sobre seus dirigentes. Nomes esses de indivíduos que já participavam ativamente de outras organizações negras da cidade e eram trabalhadores em atividades variadas. Conseguiu-se perceber que o time viajava para Porto Alegre, Júlio de Castilhos, Cachoeira do Sul e que era reconhecido e renomado. Sendo vitorioso na maioria de suas partidas, demonstrando uma capacidade técnica e organizativa.

Com relação ao Club Foot-Bal 7 de setembro a questão foi mais complexa. Um clube de futebol composto por indivíduos negros reconhecidos da rede negra santamariense foi criado na cidade em 1916 e divulgado no *O Exemplo*, em Porto Alegre. O nome desse time aparece em anos posteriores, mas disputando jogos pela liga local, com um campo próprio de futebol e uma diretoria renovada. Seriam eles os mesmos? Levantamos algumas hipóteses sobre essa questão no decorrer do trabalho.

Assim como argumenta Diana Mendes (2013) muitos desses clubes não passaram por um processo de profissionalização ou oficialização formal, mas também não desapareceram. Podem não ter frequentado ligas oficiais de futebol da cidade e região, mas se fizeram presentes. Longe de serem times que não “vingaram” ou não tiveram sucesso. Foram clubes que conformaram seus projetos, tiveram a ideia e fizeram ela acontecer, mesmo não sendo uma tarefa fácil.

Pesquisar clubes populares, ainda mais clubes negros, é um desafio que exige fazer ligações com outras pesquisas e procurar as fontes, quase escassas, até o final. Foi o que aconteceu nessa pesquisa. O contato com os nomes dos dirigentes/jogadores foi essencial para persegui-los e entender, através de suas vivências, um pouco sobre a trajetória dos indivíduos, dos próprios clubes negros e da resistência do futebol santamariense no pós-Abolição.

REFERÊNCIAS

AITA, Renata G. **Cem anos de História: a educação física no Colégio Marista Santa Maria.** 2011. 54 f. Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

Album Ilustrado da cidade de Santa Maria. Santa Maria: Casa Aurora. Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. **O “preconceito de marca” e a ambiguidade do “racismo a brasileira” no futebol.** Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, 2010.

BARBOSA, J. P. **O pós-abolição no Rio de Janeiro: representações do negro na imprensa (1888-1910).** Dissertação (Mestrado em História) -Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

BELÉM, João. **História do município de Santa Maria 1797-1933.** 2.ed. Santa Maria: Editora UFSM, 1989.

BELTRÃO, Romeu. **Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto Município de São Martinho, 1787-1930.** 3 ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

BONFIM, Aira F. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941).** Dissertação (Mestrado em História) – Fundação Getúlio Vargas (FGV), São Paulo, 2019.

BOOTH, Douglas. Context: interpreting the big picture. In: **The field: truth and fiction in sport history.** Abingdon, Routledge, 2005.

BOOTH, Douglas. História do Esporte: abordagens em mutação. **Revista de História do Esporte - Recorde.** v. 4, n. 1, Rio de Janeiro: UFRJ, jun, 2011, p. 1-40. (Tradução Rafael Fortes).

BRUNHAUSER, Felipe Farret. **Menores populares na Primeira República (Santa Maria, 1917-1921).** Trabalho de Conclusão do Curso de História – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

_____. As lutas por moradia no extremo sul do Brasil: Notas de pesquisa sobre o caso de Santa Maria no Pós-Abolição. **Anais eletrônicos do 10º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional,** UNIFESP, São Paulo, 2021.

CARRINGTON; MCDONALD (org). **Racial science and South Asian and black physicality.** In: Race, Sport and British Society. London: Routledge, 2001.

CARVALHO, Daniela Vallandro de. **“Entre a solidariedade e a animosidade”:** Os Conflitos e as Relações Interétnicas Populares. Santa Maria – 1885-1915. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.

CARVALHO, G. L. de. **A imprensa paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências.** Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

COOPER, Frederick; HOLT, Thomas Cleveland; SCOTT, Rebecca Jarvis. **Além da Escravidão: Investigações sobre raça, trabalho e cidadania em sociedades pós-emancipação.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas.** Ano 10, p.171 – 188, semestre de 2002.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na Oficina do Historiador: Conversas Sobre História e Imprensa. **Projeto História,** São Paulo, n. 35, dez. 2007.

CRUZ, Lisiane Ribas. **"A infância abandonada é a sementeira do crime": o julgamento de menores pela Comarca de Santa Maria (1910-1927).** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Boitempo, São Paulo, 2016.

DIHL, T. L. A 'História da liberdade' do Rio Grande do Sul nas páginas do jornal A Federação: construção da invisibilidade negra. **Revista convergência crítica,** p. 79-88, 2016.

DOMINGUES, Petrônio. Fios de Ariadne, o protagonismo negro no pós-abolição. **Anos 90,** Porto Alegre, v. 16, n. 30, p. 215-250, dez. 2009.

DOMINGUES, Petrônio. **Negros no Brasil Meridional: associativismo no pós-Abolição.** Petrônio Domingues. Pós-Abolição no Sul do Brasil: associativismo e trajetórias negras. Orgs: Joseli Maria Nunes Mendonça, Luana Teixeira, Beatriz Gallotti Mamigonian. Salvador: Saga, 2020.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial.** Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2010.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Para encher os olhos: identidades e representações culturais das rainhas e princesas do Clube Treze de Maio de Santa Maria no Jornal A Razão (1960-1980).** Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

FLEMING, S. Racial Science and South Asia and Black Physicality'. In: B. Carrington; McDonald. (Org.). **'Race', Sport and British Society.** London: Routledge, 2001, p. 105–120.

FLÔRES, João Rodolpho Amaral (Org.). **Riograndense futebol Clube, 100 anos de rubro – esmeraldino.** Santa Maria: NEP/UFSM, 2012.

FONSECA, Grazielle Gonçalves da. **Patrimônio cultural negro de Santa Maria: uma proposta de roteiro turístico na região**. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022.

FORTES, Rafael; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia dos. ‘Brasil-grande, estádios gigantesco’: toponímia dos estádios públicos da ditadura civil-militar brasileira e os discursos de reconciliação, 1964-1985. **Tempo**, Niterói, pg. 166-183.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2003.

FREYRE, G. Foot-ball mulato. 17 de junho de 1938. **Diário de Pernambuco**, Recife.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GONZALEZ, Lélia. “A categoria político-cultural de amefricanidade”. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/ 93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da princesa e de São Benedito: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul (1934-1988)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**. Anpocs. p.223-244. 1984.

GRIGIO, Ênio. “**No alvoroço da festa, não havia corrente de ferro que os prendesse, nem chibata que intimidasse**”: a comunidade negra e sua Irmandade do Rosário (Santa Maria, 1873-1942). Tese (Doutorado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.

GRIGIO, Ênio. “**No alvoroço da festa, não havia corrente de ferro que os prendesse, nem chibata que intimidasse**”: a comunidade negra e sua Irmandade do Rosário (Santa Maria, 1873-1942). Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2018.

GRIGIO, Ênio, BRUNHAUSER, Felipe Farret, OLIVEIRA, Franciele Rocha de, RODRIGUES, Luiz Fernando dos Santos da Silva, LIMA, Taiane Anhanha. **Organizações Negras de Santa Maria: primeiras associações negras dos séculos XIX e XX**. Santa Maria, 2020.

GRINBERG, Keila; ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. História pública, ensino de história e educação antirracista. **Revista História Hoje**, v. 8, p. 17-38, 2019.

GRUNEWALDT, Silvana. Santa Maria e a modernização da paisagem urbana no fim do século XIX e início do século XX. In: RIBEIRO, José Iran; WEBER, Beatriz Teixeira. **Nova História de Santa Maria: contribuições recentes**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores, 2010.

GUTERRES, Leticia B. S. *Escravidão, Família e Compadrio ao Sul do Império do Brasil: Santa Maria (1884-1882)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

HAAG, Fernanda Ribeiro. Mario Filho e *O negro no futebol brasileiro*: uma análise histórica sobre a produção do livro. **Esporte e Sociedade**, Ano 9, n. 23, 2014.

HELAL, Ronaldo. GORDON Jr., Cesar. **Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol**. 1999.

HELAL, Ronaldo. TEIXEIRA, João Paulo Vieira. O racismo no futebol carioca na década de 1920: imprensa e invenção das tradições. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 42, jan/jun, 2011, p. 77-88.

LAUXEN, Barbára Juliana. **Futebol e etnicidade**: análise sobre a questão étnica na fundação do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (1903-1906) e do Esporte Clube Juventude (1913-1916). Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2021.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA, Taiane A. **“Torcedoras”**: Representações de mulheres brancas e negras pela imprensa nos campos de futebol do Rio de Janeiro e São Paulo no início do século XX. Trabalho de Conclusão do Curso de História – Universidade Federal de Santa Maria, 2019.

LONG, J; SPRACKLEN, K (Orgs.). **Sport and Challenges to Racism**. Palgrave Macmillan, Londres, 2011.

LONER, Beatriz Ana. **Construção de classe**: operários de Pelotas e Rio Grande (1888 - 1930). Pelotas: Ed. Universitária Unitrabalho, 2001.

LONER, Beatriz Ana. A rede associativa negra de Pelotas e Rio Grande. In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos; CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha (orgs.). **RS negro**: cartografias sobre a produção do conhecimento. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p.111-153.

LUZ, C. O da. **Registros do Futebol Santa-Mariense, Vol. 1: Oreco**. CP&S Comunicação, 1994.

MACIEL, Alexandre Vinicius Nicolino. Preto não traz confiança: Moacir Barbosa do Nascimento e a Síndrome de Goleiros negros no Brasil. **Epígrafe**, São Paulo, v. 9, n. 1, pp. 83-101, 2020.

MACKEDANZ, Christian Ferreira. **Racismo “nas quatro linhas”**: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2016.

- MAGALHÃES, Magna L. **Entre a preteza e a brancura brilha o Cruzeiro do Sul:** Associativismo e identidade negra em uma localidade teuto-brasileira (Novo Hamburgo/RS). Tese (Doutorado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2010.
- MALUF, M; MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. In F. A. Novais & N. Sevcenko (Orgs.). **História da vida privada no Brasil.** República: da belle époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 367-421.
- MARANHÃO, Tiago. “Apolíneos e dionisíacos”: o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do ‘povo brasileiro’”. **Revista Análise Social**, 2006, pg. 435-450.
- MASSARANI, D. A. **Onde os deuses se encontram:** reflexões acerca das categorias "apolíneo" e "dionisíaco" a partir da construção de representações sobre Pelé. **Revista Praça**, v. 2, pg. 66-86, 2018.
- MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras:** a conquista do Brasil pelo Futebol. Rio Janeiro: EdUERJ, 2014.
- MATTOS, Hebe; RIOS, Ana M. Lugão. O pós-Abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. In: **Revista Topoi**, v. 5, nº 8, p. 170 - 198, 2004.
- MAYOR, Sarah Teixeira Soutto. **O futebol na cidade de Belo Horizonte:** amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- M'BOKOLO, Elikia. **África Negra:** história e Civilizações – Tomo I (até o século XVIII). Salvador: EDUFBA, 2009, p. 328-346 (A Querela dos Números).
- MEDEIROS, Alcília Quinhones. **“Branços, Mixtos e Pretos”:** O perfil social e racial do alunado da Escola Elementar Olavo Bilac na década de 1930, em Santa Maria/RS. Trabalho de Conclusão do Curso de História – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.
- MELO, Victor Andrade de, SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. “Casa Sportman – sempre imitada, nunca igualada”: estratégias de um empreendimento e dinâmicas de consumo (Rio de Janeiro, 1909-1922). **História Econômica e História das Empresas.** Vol. 23, nº 2 (2020).
- MORAES, D. Comunicação, hegemonia e contra hegemonia. **Revista Debates:** A contribuição teórica de Gramsci, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 54-77, 2010.
- MOREIRA, Paulo Roberto. Joana Mina, Marcelo Angola e Laura Crioula: os parentes contra o cativo. In: CARNEIRO, Luiz Carlo; SANTOS, José Antônio. (Orgs.) **RS Negro:** Cartografia sobre a produção do conhecimento. Porto Alegre: EDIPUC, 2008. p. 46-62.
- MULLER, Liane Susan. “As contas do meu rosário são balas de artilharia”. In: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos; CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha (orgs.). **RS negro:** cartografias sobre a produção do conhecimento. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

NASCIMENTO, Beatriz. Negro e racismo. **Revista de Cultura Vozes**. 68 (7), pg. 65-68, 1974.

_____. Por uma história do homem negro. **Revista de Cultura Vozes**. 68 (1), pg. 41-45, 1974.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira. Trabalhadores negros e o “paradigma da ausência”: contribuições à história social do trabalho no Brasil. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 29, nº 59, p. 607 - 626, 2016.

NAURIGHT, J.; WIGGINS, D. K. (Orgs.). **Routledge Handbook of Sport, Race and Ethnicity**. Londres: Routledge, 2017.

NUNES, Juliana dos Santos. “Somos o Suco do Carnaval!” A marchinha Carnavalesca e o **Cordão do Clube Social 24 de Agosto**. Trabalho de Conclusão do Curso de História – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

OLIVEIRA, Franciele Rocha de. **Moreno rei dos astros a brilhar, querida União Familiar: trajetória e memórias do clube negro fundado em Santa Maria, no Pós-Abolição**. Santa Maria: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria, 2016.

_____. **Dos laços entre José e Innocência: trajetórias de uma família negra entre a escravidão e a liberdade no Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2017.

_____. Trabalhadores negros criam União Familiar: revivendo o mais antigo Clube Social Negro de Santa Maria/ RS. **História em Revista**, v. 27, p. 42-68, 2022.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: Uma história social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

PERUSSATTO, Melina Kleinert. **Arautos da liberdade: educação, trabalho e cidadania no pós-abolição a partir do jornal O Exemplo de Porto Alegre (c. 1892 – c. 1911)**, Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Emergência dos subalternos: trabalho livre e ordem burguesa**. Porto Alegre: UFRGS, 1989.

PESSOA, Flavio Mota de Lacerda. **Humor, futebol, política e sociedade nas charges do Jornal dos Sports: um estudo comparativo entre as obras de Lorenzo Molas (1944-1947) e Henfil (1968-1972)**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

PRESTES, Richard Nozário. **A liga santamariense de foot-ball: futebol em Santa Maria na primeira metade do século XX**. Trabalho de Conclusão do Curso de História – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

RIBEIRO, Nely. **Jornais gráficos RS 1827-1900: o jornal em Santa Maria 1883-1992.** Santa Maria: Imprensa Universitária/UFSM, 1992.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: Os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921).** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

RODRIGUES, Luiz Fernando dos Santos da Silva. **Carroceiros, boleiros e chauffeurs: os trabalhadores do setor dos transportes urbanos em Santa Maria durante a Primeira República.** Trabalho de Conclusão do Curso de História – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.

RODRIGUES, Mario Filho. **O negro no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

RODRIGUES, Nara Medianeira Ilha. **O jogador que nomeou o ginásio: reflexões sobre a (in) visibilidade negra de Waldemar Rodrigues Martins (Oreco) em Santa Maria.** Trabalho de Conclusão do Curso de História – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

ROSA, Marcus Vinicius de F. **Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição.** Porto Alegre: EST Edições, 2019.

ROZA, Luciano Magela. Abordagens do Racismo em Livros Didáticos de História (2008-2011). **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 13-34, mar. 2017.

ROSSI, Daiane Silveira. **Assistência à pobreza no interior do sul do Brasil (1903-1913).** Tese (Doutorado em História das Ciências da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2019.

SANTOS, Bruna Letícia de Oliveira dos. **“Os brancos não falam a verdade contra mim. Porque ele é homem e não havia de passar o trabalho que as fêmeas passam”:** Maria Rita e a interseccionalidade na experiência de mulheres escravizadas (Comarca de Rio Pardo, século XIX). Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2020.

SANTOS, Gabriela Rotilli dos. **Desabusadas e levadas do diabo: mulheres pobres no ambiente urbano de Santa Maria no início do século XX (1903-1918).** Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2021.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934).** Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

SANTOS, J. M. C. M. Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de. (et al). **A torcida brasileira.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 53-85.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. A construção do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. In: **Revista Tempo**, v. 19, n. 34, Rio de Janeiro: UFF, jan./jun. 2013, p. 19-31.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; Giglio, Sérgio. O Brasil e o passado dos Jogos Olímpicos Modernos: um vazio historiográfico. **Argumentos**, v. 17, p. 139-156, 2020.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Futebol e História. In: Sérgio Settani Giglio; Marcelo Weishaupt Proni. (Org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. 1ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2020, p. 139-151.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. “Recordar é viver!”: cânticos de torcida, memória e fontes orais. **História Oral**. São Paulo, v. 24, n. 2, p. 89-104, 2021.

SANTOS, José Antônio dos. **Prisioneiros da História**: trajetórias intelectuais na imprensa negra Meridional. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

SANTOS, José Antônio dos. **Liga da Canela Preta**: a história do negro no futebol. Porto Alegre: Diadorim, 2018.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. **História, conceitos e futebol**: racismo e modernidade no futebol fora do eixo (1889-1912). Appris Editora, 2020.

SILVA, Diana Mendes Machado da. **Futebol e cultura visual**: a construção da figura do craque. Marcos Carneiro de Mendonça e Leônidas da Silva (1910-1942). Tese (Doutorado em História Social) - USP, São Paulo, 2019.

SILVA, Fernanda de Oliveira. **Os negros, a constituição e espaços para os seus e entrelaçamento destes espaços**: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943). Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2011.

SILVA, Fernanda de Oliveira. **As Lutas Políticas nos Clubes Negros**: Culturas Negras, Racialização e Cidadania na Fronteira Brasil-Uruguaí no Pós-abolição (1870-1960). Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SILVA, Fernanda Oliveira da. [et al.]. **Pessoas Comuns, Histórias Incríveis**: a construção da liberdade na sociedade sul-rio-grandense. Porto Alegre: UFRGS/EST Edições, 2017.

SILVA, Noemi Santos da. Entre letras e lutas: educação e associativismo no Paraná da Abolição e do pós-Abolição. In: MENDONÇA; TEIXEIRA; MAMIGONIAN (Orgs.). **Pós-Abolição no Sul do Brasil**: Associativismo e trajetórias negras. Saggá: Salvador, 2020. pg. 206-227.

SILVA, Roberta Pereira da. Campo de terra, Campo da Vida: **Interfaces das expressões cotidianas, as alternativas de resistência popular e o Negritude Futebol Clube**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVA, Tiago Rosa da. **Vivências e experiências associativas negras em Bagé-RS no Pós-abolição**: imprensa, carnaval e Clubes Sociais Negros na fronteira sul do Brasil - 1913-1980. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

SILVEIRA, Eduardo Bortolotti. **Torcida organizada maré vermelha: uma trajetória de resistência nas arquibancadas de Santa Maria, RS.** Trabalho de Conclusão do Curso de História – Universidade Franciscana, Santa Maria, 2021.

SILVEIRA, Helen da Silva. **Eu Negro Que Aqui Só Tenha Branco: Experiências negras no Pós-Abolição na cidade de Venâncio Aires/RS.** Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2017.

SILVEIRA, Helen da Silva. **A força viva da cor preta: associativismo negro como caminho no Vale do Rio Pardo/RS (1880-1940).** Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SILVEIRA, Oliveira. **Poema Sobre Palmares.** Porto Alegre: Edição do Autor, 1987.

SOARES, Antônio Jorge. **História e Invenção de Tradições no Campo do Futebol.** 1999.

SOARES, Antônio Jorge G. “O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade”. In: HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio Jorge e LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria.** Rio de Janeiro: Mauad, 2001b. p. 101-122.

SÔNEGO, Aline. **“Correspondemos a uma aspiração de nossa classe”:** O pós-Abolição a partir do jornal O Astro (Cachoeira e Rio Pardo, RS). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022.

SOUZA, Bruno Jeuken. **Salathiel Campos: esporte e política (1926-1938).** Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

STONE, Lawrence. Prosopografia. **Revista Sociologia Política,** Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, jun. 2011.

TRAMPOWSKY, CALMON. **“Desportes”**, In: Dicionário histórico, ethnographico e geographico do Brasil. Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol. 2, 1922, p. 412-418.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. **A gente da Felisberta: consciência histórica, história e memória de uma família negra no litoral rio-grandense no pós-Emancipação (C.1847 –Tempo Presente).** Tese (Doutorado em História). Niterói. Universidade Federal Fluminense, 2013.

WIGGINS, D.K (Orgs.). **Out of the shadows: a biographical history of African American athletes. Fayetteville:** University of Arkansas Press, 2006.

FONTES PESQUISADAS

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL – APERS:

APERS. Habilitação de casamento de Gonçalo Bueno e Fausta de Oliveira. Santa Maria, 1916.

Habilitação de casamento de Honório José do Prado e Rita Correa de Mello. Santa Maria, 1916.

APERS. Habilitação de casamento de Luiz Almeida e Leontina Bandeira. Santa Maria, 30 de junho de 1920.

APERS. Habilitação de casamento de Laudelino Feliciano e Paula Fortes. Santa Maria, 1921.

APERS. Habilitação de casamento de Alarico Nicomedes Rodrigues e Maria Conceição Oliveira. Santa Maria, 1922.

APERS. Habilitação de casamento de Francisco Assis Elias Marques e Cecilia Martins. Santa Maria, 1926.

APERS. Processo Nº 136 M66 E114. 1926. Juízo Districtal da Sede. 2ª Escrivania do Crime. Santa Maria da Boca do Monte. Rio Grande do Sul. Homicídio. A Justiça contra o réu Pedro Antonio da Silva.

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE SANTA MARIA – AHMSM:

Correio da Serra, 1917/1920 a 1930

A Razão, 1934 até 1936

O Castilhista, 1925 a 1927

Sul Brasil, 1927 a 1929

Jornal de Debates, 1922

Gaspar Martins, 1906 / 1910 / 1917 a 1926

Diário do Interior, 1911 a 1923 / 1927 a 1929 / 1930 a 1939

JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS – ACERVO DIGITAL FAMILY SEARCH:

Habilitação de casamento de Justiniano Rodrigues Cruz e Maria José Farias. Santa Maria. 1916. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q9M-CSQ8-H3VL-W?cat=2283062>. Acesso em: out.2022.

Habilitação de casamento de Dorival Rosa e Honória Araujo. Santa Maria. 1916. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q9M-CSHD-F9WY-4?i=327&cat=2283062>. Acesso em: out.2022.

Habilitação de casamento de Julio Peixoto e Echoidas Vaz. Santa Maria. 1917. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q9M-CSWJ-G3RN-W?i=823&cat=2283062>. Acesso em: out.2022.

Habilitação de casamento de Floriano Florentino de Oliveira e Herminia de Oliveira. Santa Maria. 1923. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q9M-CSWJ-G39W-H?i=1187&cat=2283062>. Acesso em: out.2022.

Habilitação de casamento de José Pereira e Mercedes Maia. Santa Maria. 1924. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q9M-CSWJ-G35V-M?i=1097&cat=2283062>. Acesso em: out.2022.